

**Saint-Hilaire em Goiás:
Ciência, Viagem e
Missão Civilizatória**

Fátima De Macedo Martins



Fátima De Macedo Martins

Saint-Hilaire em Goiás: Ciência, Viagem e Missão Civilizatória

Tese apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília para obtenção do título de Doutor em Arquitetura e Urbanismo
Área de Concentração: Teoria, História e Crítica
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Fernanda Derntl

Brasília, 2017

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

e-mail fmacedomartins@gamil.com

fonte tipográfica Roboto

imagens de aberturas de seções

desenhos botânicos em disponíveis em Saint-Hilaire, Auguste de (1779-1853). Plantes usuelles des Brasiiliens ([Reprod.]) par M. Auguste de Saint-Hilaire. 1828.

revisão gramatical Fernanda Fernandes Pimenta

tratamento de imagens Chico Monteiro

projeto gráfico e diagramação Chico Monteiro e Luiz Sarmento

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

dM386s de Macedo Martins, Fátima
Saint-Hilaire em Goiás: Viagem, Ciências e Missão
Civilizatória / Fátima de Macedo Martins; orientador
Maria Fernanda Derntl. -- Brasília, 2017.
230 p.

Tese (Doutorado - Doutorado em Arquitetura e
Urbanismo) -- Universidade de Brasília, 2017.

1. literatura de viagens. 2. naturalistas
viajantes. 3. historiografia de Goiás. 4. paisagens
de Goiás. 5. Saint-Hilaire. I. Derntl, Maria
Fernanda, orient. II. Título.

MARTINS, Fátima de Macedo

Saint-Hilaire em Goiás: Ciência, Viagem e Missão Civilizatória

Tese apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília para obtenção do título de Doutor em Arquitetura e Urbanismo

Aprovada em:

Banca Examinadora

Professor Dr.

Instituição

Julgamento

Assinatura

Agradecimentos

Este é um momento profundamente delicado, porque, por mais que nos esforcemos, não conseguimos explicitar nosso agradecimento a todos aqueles que, direta ou indiretamente, participaram deste trajeto. Desta maneira, nomeei alguns representantes dos diversos segmentos, todos fundamentais para a concepção deste trabalho:

Agradeço em especial, à professora Maria Fernanda Derntl, que, com empenho e dedicação, orientou este trabalho. Obrigada pela paciência, confiança e compreensão, pelos conhecimentos e experiências divididos.

Agradeço também ao professor Jaime de Almeida que orientou-me nos primeiros momentos desta empreitada.

Meu especial obrigado aos membros da banca de qualificação, professores Amílcar, Elane e Pedro Paulo, cujos comentários, observações e sugestões enriqueceram este trabalho.

À equipe da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, professores e funcionários, pela atenção e boa vontade que sempre tiveram.

À equipe da Biblioteca Central e Biblioteca de Botânica do Museu de História Natural de Paris pelo apoio prestado.

À professora Alice Araújo do Departamento de Letras pelos esclarecimentos prestados.

Meu especial agradecimento à Lorelai Kury que aceitou conversar comigo sobre Saint-Hilaire.

Aos amigos e ex-colegas de trabalho, Carlos Fernando de Moura Delphim e Mônica Mongelli pelas revisões de texto.

Aos amigos Wagner, Plínio, Elder, Jorge, Renata, Sandra e Celma pelo apoio e compreensão durante todo esse tempo.

Muito obrigada,
Fátima

A meus pais, Elza e Wolney (in memorian)

Resumo

Este trabalho propõe uma leitura do discurso do naturalista viajante Auguste de Saint-Hilaire sobre as paisagens de Goiás a partir da análise do livro *Voyage aux sources du Rio de São Francisco et dans la province de Goyaz* publicado na França em 1848 e no Brasil em 1937. A análise busca interpretar as representações construídas por Saint-Hilaire em sua narrativa sobre Goiás, estabelecendo relações com a produção da história natural e destacando a elaboração de um projeto civilizatório que tem entre suas prerrogativas o confronto com o "outro". Pretende-se mostrar como as definições sobre Goiás veiculadas por Saint-Hilaire colaboraram para construir uma imagem de "vazio" e decadência da província. A principal documentação primária da pesquisa foram os originais da obra do naturalista em edição fac-símile da Biblioteca Nacional de Paris, em cadernetas de campo e correspondência encontradas nas bibliotecas do Museu Nacional de História Natural de Paris. A análise dessas fontes apoia-se em estudos relacionados com as viagens e literatura de viagens no período de meados do século XVIII ao início do XIX. Desse modo, trata-se de revelar um olhar que não foi construído apenas a partir da especificidade da cultura goiana, mas entrelaça valores culturais e determinações científicas para constituir uma missão civilizatória.

Palavras-chave: viagem, ciência, missão civilizatória, Saint-Hilaire, Goiás

Résumé

Ce travail propose une lecture du discours du naturaliste Auguste de Saint-Hilaire sur les paysages de l'État de Goiás à partir de l'analyse du livre *Voyage aux sources du Rio de São Francisco et dans la province de Goyaz*, publié en France en 1848 et au Brésil en 1937. L'analyse a pour but interpréter les représentations construites par Saint-Hilaire dans son récit sur Goiás, en établissant une relation avec les productions de l'histoire naturelle et en mettant en relief l'élaboration d'un projet civilisateur, ayant parmi ses prérogatives la confrontation avec l'autre. Nous avons l'intention de démontrer comment les définitions de Goiás, véhiculées par Saint-Hilaire, ont contribué à la construction d'une image de vide et de décadence de cette province. Le principal document primaire de la recherche sont les écrits originaux de l'oeuvre du naturaliste en édition fac-similé de la Bibliothèque Nationale de Paris, les cahiers de recherche et les courriers trouvés dans les bibliothèques du Musée National de l'Histoire Naturelle de Paris. L'analyse de ces sources s'appuie sur des études relatives aux voyages et à la littérature de voyage du XVIIIème au début du XIXème siècles. Ainsi, il s'agit de faire dévoiler un regard construit non seulement à partir de la culture de l'état de Goiás en particulier, mais à travers l'entrelacement des ses valeurs culturelles et des déterminations scientifiques pour y mettre en place une mission civilisatrice.

Mots clés: voyage, science, mission civilisatrice, Saint-Hilaire, Goiás.

Sumário

Introdução 1

Capítulo 1

A historiografia e os viajantes	13
A década de 1930	22
A inflexão historiográfica	26
Goiás na historiografia e a historiografia goiana	28
A crítica revisionista em Goiás	32
Os viajantes estrangeiros e a pesquisa atual	40

Capítulo 2

As viagens e a literatura de viagens	49
A ciência no final do século XVIII a início do XIX	52
O processo civilizador	64
A História Natural	68
As viagens ao Novo Mundo e a literatura de viagens	80
A natureza como objeto da ciência	90
Sobre o conceito de paisagem e suas transformações	94

Capítulo 3

Saint-Hilaire, viajante exemplar e multifacetado	109
A obra, a viagem	112
A escrita de Saint-Hilaire: pesquisa, grafia e recursos retóricos	120

Capítulo 4

A viagem de Saint-Hilaire a Goiás: uma missão civilizatória ao sertão	135
Viagem às nascentes do Rio São Francisco e à província de Goiás Tomo I: Quadro Geral da Província de Goiás	138
Viagem às nascentes do Rio São Francisco e à província de Goiás Tomo II	152
A viagem	152
O inventário de paisagens	154
Sertão, désert, solidão	163
As paisagens urbanas	173
Saint-Hilaire e a "civilização" dos índios	193
Goiás, uma província "decadente"	199
Relativizando a decadência	204

Considerações finais 229

Lista de figuras 237

Fontes e referências bibliográficas 239

Fig 1. Paisagem do cerrado com buritis. Acervo pessoal

Saint-Hilaire em Goiás: Ciência, Viagem e Missão Civilizatória





Introdução

"Toute les fois que l'image de ce nouveau monde que Dieu m'a fait voir se presente devant mes yeux, et que je consideres la serenité de l'air, la diversité des animaux, la variété des oyseaux, la beauté des arbres et des plantes, l'excellence des fructs et, brief en general, les richesses dont cette terre du Brésil est décorée, incontinet cette exclamation du Prophète, au Psau. 104, me vient en mémoire:

*O Seigneur Dieu, que tes oeuvres divers
Sont merveilleux par Le monde univers
O que tu as tout fait par grand' sagesse:
Bref la terre est pleine de ta largesse".*

Lery apud Saint-Hilaire, 1848

O que significava viajar ao Novo Mundo no século XIX? Qual era o papel da viagem científica de final do século XVIII a início do século XIX? Quais os propósitos da missão civilizatória de que os viajantes europeus da época se achavam portadores? São perguntas que reportam diretamente ao mundo europeu da pós-Ilustração e servem para balizar as relações entre Saint-Hilaire e a província de Goiás no período que antecede a independência do Brasil. Saber científico, investigação das potencialidades a serem exploradas, desejos de glória e projetos neocolonialistas se combinam no desenrolar da narrativa de Saint-Hilaire sobre Goiás e revelam as diversas nuances que formam seu discurso.

Este trabalho propõe uma leitura do discurso do naturalista viajante Auguste de Saint-Hilaire sobre as paisagens de Goiás a partir da análise do livro *Voyage aux sources du Rio de São Francisco et dans la province de Goyaz*, publicado na França em 1848. A escolha de Saint-Hilaire para este estudo foi motivada pela importância que seus escritos adquiriram nas pesquisas sobre Goiás no século XIX. Nesta pesquisa, Saint-Hilaire será visto como sujeito político e seu discurso será problematizado e não tomado como fonte de informações objetivas.

Os relatos dos viajantes do século XIX tiveram importância crucial no estudo da história brasileira do período colonial e, no caso de Goiás, do século XVIII e século XIX. A documentação historiográfica usualmente consultada a respeito dos séculos XVIII e XIX em Goiás se compõe, principalmente, de relatórios, cartas e "memórias" de caráter oficial. As informações trazidas pelos viajantes foram tomadas, inicialmente, como fontes de consulta alternativas que permitiriam conhecer as políticas coloniais postas em prática, em contraposição aos projetos e leis estabelecidos e às correspondências oficiais¹.

Entretanto, os viajantes traziam mais do que meras descrições da sociedade colonial. A par desses relatos aparentemente objetivos e com intenções confessas de descrever o que era visto, encontrava-se todo um modo de interpretação que passou a condicionar o entendimento que se tinha dessa sociedade. Neste trabalho, considera-se a hipótese de que os registros do naturalista viajante Auguste de Saint-Hilaire sobre Goiás estão condicionados por certos valores do pensamento europeu de sua época, articulados à pesquisa científica propriamente dita e à própria experiência da viagem. Tais registros traziam em si um propósito de exploração neocolonial do então chamado Novo Mundo. De um lado, tem-se, na Europa, uma sociedade imersa no espírito do Século das Luzes, em que às descobertas científicas jun-

tavam-se produções filosóficas, literárias e artísticas; de outro, uma nação em formação, cujos dois primeiros séculos de existência foram marcados inicialmente por uma ocupação da faixa litorânea que, desde as primeiras décadas do século XVIII, se estendeu para o interior.

Realizar a ponte entre esses dois mundos, um erudito e investido de uma superioridade autoatribuída, outro que, saindo da fase da colonização, ainda era carente de investimentos em pesquisas, foi um desafio para esses exploradores vindos da Europa. E agora, fazer novamente essa travessia, tal como se propõe aqui, remete a um esforço de compreensão dessas duas realidades distintas a partir do seu entrecruzamento nas representações criadas por Saint-Hilaire.

Esta pesquisa não se restringe aos 93 dias de estadia de Saint-Hilaire em Goiás nem à sua narrativa sobre aquela província. A pesquisa percorre um arco temporal que vai de finais do século XVIII, quando inúmeras ideias sobre o Novo Mundo se desenvolvem, no contexto específico da pós-Ilustração, às primeiras décadas do século XIX, que marcam o momento em que as viagens dos cientistas estrangeiros ao Brasil atingem o seu auge. Buscou-se também conhecer os outros relatos de Saint-Hilaire sobre suas viagens pelo interior do Brasil, de modo a enfatizar certas ideias e valores comuns a todos os textos do naturalista viajante sobre o Brasil e que refletem, em última instância, sua visão de mundo.

O uso do termo naturalista viajante foi uma opção de inverter o termo usual "viajante naturalista" para pôr em evidência o que se considera aqui mais importante, ou seja, a condição de naturalista do viajante em questão. Viajantes estrangeiros no Brasil do século XIX foram muitos, mas somente os naturalistas possuíam certas características na apreciação e descrição dos lugares que interessam a esta pesquisa.

Nesta proposta de interpretação do olhar do naturalista viajante Auguste de Saint-Hilaire, sobre as paisagens da capitania, depois, província de Goiás, com todas as suas injunções, colocou-se primeiramente uma questão, o que seria mais relevante e deveria, portanto, nortear o desenvolvimento da pesquisa, a saber: como se formou esse olhar e quais seriam seus condicionantes ou, por outro lado, o que esse olhar revelaria sobre Goiás? Em outras palavras, indagava-se se nosso objeto de pesquisa seria o olhar de Saint-Hilaire sobre a paisagem de Goiás ou a paisagem de Goiás vista por Saint-Hilaire. Optou-se, então, por considerar um jogo dialético entre sujeito e objeto, entre Saint-Hilaire e Goiás, mas tendo como ponto de partida e perspectiva principal o olhar de Saint-Hilaire.

O interesse não é, portanto, reconstruir a realidade de Goiás. Entende-se que as paisagens apreendidas por um determinado olhar podem ser analisadas como representações produzidas pelo viajante em questão. Tais representações são originárias das circunstâncias encontradas, o que implica, por sua vez, numa perspectiva do lugar. Enfim, trata-se de duas questões indissociáveis e complementares, sendo que a primeira - o modo de olhar - fundamenta-se e condiciona a outra - o objeto observado. Considera-se, também, a possibilidade de que o objeto observado – as paisagens de Goiás – tenha contribuído para informar um modo de percepção e uma sensibilidade específicos. Busca-se, então, nos relatos de viagem de Saint-Hilaire, uma dupla acepção, a de objeto de estudo e a de fonte historiográfica.

Saint-Hilaire fez parte de uma leva de naturalistas europeus que, no início do século XIX, se dirigiu à América portuguesa para estudar os produtos tropicais e os modos de vida dos habitantes, com propósitos de pesquisa científica destinada, entre outros motivos, a estreitar as relações comerciais entre Brasil e Europa. Até então, os estrangeiros, de modo geral, estavam impedidos de entrar no Brasil, pois fazia parte da política portuguesa manter em segredo suas possessões de ultramar.

Diferentemente do período que antecedeu a vinda da corte portuguesa para o Brasil em 1808, no decorrer dos oitocentos, as viagens adquiriram contornos científicos tendo como referência a viagem de Humboldt e Bonpland pela América espanhola², cuja divulgação suscitou o interesse da comunidade científica da época.

Saint-Hilaire é considerado um dos mais importantes viajantes do século XIX em Goiás, tendo divulgado a província, seus entraves e suas potencialidades, por meio de artigos em publicações francesas, seguidos da publicação da narrativa de sua viagem à província. O naturalista tornou-se uma das principais fontes da historiografia regional e sua influência pode ser constatada pela disseminação de suas ideias em escritos tanto do século XIX, como dos séculos XX e XXI. Seus textos podem ser vistos como uma fonte da maior importância para o entendimento do modo pelo qual pontos de vista sobre Goiás foram historicamente construídos. Suas representações ajudaram a criar uma imagem de Goiás como território “vazio” e decadente, em contraposição à missão civilizatória que exigiria a presença do europeu “culto” para ser levada a cabo.

Na viagem realizada até Goiás, o naturalista viajante percorreu paisagens consideradas inóspitas e fez contato com autoridades civis, militares e ecle-

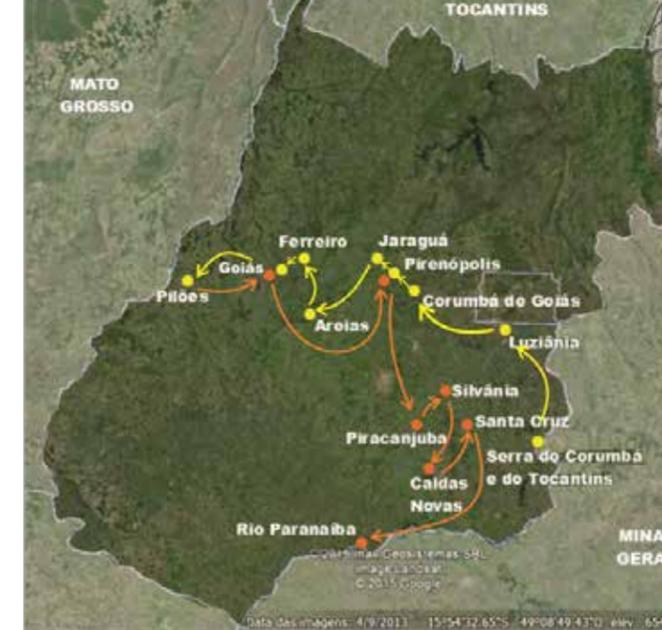


Fig 2. Itinerário de Saint-Hilaire por Goiás em mapa atualizado. Fonte do mapa base: www.googlemaps.com

siásticas, mas também com colonos, escravos, índios aldeados, soldados, garimpeiros, roceiros, agregados de fazenda. Em meio à diversidade encontrada, engendrou relações de afinidade, consonância, divergência, contraste, permitindo entrever um panorama complexo e cheio de nuances.

Interessa a esta pesquisa discutir os elementos formativos e possíveis matrizes - e matizes - do pensamento de Saint-Hilaire. Busca-se retomar a problemática clássica em torno da noção de sertão, a partir de Goiás no século XIX e das diversas acepções que a palavra adquire no contexto da narrativa. Pretende-se mostrar que o texto de Saint-Hilaire carrega em si estratégias discursivas próprias do gênero “relato de viagem”. Nele, estão presentes referenciais europeus orientados por um projeto civilizatório que, em sua experiência de viagem, levam a enfatizar a antítese entre civilização e “sertão”. Esse projeto civilizatório diz respeito a mudanças que, segundo os naturalistas viajantes, deveriam se operar no seio da sociedade tanto no sentido da racionalização da produção como na instituição da civilidade e do refinamento de modos. Acredita-se que o discurso de Saint-Hilaire desvela-se em procedimentos retóricos utilizados como estratégia de persuasão e dirigidos a certa recepção por parte dos leitores. Sua narrativa está relacionada com as experiências da viagem, mas também é marcada pelas ideias do tempo em que foi produzida. Quanto a isso, Carolina Depetris considera que é “o curso ideológico de uma época, a tradição que define uma determinada atitude hermenêutica e textual, que fixa os marcos normativos dentro dos quais se vive e compreende o mundo”³.

O referencial teórico-metodológico desta pesquisa fundamenta-se na abordagem de Roger Chartier⁴. Ao questionar a interpretação de textos como dotada de um sen-

tido único e universal, Roger Chartier ressalta que a construção de sentido de um texto é dependente de variantes emanadas do próprio texto, assim como do leitor⁵. Chartier introduz o conceito de representações sociais, evidenciando que “as lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são seus, e o seu domínio”⁶. Daí advém a necessidade de se ter em mente, ao se interpretar um texto (ou uma imagem), a posição social tanto de quem o forjou como daquele que dele se utiliza, o que pode incluir sua apropriação pela historiografia. Essa constatação remete à própria definição de história, não mais como uma interpretação do passado, mas como a identificação das formas discursivas postas em prática⁷. A apropriação do texto de Saint-Hilaire pelas autoridades provinciais e depois pela historiografia pode ser entendida como estratégia a justificar certo estado de coisas ou pleitear mudanças.

Assim sendo, esta pesquisa busca analisar o discurso de Saint-Hilaire, tomando-o como representação, e elaborar uma interpretação do relato que dê conta das nuances identificadas no texto, explorando sua originalidade, seus lugares comuns, ideias e contradições. Nesse processo, consideram-se as especificidades que encerravam as viagens científicas no contexto europeu do século XIX, uma vez que, como explica Chartier, ninguém está isento das “determinações que regulam as maneiras de pensar e de agir dos seus contemporâneos”⁸.

Mas, ao se verificar que outros relatos da mesma época não fazem senão reafirmar o que foi narrado por Saint-Hilaire a respeito da decadência goiana, cabe ainda colocar outro conceito caro à História Cultural: o de imaginário. A definição de imaginário por Sandra Pesavento refere-se a “um sistema de idéias e imagens de representação coletiva que os homens, em todas as épocas, construíram para si, dando sentido ao mundo”⁹. E, na análise da obra de Saint-Hilaire, poderá ser constatado o quanto suas palavras contribuíram para formar o imaginário sobre Goiás do século XIX. Nesse sentido, busca-se retomar a historiografia para demonstrar como autores diversos se apropriaram do texto de Saint-Hilaire e de outros viajantes.

Esta análise da narrativa de Saint-Hilaire busca situar o naturalista viajante do século XIX e qual o seu papel no âmbito das políticas reformistas vigentes. Importa conhecer o processo em curso de elaboração de informações sobre os territórios coloniais, sugerindo um entrelaçamento entre as práticas da história natural nos séculos XVIII e XIX e os modos como a natureza era percebida, seja através de uma sensibilidade romântica ou encarada como produtora de recursos econômicos.

A pesquisa busca ainda analisar o modo como Saint-Hilaire produziu seus textos, com o intuito de atrair a atenção de um público leitor que não seria atraído pela ciência e sua linguagem “seca” e objetiva¹⁰.

A base documental para tal análise são os escritos de Saint-Hilaire sobre Goiás, em seu relato de viagem denominado *Voyage aux sources du Rio de São Francisco et dans la province de Goyaz* em dois tomos. Do primeiro volume, dedicado a relatar sua viagem ao oeste da capitania de Minas Gerais, interessa o capítulo XVI, denominado “Quadro Geral da província de Goiás”, no qual o autor faz uma espécie de resumo das condições históricas e geográficas da então província e, ao mesmo tempo, propõe uma série de medidas que, segundo ele, poderia alavancar Goiás rumo ao “progresso”. Nessa análise, recorre-se também a uma documentação coletada nos arquivos da Biblioteca Central e da Biblioteca de Botânica, ambas pertencentes ao Museu Nacional de História Natural de Paris, e composta por cadernetas de campo e correspondência entre Saint-Hilaire e seus pares. A edição original de seu livro tem dois tomos, mesmo procedimento adotado na edição brasileira da Coleção Brasileira de 1937. No entanto, na edição de 1975 da editora da Universidade de São Paulo e editora Itatiaia, foram editados dois volumes em separado: *Viagem às nascentes do Rio São Francisco* e *Viagem à província de Goiás*. Para fins desta investigação, foram utilizados os originais em fac-símile, disponíveis na Biblioteca Nacional de Paris e, para as traduções, empregou-se tanto as edições da Coleção Brasilliana da Companhia Editora Nacional, como as das editoras Itatiaia/Edusp.

O cotejamento dessas versões levou-se a verificar que algumas passagens são omitidas na tradução, enquanto outras, pesquisadas na Coleção Brasileira, revelaram que algumas obras não foram traduzidas na íntegra. Uma questão a ser assinalada é que para a tradução da obra de Saint-Hilaire *Voyage aux sources du Rio de São Francisco et dans la province de Goyaz* para o português, adotou-se preferencialmente a edição da Itatiaia/Edusp de 1975. Nesta obra, o termo recorrentemente empregado por Saint-Hilaire, *désert*, é traduzido como “deserto” ou “regiões desérticas”, foram mantidos nas citações. Entretanto, como Saint-Hilaire utiliza o termo Sertão, grafado em português como um equivalente a *désert*, tendo, inclusive, em algumas situações, usado ambos os termos ao mesmo tempo, optamos por interpretar *désert* como Sertão, haja vista as diversas significações que o termo adquire no tempo e que parece incorporar a ideia que Saint-Hilaire tinha de Goiás.

Foram estabelecidos dois eixos centrais para o estudo – a narrativa de

Saint-Hilaire sobre Goiás e as questões relativas ao tema "relato de viagem", considerando as formas de produção destas narrativas e as implicações ideológicas, científicas, políticas e sociais desse gênero literário. Do entrecruzamento desses dois enfoques, espera-se trazer novas luzes para se compreender o pensamento de Saint-Hilaire e para entender a província de Goiás no século XIX.

Para dar conta de tal propósito e elucidar conceitos centrais ao trabalho, conta-se também com obras de autores que trataram de relatos de viagens científicas de europeus sobre lugares não europeus, tais como: Amílcar Torrão Filho¹¹, Mary Louise Pratt¹² e Lorelai Kury¹³.

Os conceitos desenvolvidos por Amílcar Torrão Filho no livro derivado de sua tese de doutorado "A Arquitetura da Alteridade" foram essenciais para se entender como as imagens de alteridade são formuladas e colocadas na composição da literatura de viagem. É importante também destacar a historicidade das representações textuais, uma vez que os sentidos são construídos ao longo do tempo, possibilitando uma avaliação do discurso a partir de suas condições de produção. Tais questões se constituem como chaves para entender as razões que levaram um cientista francês a se deslocar para um lugar tão distante e desconhecido - até para brasileiros da época - como a província de Goiás.

A partir de Mary Louise Pratt¹⁴, buscou-se desenvolver uma análise de algumas das ideias e ideologias vigentes na Europa civilizada da segunda metade do século XVIII a início do século XIX que julgamos relevantes para este estudo. A autora analisa o surgimento da história natural como elemento propulsor das viagens científicas, entendidas num contexto de dominação europeia sobre as demais partes do mundo. São conceitos que nos permitem indagar como se articulam os propósitos da viagem com a própria experiência da viagem.

Já Lorelai Kury analisa o período que vai de finais do século XVIII a início do século XIX e situa a literatura de viagem no âmbito da afirmação dos valores civilizatórios, como a ciência e o progresso, e define a história natural como uma necessidade de encontrar respostas aos problemas sociais e econômicos ligados à subsistência. Define, ainda, o conceito de "filantropia", na acepção que o termo tinha na época¹⁵, como atitude filosófica que deveria reger as ações dos homens. Trata-se de um traço característico do discurso de Saint-Hilaire que pode ser observado ao longo de suas narrativas e que está colado à autoimagem benevolente e altruísta do cientista. Diante disso, resta-nos indagar: quem era o naturalista viajante Auguste de Saint-Hil-

re? Até que ponto sua atitude filosófica de "filantropo" é isenta de possíveis interesses pessoais e de um projeto do estado francês de travar relações comerciais com o Brasil?

Trata-se de questões que serão desenvolvidas ao longo deste trabalho para realizar uma crítica do discurso sobre Goiás, na tentativa de justificar a intervenção europeia que, em última instância, explicaria a exploração neocolonial em meio a um ideal civilizatório.

Estrutura da Tese

A pesquisa está dividida em quatro capítulos: I – A Historiografia e os viajantes; II - As viagens e a literatura de viagens; III – Saint-Hilaire, viajante exemplar e multifacetado; IV – A viagem de Saint-Hilaire a Goiás: uma missão civilizatória ao sertão. Esta estruturação não significa um encadeamento determinista, no sentido de sugerir que Saint-Hilaire foi um produto do pensamento do século XIX, mas busca situar temas e questões de análise, considerando formulações mais gerais e especificidades do viajante em questão e da obra analisada.

No primeiro capítulo, apresenta-se uma incursão pela historiografia brasileira, destacando seus principais expoentes e linhas de atuação, enfatizando a participação dos viajantes em sua constituição.

No segundo capítulo, traça-se um panorama do mundo europeu, entre o final do século XVIII e o início do século XIX, destacando as principais linhas do pensamento científico e os temas que mobilizaram a atuação do naturalista viajante Auguste de Saint-Hilaire. Com isso, busca-se um panorama útil para situá-lo no universo de produção de textos sobre o Novo Mundo e na divulgação desses textos através dos relatos de viagem. A partir dessa discussão, pretende-se mostrar que o conhecimento do contexto em que se deram as viagens de exploração pode iluminá-las, atenuando em alguns casos, seus aspectos circunstanciais e colocando-os em uma trama de relações previamente condicionadas pela pós-Ilustração e seus desdobramentos.

O terceiro capítulo apresenta informações biográficas de Auguste de Saint-Hilaire, de sua trajetória profissional e das circunstâncias que marcarão sua vinda ao Brasil. Traz, ainda, informações sobre suas viagens ao in-

terior do Brasil e considerações sobre os procedimentos de escrita em que estão expostos os principais recursos retóricos empregados pelo naturalista. Apresenta-se um apanhado de suas obras publicadas na França e no Brasil, em especial, seus livros de narrativas. Também analisa-se a rotina vivida durante sua viagem. Neste capítulo, discute-se o método de escrita de Saint-Hilaire, suas fontes principais e os procedimentos retóricos empregados pelo naturalista viajante, como meio de expressar a autoridade de seu testemunho e a credibilidade junto às academias científicas e ao público leitor.

O quarto capítulo analisa a narrativa de Saint-Hilaire de sua viagem a Goiás, evidenciando as imagens recorrentes em seu relato, expondo seus pontos de vista sobre certos assuntos, sua participação em debates com autoridades e representantes do povo. Analisa-se o processo de construção de imagens de Goiás, buscando evidenciar sua especificidade em face outros relatos de viagem sobre a província. A interpretação da narrativa de Saint-Hilaire é apresentada de acordo com a sequência do itinerário do naturalista viajante, ou seja, acompanha-se a viagem de Saint-Hilaire à medida que ele vai narrando suas experiências na forma de "escrita-em-movimento"¹⁶, inscrita em tempos e espaços por ele vivenciados. Este procedimento foi adotado como forma de acompanhar possíveis mudanças da postura do narrador na medida em que prosseguiu sua viagem. Neste capítulo, examina-se como as representações construídas por Saint-Hilaire relacionavam-se com outras imagens correntes e evidenciavam as ideias que depois se tornaram senso comum. Desse modo, pretende-se mostrar que as noções veiculadas pelo naturalista viajante contribuíram para formar um imaginário sobre Goiás, como lugar "vazio" e atrasado. Segundo Nasr Chaul e Ledonias Garcia¹⁷, esse imaginário começou a se desfazer no final do século XIX, com a chegada da estrada de ferro, mas se estendeu até a década de 1930 com a construção de Goiânia.

1. LIMA, André Nicácio. *Caminhos da integração, fronteiras da política: a formação das províncias de Goiás e Mato Grosso*. 2010. Dissertação (Mestrado em)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2010, p. 134. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-20062011-143559/>>. Acesso em: 8 dez. 2016.

2. VAINFAS, Ronaldo; NEVES, Lúcia Bastos Pereira das (orgs.). *Dicionário do Brasil Joanino, 1808-1821*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008. p. 452.

3. DEPETRIS, Carolina. *Arte y ciencia en el viaje pintoresco de Frédéric de Waldeck*. México: Península, v. IV, n. 2, otoño de 2009. p. 40.

4. CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Tradução Maria Manuela Galhardo. Alges, Portugal: Difel, 2002.

5. *Ibid.*, p. 25.

6. *Ibid.*, p. 17.

7. *Ibid.*, p. 84.

8. CHARTIER, Roger, op. cit., p. 40.

9. PESAVENTO, Sandra. *História e história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 43.

10. *Ibid.*, p. 301.

11. TORRÃO FILHO, Amílcar. *A Arquitetura da alteridade: a cidade luso-brasileira na literatura de viagem (1783-1845)*. São Paulo: Hucitec, Fapesp, 2010.

12. PRATT, Mary Louise. *Ojos imperiales: literatura*

de viajes y transcultura. Tradução de Ofélia Castilho. México: FCE, 2010.

13. KURY, Lorelai. *Histoire naturelle et voyages scientifiques (1780-1830)*. Paris: L'Harmattan, 2001.

14. PRATT, Mary Louise. *Ojos imperiales: literatura de viajes y transcultura*. Tradução de Ofélia Castilho. México: FCE, 2010.

15. Segundo Kury, com a filantropia, "as ações dos indivíduos em favor da sociedade são consideradas como um sentimento natural, pois a felicidade pessoal só pode ser assegurada quando reina a prosperidade social. KURY, Lorelai. Auguste de Saint-Hilaire, um viajante exemplar. *Intellèctus*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 2, 2003. Disponível em: <<http://www.intellectus.uerj.br/textos/ano2001/texto%20de%20%20lorelai%20kury.pdf>>. Acesso em: 5 dez. 2014.

16. Ver capítulo IV.

17. CHAUL, Nasr. *Caminhos de Goiás: da construção da "decadência" aos limites da "modernidade" Goiânia*: Ed. da UCG, 1997; GARCIA, Ledonias. *Goyaz, uma província do sertão*. Goiânia: Ed. Cânone, 2010.



1

A historiografia e os viajantes

"As viagens são uma das fontes da história"
Chateaubriand *apud* Saint-Hilaire, 1975, 14



A produção de memórias da historiografia brasileira do final do século XVIII destacou-se no âmbito das academias setecentistas do mundo luso-brasileiro graças a um programa historiográfico estabelecido pela Academia Brasílica dos Renascidos (1759). Este programa compunha-se de memórias históricas que funcionavam como instrumentos de pesquisa ou dissertações críticas. Tinha como autores homens de ciência ou funcionários administrativos que buscavam descrever paisagens, caminhos, potencialidades econômicas, indústrias, artes e ofícios dos lugares percorridos¹. Já as memórias produzidas pela Academia Real de Ciências de Lisboa (1779) tratavam de temas diversos como o inventário da natureza das colônias portuguesas, assim como buscavam meios de promover a riqueza do Estado, unindo ciências e utilitarismo. Jean Luiz Abreu observa que as memórias históricas e científicas tinham como ponto comum a produção de conhecimento sobre o território, haja vista que, entre a segunda metade do século XVIII e as primeiras décadas do século XIX, a história natural era indissociável da escrita da história².

Esse período marca o incremento das viagens científicas europeias a todas as paragens do globo, inclusive o Brasil que, após a instalação da corte portuguesa no país em 1808, passou a viver uma ocasião de abertura econômica e cultural. Esse é um fator relevante na análise da formação de uma historiografia do país, uma vez que as narrativas produzidas por essas viagens se configuram como uma das fontes da história. Albert Babeau assinala que:

Há dois tipos de testemunhos para a história, [...] os de autenticidade indiscutível, peças de arquivos, atos judiciais, contratos de todo tipo, que são “precisos, exatos, mas aos quais falta movimento; eles dão os traços, mas não a cor; eles dão a conhecer os fatos e os objetos exteriores, mas não revelam nem a alma nem o pensamento”. Os segundos são “mais animados, mais vivos, mas ao mesmo tempo mais apaixonados e conseqüentemente menos sinceros”, ou seja, as memórias dos contemporâneos, a correspondência, as observações dos moralistas, o teatro, o romance e as narrativas de viagem³.

As primeiras narrativas de viagem sobre o Brasil no século XIX foram de John Turnbull, que esteve no país em 1800, de Thomas Lindley, em 1801 e de James Tuckey, 1803, todas publicadas em 1805. Juntamente com a escolta do príncipe regente chegaram ao Brasil alguns ingleses naturalistas, comerciantes, gerentes e médicos como J. Luccock, H. Koster e J. Mawe, os quais escreveram livros sobre suas viagens ao Brasil. O mine-ralogista e comerciante John Mawe foi o segundo britânico a obter permissão oficial para percorrer o país. Viajou pelo Rio de Janeiro e províncias do Sul. Descreveu suas experiências de viagem no livro *Travels in the Interior of Brazil, particularly in the Gold and Diamond Districts of that Country* (Londres, 1812) traduzido para o português com o título *Viagens ao Interior do Brasil* (Itatiaia e Edusp, 1978)⁶. Outro inglês que esteve no Brasil na primeira década oitocentista foi John Luccock, que morou no Rio de Janeiro entre 1808 e 1818, deixando registradas suas experiências de viagem⁷. O comerciante britânico Henry Koster, que percorreu as capitanias do Norte e do Nordeste entre os anos de 1809 e 1815, publicou *Travels in Brasil* (Londres, 1816), traduzido em alemão e francês⁸. Anteriormente, registra-se que os primeiros ingleses que deixaram informações escritas sobre o Brasil foram Thomas Cavedish, que aqui esteve em 1586 e Anthony Knivet, em 1592, que foram publicados respectivamente nas coletâneas de Richard Hakluyt em 1599 e Samuel Purchas em 1625.

A segunda grande leva de viajantes chegada ao Brasil veio por intermédio das novas alianças promovidas pelo Congresso de Viena. Fazia parte da comitiva que trazia a princesa Leopoldina para esposar o príncipe D. Pedro. Esses viajantes, também naturalistas, participavam da chamada Missão Austríaca. Tinham como objetivo estudar os três reinos da natureza brasileira e coletar amostras para serem exibidas nos museus de história natural da Europa. Vieram ao Brasil e publicaram livros de viagem os seguintes naturalistas: Wied-Newied, Langsdorff, Spix e Martius⁹. Em 1815, o rei da Baviera, Maximiliano José I, ordenou a organização da expedição pela América que teria como chefe o naturalista Johann Baptist von

Spix, cuja especialidade era a zoologia, acompanhado pelo botânico Carl Friedrich Philip von Martius em uma viagem de exploração que durou quatro anos e percorreu São Paulo, Minas Gerais, Goiás, Bahia, Pernambuco, Piauí e Maranhão¹⁰. O príncipe alemão Maximiliano Wied-Newied realizou uma viagem pelo Brasil entre 1815 e 1817 fazendo um percurso do Rio de Janeiro até a Bahia¹¹. O barão e médico Georg Henrich von Langsdorff realizou entre 1824 e 1829 uma expedição que partiu de São Paulo rumo a Mato Grosso e depois se dirigiu à Amazônia¹².

Além de pesquisarem e escreverem sobre temas de história natural, Ronaldo Vainfas e Lúcia Neves observam que os viajantes oitocentistas se dedicavam também a outros temas, como: comércio, transportes, escravidão, povos ameríndios e o cotidiano de vilas e cidades¹³, tornando-se importantes fontes de informação dos assuntos tratados.

Outro grupo de destaque entre os inúmeros estrangeiros que chegaram ao Brasil depois de 1808 foi aquele denominado de “Missão Artística Francesa”. No Brasil do início do século XIX, a cena artística ainda era dominada por motivos religiosos, o que levou o diplomata português Antonio de Araújo e Azevedo, Conde da Barca, a empreender diligências junto ao Marquês de Marialva, representante português em Paris, no sentido de atrair artistas franceses à nova sede do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, o Rio de Janeiro. A intenção do conde era criar a Escola Real das Ciências, Artes e Ofícios que teria como diretor Joachim Lebreton. Para dar conta da empreitada, Lebreton convocou artistas que, após a Restauração na França, haviam caído em desgraça e se encontravam disponíveis para realizar a mudança para o Brasil. Dentre eles estavam os pintores Jean-Baptiste Debret e Nicolas-Antoine Taunay, seu irmão, o escultor Auguste, o arquiteto Auguste-Henri-Victor Grandjean de Montigny, o gravurista Charles Simon Pradier, além de engenheiros, técnicos e artesãos. Ainda que seja contestado o caráter de “missão” do grupo de artistas, a escola, criada em 1816, só iria dar início a suas atividades em 1826 sob a denominação de Academia Imperial de Belas Artes¹⁴.

Um importante momento na constituição de uma historiografia brasileira, no século XIX, foi a criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), em 1838, com a responsabilidade de reunir e divulgar a história oficial do país. A partir daí, autores como Francisco Adolfo Varnhagen, Capistrano de Abreu e outros, ligados ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, pesquisaram temas de História do Brasil, utilizando documentos de arquivos nacionais e estrangeiros. Seguiam o exemplo dos primeiros “brasilianistas”, como Robert Southey, John

Armitage e Heinrich Handelman, que nas primeiras décadas do século XIX anteciparam os brasileiros com suas Histórias do Brasil¹⁵.

O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) passou a divulgar as considerações cunhadas pelos viajantes naturalistas que aportaram no Brasil depois da vinda da corte portuguesa. Tais relatos e imagens passaram a fazer parte da historiografia e do processo de construção do Estado Brasileiro. O controle do Estado no campo intelectual, dos quais o IHGB é um dos exemplos, é explicado por Wilma Costa¹⁶ pela "ausência de um público leitor de amplitude significativa", mas também pela necessidade do Império de se construir historiograficamente, vindo a criar uma tradição. Membros da elite, monarquistas e políticos compunham o IHGB. Eram intelectuais interessados em definir, através de sua história, uma identidade para o país num momento que a independência ainda não estava consolidada e rebeliões estouravam em várias partes¹⁷. Trata-se de uma História formada por *Memórias* e *Notícias* que, para Laima Mesgravis¹⁸, constituíam a base de informações sobre a vida colonial. A essas fontes agrega-se a literatura de viagem baseada nos relatos dos viajantes estrangeiros, considerada não apenas importante, mas também, muitas vezes, única fonte à qual puderam recorrer os autores de estudos sobre as cidades brasileiras, ao tratarem de temas como atividades cotidianas, organização urbana ou vida íntima¹⁹.

A relevância dos viajantes europeus na formação da historiografia sobre o processo de consolidação do país pode ser atestada pelo concurso promovido pelo Instituto no qual venceu o ensaio historiográfico *Como escrever a história do Brasil*, saído da pena do naturalista bávaro Von Martius. Para Torrão Filho, Martius importa da literatura de viagem o método para escrever a história do Brasil, utilizando recursos como uma suposta "imparcialidade da visão de 'fora', e também a descrição pitoresca e a viagem como método de conhecimento histórico, já sistematizada nas artes apodêmicas e nas instruções de viagem"²⁰.

Para Margarida Maria da Silva Correa²¹, o estudo realizado por Carl Friedrich Philipp von Martius consiste na abordagem das três etnias formadoras da população brasileira e dos fatores de ordem natural, como os elementos fundamentais e determinantes da sociedade brasileira. Essa linha de pensamento foi adotada por historiadores do século XIX ligados ao IHGB, como Varnhagen, Capistrano de Abreu e outros. Wilma P. Costa²² assinala que a *História geral do Brasil* de Varnhagen decorreu de um diálogo intenso com o material produzido pelos viajantes que aqui estiveram após 1808. "As visões construídas a partir das viagens do século XIX criaram uma imagem de Bra-

sil no processo de emancipação do Estado e na formação de um imaginário nacional"²³ que impregnou a literatura e a historiografia nascentes.

Quem eram esses naturalistas-viajantes? Além dos ingleses, presença óbvia devido aos negócios que Portugal mantinha com a Inglaterra, Wilma Costa²⁴ registra a vinda de cientistas de nações como a França monárquica e os países da Santa Aliança (Áustria, Rússia e Prússia), os quais funcionaram como contrapeso à presença forte e de índole predominantemente comercial da Inglaterra. Havia também a necessidade de legitimação do recém-criado Reino de Portugal, Brasil e Algarves frente às potências europeias, o que facilitaria as relações diplomáticas com os demais países europeus. Os franceses foram presença marcante nesse período. Além de seu peso intelectual, a França apresentava o fato de manter ativo o tráfico africano para suas colônias (até pelo menos 1830) em contraposição aos ingleses que impunham seu cessamento. Havia o interesse francês pelo fato de o Brasil ser a única monarquia nas Américas²⁵.

A historiografia tende a ressaltar que os relatos dos viajantes oitocentistas passaram a representar uma importante referência para os intelectuais brasileiros em seu papel de construção da identidade nacional. Na prosa de ficção surgida em meados do século XIX, assinala Flora Sussekind, os literatos nacionais se apropriaram do olhar do "naturalista" e da descrição minuciosa dos relatos de viagem para compor um cenário ficcional no qual comparece a natureza brasileira em toda sua pujança²⁶. Os interlocutores fundamentais nesse processo são formados por redes de notas descritivas, pranchas, mapas, classificações que, ao organizarem a paisagem brasileira, definem um Brasil para os literatos e historiadores²⁷.

A atuação dos viajantes, como interlocutores dos intelectuais brasileiros, pode ser conferida na divulgação de seus escritos como "História do Brasil" de Ferdinand Denis, a princípio destinada ao público francês, mas que acabou traduzida e se tornou livro didático nas escolas brasileiras²⁸.

Dentre os viajantes oitocentistas, um dos principais divulgadores do Brasil na França foi Auguste de Saint-Hilaire, a julgar pelo relato de Wilma Costa²⁹:

Ao longo dos anos 1830 e 1840, a imagem do Brasil na França foi divulgada através dos escritos de Saint-Hilaire na principal revista daquele país dedicada à publicação de narrativas de viagens científicas: a *Nouvelles Annales des Voyages, de la Géographie et de l'Histoire ou Recueil des Relations Originales Inédites, Communi-*

qués par des Voyageurs Français et Etrangers (publicada com este título entre 1819 e 1870), ligada à Sociedade de Geografia de Paris.

Saint-Hilaire teve lugar de destaque como fonte da historiografia, inspirando o nacionalismo nascente dos brasileiros ao se mostrar extremamente otimista em seu julgamento em seu julgamento das possibilidades da nação através da exploração de seus recursos naturais³⁰.

A contribuição de Saint-Hilaire para a historiografia brasileira torna-se relevante à medida que, devido a suas características de pesquisador e observador dos usos e costumes da população, seus escritos são acolhidos tanto pelo público francês, como pelo brasileiro. Wilma Costa enumera algumas das características do cientista que possibilitaram essa aceitação. Em vinte anos de publicação de artigos sobre o Brasil em revistas francesas, Saint-Hilaire não tratou da escravidão, apresentando propostas de regeneração moral e incentivando os brasileiros a substituir atividades predatórias, como a mineração, pela agricultura. Outro traço característico do naturalista era sua natureza empática, que lhe permitiu esboçar as diversas nuances da natureza e das populações do Brasil. O terceiro ponto a ser destacado é o tratamento que deu às províncias de Minas Gerais e Goiás, elaborando estudos sobre o potencial de suas naturezas e ajudando a construir um imaginário geográfico para o país³¹.

Desse modo, Saint-Hilaire se tornou "um dos interlocutores privilegiados do primeiro nacionalismo brasileiro e foi considerado uma espécie de 'viajante modelo' pelos intelectuais brasileiros do século XIX, que se inspiraram largamente em seus relatos para produzir suas imagens e interpretações do Brasil"³².

A década de 1930

A pesquisa histórica no Brasil, com metodologia e reflexão científicas, pode ser considerada como fenômeno recente, nascendo a partir dos anos 30 do século XX, assevera Laima Mesgravis em *Aspectos da historiografia da cultura sobre o Brasil Colonial*³³.

Na década de 1930, através de um movimento amplo no plano internacional, a história sofre uma revisão na maneira de abordar a realidade, marcada pela necessidade de novos paradigmas explicativos, e passa a ser analisada a partir de uma perspectiva culturalista³⁴. Desde então, observa-se no Brasil o surgimento de autores interessados em analisar os vínculos entre passado e presente a partir de um viés nacionalista³⁵, o que sugere um aproveitamento por parte desses relatos de viagens ao país durante o século XIX.

No Brasil, Gilberto Freyre, por meio de suas obras *Casa Grande e Senzala* (1933) e *Sobrados e Mocambos* (1936), é considerado por Laura de Mello e Souza como historiador cultural *avant la lettre*, não contaminado pelo movimento europeu que surgiu na mesma época. Um dos aspectos que comprovam essa afirmação é o ineditismo das fontes utilizadas em sua obra, recorrendo a reclames de jornal, arquivos de família e arquivos paroquiais³⁶. Nessas obras, o testemunho dos viajantes oitocentistas é frequentemente convocado para reafirmar ou exemplificar certas passagens, comprovando que o papel que tais relatos tiveram na produção historiográfica do país ainda continuava atuante. No prefácio da primeira edição francesa de *Casa Grande*

e *Senzala*, Freyre adverte para o valor documental dos escritos de viagem que, para ele, seriam “talvez a fonte mais segura da história social do Brasil”³⁷. A validade desse argumento, admite Freyre, repousa no fato de que o testemunho dos viajantes estrangeiros seria “desvinculado de compromissos ou de interesses com o sistema econômico em vigor no Brasil patriarcal e escravocrata”³⁸. Gustavo Tuna observa que Gilberto Freyre utiliza o depoimento dos viajantes oitocentistas para tratar de temas que, cronologicamente, seriam anteriores a eles, como, por exemplo, quando aborda a “inadaptabilidade” dos índios ou sobre a escravidão negra nos primeiros tempos da colonização portuguesa³⁹. O autor enfatiza o papel dos viajantes oitocentistas na obra de Freyre através da reinterpretação que fazia destes, recortando ou modificando-lhes os sentidos, sempre em função de interpretar a participação das “três raças” na formação da nação brasileira⁴⁰. Tuna ainda estabelece uma correspondência entre a escrita de Freyre e a dos viajantes, argumentando que ambas tratavam dos cheiros, sabores, formas e sons, ou seja, do universo dos sentidos⁴¹.

Outro marco na historiografia brasileira é *Raízes do Brasil* (1936) de Sérgio Buarque de Holanda, considerado por Laura de Mello e Souza como representante da fase madura da história cultural brasileira. Na consideração da autora⁴², a obra apresenta semelhanças com a escola francesa dos *Annales*, tratando de temas, como a vida material, as mentalidades e o imaginário. É ainda Souza⁴³ que entende que Holanda filia-se às correntes culturalistas alemãs ao renovar a abordagem sobre o Brasil e ao buscar na identidade brasileira traços de herança ibérica. Vale ressaltar que Holanda considera a importância das narrativas de viagem como fonte, a ponto de afirmar que, para ele, o momento de chegada dos viajantes estrangeiros ao país corresponde a “um novo descobrimento do Brasil”⁴⁴, pelos cientistas, artistas, comerciantes e aventureiros que aportaram no país. Foi quando se passou a divulgar informações feitas durante viagens de exploração de um Brasil até então desconhecido devido à política portuguesa de resguardar dos olhos alheios sua colônia mais promissora. Para Cristina Galvão, o interesse de Holanda nos relatos dos viajantes se devia ao fato de terem sido dotados de uma visão exterior, vendo de modo diferente o que portugueses e luso-brasileiros viam com olhares cotidianos⁴⁵. De qualquer maneira, reconhece-se, pela opinião de Ronaldo Vainfas, o pioneirismo de Freyre e de Holanda no tratamento de certos temas, ainda que suas obras tenham sido rechaçadas por certo meio universitário na década de 1970⁴⁶.

Marcelo Fetz avalia a historiografia brasileira retomando as narrativas de viagem de navegadores estrangeiros ao país nos séculos XVI, XVII e XVIII, por meio da obra de Afonso de E. Taunay (1938) que as utiliza como meio para

analisar a formação do Brasil. O historiador assinala as presenças de Olliver van Noord (1599), Ricardo Fleckno (1648), De La Flotte (1757) e J. G. Semple Lisle que visitou o país na década de 1770⁴⁷.

Ainda no juízo de Fetz, a presença de viajantes na historiografia foi tratada por Candido de Mello Leitão (1941), que abordou um recorte histórico específico, abrangendo de 1815 a 1840, período em que o Brasil foi visitado por navegantes em viagens de circunavegação e por naturalistas em viagens científicas⁴⁸. A razão da escolha desse período por Mello Leitão teria sido o fato de ele ser marcado por importantes acontecimentos na vida do país, como a instalação da corte no Brasil, a independência e as lutas da regência⁴⁹. Fetz assinala, ainda, que Mello Leitão, em outra obra, analisaria as principais narrativas de viagens de ingleses que visitaram o país durante o século XIX⁵⁰.

Além desses expoentes, a historiografia brasileira apresenta grandes sínteses da história nacional por meio de trabalhos de intelectuais, como Manuel de Oliveira Lima, Caio Prado Júnior e Florestan Fernandes. Oliveira Lima, em *Dom João VI no Brasil* (1908), destaca o período de permanência desse soberano no país no que ele apresenta de mais relevante, incluindo a abertura cultural do país, assinalada pela vinda dos cientistas estrangeiros e das missões científicas. Nessa obra, também é abundante o número de citações e referências aos viajantes oitocentistas contemporâneos de D. João VI. Caio Prado, em *Formação do Brasil contemporâneo* (1942), faz significativo uso da literatura de viagem que considera de “flagrante atualidade”⁵¹. Em sua “viagem” pelo Brasil, embasado em uma perspectiva marxista, desloca o cerne da discussão da ação dos indivíduos para o das classes e grupos que formam a sociedade⁵². Analisa o país por regiões e detém-se em seus aspectos sociais e econômicos. Prado Júnior incorpora não somente a opinião dos viajantes sobre assuntos, como a economia, a sociedade e a escravidão, para fundamentar suas considerações, como também se utiliza de estatísticas e dados oficiais por eles registrados. Cristina Galvão observa que o argumento de Caio Prado, ao utilizar os relatos dos viajantes como fonte, seria o fato de serem ainda atuais. Algumas das condições que prevaleciam no país há um século e meio ainda permaneciam em 1942. Florestan Fernandes (1950) é identificado por Cristina Galvão como um intelectual que se distingue dos demais pela rigidez acadêmica e sociológica de seus textos produzidos no contexto universitário⁵³. Para a autora, Fernandes selecionou alguns viajantes que estiveram no país durante as últimas décadas do século XIX para a elaboração de suas críticas à escravidão⁵⁴.

Outros sinais da relevância dos viajantes na historiografia podem ser encontrados no prefácio do livro de Auguste de Saint-Hilaire, *Viagens ao Distrito dos Diamantes e ao litoral do Brasil*⁵⁵, redigido por Leonam de Azeredo Pena. Neste prefácio, pode-se perceber como a visão emanada dos naturalistas encontrava ressonância nas vozes dos editores e tradutores que, um século após a realização dessas viagens, ainda incorporavam a visão que os viajantes tiveram do Brasil (“há cem anos atrás a própria capital do Brasil ainda era uma selva”⁵⁶. Consideram o naturalista viajante imparcial em seus julgamentos e afirmam que ele nos faz a “gentileza” de comparar coisas de nossa pátria com as da sua, louvando sempre as coisas boas que aqui encontrou.

Os modernistas, que na década de 1930 criaram o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (atual IPHAN), também prestaram seu tributo aos viajantes estrangeiros, lembrando suas incursões pelas cidades do ouro. Assinam, entretanto, que eles não conseguiram se sensibilizar com o rico acervo histórico brasileiro, configurado por igrejas, palácios e casarios. Como na sentença de Manuel Bandeira: “Os viajantes estrangeiros são quase sempre insensíveis aos elementos mais profundos ou mais sutis dos costumes e do sentimento artístico dos países que visitam”⁵⁷. Ainda que nem sempre concordando com seu veredicto, os modernistas enfatizam a importância de suas narrativas, como Bandeira, ao atribuir a Auguste de Saint-Hilaire a “descoberta” de Aleijadinho, cujas obras o naturalista descreve em uma de suas *Voyages dans l’interieur du Brésil*⁵⁸.

Como se vê, os viajantes foram fontes importantes para a elaboração de clássicos da historiografia brasileira que, ao se referirem ao século XIX, buscavam na literatura de viagem, informações que lhes fornecessem subsídios para a interpretação do homem brasileiro e para a construção de uma imagem nacional. No entanto, Cristina Galvão alerta sobre o paradoxo que encerra as obras dos viajantes que tanto poderiam ser usadas para construir argumentos favoráveis ou contrários, em conformidade com quem delas se apropriava⁵⁹. Outro aspecto a ser lembrado, como já alertaram vários autores, é que o uso da literatura de viagem como fonte histórica nem sempre esteve acompanhado de uma crítica mais aprofundada ou contextualização desses escritos.

A inflexão historiográfica

Sandra Pesavento situa nas últimas décadas do século XX⁶⁰ a crise dos paradigmas explicativos da realidade e o surgimento da nova corrente historiográfica denominada História Cultural ou Nova História Cultural. Até então, os relatos de viagem eram, em boa parte, tomados como fontes de informações seguras, aceitas de modo acrítico e de forma literal, como pode ser constatado nas obras *O Século de Ouro em Goiás*, de Luís Palacin⁶¹, *Terra do Anhanguera: história de Goiás*, de Juscelino M. Polonial⁶², e *Memória da ocupação e colonização de Goiás na primeira metade do século XIX: a visão dos viajantes*, de Dalísia Doles e Helliana Nunes⁶³. A partir daí, assiste-se a um momento de inflexão no tratamento reservado pela historiografia aos viajantes estrangeiros.

Uma vertente significativa de impulso à renovação da historiografia provém da Nova História Cultural, com a utilização de conceitos, como imaginário e representações sociais. Desse modo, a historiografia passa a interpretar os relatos de viagem à luz de suas condições de produção: o conhecimento prévio, a experiência e as leituras anteriores de seu produtor interferem nesta interpretação. Ou seja, entende-se que se trata de textos e imagens produzidos por europeus e que, por isso, trazem em sua bagagem cultural preconceitos e reservas no confronto com o “outro” – um país do chamado Novo Mundo. Nessa acepção, Amílcar Torrão Filho estabelece que a dificuldade existente na relação com o “outro” consiste em não “confundir a cidade com o discurso que a descreve”⁶⁴, pois, muitas vezes, a aura de veracidade que reveste o relato provém do “respaldo fornecido por uma autoridade inquestionável”⁶⁵.

Atinge-se, desse modo, um novo patamar de investigação no qual se passa a discutir a questão identidade/alteridade. O papel desempenhado pelos relatos dos viajantes estrangeiros, ao ser relativizado, perde o caráter de verdade incontestável. Não perde, no entanto, o interesse. Pelo contrário, centra-se nas representações, como uma forma de apreensão do real histórico.

Nesse contexto, renova-se a crítica ao modo como se incorporou a literatura dos viajantes como fonte, como se veem autores, como Amílcar Torrão Filho⁶⁶, Karen Macknow Lisboa⁶⁷ e Margarida Maria da Silva Correa⁶⁸. Em Torrão Filho, a questão central é a alteridade entre o mundo "civilizado" europeu e a ainda "rude" colônia portuguesa e como, através das representações construídas pelos viajantes, forma-se um pensamento sobre a cidade luso-brasileira. Lisboa discute a contribuição de Martius na historiografia brasileira, com o seu texto *Como se deve escrever a história do Brasil*, que foi publicado pelo IHGB antes mesmo da publicação de *Viagem pelo Brasil* de Spix e Martius. Outra questão levantada por Lisboa é a insensibilidade do europeu – no caso, Spix e Martius – para enxergar o índio e o negro, justificada pelo etnocentrismo preponderante no século XIX que chega ao ponto de duvidar da humanidade do índio. O trabalho de Correa centra-se na construção elaborada pela visão etnocêntrica dos viajantes europeus, cuja noção de "diferença" impedira-os de observar com imparcialidade as paisagens e populações goianas, delineando-se, com isso, um quadro de decadência geral que colaborou para estigmatizar a região.

Goiás na historiografia e a historiografia goiana

A trajetória da historiografia sobre Goiás expressa o modo de abordagem dos relatos dos viajantes, como suas opiniões foram cristalizadas, em função de seu intercâmbio com as autoridades locais. Mais recentemente, tais relatos são questionados por estudiosos ligados à Nova História Cultural.

O século XIX assiste a uma mudança na lógica político-administrativa da Coroa Portuguesa, principalmente após sua chegada ao Brasil. Ao contrário das políticas coloniais anteriores, que primavam pelo segredo, surgiram memórias e reflexões que almejavam a circulação e o debate com a inclusão de colonos letrados. Era o Reformismo Ilustrado luso-brasileiro⁶⁹. André Nicácio Lima acredita que essa vertente da Ilustração dedicava-se, em especial, ao progresso material, mas também envolvia a racionalização político-administrativa e a disputa por mercados e territórios⁷⁰. As memórias e reflexões tanto podiam ser projetos de superação da crise da mineração, como narrativas históricas e textos não propositivos, mas sempre relacionados aos debates do reformismo.

Atribui-se ao cônego Luiz Antonio da Silva e Souza o primeiro texto escrito com o objetivo de divulgar informações gerais sobre a história da província de Goiás. A obra *Memória sobre o descobrimento, governo, população e cousas mais notáveis da Capitania de Goyaz*⁷¹, redigida em 1812, tornou-se importante fonte para os pesquisadores que o sucederam. Em decorrência dessa obra, outros importantes relatos se registram, como o do brigadeiro e governador de Cunha Matos que, em 1824, após uma viagem de reconheci-

mento pela província de Goiás, escreveu *Descrição chorographica da Província de Goyaz*⁷². Nessa "Memória", posterior à visita de estrangeiros como Eschwege (1816), Pohl (1818) e Saint-Hilaire (1819), o autor já faz referências às informações veiculadas pelos viajantes como fonte de referências. De forma análoga, José Martins Pereira Alencastre recorre aos viajantes, como fontes de informações fidedignas. Convocado a servir como empregado público em cargo de confiança em Goiás, seus deveres da administração o incitaram a conhecer o passado da província. Com esse propósito, redige-os *Annaes da Província de Goyaz*, que publica na Revista do IHGB de 1864. Em sua exposição, vale-se do naturalista Saint-Hilaire, ao esboçar um quadro-resumo das origens, esplendor e decadência da província de Goiás, sob o signo da descoberta do ouro. Eis um trecho de Alencastre sobre Saint-Hilaire em sua "Memória"⁷³:

Um sábio naturalista que viajou por Goyaz, dos mais conscienciosos, que têm vindo ao nosso paiz, Mr. De Saint-Hilaire, diz com razão⁷⁴: "Minas de ouro descobertas por alguns homens audaciosos e emprehendedores, uma multidão de aventureiros precipitando-se sobre riquezas exageradamente annunciadas, uma sociedade que se forma no meio de todos os crimes, que adquire hábitos de ordem sob o rigor do despotismo militar, cujos costumes são adoçados pela influencia do clima e de uma molle ociosidade, alguns instantes de esplendor e de prodigalidade, ruínas, e uma triste decadência, tal é, em poucas palavras, a história da província de Goyaz"⁷⁵.

As palavras de Alencastre permitem verificar que todos os elementos que definiriam Goiás pelo século XIX afora – em escritos oficiais e relatos dos viajantes – já estavam presentes: a riqueza enganadora, a relação entre aventureiros e os crimes, a inclemência do clima e a ociosidade.

Observa-se que, com relação aos precedentes históricos, o relato de Saint-Hilaire sobre a história de Goiás no século XVIII fora buscado em obras anteriores. Alencastre poderia ter obtido informações por essas mesmas fontes, mas parece não prescindir do testemunho, supostamente objetivo, do cientista. Ainda com base nas palavras do naturalista, Alencastre atribui ao governo, com suas medidas desastrosas, a responsabilidade pela situação de penúria da província. Esse juízo, porém, não era novo. Já havia sido expresso por outros oficiais e funcionários públicos que, certamente, foram interlocutores de Saint Hilaire e de outros naturalistas viajantes que compartilhavam e confirmavam o que haviam escutado. Mesmo ao discordar do viajante, ao escrever sobre a origem do termo *Anhanguera*, atribuído ao conquistador de Goiás, e dar sua própria versão do significado da palavra, Alencastre recorre

aos estudos feitos por Saint-Hilaire sobre as línguas indígenas. Assim, publica em sua "Memória", a relação dos termos indígenas feita pelo naturalista.

Podem-se citar, com base em indicações de Andre Nicacio, outras memórias que constavam de projetos de superação da crise da mineração: a de José Manoel de Sequeira, de 1802, *Sobre a decadência atual das três Capitânicas de Minas e os meios de a reparar*; *Memória Econômica e Política sobre o comércio ativo da Capitania de Goiás* de Joaquim Teotônio Segurado (1806); a *Memória em que se mostram algumas providências tendentes ao melhoramento da agricultura e comércio da Capitania de Goiás* de Francisco José Barata (1806); as *Reflexões econômicas sobre as tabelas estatísticas da Capitania de Goiás pertencentes ao ano de 1804 e feitas no ano de 1806* de Florêncio José de Moraes Cid; a *Memória de Francisco José Pinto de Magalhães sobre a conquista do Gêtio Macamecram* (1813) e a *Digressão feita por João Caetano da Silva em 1817, para descobrir a nova navegação entre a Capitania de Goiás e a de São Paulo*⁷⁶.

Esses estudos e outros mais serviram de base a discussões em um ambiente ilustrado que envolvia não somente as autoridades, mas também súditos da província e de outras partes da Monarquia e, é óbvio, os naturalistas estrangeiros.

A presença dos naturalistas alimentava as discussões. Sua permanência prolongada nas cidades mais importantes da província, Vila Boa e Meia Ponte⁷⁷, pode ser em parte explicada pelo convívio com o que produziram as memórias, assim como autoridades civis e eclesiásticas.

É frequentemente atribuída aos viajantes oitocentistas, a seus ideais de civilização e progresso e à sua visão eurocêntrica, a propagação de ideias relativas a um período de decadência que a província de Goiás teria atingido após o surto da mineração. No entanto, essa visão era igualmente compartilhada por autoridades civis, militares e religiosas da época. Uma uniformidade acerca das impressões, de acordo com Maria Lemke⁷⁸, seria ocasionada pelo contato com os viajantes estrangeiros, constituindo, assim, uma dupla influência e construindo uma imagem homogênea e altamente negativa sobre a província de Goiás, legitimada pela posição dos interlocutores⁷⁹.

Adriana Vaz Oliveira assevera que a historiografia goiana do século XX concentrou-se no período colonial, referindo-se ao século XIX como uma fase de decadência em que se acentuou a crise do trabalho, quando a Província teria sofrido um processo de ruralização⁸⁰.

No século XX, a primeira obra de síntese da história de Goiás, desde a sua colonização até a independência do Brasil, foi a de Luís Palacín⁸¹, *O Século do Ouro em Goiás* (1979). No prefácio dessa obra, o autor assinala a ocorrência da transição da história narrativa dos memorialistas para uma história baseada em pesquisa documental, deslocando o interesse dos fatos para os processos. Apesar dessa mudança de enfoque, a obra ainda representa uma visão tradicional ao considerar os documentos “vozes do passado”, ou seja, aparentemente os vê como dados incontestáveis, cabendo ao historiador apenas revelá-los. O autor também não escapa aos juízos contundentes manifestados pelos memorialistas e viajantes estrangeiros. Desse modo, expressões como “decadência rápida e definitiva”, “estado de prostração” e “desprezo dos mineiros pelo trabalho agrícola” confirmam o que havia sido escrito antes sobre a Província por Eschwege, Pohl e Saint-Hilaire, em meados do século XIX. Palacín recorre com frequência aos cientistas estrangeiros, como meio de balizar suas informações através de um testemunho que, à época, gozava de grande credibilidade e respeito. Ao fornecer a estatística sobre a população de Goiás, recorre a Eschwege; ao comentar a opulência e posterior decadência das minas de Goiás ou ao confirmar a relação entre a mineração e a escravidão, Palacín adota a opinião de Saint-Hilaire sobre a administração e a confusão entre poderes na época colonial, o que seria um sinal de que não somente a opinião dos sábios cientistas tinha grande validade, como também de que eles se intrometiam em assuntos do Estado.

Outra indicação de que Palacín leu atentamente e assimilou a leitura dos viajantes é quando dá voz a Pohl, para falar das causas da decadência e seus remédios, o que não foi muito explorado à época. Mas, esses dados sobre a decadência goiana seriam colocados como hipóteses explicativas para a situação de Goiás por historiadores mais recentes. Um exemplo do juízo de Pohl, quando afirma não acreditar na opulência anterior propalada, nem na decadência da situação presente, pode ser constatado no seguinte trecho: “Queixam-se aqui, de todos os lados, da pobreza, mas ao observador é custoso crer que ela fosse menor no auge da produção do ouro”⁸².

Na década de 1970, alguns historiadores da primeira geração, como Lena Castello Branco Ferreira Costa, em *Arraial e coronel: dois estudos de História Social*, de 1978, e Dalísia Elisabeth Martins Doles, em *As Comunicações fluviais pelo Tocantins e Araguaia no século XIX*, de 1973¹⁰⁰, indicam a mesma postura historiográfica assumida por Palacín.

A crítica revisionista em Goiás

Para Adriana Oliveira, uma nova visão da “decadência” goiana desponta na década de 1980, com o historiador Sérgio Paulo Moreyra. Em dois artigos: *À sombra do ouro*, de 1982, e *O olho que vê o mundo*, de 1988, o autor aponta para a visibilidade do século XIX em Goiás, através de uma economia agropecuária significativa, questionando o olhar dos viajantes, até então incorporado sem restrições⁸⁴. Maria Lemke, por sua vez, assinala que, a partir da década de 1990, o estigma de “decadente” conferido a Goiás pelos memorialistas e viajantes e, posteriormente, confirmado pela historiografia, é revisto e que a historiografia regional é submetida a uma clivagem, cuja interpretação de caráter revisionista procura relativizar a imagem que anteriormente se formara sobre a província⁸⁵. No primeiro grupo, a pesquisadora menciona autores que, como Palacín, Polonial e os memorialistas do século XIX, acreditavam que a melhor maneira de se conhecer a história do século XIX seria a partir dos viajantes⁸⁶. Estes, conforme se acreditava, seriam portadores de uma aura de veracidade incontestável. Tal questão sobre o poder e a longa permanência da autoridade pode ser entendida a partir da citação de Sandra Pesavento:

Aquele que tem o poder simbólico de dizer e fazer crer sobre o mundo tem o controle da vida social e expressa a supremacia conquistada em uma relação histórica de forças. Implica que esse grupo vai impor a sua maneira de dar a ver o mundo, de estabelecer classificações e divisões, de propor valores e normas, que orientam o gosto e a percepção, que definem limites e autorizam os comportamentos e os papéis sociais⁸⁷.

Essa concepção faz entender que haveria um aproveitamento político da visão dos viajantes por parte de grupos interessados em disseminar as ideias de atraso e pobreza da região.

Para a interpretação revisionista, Lemke atribui ao historiador Paulo Bertran a vanguarda contra a ênfase dada aos discursos de decadência conferidos aos viajantes estrangeiros. Menciona o historiador Nasr Chaul que, partindo do conceito de representação como norteador, relativizou a questão da decadência, utilizando como referencial teórico as representações, o imaginário, a cultura e a identidade⁸⁸.

Como salientaram Nasr Chaul, Paulo Bertran e Ledonias Franco Garcia, os viajantes oitocentistas contribuíram decisivamente para consolidar uma imagem de decadência de Goiás, opinião contestada por esses historiadores. Chaul encontra razões explicativas para relativizar essa situação, ao questionar como um “lugar que não se desenvolveu (Goiás no auge do tempo do ouro) possa ter, posteriormente, caído na decadência”⁸⁹. Nesse sentido, a ideia da decadência fica justificada pela ilusão daquilo que pensavam ter existido na sociedade mineradora⁹⁰.

Outro argumento utilizado por Chaul é a diferença de olhares entre o europeu e o goiano: se a sociedade goiana pudesse aparentar decadência aos olhos europeus, para os da terra ela se apresentava satisfatória⁹¹. Nessa esteira, o argumento levantado por Bertran sobre a acusação de ócio feita pelos viajantes aos goianos seria, na verdade, um erro de interpretação, uma vez que as atividades da economia goiana, à época, voltadas especialmente para a agricultura e a pecuária, adotavam métodos detentores de uma dinâmica que diferia do ritmo capitalista com o qual os visitantes estavam acostumados⁹². Ou então, a julgar pelas ponderações de Mary Louise Pratt, esse tipo de leitura feita por europeus sobre países colonizados pode significar a ansiedade do europeu que, buscando a compreensão através de um “outro” projetado, aspira por uma rápida institucionalização e racionalização de sua própria sociedade⁹³.

Ledonias Franco Garcia⁹⁴ assinala que o preconceito implícito nas narrativas dos viajantes e algumas informações equivocadas por eles veiculadas criaram uma rejeição “em sucessivos e alternados momentos” por muitos estudiosos⁹⁵. Por outro lado, relembra a autora, os viajantes estrangeiros percorreram regiões desconhecidas dos próprios brasileiros, oferecendo descrições que tinham como parâmetro a convicção de uma auto-atribuída superioridade europeia. Se, a princípio, tal situação foi fundamental para a aceitação do discurso europeu por parte dos historiadores locais, em outro momento, provocou sua desconfiança.

Nesse sentido, a historiografia goiana mais recente demonstra interesse pela noção de representação social para o estudo da sociedade do período oitocentista a partir de seus principais interlocutores, os viajantes. No quadro desse pensamento revisionista, outras vozes se unem às desses três historiadores. Na área de arquitetura e urbanismo, a tese de Deusa Boaventura⁹⁶ enfatiza o caráter planejado da política urbanizadora portuguesa, critica a ideia de uma decadência no período pós-mineração em Goiás e acredita que esse juízo, por demais propalado por administradores e viajantes, foi a causa do obscurecimento da história de Goiás no século XIX. Refutando a imagem de fausto e opulência do século XVIII, a autora tece reflexões sobre o desenvolvimento das atividades agropecuárias, que já seria fato nesse século, tendo continuado existindo após a suposta decadência. Deusa Boaventura⁹⁷ alega que as medidas que asseguraram o desenvolvimento da agropecuária desde o início da colonização da província têm origem na imposição da Carta Régia de 1702, que “obrigava o exercício da atividade agrícola paralelamente ao da mineração”, o que sinaliza que as atividades agrícolas ocorreram paralelamente à atividade mineradora.

A tese de Adriana Vaz Oliveira se debruça sobre a casa rural goiana do século XIX a partir de três vertentes: como artefato, representação e lugar de memória. Na segunda parte da tese, “a casa como representação”, a autora considera a casa rural como expressão das práticas e representações do lugar, o que lhe confere identidade e estabelece sua condição de fronteira. Ao pesquisar o ambiente construído de Meia Ponte no século XIX, Adriana Oliveira busca perscrutar as referências que compunham o imaginário social daquela cidade e, para isso, escolhe dois caminhos: a literatura de viagem e os inventários *post-mortem*. A literatura de viagem é aquela produzida por viajantes oitocentistas que, ao criarem representações por meio das imagens presentes em seu texto, influenciaram a percepção do lugar.

Além das pesquisas de Deusa Boaventura e Adriana Oliveira, no campo da arquitetura e urbanismo, a produção historiográfica goiana é incipiente, contando com indagações empreendidas pelos professores e alunos da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, nas quais a referência aos viajantes estrangeiros é pouca ou nenhuma. Destacam-se as pesquisas de Gustavo Neiva Coelho (*Arquitetura da mineração em Goiás*, de 1995; *Goiás: uma reflexão sobre a formação do espaço urbano*, de 1996; *Santa Cruz: inventário arquitetônico*, de 2001; *Guia dos bens imóveis tombados em Goiás: Vila Boa. v. I*, de 2001; e a sua dissertação de mestrado, *A Formação do espaço urbano nas vilas do ouro: o caso de Vila Boa*, de 1997),

a de Maria Diva Araújo Coelho Vaz e Maria Heloísa Veloso e Zárate (*A Casa goiana: documentação arquitetônica*, de 2003); a de Deusa Maria Boaventura (*Arquitetura religiosa de Vila Boa de Goiás no século XVIII*, de 2001); e a de Adriana Mara Vaz de Oliveira (*Uma Ponte para o mundo goiano do século XIX: um estudo da casa meia-pontense*, publicado em 2001)⁹⁸.

Por outro lado, a dissertação de mestrado de Margarida Correa⁹⁹, *Da construção do olhar estrangeiro sobre o Novo Mundo ao (re)descobrimento do Reino Tropical*, de 2010, estuda os viajantes do século XIX em Goiás, alertando para a questão do etnocentrismo europeu que condicionou a visão que tinham dos lugares que, conseqüentemente, determinou suas narrativas. Não obstante, Margarida Correa considera que a contribuição desses viajantes, plena de referências históricas e reveladora de como os retratos do Brasil foram sendo construídos de fora para dentro, forja uma visão a partir da introjeção das imagens criadas pelos viajantes. Utilizando como conceitos-chave as representações sociais, Margarida Correa propõe uma nova leitura desses autores, despindo-os de sua aura de testemunhas incontestáveis e questionando o uso indiscriminado de suas ideias pelos historiadores mais antigos.

Sua pesquisa traçou a biografia dos principais viajantes oitocentistas, um ponto de vista que permitiu o estabelecimento de uma série de pontos comuns entre esses estrangeiros, possibilitando sua caracterização. A autora observa que todos usufruíam de uma posição privilegiada na sociedade em que viviam e possuíam uma formação acadêmica em diversas especialidades da história natural. Suas viagens de exploração científica eram, em geral, financiadas pelo governo de seus países que, além do suporte financeiro, fornecia-lhes cartas de apresentação, equipamentos de viagem e instrumentos de precisão. Todos possuíam uma formação herdeira do espírito enciclopedista do século XVIII e associada à filosofia romântica da natureza. Estavam imbuídos de uma forte concepção eurocentrista que lhes determinava o lugar de onde falavam. Estabeleceram roteiros em direção ao interior do país, para áreas ainda pouco exploradas pela pesquisa científica. Por fim, tinham reações semelhantes em relação à natureza que os deslumbrava e sensações de estranhamento cultural e étnico diante dos povos que encontravam.

A respeito dos principais viajantes que estiveram em Goiás e publicaram suas experiências, Margarida Correa destaca os seguintes¹⁰⁰: Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853), que publicou *Viagem às nascentes do Rio São Francisco e à Capitania de Goiás*. William Burchell, botânico e desenhista inglês, não publicou suas narrativas de viagem por ter perdido a maior parte de seus

registros. O que se sabe a respeito de sua viagem se deve à correspondência por ele mantida durante a viagem com parentes e amigos, pelos manuscritos zoológicos e botânicos e pelas datas de seus desenhos. Na década de 1960, foram encontrados 250 desenhos e aquarelas sobre o Brasil de sua autoria, que estavam na *Public Library of the African Museum* em Johannesburgo, África do Sul. Tais trabalhos foram editados no livro *O Brasil do Primeiro Reinado visto pelo botânico William John Burchell*, em 1981, por Gilberto Ferraz¹⁰¹. William Burchell esteve no Brasil de 1825 a 1830 e visitou as províncias do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Pará¹⁰².

François Louis Nompar de Caumont LaPorte (1810-1880), conhecido como Francis de La Porte de Castelnau, o conde de Castelnau, produziu a obra *Expedição às partes centrais da América do Sul*. Ele foi um naturalista francês que esteve a serviço da França e atravessou o continente sul-americano, desde o Rio de Janeiro até Lima, em uma viagem que durou de 1843 a 1847¹⁰³. Na província de Goiás, passou pelos arraiais de Catalão, Bonfim (atual Silvânia), Meia Ponte (atual Pirenópolis), Curalinho (atual Itaberaí) e pela Cidade de Goiás, seguindo viagem rumo ao norte, explorando os rios Araguaia e Tocantins e retornando a Goiás por terra¹⁰⁴. Sua obra *Expedition dans les Parties Centrales de l'Amérique du Sud, de Rio de Janeiro à Lima et de Lima au Para* foi editada em Paris com 15 volumes, de 1850 a 1857. No Brasil, foi publicada pela Companhia Editora Nacional em 1949, integrando a Coleção Brasileira¹⁰⁵.

George Gardner, o escocês, partiu de Londres em 1836 rumo ao Brasil, onde permaneceu até 1841. Fixou-se por sete meses na província de Goiás herboreando, coletando e classificando novas espécies, além de identificar outras já classificadas por Saint-Hilaire e Martius. Em Goiás, visitou a aldeia do Duro (São José do Duro), atual Dianópolis, o arraial de Almas e as vilas de Natividade e Arraias, além de Chapada, Conceição, São Domingos, Capela da Posse, Sítio d'Abadia e proximidades do arraial Formoso¹⁰⁶. Seu relato de viagem foi publicado em Londres, em 1846, com o título *Travels in the interior of Brazil, Principal Through the Northern Provinces and the Gold and Diamond Districts, During the Years 1836-1841*. No Brasil, foi publicado pelas Editoras Itatiaia e Universidade de São Paulo, sob o título *Viagem ao interior do Brasil*, integrando a Coleção Reconquista do Brasil, volume 13¹⁰⁷.

Johann Baptiste Emanuel Pohl (1782-1834) escreveu *Viagem no interior do Brasil*. O austríaco Pohl chegou ao Brasil em 1817 como integrante da missão científica austríaca que acompanhava a arquiduquesa Dona Leopoldina

de Habsburgo. Além de Pohl, integravam a missão científica os botânicos Johann Christian Mikan e Johann Von Natterer, os pintores Thomas Ender e Johann Buchberger, o imperial jardineiro Wilhem Schott, o imperial caçador Dominik Sochor, o mineralogista e bibliotecário RochusSchück, os naturalistas bávaros Spix e Martius e o botânico Giuseppe Raddi¹⁰⁸. Pohl esteve no Brasil de 1817 a 1821 e percorreu as províncias do Rio de Janeiro, Minas Gerais e Goiás¹⁰⁹. Seu relato de viagem ao Brasil foi publicado em Viena em dois volumes nos anos de 1823 e 1837, com o título *Reise in Innern von Brasilien*. No Brasil, foi traduzido para o português no ano de 1940, com o título *Viagem pelo Brasil*. Na década de 1970, a obra foi revista e lançada pelas Editoras Itatiaia e Universidade de São Paulo, como *Viagem no interior do Brasil*, integrando a Coleção Reconquista do Brasil, volume 14¹¹⁰.

Karl Friedrich Philipp von Martius (1794-1868) e Johann Baptist Spix foram os autores de uma *Viagem pelo Brasil: 1817-1820*. Os dois naturalistas bávaros chegaram ao Brasil em 1817, onde permaneceram até 1820. A viagem permitiu-lhes conhecer quase todos os biomas brasileiros: Mata Atlântica, Cerrado, Caatinga e Hileia. No entanto, a incursão pela província de Goiás foi bastante curta, consistindo em um desvio quando estavam na província da Bahia e atravessaram um registro que os fez penetrar em Goiás¹¹¹. Apesar de terem conhecido apenas pequena parte do território goiano, limitando-se a fazendas e pousos próximos aos arraiais de Couro e de Flores, os naturalistas deixaram importantes observações sobre o Vão do Paranã, sobre a história da província e sobre as possibilidades de navegação do rio Tocantins¹¹². A viagem de Spix e Martius foi relatada na obra *Reise in Brasilien auf Befehl Sr. Majestät Maximilian Joseph I., Königs von Baiern in den Jahren 1817 bis 1820* (Munique, 1823-1831), acompanhada de um atlas com 50 gravuras. Após a morte de Spix, Martius coordenou a elaboração e a publicação da obra *Flora Brasiliensis* por 28 anos¹¹³. No Brasil, essa obra (apresentada em três volumes) e o atlas foram lançados em 1938 pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro¹¹⁴.

Os relatos dos viajantes chegaram ao público em forma de artigos em revistas especializadas e, posteriormente, seus diários de viagem foram publicados em forma de livros e álbuns ilustrados. Os livros de viagem exibiam o testemunho pessoal dos naturalistas viajantes, geralmente homens de formação acadêmica, e as descrições da natureza, das vilas e cidades, de povos e culturas diferentes, além da produção científica, gozando de grande credibilidade perante o público leitor. A atração exibida pela narrativa sobre países "exóticos" pelos viajantes fascinava o leitor europeu e justificava o grande sucesso de seus livros de viagem¹¹⁵.

É curioso observar que o objetivo principal dos sábios ilustrados, a pesquisa científica, gozava de menor sucesso que as narrativas de cunho etnográfico e social. Na introdução de *Viagem no interior do Brasil*¹¹⁶, o naturalista Pohl adverte o leitor ter optado por separar a parte científica de seu trabalho daquilo que considerava "narrativa pitoresca", provavelmente por se destinar a públicos distintos. Saint-Hilaire, de volta à França em 1822, ocupou-se primeiro com a publicação da obra científica, para depois cuidar da edição de sua coleção de livros de viagem. A que tratava de Goiás ocorreu na França entre os anos de 1847/1848. Um exemplar da obra foi oferecido pelo autor ao IHGB, acompanhado por uma carta lida no Instituto em 10 de maio de 1849¹¹⁷.

No Brasil, os livros traduzidos só vieram à luz em meados do século XX, o que não impediu uma ampla repercussão nos meios intelectuais brasileiros, nem que se tornassem material de pesquisa. Cumpre ressaltar a iniciativa da Companhia Editora Nacional que, em 1931, lançou a Coleção Brasileira. Um projeto editorial que, em meio ao nacionalismo vigente nos anos 1930, era parte de "uma pedagogia da nacionalidade"¹¹⁸. Eliane Dutra declara que essa preocupação com a formação da nacionalidade brasileira já transparece na publicação do primeiro livro lançado pela Companhia Editora Nacional, *Meu Cativo entre os selvagens do Brasil*, de Hans Staden, um relato com "fortes elementos etnográficos, relativo aos primeiros anos do Brasil Colonial"¹¹⁹. A Coleção Brasileira propunha-se a "reunir um conhecimento sistemático sobre o Brasil". Os primeiros cem títulos priorizavam autores nacionais, preocupados com a construção de uma identidade nacional. Dentre eles, destacam-se Oliveira Vianna, Luiz da Câmara Cascudo, Fernando de Azevedo, Afonso Arinos de Melo Franco, Gilberto Freyre, além de viajantes/escritores estrangeiros, como Auguste de Saint Hilaire, Luiz Agassiz, Richard F. Burton, von Spix e von Martius¹²⁰.

Sobre os intelectuais da década de 1930, o Centro de Pesquisa e Documentação de História contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas, a CPDOC/FGV informa que:

Intelectuais das mais diversas formações e correntes de pensamento, como modernistas, positivistas, integralistas, católicos e socialistas participaram desse entrelaçamento entre cultura e política que caracterizou os anos 30, ocupando cargos-chave na burocracia do Estado. Apresentando-se como uma elite capaz de "salvar" o país, os intelectuais reinterpretaram o passado, buscaram captar a realidade brasileira e construíram vários retratos do Brasil¹²¹.

Os viajantes estrangeiros e a pesquisa atual

Recentemente, tem-se observado que a presença dos depoimentos dos viajantes ainda encontra espaço em estudos das mais diversas áreas de conhecimento. A literatura de viajantes dos mais diversos tipos e, mais especialmente, dos naturalistas viajantes, está presente em artigos científicos, dissertações de mestrado ou teses de doutorado. Ao se realizar pesquisa nas principais universidades do país, encontram-se diversas referências desses escritos, principalmente quando se trata de focalizar o século XIX ou simplesmente referi-lo no contexto da historiografia. A área de História utiliza-se mais intensamente dos relatos de viagem, principalmente, em estudos sobre a natureza, cultura, representações sociais e imaginário, construídos por um ou outro viajante sobre determinado fato ou lugar. Vale-se da literatura de viagem como produtora de sentido, por meio de estudos que abordam a participação da literatura de viagem no processo de formação da identidade nacional; bem como em disciplinas de gênero, história ambiental ou, ainda, quando os viajantes fornecem informações que não se encontram em outras fontes.

Da mesma forma, a arquitetura e o urbanismo fazem também largo uso da literatura dos viajantes, ao investigar espaços construídos e cidades do período colonial e do século XIX. A botânica e as ciências farmacêuticas apoiam-se nas descrições e catalogações de espécies vegetais medicinais dos naturalistas. Suas obras científicas proporcionam valiosos dados para as pesquisas de quem os consulta. A linguística vale-se do vocabulário de línguas indígenas compilado em narrativas de viajantes, como Saint-Hilaire,

ou se detém sobre o discurso do viajante a partir da semiótica. Áreas, como a sociologia, empregam assuntos abordados nessas obras, como a conexão entre literatura, pintura de paisagem e pensamento científico.

Acrescente-se que a participação dos depoimentos dos viajantes na maioria dos trabalhos citados é um fator secundário, por não se constituírem em tema central das pesquisas. Esses testemunhos, ao comporem o histórico, são citados de forma abreviada, atuando somente como fontes. Todavia, encontram-se trabalhos que adotam os viajantes como objeto de estudos. Suas trajetórias são analisadas e a interpretação das representações por eles construídas constitui o foco principal da pesquisa. São exemplos desse tipo de trabalho: o livro de Karen Macknow Lisboa, *A Nova Atlântida de Spix e Martius: natureza e civilização na viagem pelo Brasil (1817-1820)*¹²²; a dissertação de mestrado de Rodrigo Luvizotto, *O Diário de Langsdorff: o éthos do cientista viajante*¹²³; a tese de Christina Rostwoeowski, baseada na viagem do príncipe Maximiliano Wied-Newied¹²⁴; a tese de Valéria Lima sobre Debret¹²⁵; o artigo de Marco Aurélio Pereira e Francine Iegelski, *O Paraíso terrestre no Brasil: os Campos Gerais do Paraná no relato de Auguste de Saint-Hilaire*¹²⁶, o artigo de Lorelai Kury, *Saint-Hilaire, viajante exemplar*¹²⁷ e o artigo de Günther Augustin, *Um Novo viajante na literatura de viagem*¹²⁸.

A seguir, no Capítulo II, apresenta-se um panorama do mundo europeu em finais do século XVIII e início do XIX, como forma de situar a narrativa de Saint-Hilaire em suas condições de produção. Neste período, verifica-se um expressivo avanço na história natural, que levou numerosos cientistas a se deslocarem rumo aos continentes ditos "exóticos", alterando os modos de observar e de narrar o que, por sua vez, impulsionou a literatura de viagens, introduzindo uma nova maneira de descrever o "outro".

Figura 3. Paisagem do cerrado com árvores. Foto da autora



1. **ABREU, Jean Luiz Neves.** O memorialismo e a produção do conhecimento sobre o território brasileiro: perspectivas para uma historiografia das ciências. In: MATA,Sérgio Ricardo, MOLLLO, Helena Miranda e VARELLA, Flávia Florentino (orgs.). *A dinâmica do historicismo: tradições historiográficas modernas.* Caderno de resumos & Anais do 2º Seminário Nacional de História da Historiografia. Ouro Preto: EdUFOP, 2008, p. 1. Disponível em: <HTTP://www.seminariodehistoria.ufop.br/seminariodehistoria2008/dr/Jean.pdf>. Acesso em 17 de abril de 2016.

2. **Ibid.**, p. 2.

3. **BABEAU apud Torrão Filho. Amílcar.** Bibliotheca-Mundi: livros de viagem e historiografia brasileira como espelhos da nação. *Projeto História*, n. 42. Junho de 2011, p. 120-121. Disponível em: < http://revista.pucsp.br/index.php/revph/article/view/7976>. Acesso em 14 de julho 2015.

4. **VAINFAS, Ronaldo; NEVES, Lúcia Bastos Pereira das** (orgs.). *Dicionário do Brasil Joanino, 1808-1821.* Rio de Janeiro: Objetiva, 2008. p. 453.

5. **CORREA, Margarida Maria da S.** *Da construção do olhar europeu sobre o novo mundo ao (re)descobrimento do reino tropical.* 1997. Dissertação (Mestrado em História das Sociedades Agrária) – Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal De Goiás, Goiânia: 1997, p. 141-142. Disponível em: < http://docplayer.com.br/8616099-da-construção-do-olhar-europeu-sobre-o-novo-mundo-ao-re-descobrimento-do-reino-tropical.html> Acesso em 15 maio 2014.

6. **Ibid.**, p. 142.

7. **Ibid.**, p. 143.

8. **Ibid.**, p. 143-144.

9. **Ibid.**, p. 453.

10. **LISBOA, Karen Macknow.** *Viagem pelo Brasil de Spix e Martius:* quadros da natureza e esboço de uma civilização. Revista Brasileira de História, v. 15, n. 29. São Paulo: 1995, p. 75-76. Disponível em: http://www.anpuh.org/arquivo/download?ID_ARQUIVO=3774>. Acesso em: 12 mar. 2017.

11. **COSTA, Christina Rostworowski.** *O príncipe Maximiliano de Wied-Newied e sua viagem ao Brasil (1815-1817).* Dissertação (Mestrado em História Social) – Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2008, p. 9. Disponível em <HTTP://www.teses.usp.br/teses/.../8/8138/.../CHRISTINA_ROSTWOROSKI_DA_COSTA.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2017.

12. **COSTA, Maria de Fátima G.** *O Brasil de hoje no espelho do século XIX.* São Paulo: Estação Liberdade, 1995, p. 15 e 25.

13. **VAINFAS, Ronaldo, NEVES, Lúcia Bastos Pereira das** (orgs.). *Dicionário do Brasil joanino.* Rio de Janeiro: Objetiva, 2008, p. 454.

14. **BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil).** Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/francebr/missao_artistica.htm> Acesso em: 12 mar. 2017.

15. **MESGRAVIS, Laima.** A sociedade brasileira e a historiografia colonial. In: FREITAS, Marcos Cêzar de (org.). *Historiografia brasileira em perspectiva.* 6. Ed. São Paulo: Contexto, 2007, p. 39.

16. **COSTA, Wilma.** Narrativas de viagem no Brasil do século XIX: formação do estado e trajetória intelectual. In: RIDENTI, Marcelo; BASTOS, Elide Rugai; ROLLAND, Denis (orgs.). *Intelectuais e estado.* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006, p. 35.

17. **ALDÉ, L.** *Os inventores do Brasil.* Revista de História. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos/os-inventores-do-brasil>>. Acesso em: 6 set. 2014.

18. **MESGRAVIS, Laima.** *A sociedade brasileira e a historiografia colonial.* In: FREITAS, Marcos Cêzar (org.). *Historiografia brasileira em perspectiva.* Op. cit., p. 39.

19. **TORRÃO FILHO, Amílcar.** *A Arquitetura da alteridade: a cidade luso-brasileira na literatura de viagem (1783-1845).* São Paulo: Hucitec, Fapesp, 2010, p. 58.

20. **TORRÃO FILHO, Amílcar.** *Bibliothecamundi:* livros de viagem e historiografia brasileira como espelhos da nação. Projeto História n. 42. Junho de 2011, p. 117. Disponível em: <<http://revista.pucsp.br/index.php/revph/article/view/7976>> Acesso em 14 ul. 2015.

21. **CORREA, Margarida.** Da construção do olhar europeu sobre o novo mundo ao (re)descobrimento do reino tropical. Op. cit., p. 101-102.

22. **COSTA, Wilma.** Narrativas de viagem no Brasil do século XIX: formação do estado e trajetória intelectual In: RIDENTI, Marcelo; BASTOS, Elide Rugai; ROLLAND, Denis (orgs.). *Intelectuais e estado.* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

23. **LAHUERTA, F. M.** Viajantes e a construção de uma idéia de Brasil no ocaso da colonização (1808-1822). *Scripta Nova:* revista eletrônica de geografia y ciencias-sociales, v. X, n. 218 (64), ago. 2006, p.3. Disponível em: <HTTP://revista.ub.edu/index.php/scriptanova/article/view/127//> Acesso em: 20 mar. 2004.

24. **COSTA, Wilma** op. cit., p. 33.

25. **Ibid.**, p. 36.

26. **SUSSEKIND, Flora.** *O Brasil não é longe daqui: o*

narrador, a viagem. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 60.

27. **Ibid.**, p. 63.

28. **COSTA, Wilma,** op. cit., p. 37.

29. **Ibid.**, p. 39.

30. **Ibid.**, p. 42.

31. **Ibid.**, p. 40.

32. **Ibid.**, p. 42-43.

33. **SOUZA, Laura de Mello e.** A sociedade brasileira e a historiografia colonial. In: FREITAS, Marcos Cezar de (org.). *Historiografia brasileira em perspectiva.* 6. ed. São Paulo: Contexto, 2007. p. 39.

34. **Ibid.**, p. 23.

35. **GALVÃO, Cristina Carrijo.** *A escravidão compartilhada: os relatos de viajantes e os intérpretes da sociedade brasileira.* 2001 Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP. 2001, p. 151. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/282062>>. Acesso em: 12 mar. 2017.

36. **SOUZA, Laura de Mello e.** Op. cit., p. 20.

37. **POTELET, Jeanine.** *Le Brésil vu par les voyageurs et les marins français 1816-1840.* Paris: L'Harmattan, 1993. p. 10.

38. **FREYRE, Gilberto apud GALVÃO, Cristina Carrijo.** Op. cit., p. 158.

39. **TUNA, Gustavo Henrique.** *Viagens e viajantes em Gilberto Freyre.* Dissertação (Mestrado em História)

- Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP. 2003. p. 13. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/279730>>. Acesso em: 12 mar. 2017.

40. **Ibid.**, p. 113.

41. **Ibid.**, p. 114.

42. **SOUZA, Laura de Mello e** . Op. cit., p. 23.

43. **PESAVENTO, Sandra**. *História e história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 102.

44. **HOLANDA, Sérgio Buarque**. A herança colonial, sua desagregação. In: HOLANDA, Sérgio Buarque (org.), *História geral da civilização brasileira*. Tomo II, v. I. São Paulo: Difel, 1975.p. 12.

45. **GALVÃO, Cristina Carrijo**, op. cit., p. 180.

46. **VAINFAS, Ronaldo**. História das mentalidades e história cultural. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.s/p. Disponível em:<<http://www.univas.edu.br/menu/BIBLIOTECA/servicosOferecidos/livrosDigitalizados/historia/DominiosdaHistoriaCiroFlamarionCardosoeRonaldoVainfas.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2016.

47. **FETZ, Marcelo de Almeida**. *Entre razão e fruição: formação e presença da Segunda Revolução Científica no Brasil (XVIII e XIX)*. 2012. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP. 2012. p. 410. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/280511>>. Acesso em: 12 mar. 2017.

48. **Ibid.**, p. 411.

49. **Ibid.**, p. 411.

50. **Ibid.**, p. 412.

51. **PRADO JÚNIOR, Caio**. *Formação do Brasil contemporâneo: colônia*. São Paulo: Brasiliense, 2008.

52. **GALVÃO, Cristina Carrijo**, op. cit., p. 168.

53. **Ibid.**, p. 185.

54. **Ibid.**,p. 194.

55. **SAINT-HILAIRE, Auguste de**. *Viagem ao distrito de diamantes e ao litoral do Brasil*. Tradução de Leonam Azeredo Pena. São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, 1941.

56. **Ibid.**, Prefácio.

57. **BANDEIRA, Manuel**. *Crônicas da província do Brasil*. São Paulo: Cosac Naify, 2006. p. 15.

58. **SAINT-HILAIRE, Auguste de**. *Voyages dans l'intérieur du Brésil. Seconde Partie. Voyage dans le district des diamans et sur le littoral du Brésil*. Paris: Librairie-Gide, 1833.p. 201. Disponível em: <www.gallica.bnf.fr>. Acesso em: 4 out. 2014.

59. **GALVÃO, Cristina Carrijo**, op. cit., p. 161.

60. **PESAVENTO, Sandra**, op. cit., p. 8-9.

61. **PALACIN, Luís**. *O Século do ouro em Goiás, 1722-1822: estrutura e conjuntura numa capitania de Minas*. Goiânia: Editora UCG, 1979 (1. ed.), 1994 (4. ed).

62. **POLONIAL, Juscelino M**. *Terra do Anhanguera: história de Goiás*. 3. ed.Goiânia: Kelps, 2006.

63. **DOLES, Dalísia E. M.; NUNES, Heliane P**. *Memória*

da ocupação e colonização de Goiás na primeira metade do século XIX: a visão dos viajantes. Ciências Humanas em Revista, Goiânia, v. 3, n. 1/2, jan./dez. 1992.

64. **TORRÃO FILHO**. Bibliotheca Mundi: livros de viagem e historiografia brasileira como espelhos da nação. *Projeto História*, n. 42, jun. 2011, p. 133. Disponível em: <<http://revista.pucsp.br/index.php/revph/article/view/7976>>. Acesso em: 14 jul. 2015. p. 133-134.

65. **ROUANET apud TORRÃO FILHO**, op. cit., p. 133.

66. *A Arquitetura da alteridade: a cidade luso-brasileira na literatura de viagem (1783-1845)*. São Paulo: Hucitec, Fapesp, 2010.

67. *A Nova Atlântida de Spix e Martius: natureza e civilização na viagem pelo Brasil (1817-1820)*.São Paulo: Hucitec, 1997.

68. *Da construção do olhar europeu sobre o novo mundo ao (re)descobrimento do reino tropical*. Op. cit.

69. **LIMA, André Nicácio**. *Caminhos da integração, fronteiras da política: a formação das províncias de Goiás e Mato Grosso*.Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2010. p. 188. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-20062011-143559/>>. Acesso em: 8 dez. 2016.

70. **Ibid.**, p. 187.

71. **SILVA E SOUSA, Luiz Antonio da**. Memória sobre o descobrimento, governo, população e cousas mais notáveis da Capitania de Goyaz. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Tomo V, v.12, n. 16, 4º trimestre de 1849. Disponível em <<http://www.ihgb.org.br>>. Acesso em: 6 set. 2014.

72. **MATOS, Raimundo José Cunha**. Descrição-chorographica da Província de Goyaz. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Tomo XXXVII , 2º trimestre de 1874. Disponível em: <<http://www.ihgb.org.br>>. Acesso em: 6 set. 2014.

73. **ALENCASTRE, José Martins Pereira de**. Annaes da Província de Goyaz. *Revista do IHGB*, Tomo XXVII, Parte segunda, 3º Trimestre de 1864. Disponível em: <<http://www.ihgb.org.br>>. Acesso em: 6 set. 2014.

74. Conservou-se a grafia original do texto.

75. Este trecho foi retirado por Alencastre de "Voyage à laProvínce de Goyaz...". Op. cit., Tomo I, p. 308.

76 **LIMA, André Nicácio**, op. cit., p. 188-189.

77. **Ibid.**, p. 190.

78 **LEMKE, Maria**. *Trabalho, família e mobilidade social: notas do que os viajantes não viram em Goiás*. c.1770 – c. 1847 2012. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de História, Universidade Federal de Goiás, 2012. Disponível em: <http://pos.historia.ufg.br/up/113/0/maria_lemke.pdf>. Acesso em: 6 set. 2014.

79. **Ibid.**, p. 56.

80. **OLIVEIRA, Adriana Mara Vaz**. *A casa como universo de fronteira*. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2004. p. 44. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000336347&opt=3>>. Acesso em: 6 set. 2016.

81. **PALACÍN, Luís**. *O Século do ouro em Goiás, 1722-1822: estrutura e conjuntura numa Capitania de Minas*. 4. ed. Goiânia: Editora UCG, 1994.

82. **POHL, Emanuel**. Viagem no interior do Brasil. Tra-

dução de Milton Amado e Eugênio Amado. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1976. p. 145.

83. OLIVEIRA, Adriana Mara Vaz, op. cit., p. 25.

84. Ibid., p. 25.

85. LEMKE, Maria, op. cit., p. 58.

86. POLONIAL Juscelino apud LEMKE, Maria, op. cit., p. 60.

87. PESAVENTO, Sandra, op. cit. p. 41-42.

88. LEMKE, Maria, op. cit., p. 62.

89. CHAUL, Nasr Nagib Fayad. *Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade*. 3. ed. Goiânia: Editora UFG, 2010. p. 89-90.

90. Ibid., p. 93.

91. Ibid., p. 91.

92. BERTRAN, Paulo. *Uma introdução à história econômica do Centro-Oeste do Brasil*. Brasília: Codeplan; Goiânia: Ed. UCG, 1988. p. 43.

93. PRATT, Mary Louise. *Ojos imperiales: literatura de viajes y transculturación*. Tradução de Ofélia Castilho. México: FCE, 2010. p. 96.

94. GARCIA, Ledonias Franco. *Goyaz, uma província do sertão*. Goiânia: Cãnone Editorial / Editora PUC Goiás, 2010.

95. Ibid., p. 61.

96. BOAVENTURA, Deusa Maria Rodrigues. *Urbanização em Goiás no século XVIII*. 2007. Tese(Dou-

torado em História e Fundamentos da Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007. p. 26. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-13052010-0900281>>. Acesso em: 15 maio 2014.

97. Ibid., p. 124.

98. Ibid., p. 25-26.

99. CORREA, Margarida, op. cit., p. 137.

100. Ibid., p. 169-225.

101. Ibid., p. 171-172.

102. Ibid., p. 175.

103. Ibid., p. 179.

104. Ibid., p. 183.

105. Ibid., p. 184-185.

106. Ibid., p. 188-189.

107. Ibid., p. 191.

108. Ibid., p. 204.

109. Ibid., p. 205.

110. Ibid., p. 208-209.

111. Ibid., p. 195.

112. Ibid., p. 195.

113. Ibid., p. 200.

-114. Ibid., p. 198.

115. CORREA, Margarida, op. cit., p. 136-137.

116. POHL, Emanuel, op. cit., p. 14.

117. BIBLIOTECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO. Exposição comemorativa do segundo centenário de nascimento de Saint-Hilaire (1779-1979), promovida pela Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/AcervoDigital/livros_eletronicos/icon610631.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2016.

118. DUTRA, Eliana de Freitas. Companhia Editora Nacional: Tradição Editorial e Cultura Nacional no Brasil dos anos 30. In: *I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial*. Fundação Casa de Rui Barbosa: Rio de Janeiro, 2004, p. 15. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000214&pid=s0102-4698201200040000600013&ing=en>. Acesso em: 15 maio 2014.

119. Ibid., p. 16.

120. Ibid., p. 7.

121. CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL/FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/Anos30.../IntelectuaisEstado>>. Acesso em: 2 ago. 2015.

122. LISBOA, Karen Macknow, op. cit.

123. LUVIZOTTO, Rodrigo. *O diário de Langsdorff: o éthos do cientista viajante*. 2007. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007. Disponível em: <[http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/.../TESE_RODRI-](http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/.../TESE_RODRI)

[GO_LUVIZOTTO.pdf](#)>. Acesso em: 12 mar. 2015.

124. ROSTWOEOWSKI, Christina, op. cit.

125. LIMA, Valéria. A viagem pitoresca e histórica de Debret: por uma nova leitura. 2003. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas-SP, 2003. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000290010&opt=3>>. Acesso em: 12 mar. 2015.

126. PEREIRA, Marco Aurélio; IEGELSKI, Francine. O paraíso terrestre no Brasil: os Campos Gerais do Paraná no relato de Auguste de Saint-Hilaire. *Revista de História Regional*7 (1), p. 47-72, Ponta Grossa-PR, 2002. Disponível em: <<https://www.amazon.com/Revista-História-Regional-paraíso-terrestre.../B00AH2QNP2>>. Acesso em: 18 mar. 2015.

127. KURY, Lorelai. Auguste de Saint-Hilaire, um viajante exemplar. *Intellèctus*, v. 2, n. 1. Rio de Janeiro: 2003. Disponível em: <<http://www.intellectus.uerj.br/textos/ano2001/texto%20de%20%20lorelai%20kury.pdf>>. Acesso em : 5 dez. 2014.

128. AUGUSTIN, Günther. Um novo viajante na literatura de viagem. *Linha d'água*, n. 19, USP. São Paulo, 2006. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/download/37290/40010>>. Acesso em: 10 mar. 2015.



2

As viagens e a literatura de viagens

“Quando o homem interroga a natureza com sua penetrante curiosidade, ou mede os vastos espaços da criação orgânica, a mais poderosa e mais profunda de quantas emoções experimenta é o sentimento de plenitude da vida espalhada universalmente”. Humboldt *apud* Belluzzo, 1999, 24

Figura 4. Los embajadores de Hans Holbein.

Disponível em: <[HTTP://www.geografiainfinita.com/2017/01/cartografia-y-arte-la-historia-de-un-amor-correspondido](http://www.geografiainfinita.com/2017/01/cartografia-y-arte-la-historia-de-un-amor-correspondido)>



A Ciência no final do século XVIII e início do XIX

Antes de se propor uma análise da narrativa de viagem de Saint-Hilaire em Goiás, é importante esclarecer quais eram os objetivos dessas viagens exploratórias, suas relações com a história natural, os métodos praticados para o reconhecimento e coleta de amostras de espécies dos três reinos da natureza e o modo como se dava a organização do discurso que buscava aliar a precisão científica à sensibilidade romântica.

Os escritos de Saint-Hilaire ocasionalmente são citados pela bibliografia sem maior atenção àquele universo de produção de conhecimentos do qual o viajante fez parte. Mesmo autores que introduziram importantes questionamentos sobre a visão do viajante, por vezes estavam interessados em contestá-lo por meio de dados e análises relativos às especificidades de Goiás, sem maior aprofundamento no contexto cultural do viajante. Considera-se que Saint-Hilaire é agente histórico imerso em sua época e, sem que isso signifique um simples determinismo histórico, procura-se compreender o universo da produção de conhecimento. Compreender o final do século XVIII e o início do XIX pode ser de grande valia na análise da formação do olhar do naturalista viajante.

É em um contexto de grande efervescência – mais enfaticamente na história natural, temperada pela sensibilidade romântica – que, acalorados pela perspectiva de importantes descobertas, inúmeros cientistas, denominados naturalistas, se dirigem ao Brasil.

A fim de compreender esse momento específico, busca-se esboçar um panorama de questões então mobilizadas. Isso permitirá, no próximo capítulo, relacionar os escritos de Saint-Hilaire com a herança de concepções utilitaristas da natureza e do ser humano, evidenciando as contradições emanadas de teorias prévias em confronto com a experiência de viagem em meio a um ideal civilizatório. As questões aqui tratadas, selecionadas em função da leitura dos escritos de Saint-Hilaire, propõem-se a elucidar alguns pontos, abrindo caminhos para sua interpretação.

Não se pode dizer que o início do século XIX tenha sido simplesmente uma continuação dos séculos precedentes. Ainda que muitas das ideias anteriores tenham sobrevivido, pode-se traçar a seguinte trajetória, assegura Sandra Pesavento, "do advento do racionalismo cartesiano do século XVII, seguido pelo cientificismo do século das Luzes para prolongar-se pelo século XIX, animado pelo cientificismo, pelo evolucionismo e pelo progresso"¹. Eric Hobsbawn assinala que o período que vai do final do século XVIII ao início do século XIX foi marcado pelas grandes transformações operadas a nível mundial, cuja base era europeia, francesa e inglesa. No campo do pensamento, o Iluminismo preconizava a crença no progresso do conhecimento humano, na racionalidade, na riqueza e no controle sobre a natureza. A identificação do Iluminismo com o conhecimento verdadeiro, de acordo com Francisco Falcon, promove e/ou articula categorias da sensibilidade intelectual do século XVIII, tais como cultura e civilização, progresso e liberdade, educação e humanidade². Uma nova ética anunciava que os homens poderiam aspirar à liberdade e à felicidade na terra, o que desencadeou, no julgamento de Maria Odila Dias, um impulso ao estudo das ciências³. Através das ciências naturais e mecânicas se construiria a felicidade dos homens em uma aliança entre o otimismo utópico e a mentalidade pragmática das reformas concretas⁴. Hobsbawn avalia que a Enciclopédia de Diderot e d'Alembert não expressava apenas o pensamento político e social progressista, mas também estava voltada para o progresso científico e tecnológico⁵.

Os fatores determinantes para esse avanço científico e tecnológico e para o amplo domínio exercido pela França e pela Inglaterra tiveram como nascedouro a Revolução Industrial e a Revolução Francesa. A Revolução Industrial é explicada por Hobsbawn em termos da organização das atividades agrícolas e a disseminação de manufaturas em função de um mercado, por meio de procedimentos de comprar barato e vender caro, dando início ao capitalismo industrial. O país mais bem-sucedido nessa empreitada foi a Inglaterra, com tal sucesso que outros países europeus passaram a seguir o mesmo caminho⁶.

A apreciação de Hobsbawn é que a economia mundial deve seu incremento à revolução industrial britânica, enquanto da Revolução Francesa surgiu a política e a ideologia. A partir da França, espalharam-se os temas da política liberal e radical-democrática, como o exemplo, o conceito e o vocabulário do nacionalismo. Podem ser considerados legados da Revolução Francesa os códigos legais, o modelo de organização técnica e científica e o sistema métrico de medidas para a maioria dos países⁷.

A análise de Mary Louise Pratt indica que as mudanças que se processaram nesse período provocaram o aumento da demanda por matérias primas, com o consequente deslocamento da exploração comercial em direção ao interior dos territórios ultramarinos e a disputa entre potências rivais no domínio desses territórios⁸.

O processo de expansão europeia e o domínio do resto do mundo são explicados por Hobsbawn em termos do poderio econômico, mormente inglês, no qual o comércio com outros mercados, principalmente aqueles dos países coloniais, incrementava seu crescente potencial industrial com o fornecimento de matérias-primas⁹. Além da utilização da matéria-prima colonial, Hobsbawn observa ainda que, em seu sistema mercantil, os ingleses organizaram um complexo aparato no qual os produtos das Índias Orientais eram trocados por escravos na África, escravos que eram vendidos para as plantações nas Américas. Os produtos dessas plantações eram, por sua vez, vendidos às indústrias na Europa para atender a seu mercado ou retornavam às colônias sob a forma de artigos industrializados, formando um processo dinâmico e integrado¹⁰.

A disputa entre as potências econômicas europeias na exploração das colônias ultramarinas teve, no século XVIII, como principais rivais a França e a Inglaterra. Enquanto na primeira os avanços da história natural, da física e da matemática eram evidentes, o mesmo não acontecia na Inglaterra¹¹, o que não impediu que naturalistas ingleses viessem ao Brasil com propósitos de estudar a flora, a fauna e os minerais do país. Porém, se a França, devido a seu dinamismo no trato com as colônias, chegou a ameaçar o império britânico no comércio internacional, a superioridade inglesa se manteve pelo século XIX afora, em virtude de possuir uma política externa determinada pela expansão capitalista¹².

Por outro lado, no que diz respeito aos naturalistas que se deslocaram para os países coloniais, uma nova abordagem conferiu contornos específicos ao século XIX, alterando o modo de ver e de narrar: à racionalidade do século das Luzes veio sobrepor-se o Romantismo que rompeu com sua rigidez e estabeleceu novas formas de ver e entender a natureza e, portanto, o mun-

do. Sobre a cosmovisão que marcou o Romantismo e o rompimento parcial com o Iluminismo, o ensaísta e crítico Benedito Nunes assinala que:

[...] Articulando-se em fins do século XVIII, em oposição ao pensamento iluminista, e perdurando até meados do século XIX, a visão romântica do mundo, que se desenvolveu nos pródromos das mudanças estruturais da sociedade européia, concomitantes ao surgimento do capitalismo, é por certo uma visão de época, condicionada que foi a um contexto sócio-histórico e cultural determinado, que possibilitou a ascensão da forma conflitiva de sensibilidade enquanto comportamento espiritual definido¹³.

Dois fatos decisivos marcaram o início da nova fase de exploração europeia: a realização da primeira grande expedição científica da Europa em 1735 e o lançamento da publicação *Systema Naturae* pelo botânico sueco Carl Linné¹⁴. A contribuição de Lineu para os rumos da exploração científica e a emergência da História Natural serão analisadas mais adiante no item "A História Natural".

A expedição *La Condamine*, como ficou conhecida, foi uma empresa de caráter internacional liderada pela França e tinha como propósito confesso a determinação da forma exata da Terra. A expedição dirigiu-se aos territórios espanhóis da América que, até então, tinham sido zelosamente guardados por mais de duzentos anos de toda a interferência estrangeira¹⁵. Apesar de seu retumbante fracasso, assevera Pratt, a expedição atraiu o interesse da comunidade científica e comercial da Europa que via na exploração científica um meio de estender seu domínio ao resto do mundo. A exploração científica possibilitou ainda a formação de um aparato de ideias e ideologias pelas quais os europeus se relacionariam com o restante do mundo¹⁶, conforme pode-se encontrar nos relatos de viagem dos naturalistas viajantes do século XIX.

Valéria Lima observa que as mudanças que caracterizaram o final dos anos-setecentos sensibilizaram o viajante na persistência da busca de conhecimento do "outro", como meio de encontrar respostas às questões dele próprio. Isso ocasionou a formação de referências que deram acesso àquele momento histórico específico, assim como a definição de teorias de conhecimento da espécie humana e reflexões sobre as possibilidades de integração do Novo Mundo àquele conhecido¹⁷.

A respeito das mudanças que transcorreram na transição do século XVIII para o século XIX, destacam-se duas grandes questões que permearam o debate que se inicia no primeiro e vai culminar no segundo com as ex-

pedições dos naturalistas viajantes ao Novo Mundo. A primeira delas diz respeito à crença de alguns naturalistas como Georges Léopold Chrétien Frédéric Dagobert Cuvier¹⁸ e Georges-Louis Leclerc, conde de Buffon, para quem o trabalho científico deveria ser elaborado no silêncio dos laboratórios e gabinetes de trabalhos, livres das influências externas. A liberdade de que gozaria o cientista sedentário é sintetizada em uma frase de Cuvier: "o viajante pode viajar apenas por uma estrada; é somente no gabinete que se pode vagar livremente através do universo"¹⁹. Essa opinião era compartilhada por Cavanilles, botânico espanhol que acreditava que o cientista, com a ajuda de homens instruídos e bons livros, poderia estudar plantas que tinham sido colhidas na Ásia ou na América por pessoas que, independente de serem sábias ou ignorantes, saberiam o processo para secá-las conservando a flor e o fruto²⁰. Por sua vez, outros, como Carl von Linné, Lineu²¹ (1707-1778) e Alexander von Humboldt²² (1769-1859) postulavam que o trabalho de pesquisa da história natural seria mais dinâmico e mais confiável se realizado nos próprios habitats das espécies a serem estudadas, onde poderiam recolher informações dos nativos sobre suas propriedades e usos. Para os que defendiam um trabalho mais bibliográfico, o estudo das grandes obras científicas do passado era condição *sine qua non* para se alcançar o status de ciência. Nesse sentido, o trabalho dos naturalistas viajantes funcionaria como mero "suporte para as inúmeras revisões bibliográficas necessárias ao seu ofício de cientistas de gabinete"²³.

A outra questão, decididamente atrelada a essa, foi defendida Georges-Louis Leclerc, conde de Buffon (1707-1788), e Cornelius De Pauw (1739-1799): a tese da inferioridade da natureza americana que, segundo seus postulantes, era degenerada devido às condições de umidade e temperatura que incidiam diretamente nos aspectos naturais e nos caracteres de seus habitantes²⁴. Assim, é conveniente lembrar que os defensores dessa tese nunca haviam se deslocado para os lugares que desconheciam e previamente condenavam, porém seu pensamento teve ampla ressonância no mundo científico, atraindo adeptos e opositores e criando uma polêmica que se estendeu até meados do século XIX. Buffon foi um dos mais eminentes naturalistas de sua época. Publicou uma enciclopédia em 36 volumes denominada *Histoire Naturelle*, na qual propunha uma interpretação sob uma perspectiva não bíblica da história da terra, usando a nova física de Newton como argumento para explicar a matéria em movimento na formação da terra²⁵. De Pauw foi considerado a maior autoridade na América do seu tempo. Embora tenha adotado as linhas gerais da tese da degenerescência americana de Buffon, De Pauw usou de seu prestígio para confirmá-la, acrescentando, ainda, a tese suplementar do abastardamento físico e moral do europeu transplantado nos trópicos²⁶.

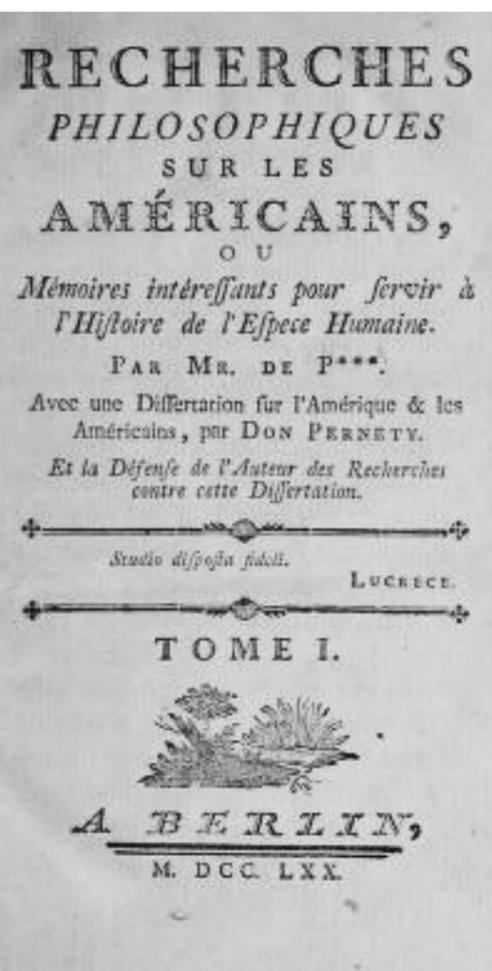


Figura 5. Livro de De Pauw. Disponível em: [HTTP://www.livre-rare-book.com/display/Image/BTR/16698_3.jpg](http://www.livre-rare-book.com/display/Image/BTR/16698_3.jpg)

Ao tratarem da natureza do Continente Americano em sentido inverso ao que fizeram os cronistas do século XVI, que exaltavam as maravilhas do Novo Mundo²⁷, tanto Buffon quanto De Pauw usaram de seus conhecimentos para difamá-la. No entanto, seus argumentos não coincidiam inteiramente. Enquanto o primeiro se concentrava na fauna, o segundo se voltava para os habitantes da terra. No raciocínio de Buffon, os chamados animais indígenas eram poucos e pequenos e também os trazidos de fora se tornavam menores e pouco apetitosos. Buffon acabou por estender esse pensamento a todo o mundo natural americano, que acreditava ser hostil ao desenvolvimento dos animais, por ser de formação mais recente. O homem, para ele, era “um animalão frio e inerte, recente e inexperto”²⁸. Gerbi encontra uma das explicações para a formulação da tese buffoniana “na necessidade de eliminar a insatisfação provocada pela aplicabilidade evidentemente imperfeita de conceitos e tipos zoológicos do Mundo Antigo à realidade natural do Novo Mundo”²⁹. Trata-se de uma questão de afirmação da supremacia da ciência destinada a resolver os dilemas que se lhes afiguravam. É através da nova

ciência da natureza, com Buffon, que o eurocentrismo se afirma e a Europa, em termos físicos, se define em oposição à América³⁰. Porém, se o homem americano escapa ao pensamento de Buffon, é nele que De Pauw centra toda sua artilharia, apontando-o como degenerado, fruto de uma natureza fraca e corrompida³¹.

Para Robertson, que difundiu as teses de Buffon e De Pauw na Europa através da História da América, publicada em 1777³², De Pauw acreditava que:

[...] sob a influência de um clima hostil, que restringe e debilita o princípio da vida, o homem jamais atingiu na América a perfeição que pertence a sua natureza, mas permaneceu um animal de ordem inferior, carente em vigor de estrutura física e destituído de sensibilidade, bem como de força, nas atividades mentais³³.

A defesa do continente americano já aparece no século XVIII, na obra do filósofo beneditino Joseph Pernetty, que se alia a La Douceur. Pernetty argumentava que o continente americano continha o germe do “novo” e estava em “evolução”, diferentemente do que se podia considerar degenerado³⁴. Porém, o que se quer ressaltar é que os elementos dessa polêmica que colocou de um lado os defensores e de outro os detratores do Continente Americano tiveram longa vida, transparecendo, às vezes, escamoteados, em relatos de diversos naturalistas viajantes que vieram ao Novo Mundo entre o fim do século XVIII e o começo do XIX. Algumas ideias de De Pauw a respeito do homem americano parecem ter deixado marcas profundas na mente de naturalistas, como Saint-Hilaire, que não hesitaram em reiterar imagens, como a da indolência, como principal característica do selvagem, imagem estendida a todos os demais habitantes do continente³⁵.

Para Gerbi, a questão da “flexibilidade” das opiniões com relação ao elemento “índio” é verificável nos argumentos utilizados nos dois lados da polêmica, como explícita essa passagem:

Porém, enquanto a inferioridade espiritual ou moral do índio, seu “selvagemismo”, é uma tese típica dos inimigos do americano desnudo, a inferioridade física deste, sua debilidade corporal, é um dos argumentos clássicos de seus amigos e protetores, uma das provas mais frequentemente adotadas em favor de sua qualidade plena de humano e seu direito à liberdade³⁶.

A despeito das considerações que se façam com relação aos indígenas, esta citação conduz a uma percepção de que a inferioridade é, em algum aspec-

to, considerada como inerente ao nativo. É a partir dessa premissa que se fundamentam os argumentos adotados, tanto para destrutá-los como para exaltá-los. Outro fator que se agrega à polêmica do Novo Mundo é, de acordo com Gerbi, a dificuldade de levar a civilização aos trópicos. Tal tema será amplamente explorado pela narrativa de Saint-Hilaire, seja devido à natureza selvagem ou ao “despovoamento” do mundo tropical, acabando por transformar-se em um estigma de maldição que condena a América a um futuro incerto e desprovido de qualquer possibilidade de progresso³⁷.

No entanto, a despeito dessas considerações, as questões sobre a inferioridade do homem e da natureza americanas passam a adquirir novos significados com as viagens ao Novo Mundo, as quais, na transição do século XVIII para o XIX, transformam o *modus operandi* da história natural, como explica Karen Macknow Lisboa.

[...] Diferentemente dos naturalistas do século XVIII, que espalharam as imagens da inferioridade natural do continente americano, os estudiosos do início do século XIX saem de seus gabinetes naturalistas para perscrutar com os próprios olhos a totalidade dos fenômenos naturais e, por meio da empiria, provar, refutar ou reformular as teses anteriormente concebidas³⁸.

Essa visão conduz à ponderação de que a viagem científica preconiza uma ruptura entre o século XVIII e o século XIX. A ideia, ainda que possa parecer parcial, enfatiza a importância das teses já concebidas sobre o homem americano no confronto com a realidade empírica, uma realidade que só pode ser vista a partir dos filtros psicológicos e socioculturais dos naturalistas.

A propósito do novo recurso da história natural, a objetividade empírica, Gerbi sustenta que se “devia necessariamente refutar todos os esquemas temporais, os juízos de valores, os equilíbrios e contrastes simétricos que tivessem, nem que fosse apenas a aparência de sistematizações apriorísticas numa demonstração de que a ciência, por meio de observações precisas, poderia abalar as supostas bases factuais da tese da inferioridade americana³⁹.

A polêmica da inferioridade do Novo Mundo se estendeu em certo meio intelectual. Gerbi observa como a defesa do Continente Americano também foi levada adiante por enciclopedistas, como Diderot, e pelos primeiros românticos, como Hamann e Herder, ao chamarem a “atenção para as forças primitivas, originárias e incultas de todo povo”⁴⁰ (no caso, os americanos), propondo então uma revisão das ideias de Buffon e De Pauw. Porém, a entrada de Hegel

na cena vem acirrar ainda mais os debates sobre as “calúnias” levantadas sobre a América, que vão encontrar em Humboldt seu mais firme opositor⁴¹. Essa é uma discussão de peso. De um lado, o filósofo alemão Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831) propõe a substituição da filosofia pela dialética, rompendo com toda a tradição metafísica⁴² e, do outro, o prussiano Friedrich Wilhelm Heinrich Alexander von Humboldt (1769-1859), naturalista que viajou pelas Américas entre 1799 e 1804 e que, ao descrevê-las sob um ponto de vista científico, exalta a natureza tropical.

Gerbi observa que Hegel “retoma e prossegue a tentativa de Buffon, a ponto de levar suas teses às últimas consequências, estendendo-as do reino animal a toda realidade americana”⁴³, com o agravante de que Hegel rejeita a interpretação evolucionista de Buffon, ao propor um “rígido sistema antievolucionista”⁴⁴. Humboldt, por sua vez, dirige-se às Américas com a intenção de aprofundar a tese buffoniana. Todavia, diante da realidade que aqui encontra, esse objetivo deixa de ser central e ele se dedica a “compreender cada organismo e cada ambiente em si e em suas relações com o universo”⁴⁵. Desse modo, como julga Gerbi, sua influência no debate sobre a questão da inferioridade americana é apenas lateral, por utilizar conceitos, como a harmonia encontrada na natureza americana, para se contrapor às ideias buffonianas, como na passagem seguinte⁴⁶:

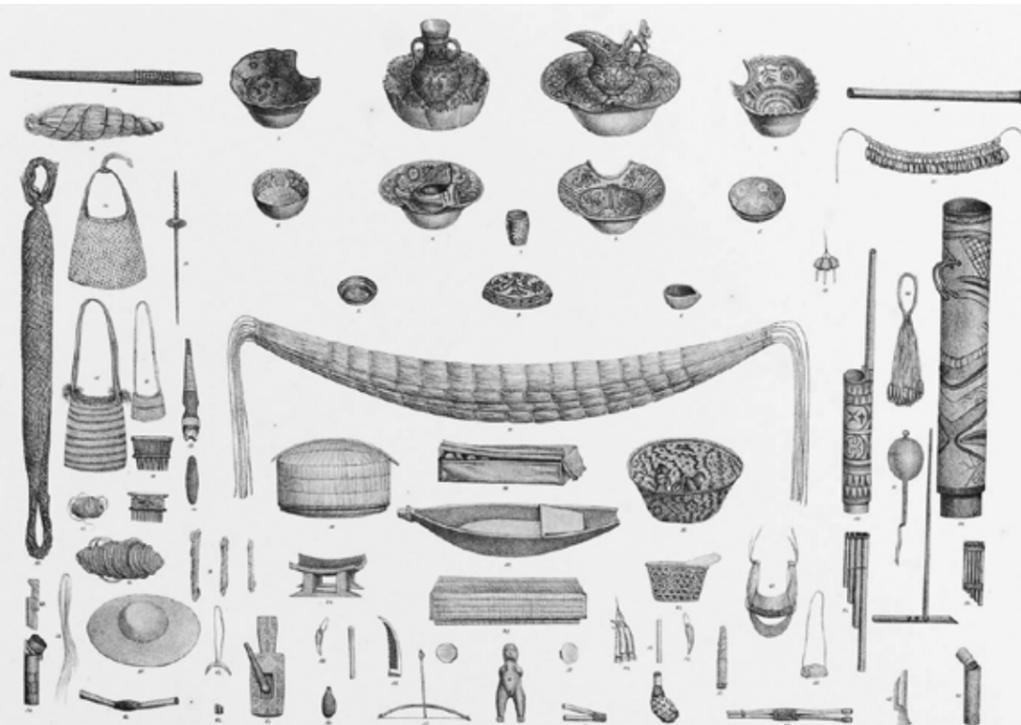
[...] Seria supérfluo refutar aqui as asserções arriscadas do Sr. Buffon sobre a pretensa degeneração dos animais domésticos introduzidos no Novo Continente. Tais ideias propagaram-se facilmente porque, enquanto alimentavam a vaidade dos europeus, ligavam-se a brilhantes hipóteses sobre o antigo estado de nosso planeta. Quando se examinam os fatos com cuidado, aquele soim [cuidado] que impacientava Buffon, os físicos reconhecem harmonia onde o escritor eloqüente anuncia apenas contrastes⁴⁷.

De qualquer maneira, as teses de Humboldt vão encontrar terreno fértil entre os naturalistas viajantes tal era o entusiasmo com que impregnava as descrições daquilo que encontrava ao seu redor. Saint-Hilaire partilhava desse entusiasmo. Sua própria viagem ao Brasil chegou a ser comparada pelo botânico Joseph Philippe Deleuze àquela do cientista prussiano às Américas⁴⁸. Ferdinand Denis, outro francês que esteve no Brasil à época, ao fazer a apresentação de Saint-Hilaire na publicação *Revue des Deux Mondes* em 1831, também compara o papel de desbravador do território e de produtor de conhecimento científico sobre o Brasil do naturalista, ao desempenho exercido por Humboldt e Bonpland sobre a América Espanhola⁴⁹.

Gerbi assinala ainda um deslocamento nas preocupações do naturalista do século XVIII com relação àquele do século XIX. Se para Buffon a questão eram as diferenças relativas aos meridianos, que separavam os dois hemisférios e lhes davam características distintas, para Humboldt, a preocupação é com os paralelos, o que o leva a propor leis gerais válidas para todos os continentes⁵⁰. Essa mudança de ênfase reflete uma transformação essencial no modo de se tratar a natureza, pois elimina a separação na qual vivia a América e o mundo passa a ser examinado por faixas de latitudes.

Por fim, Gerbi assinala que a fase áurea da polêmica sobre o Mundo Novo se encerra na antítese entre Humboldt e Hegel, já que “nas décadas seguintes, todos os entusiastas da América se apoiam nas alentadas afirmações do naturalista prussiano, todos os detratores encontram algum alento nas sentenças do filósofo suevo”⁵¹.

De modo geral, é possível verificar uma alteração na postura com que o naturalista do século XIX encara os habitantes da terra. Ao afastar a imagem mítica de ser integrante da natureza, impregnado das teorias detratoras que preconizavam a inferioridade americana, o viajante passa a encarar os habitantes da terra em sua realidade humana de seres em confronto com uma civilização diferente, mostrando um interesse etnográfico, ao buscar conhecer-lhes a língua, os costumes, ao colecionar objetos de sua cultura. A ponto de levar consigo, ao retornar à Europa, seres humanos, amostras representativas dessa cultura.



INDIANISCHE GERAETHSCHAFTEN.

Entretanto, o encontro com seres tão extraordinários levará o viajante a também refletir sobre o problema da colonização e o papel que os indígenas teriam dentro desse processo⁵².

Indaga-se também se a ruptura com a tese da inferioridade americana estaria tão clara nos escritos de Saint-Hilaire ou se teria sido posta em evidência pelas contradições que despontam de sua pena. No prefácio da obra *A Nova Atlântida de Spix e Martius: natureza e civilização na viagem pelo Brasil (1817-1820)*, Karen Macknow Lisboa⁵³ esclarece que sua interpretação da viagem de Spix e Martius pelo Brasil deve ser compreendida à luz do debate que se desenvolveu de meados do século XVIII até meados dos XIX, centrado nas polêmicas teses de inferioridade da natureza americana e de seus habitantes. A crença na superioridade da raça branca transparece, para Lisboa, em uma passagem de *Viagem pelo Brasil*: deixando de lado as injunções de uma sociedade colonial escravocrata, Spix e Martius proclamam a “secreta timidez diante do branco”, revelada pelos índios e etiópicos⁵⁴. Já Jeanine Potelet atribui aos relatos dos viajantes um caráter circunstancial e dinâmico, naquele momento específico (início do século XIX), ao assinalar que a relação com os europeus não altera a cultura material dos índios. Se sua cultura material se mantém preservada, no plano espiritual, o contato se mostra destrutivo⁵⁵. Esse juízo não é compartilhado por Saint-Hilaire que, em visita à aldeia indígena dos Coiapós, próxima a Vila Boa, avalia que as noções de cristianismo que os índios recebem dos portugueses, por falhas que fossem, colocam-nos bastante acima dos outros povos, ainda livres e que não têm nenhuma ideia de Deus⁵⁶. Pode-se inferir que Saint-Hilaire, ainda que contestasse certas ações e comportamentos dos luso-brasileiros com relação aos índios, encarava como valor civilizatório benéfico, sua cristianização.

Figura 6. Utensílios indígenas. Johann Baptist von Spix e Carl Friedrich von Martius. *Atlas zur reise in Brasilien*

O processo civilizador

Nos finais do século XVIII, é consolidado um conceito de civilização que iria justificar as subseqüentes pesquisas científicas e se tornaria uma referência para orientar os modos de agir e de pensar de naturalistas em viagens exploratórias ao continente americano.

Norbert Elias em *O Processo Civilizador* define civilização como "a consciência que o Ocidente tem de si mesmo"⁵⁷, expressando, assim, "o que lhe constitui o caráter especial e aquilo de que se orgulha: o nível de sua tecnologia, a natureza de suas maneiras, o desenvolvimento de sua cultura científica ou visão de mundo, e muito mais"⁵⁸. Para Francisco Falcon, civilização é uma realidade e um ideal cujo substrato era a noção de progresso. No Iluminismo, civilização significava tanto um valor em si, fazendo parte da maneira de ser do homem em sociedade, como enfatizava a apreensão e valoração da diferença entre as sociedades, cujo caminho de progresso seria a passagem do selvagismo à civilização⁵⁹.

Elias situa a gênese desse conceito nos movimentos reformistas franceses de meados do século XVIII, em especial a fisiocracia, que considera "um sistema em grande escala de reforma política e social"⁶⁰. A burguesia francesa absorvera a confiança que a Corte tinha e que sempre acreditara ser: uma casta elevada da sociedade que se distinguia pelos modos polidos e pela competência em controlar emoções. Uma certeza que a levou a manter-se fiel a essa tradição, mesmo depois da queda do Antigo Regime. Para aquela

burguesia em ascensão e para os reformistas, ser civilizado não significava um estado, mas um processo que devia prosseguir como programa de reforma e que deveria eliminar tudo que “era bárbaro ou irracional nas condições vigentes”⁶¹. Desse modo, Elias sustenta que o conceito de civilização é um instrumento dos círculos da burguesia a qual, ao ascender ao poder, passou a sintetizar a nação, a autoimagem nacional.

Numa linha similar, Lorelai Kury observa que, a partir do final do século XVIII, o sentimento de pertencer a uma nação civilizada se difunde entre a sociedade francesa por meio de projetos de instrução pública: a história natural é uma das responsáveis pelo processo de afirmação dos valores civilizatórios⁶². Nesse ponto, assevera Elias, com o conceito de civilização já consolidado, as nações passam a ser transmissoras “a outrem de uma civilização existente ou acabada, as porta-estandartes da civilização em marcha”⁶³.

Cristalizada tal opinião e dotada de sua superioridade autoatribuída, o conceito de civilização passa a servir às nações conquistadoras de colônias como justificativa de seu domínio⁶⁴. Mas, o conceito de civilização trazia algo mais em suas diretivas, que era, pelo ponto de vista de Lorelai Kury, *“etre civilisé est une condition qui se manifeste par les moeurs d'un peuple, par ses réalisations artistiques et littéraires, par ses institutions politiques, mais également par sa capacite à dominer la nature”*⁶⁵.

Desse modo, a Europa ilustrada propunha-se como missão a tarefa de enquadrar em seus esquemas o Novo Mundo, que lhe parecia pleno de possibilidades quanto ao conhecimento e exploração da natureza que, contudo, naquele momento, ainda sofria os duros golpes oriundos da polêmica sobre a inferioridade americana⁶⁶.

Para Luiz Francisco Miranda⁶⁷, as viagens exploratórias que colocavam como objetivo “civilizar” os povos “primitivos” da América, foram favorecidas pela abertura do mundo ibero-americano aos demais países da Europa. As ações seriam precedidas e levadas a cabo por meio de um discurso de “avaliar se os povos rústicos teriam condições de assimilar os costumes, as instituições e as formas produtivas da Europa civilizada”⁶⁸, condição que legitimaria a missão civilizatória. Mary Louise Pratt considera tal incumbência uma nova ideologia de dominação europeia em relação a outros povos que, assim como o racismo científico e os paradigmas de base tecnológica do progresso e do desenvolvimento, serviam ao projeto

euroexpansionista⁶⁹.

Levar a “civilização” aos trópicos era a missão à qual se consagravam os naturalistas viajantes do século XIX e significava “o estabelecimento de instituições civis sólidas e o controle da natureza”⁷⁰. Nesse sentido, “civilização” e “natureza” não eram colocadas em polos opostos, antes se supunha que era através da civilização que se poderia obter maior proveito dos recursos naturais⁷¹. O meio mais adequado à tal proposta seria a história natural em sua tarefa de sistematização da natureza e em sua dimensão utilitária, com a descoberta de produtos naturais voltados à agricultura, à indústria, ao comércio.

No Brasil a missão civilizatória adquire contornos específicos nos quais as críticas à administração portuguesa se juntam à constatação de que, sustenta Amílcar Torrão Filho, “um povo que recebe sem esforço as benesses da natureza”⁷² depende, para atingir o progresso e realizar suas possibilidades potenciais, da intervenção de outros europeus. Para se atingir o âmago dessa crítica reiterada por Saint-Hilaire e outros viajantes, recorre-se à explicação de Torrão Filho sobre a “legenda negra” que pairava sobre os países ibéricos àquela época. O autor assinala que a propaganda anti-ibérica atribuía ao “cíume dos portugueses (e dos espanhóis) com relação a seu ultramar “a causa de um suposto atraso dos mesmos com relação às Luzes”. Desse modo, divulgava-se que “as cidades que deveriam ser as pontas de lança da civilização europeia nos Trópicos’ não passavam de espaços transitórios, ‘aduanas’ da barbárie, fronteiras incertas da selvageria americana”⁷³. Apoiados nessa visão, inúmeros viajantes acreditavam que o processo civilizatório no Brasil requeria a superação dos vínculos coloniais que mantinham a nação presa a Portugal, apagando-se a herança portuguesa que impediria a civilização nos moldes concebidos pela Europa central⁷⁴. No fundo, o que se propunha era a substituição do modelo português por outro considerado “mais civilizado”.

A História Natural

As viagens exploratórias em torno do globo e o gênero de literatura por elas divulgado remontam ao século XVI, quando despontam em forma de guias de viagem. O advento da história natural em finais do século XVIII⁷⁵ iria revesti-las de um novo sentido, assevera Lorelai Kury, ao assinalar que, no século XVI, os portugueses foram os primeiros europeus a fazer o intercâmbio de vegetais entre os quatro cantos do império. No entanto, sua estratégia de ação, guiada por uma política de sigilo e proteção ao comércio, impediu avanços nas pesquisas de história natural⁷⁶. É nesse sentido que a autora pondera que, à época das primeiras viagens exploratórias portuguesas, a literatura sobre a história natural no Brasil fora tão reduzida a ponto de o trabalho de Piso e Marcgraf, realizado no século XVII durante o período da invasão holandesa no Nordeste, ser uma das poucas obras disponíveis sobre o assunto⁷⁷. O quadro se alteraria com a criação da Academia das Ciências de Lisboa em 1779⁷⁸, cuja produção de memórias continha vários propósitos: “estabelecer um inventário da natureza e dos povos, constituir um repertório de informações científicas sobre os territórios coloniais, delimitar fronteiras e informar sobre as potencialidades exploratórias das possessões”⁷⁹.

Oswaldo Munteal Filho ressalta o papel político exercido pela Academia das Ciências de Lisboa, no sentido de reduzir a defasagem estrutural portuguesa em relação a seus rivais no continente europeu, por meio de um “reordena-

Figura 7. Ilustração do livro de Saint-Hilaire: *Plantes plus remarquables du Brésil*. Foto da autora

mento da exploração colonial que viabilizasse um retorno dos rendimentos da Coroa através do mundo natural das colônias⁸⁰. Desse modo, o projeto de elaboração de uma história natural das colônias visava à regeneração da metrópole, ao mesmo tempo em que a impelia a romper com o isolacionismo cultural a que estava relegada frente ao continente europeu⁸¹.

Mas, a ilustração que preconizava a crença no poder da razão, única e universal, e na importância das ciências para o progresso material ganhou em Portugal novos contornos em meio à crise do sistema colonial. Era o Reformismo Ilustrado, estendido ao Brasil por meio de uma série de medidas. O movimento promovia estudos de finalidade prática, principalmente de mineralogia e história natural, sob uma política de estado que buscava ser inovadora e reformista, ao menos no campo da técnica⁸². Maria Odila Dias situa o ano de 1770 como o início de aplicação de uma política que visava a fomentar a produção de matérias-primas para as indústrias de Portugal, promover melhoramentos na agricultura para compensar as perdas dos rendimentos do “quinto” e a baixa do preço do açúcar. Ao mesmo tempo, o momento manifestava-se favorável frente à conjuntura internacional, devido às turbulências causadas pela Revolução Francesa e pelas guerras napoleônicas⁸³. Esse incremento nos estudos de ciências naturais visava a descobrir produtos da flora brasileira que pudessem ser comercializados. Tal estímulo se deu em face do declínio português no Oriente. Foi a partir de então que Portugal se voltou para o Brasil, uma natureza, ainda desconhecida, a prometer inúmeras riquezas⁸⁴. Para isso, o desenvolvimento das ciências naturais contou com a fundação da Academia Científica do Rio (1772-1779), que difundiu a cultura do anil, do cacau, da cochonilha, do café e deu início aos levantamentos sistemáticos da flora brasileira⁸⁵.

Por outro lado, João Carlos Brigola situa o período que vai do pós-pombalismo (1777) à invasão napoleônica de Portugal (1808) como uma etapa rica em intercâmbios no campo da história natural entre a nação lusa e os demais centros científicos da Europa. O autor enfatiza a participação dos franceses, representando o Jardim das Plantas (*Muséum National d'Histoire Naturelle de Paris*), a Sociedade Real de Agricultura e o Jardim Botânico de Montpellier, como o grupo mais numeroso e persistente entre aqueles que se correspondiam com o Real Museu e Jardim Botânico da Ajuda em Portugal, por intermédio de seu diretor Domingos Vandelli⁸⁶.

João Carlos Brigola assinala o início das permutas epistolares entre os jardins botânicos portugueses e franceses em abril de 1783, por meio da figura do jar-

dineiro-chefe do Jardim das Plantas de Paris, André Thouin. A convivência pacífica e profícua entre os cientistas dos dois países encontra, contudo, um fim, em consequência da invasão napoleônica de Portugal em 1808, quando então se processa a pilhagem de quase todo o material encontrado nas instituições portuguesas. Os franceses tinham especial interesse pelos produtos brasileiros que, até aquele momento, não constavam do acervo museológico francês⁸⁷.

Em Portugal, a consequência do imperialismo napoleônico e da pilhagem das coleções naturais portuguesas, afirma João Carlos Brigola, foi a desarticulação das instituições científicas deste país. Esses fatos, aliados à falta de sucessores para a direção dos museus e jardins botânicos, acabaram provocando a decadência dessas instituições. Esse processo de desmonte resultou no atraso das pesquisas que haviam se iniciado na época da criação da Academia de Ciências de Lisboa, um processo agravado pela ausência da família real que havia se refugiado no Brasil⁸⁸.

As relações diplomáticas entre Portugal e França se restabeleceram a partir de 1814. Foi somente então que o Brasil passou a receber inúmeros visitantes beneficiados com a abertura dos portos brasileiros às nações amigas. Entre esses estavam os cientistas franceses, empenhados em reatar os laços rompidos entre os dois países e dispostos a conquistar a credibilidade perdida⁸⁹. É em um contexto de reaproximação entre a França e a metrópole portuguesa que situa-se a viagem ao Brasil - especialmente a Goiás - de Auguste de Saint-Hilaire.

A afirmação da história natural como ciência hegemônica e parte integrante da administração dos Estados encontra na França, assim como na Inglaterra, os pressupostos ideológicos necessários ao desenvolvimento da pesquisa no tratamento dos produtos naturais. O naturalista André Thouin da Academia de Ciências de Paris define a abrangência da história natural conceituando-a como “*la science générale qui identifie l'homme avec la nature, comme la connaissance et la recherche de tout ce que existe sur le globe et dans ses entrailles*”⁹⁰.

Essa nova forma de se relacionar com a natureza faz com que ela perca a aura de mistério e assombramento, deixando de ser entendida “como fruto da ação providencial e não transmite mais mensagens divinas”⁹¹. A natureza passa a se converter em objeto de estudo e de potencial utilidade, uma noção que nortearia os rumos tomados pela história natural a partir do final do século XVIII, quando o naturalista se propõe a dilatar as fronteiras conhecidas e a conquistar o Novo Mundo.

Autores como Belluzzo⁹² e Lisboa⁹³ afirmam que, no século XVIII, a obra taxonômica de Lineu, ao propor um sistema universal de catalogação de plantas, animais e minérios, deu uma base científica comum ao intercâmbio científico e às viagens exploratórias aos trópicos⁹⁴. Karen Macknow Lisboa enfatiza a importância do *Systema Naturae* de Lineu:

A classificação lineana agrupou os organismos de acordo com os caracteres constantes, sendo os órgãos reprodutores os mais importantes. A nomenclatura é binominal, em latim, e apresenta o gênero e a espécie dos indivíduos pertencentes aos reinos animal, vegetal e mineral. E, mais que classificar a natureza de uma maneira artificial, a taxonomia de Lineu permitiu a nomeação dos seres com base no visível, respeitando uma estrita ordem descritiva⁹⁵.

Após essa linguagem ter se tornado comum aos cientistas, possibilitou-se o intercâmbio entre eles. A partir da classificação de Lineu, puderam compartilhar de uma mesma base teórica que lhes permitia a troca de experiências e o consequente progresso nas ciências naturais. O sistema de Lineu representou para a Europa, no julgamento de Pratt⁹⁶, o ponto de partida para a construção de conhecimentos em uma escala grandiosa e em um nível de aceitação nunca antes visto. A partir de então, a história natural fez-se presente em todas as viagens de exploração, fossem elas científicas ou não⁹⁷. A busca de novas espécies, a coleta e a classificação dos espécimes iriam alterar sensivelmente as viagens científicas e a literatura de viagens. “A natureza se tornou narrável”⁹⁸. A sistematização da natureza seria também responsável pela mudança nos imaginários globais que se deslocariam dos imaginários dos séculos anteriores, sempre ligados à navegação, para o interior das terras⁹⁹.

A história natural representou uma tarefa de apropriação e organização do mundo, retirando os objetos de seu entorno natural e recolocando-os em uma ordem global dentro de parâmetros europeus adequados à linguagem do sistema¹⁰⁰. Segundo Pratt, o sistema de Lineu e o empreendimento da história natural devem ser entendidos como “uma apropriação do planeta totalmente benigna e abstrata”¹⁰¹. Essa compreensão faz com que a história natural e o trabalho dos naturalistas viajantes passem a ser encarados com mais ênfase pelo aspecto utilitário para beneficiar a humanidade do que como estratégia de hegemonia global. É essa imagem, apoiada no exercício da ciência, que leva o naturalista viajante a realizar suas incursões em outros mundos e a empreender sua missão civilizatória.

O método de classificação de Lineu por meio das partes reprodutoras das

plantas, mesmo tendo sido adotado pela maioria dos naturalistas da época, não foi consenso absoluto. Belluzzo refere-se a Johann Wolfgang von Goethe como reconhecedor da importância do método do naturalista sueco, considerando-a, no entanto, “equivocada por fixar a forma e abstrai-la do todo, por negar a dinâmica e a transformação da vida”¹⁰². No início do século XIX, se se levar em conta a afirmação de Nicolson, também Immanuel Kant criticou as classificações taxonômicas de Lineu por acreditar que eram artificiais e que a guarda das espécies em herbários simplesmente colocava as coisas lado a lado¹⁰³, mas não eram suficientes para abarcar a visão de totalidade na qual a natureza era entendida como paisagem, ou seja, a partir da integração dos diversos elementos e suas inter-relações. Trata-se de um momento no qual se sobressai o pensamento de Humboldt que, no campo da história natural, preconizava a ideia de que o prazer estético e as impressões subjetivas complementavam o empirismo proporcionado pelas investigações *in loco*¹⁰⁴. Humboldt, analisa Pratt, *reinvento la América del Sur en primer lugar y sobre todo como naturaleza*¹⁰⁵. Nesse sentido, ao descrever a natureza virgem exaltando sua harmonia e as forças ocultas que agiam sobre essa natureza, Humboldt é enquadrado na estética espiritualista do Romantismo, o sublime. Constitui, para o imaginário europeu, o que Pratt designa como sendo outra ideologia do “novo continente”, a fazer eco à imagem elaborada pelos europeus dos séculos XVI e XVII de uma América só natureza¹⁰⁶. Ao exaltar a natureza americana, os escritos de Humboldt se contrapõem às teorias detratadas do Novo Mundo, mas não deixam de estar condicionados por “determinadas relaciones de poder y privilegio”¹⁰⁷ uma vez que falam de dentro das estruturas coloniais espanholas.

A viagem de Humboldt¹⁰⁸ e Bonpland pela América (1799-1804) e seus resultados contribuíram para difundir esse pensamento que se harmonizava com o espírito romântico da época. A obra de Humboldt em que ele trata da expedição realizada à América é considerada, por Ana Maria Belluzzo, como a “suma do conhecimento científico da primeira metade do século XIX”¹⁰⁹. Para a autora, Humboldt torna-se o grande incentivador das viagens científicas à América. Suas ideias iriam se refletir no trabalho dos pesquisadores que seguiram seus passos.

O mais eminente naturalista da época, mesmo não tendo entrado no Brasil, torna-se o grande incentivador e difusor de pesquisas sobre a América. Nesse momento, revela-se para a Europa o contraste dos dois continentes e se espera que os estudos comparados possam superar as *individualidades* estudadas e promover um amplo e total conhecimento do “organismo terrestre”, para usar uma expressão a gosto do pensamento alemão. Humboldt, buscando compreender a *unidade* da natureza, indaga sobre a interação das forças naturais e sobre como o ambiente geográfico afeta a vida. Afirma que seu

objetivo na América é recolher idéias e não coisas¹¹⁰.

À parte a leitura de seus textos científicos, rigorosamente enquadrados nas normas de classificação vigentes, os relatos de Saint-Hilaire deixam entrever que sua visão global das coisas era a preconizada por Humboldt, que buscava enxergar a natureza como uma inter-relação de elementos na qual o elemento humano cumpria um papel considerável, se levarmos em conta a informação de Lorelai Kury:

A fisionomia de um lugar depende da quantidade, da variedade de espécies vegetais e animais, assim como da sociabilidade das inter-relações entre eles, da mesma forma como influi o tipo de relação que os habitantes locais estabeleceram com a natureza ao longo do tempo¹¹¹.

Um meio de avaliar o olhar de Saint-Hilaire sobre Goiás e perceber como ele legitimava seu discurso é focar melhor a figura do naturalista, tecendo apreciações sobre as diversas facetas sob as quais ele se apresenta e como quer ser percebido. A princípio, o naturalista é visto como figura inocente na tarefa de descrever e catalogar a natureza. De acordo com Pratt, esta é uma maneira, de tomar *posesión sin dominación y sin violência*¹¹². Há algo, porém, a ser considerado: a cumplicidade que o naturalista mantinha com os imperativos de conquista e dominação, uma vez que atuava como emissário do processo expansionista europeu, dependia de instituições que financiavam suas viagens, com resultados realizados de acordo com as estruturas coloniais que lhe concediam o necessário suporte. Outro aspecto da questão destacada por Pratt, ainda que não a considere no caso de Saint-Hilaire, é a relação entre naturalistas e companhias comerciais europeias. Em troca de viagens gratuitas, muitos naturalistas ofereciam aos comerciantes informações valiosas sobre o patrimônio natural de um país pronto para ser explorado¹¹³.

Análises de autores como Lorelai Kury¹¹⁴ e Jeanine Potelet¹¹⁵ fazem crer que o naturalista viajante não era um viajante qualquer, geralmente um especialista em ciências naturais. Esses viajantes dominavam com desenvoltura a maneira de observar, coletar, classificar e estudar os objetos recolhidos. Tinham conhecimentos em química e física. Dominavam a utilização de equipamentos de medição, sabiam calcular dimensões, não era complicada para eles a localização em ambientes ignorados. Havia os que possuíam também talento para o desenho, uma ferramenta útil no trabalho de descrição das espécies. Eram versados na literatura de viagens. Equipavam-se com antecipação de cartas, mapas e de informações importantes sobre os usos e costumes dos lugares a serem visi-

tados. Consultavam os relatos de viagem anteriores. Tais questões serão úteis, como se verá nos próximos capítulos, para ajuizar a postura de Saint-Hilaire. Munido de todo esse aparato técnico-científico, o naturalista já tinha em mente o que observar durante sua viagem de exploração: os modos de vida da população, principalmente daquela autóctone; a diversidade das paisagens em todos seus elementos; informações topográficas e numéricas precisas; informações sanitárias; referências econômicas e de censo demográfico¹¹⁶. O viajante analisa a vegetação, a fauna e os minerais, o rendimento das culturas, as principais produções e artigos de comércio, o progresso da civilização e as dificuldades de alcançá-lo. Atento a uma vinculação com a filantropia, o naturalista termina seu exame por meio de uma série de reflexões, conselhos e sugestões que, de acordo com o que acredita, deveriam ser postas em prática. Isso justifica a ponderação de que o passo mais importante para se atingir a civilização¹¹⁷ era, nesse momento, a exploração da natureza: duas dimensões estreitamente ligadas, ambas fruto das atividades produtoras, mormente a agricultura.

Para os cientistas do final do século XVIII a início do XIX, a agricultura tinha a primazia sobre as demais atividades, pois nela se concentrava o sentido de "utilidade", caro às proposições fisiocratas e liberais¹¹⁸. O processo de exploração do mundo vegetal passava por diversas fases. Recolhidas as sementes e mudas, passava-se à classificação e envio aos jardins e hortos do país financiador da pesquisa. Após uma etapa de aclimatação, as plantas eram transplantadas para viveiros locais ou para as colônias. Sendo o objetivo de então ampliar o conhecimento do mundo vegetal e diversificar a agricultura colonial que incrementaria o comércio entre a metrópole e suas colônias¹¹⁹, muito contribuiu o trabalho do naturalista viajante cujos escritos exaltavam as relações entre as disciplinas da natureza e o compromisso com o bem-estar da humanidade¹²⁰. A atitude do naturalista viajante também se diferenciava daquela de outros viajantes. Portadores de uma objetividade e de um apego à verdade científica, sua postura distinguia-se daquela dos viajantes comuns que consentiam em se deixar levar por generalizações, fantasias e utopias literárias¹²¹.

Foram muitas as motivações que levaram os naturalistas viajantes a empreenderem viagens de cunho científico para estudar a história natural em países pouco explorados. Os sonhos que povoaram as mentes dos primeiros navegadores e que levaram às grandes descobertas dos séculos XV e XVI eram repletos de imagens míticas de paraísos perdidos e de lendas sobre o Eldorado e o Jardim do Éden. A força do mito atravessou o século da ciência e se infiltrou nos corações e nas mentes dos exploradores. À parte esses so-

nhos, havia algo mais objetivo que era, como escreveu Kury, “a necessidade de encontrar respostas concretas aos problemas sociais e políticos ligados à subsistência”¹²². Não se pode negar tambémum certo desejo do naturalista de autopromoção e de ver seu nome inscrito nos anais da ciência. A suposição de vir a fazer parte da nomenclatura de uma espécie vegetal, batizando um gênero ou uma espécie com seu nome, constituía uma ambição do naturalista.

Outro fator importante movia os interesses de países, como a França e a Inglaterra, em direção ao Novo Mundo: a busca de novas formas de dominação dos países coloniais, representada pelo projeto civilizatório¹²³. O século XVIII na Europa foi marcado intelectualmente pelo Enciclopedismo. No plano social e econômico, por crises no setor de alimentação, provocadas pelo aumento da população e pela emigração de massas populacionais do campo para as cidades em decorrência do incentivo provocado pela nascente “Revolução Industrial”.

Desse modo, a crença no poder da ação humana sobre o mundo natural e os proveitos advindos dessa nova relação foram o que sedimentou a necessidade de exploração, de descoberta de novas riquezas e de como usá-las em proveito da humanidade. Para Lorelai Kury¹²⁴, essa atitude pode ser definida como filantropia e deveria nortear os objetivos e as ações do europeu civilizado. Portanto, a filantropia, no sentido de beneficiar toda a humanidade, instituía um valor civilizatório aos olhos do cidadão do século XIX, valor que deveria ser abraçado.



A renovação científica de fins do século XVIII a começo do século XIX, tal como vinha-se discutindo, envolve também uma renovação e sistematização de métodos e praticas de viajantes. As viagens exploratórias em torno do globo, a princípio, não contavam com especialistas em história natural. A coleta dos produtos naturais dos três reinos da natureza era realizada por meros coletores. Para não danificar os objetos coletados, foram organizadas instruções de viagem. Kury¹²⁵ assegura que essas instruções implicavam em métodos precisos para cumprir um programa de pesquisas no que dizia respeito à natureza exótica. As “instruções de viagem” serviam aos exploradores como forma de orientação em terras desconhecidas. Indicavam-lhes o que se deve observar e descrever em cada elemento da natureza, e como se conhecer os modos de vida da população visitada, que também era parte do programa de história natural. Tais “instruções”, em formato de manuais, visavam à obtenção de uma padronização nos processos de coleta e acondicionamento de espécimes dos reinos animal, vegetal e mineral.

Os primeiros manuais conhecidos surgiram na Inglaterra, no século XVII e, apesar da pretensão de serem científicos, ainda apresentavam traços do religioso e do mágico¹²⁶. Os manuais realmente científicos surgiram no século XVIII e abordavam variados assuntos: o transporte de animais, vegetais e minerais; libretos sobre conservação, tratando de temas, como desidratação e taxidermia, entre outros; transplante e cultivo de vegetais, e muitos outros mais¹²⁷. Apesar da heterogeneidade que apresentavam, as instruções de viagem possuíam características comuns, que Lorelai Kury considera como uma vertente utilitária e filantrópica que amalgama a ciência a suas aplicações, uma produção coletiva do saber e uma visão de lugares associada a seus produtos naturais e a seus habitantes¹²⁸.

Um exemplo dessa metodologia foi elaborado pelos professores do *Muséum National d'Histoire Naturelle de Paris*, em 1818, sob as instâncias do Ministério da Marinha: as *Instruction pour les Voyageurs et pour les Employés dans les Colonies sur la Manière de Recueillir, de Conserver et d'Envoyer les Objets d'Histoire Naturelle*. Era dirigida aos chefes das colônias e aos comandantes dos navios, orientando-os, junto a seus subordinados, como empreender buscas com o propósito para obtenção de objetos que faltavam ao “Muséum”. Essa Instrução contém:

1. A maneira de recolher e de preparar os objetos de história natural
2. A maneira de embalá-los e enviá-los à França
3. Os tipos de notas que devem acompanhar esses objetos
4. A indicação dos objetos que são especialmente requisitados¹²⁹

Figura 8. Museu Nacional de História Natural de Paris. Foto da autora

As diferentes instruções de viagem surgidas entre o final do século XVIII a início do século XIX ressaltam o peso das diretrizes apontadas pela história natural, caracterizadas por diversos fatores comuns, mormente pelo apelo utilitário e filantrópico nos moldes de uma ciência aplicada e pelo caráter de produção coletiva do saber, o que garantiria a idoneidade desse processo¹³⁰.

A criação de um método para a viagem exploratória visava a atingir um patamar de cientificidade e objetividade exigido pelas condições científicas da época. Formas tradicionais de conhecimento davam lugar a práticas e reflexões e a uma "técnica abstrata e universal que pudesse ser aprendida e usada por um sujeito autônomo e capaz". Esse sujeito era o naturalista viajante¹³¹.

Lorelai Kury ressalta a posição de destaque ocupada pela botânica nas instruções de viagem, disciplina considerada, dentre as demais ciências naturais, a mais útil, por fornecer os fundamentos científicos para a cultura dos vegetais¹³². A autora destaca o papel do botânico Saint-Hilaire, em sua tarefa "civilizadora" e filantrópica, ao pesquisar plantas que servissem à alimentação e à medicina. Uma operação em mão dupla, pois solicitava aos colegas do Museu Nacional de História Natural de Paris que lhe enviassem sementes de frutas, legumes e plantas ornamentais, ao mesmo tempo em que enviava ao Museu plantas e sementes de espécies brasileiras¹³³.

As instruções de viagem iriam se modificara partir do século XIX, segundo a análise de Torrão Filho, à medida que se introduz na narrativa do naturalista viajante o olhar pitoresco que busca elaborar "um quadro vivo da natureza e dos progressos da civilização dos povos exóticos"¹³⁴.

Convém sublinhar que, a despeito do caráter científico e filantrópico que a história natural encerra em sua relação com as viagens exploratórias, tais viagens apresentam um viés de apropriação econômica e de dominação, por parte das nações colonizadoras, e de realização pessoal dos viajantes a extrapolar a aparente neutralidade que se apregoava. Na verdade, os objetivos das nações colonizadoras estendiam-se às necessidades de se conquistar novos mercados consumidores, de se descobrir vegetais úteis à alimentação e à farmacologia, passíveis de ser transplantados e aclimatados, além da possibilidade de implantação de companhias de exploração nos países visitados.



Figura 9. First map of the american continents de Sebastian Münster. Fonte: Library of Congress

As viagens ao Novo Mundo e a literatura de viagens

A ideia da viagem como metáfora e artifício retórico faz-se presente na literatura clássica desde a Antiguidade, assinala Joan-Pau Rubiés. Ainda que seu significado dependa sempre do contexto cultural, a viagem cria uma estrutura narrativa para temas religiosos ou épicos¹³⁵.

Joan-Pau Rubiés situa como primeiro tipo de viajante o peregrino. Na Idade Média, a motivação religiosa era o principal mote para a peregrinação a lugares sagrados e o modelo de literatura consistia nas "descrições de lugares, edifícios ou outros objetos especiais que tivessem um significado religioso"¹³⁶. Porém, com a aproximação do que se convencionou denominar "Idade Moderna", emerge um novo tipo de observador de caráter crítico e individualista, que "opõe sua observação empírica direta à autoridade de fontes alternativas de conhecimento"¹³⁷. Desse modo, na Europa renascentista, desenvolve-se um novo tipo de discurso sobre a diversidade humana, mais formal e crítico, e que visava a uma maior precisão da observação¹³⁸.

Com a decadência do paradigma medieval, o viajante peregrino dá lugar ao *gentleman* provido de um ideal humanístico de sabedoria prática¹³⁹. É esse observador secular que vai despontar na literatura de viagem a partir do ciclo de viagens marítimas, criando representações sobre o Novo Mundo decorrentes de confrontos e trocas culturais.

As viagens marítimas dos séculos XV e XVI proporcionaram uma abertura do mundo europeu. A "descoberta" de novas rotas para o oriente e de novas terras a oeste alteraria definitivamente a configuração mundial, dando início a um período

de conquista e dominação dos territórios de além-mar que provocaria profundas modificações no pensamento ocidental. Assiste-se, então, a uma sobreposição dos critérios teológicos por outros de caráter antropológico, econômico e social¹⁴⁰.

A literatura de viagens da época adquiriu um excepcional desenvolvimento, favorecendo a criação de um discurso ocidental sobre as sociedades humanas, caracterizado pela nova visão sobre a diversidade natural e histórica que, desde então, se apresentou aos olhos europeus¹⁴¹. A diversidade observada nesse Novo Mundo¹⁴² gerou, por sua vez, um discurso empírico e científico cuja principal característica foi a instauração de representações, determinada pelo confronto com outros povos. Nesse sentido, Rubiés considera que a literatura de viagens contribuiu decisivamente para uma histórica formação de identidades¹⁴³ que, no Brasil independente, seria apropriada pelos intelectuais do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil (IHGB) na tarefa de construção da identidade nacional. Ao mesmo tempo, observa Torrão Filho, a Europa necessitava de uma imagem de alteridade que lhe permitisse definir sua própria identidade¹⁴⁴. As representações criadas pelos naturalistas em suas viagens pela América constituem parte desse processo.

Viajar pressupõe descrever o "outro", assim podem ser resumidas as implicações que a viagem e seu correlato, a literatura de viagem, tiveram nas concepções de mundo e nos paradigmas que as balizaram a partir da Idade Média.

A exploração marítima, que teve como marco a conquista de Ceuta (1415), com a descoberta do Porto Santo e do Arquipélago da Madeira (1418)¹⁴⁵, durou cerca de trezentos anos e inaugurou a era das viagens científicas com as viagens de circunavegação, que promoviam a imagem dos países que as organizavam por meio de representações visuais e textuais, dos lugares visitados¹⁴⁶. A princípio, as descrições da natureza eram pautadas pelo sentimento do maravilhoso e pela crença cega em seres imaginários. Ainda que a busca de riquezas justificasse as viagens, a apreciação da natureza era em si um prazer que fazia com que essa atividade se bastasse¹⁴⁷. A descoberta era subordinada a um objetivo – o relato de viagem. Todorov esclarece: "ora, o relato de viagem não é, em si mesmo, o ponto de partida, e não somente o ponto de chegada, de uma nova viagem?"¹⁴⁸.

A transição do paradigma marítimo para um período centrado na interiorização das viagens é marcada, na opinião de Pratt, pela expedição de La Condamine à América em 1735. Implicava em uma nova concepção da Europa sobre si mesma e sobre seu modo de se relacionar com outros continentes¹⁴⁹.

A partir de então, com a emergência das formas burguesas de autoridade, a narrativa de viagens passaria a adotar novos paradigmas discursivos que teriam seu pleno desenvolvimento na segunda metade do século XVIII.

Nesse ponto, Rubiés destaca a importância que as viagens e a literatura de viagens tiveram no Iluminismo. Ao promoverem o contato com povos "selvagens ou semicivilizados" e culturas diferentes, estimularam a reflexão sobre temas políticos e culturais expressos em obras de filósofos, como Locke, Rousseau, Voltaire e Kant. Para Rubiés, essa literatura não somente justificou a expansão colonial, como também forneceu uma nova interpretação do mundo dissociada do cristianismo (ainda que dele se valesse em muitas ocasiões) e das tradições clássicas¹⁵⁰.

As viagens ao Novo Mundo e a literatura de viagens que as divulga são sujeitos correlatos e constituem um aparato de ideias e ideologias de onde emergem imagens formadas pelas representações dos naturalistas viajantes que visitaram o Brasil no final do século XVIII a início do XIX. Torrão Filho alerta para o perigo de não se atentar para as formas de produção dos relatos de viagem. Tal desatenção pode levar à reprodução de lugares-comuns desses relatos como se fossem meras descrições objetivas do referente¹⁵¹ e não uma construção permeada de tradições e ideias pré-concebidas. Nesse sentido, a especificidade da literatura de viagens pode ser revelada e, ao buscar uma interpretação do olhar de Saint-Hilaire sobre Goiás, "tentamos uma reconstrução histórica dos textos em seus contextos de produção e leitura"¹⁵².

As viagens exploratórias ao interior dos territórios mobilizaram os naturalistas entre o final do século XVIII a início do século XIX e os impeliram a se engajarem em expedições de caráter cultural (a missão civilizatória) e natural (a pesquisa dos recursos naturais) e a buscarem o auxílio dos governantes ou de companhias comerciais no sentido de obterem patrocínio para essas aventuras científicas.

Em Portugal, a partir da criação da Academia das Ciências de Lisboa (1779), intensificaram-se as expedições de cunho científico destinadas a varrer os quatro cantos do império português, com o propósito de explorar as riquezas naturais de suas colônias de além-mar¹⁵³. Tais viagens, denominadas "filosóficas", foram assim definidas por Ana Lúcia Cruz:

Modelo paradigmático de expedição científica do Iluminismo, a viagem filosófica caracterizava-se pela pretensão enciclopedista

de produzir um conhecimento extensivo e detalhado sobre o território visitado. O levantamento minucioso e exaustivo a que devia proceder o viajante naturalista não se restringia às produções do mundo natural, mas abarcava também a investigação sobre a "natureza humana" dos habitantes autóctones¹⁵⁴.

Observa-se, na citação anterior, que à investigação científica das produções naturais se juntavam as descrições de caráter etnológico que deveriam permeiar a viagem filosófica e seu conseqüente relato.

As viagens filosóficas às colônias portuguesas de além-mar aconteceram quase que simultaneamente e tiveram como exploradores chefes João da Silva Feijó e Joaquim José da Silva (Angola e Cabo Verde), Manuel Galvão da Silva (Moçambique e Goa) e Alexandre Rodrigues Ferreira e Joaquim Velloso de Miranda (América Portuguesa)¹⁵⁵.

A expedição de Alexandre Rodrigues Ferreira percorreu as capitanias do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá entre 1783 e 1792. Reveste-se de aspectos controversos que põem em xeque sua feição mais propriamente científica. A princípio idealizada com um grande aparato que contava com quatro naturalistas, teve seu formato reduzido com drásticos cortes financeiros e materiais e passou a contar apenas com o naturalista-chefe, Alexandre Ferreira¹⁵⁶. Destacam-se nesta viagem os interesses entre Estado e ciência, muitas vezes integrados, mas nem sempre coincidentes. Para Ronald Raminelli, a viagem de Alexandre Rodrigues Ferreira pouco tinha de filosófica. Estava voltada principalmente para "destacar os recursos agrícolas e as condições materiais dos povoados comandados por portugueses"¹⁵⁷. Para o autor, a "concepção utilitária e pouco sistemática da natureza amazônica" revela a preocupação do naturalista em encontrar "possíveis empregos de animais e plantas em favor da agricultura e comércio coloniais" em detrimento dos estudos científicos de plantas e animais. Desse modo, seus escritos afastam-se dos preceitos da história natural, assemelhando-se a relatórios de caráter administrativo¹⁵⁸.

Raminelli reforça o sentido de utilitarismo da expedição de Alexandre Ferreira e a falta de rigor nas descrições da história natural, ao aludir ao fato de que os relatos e os desenhos ficaram em manuscritos por quase um século e o material recolhido, não tendo sido estudado devidamente pelos portugueses, acabou nas mãos dos franceses como butim de guerra. Raminelli destaca também, como prova da falta de austeridade científica do naturalista, o fato de sua expedição ter tido pouca aceitação no meio culto europeu¹⁵⁹. Por fim,

o autor considera a debilidade científica apresentada pela expedição de Alexandre ser devida ao fato de, naquele momento específico, a economia colonial portuguesa passar por uma crise. O interesse do Estado centrava-se em uma reforma de cunho colonial voltada à descoberta do potencial dos produtos naturais do norte brasileiro¹⁶⁰. Angela Domingues esclarece que, na segunda metade do Setecentos, malgrado o esforço da Coroa Portuguesa em empreender o conhecimento sistemático das potencialidades de suas colônias, incentivando o desenvolvimento de uma ciência utilitarista, levada a cabo não somente pelos naturalistas, mas pelos governantes e colonos, os resultados práticos não alcançaram o esperado êxito¹⁶¹. Para a autora, a inabilidade portuguesa em coordenar e aplicar os conhecimentos adquiridos não estaria apenas na instabilidade política gerada pela mudança da corte portuguesa para o Brasil ou em sua política de sigilo¹⁶². Angela Domingues atribui o resultado pouco satisfatório de tão vasto empreendimento às ações da política colonial portuguesa, pautada por soluções empíricas e iniciativas individuais ao sabor da capacidade individual de seus funcionários administrativos e das prioridades do momento¹⁶³.

As viagens exploratórias realizadas pelos naturalistas viajantes evidenciam o papel que as ciências haviam adquirido em meados do século XVIII, tornando-se essenciais na administração do Estado, além de se constituir em sinal distintivo do estágio civilizatório de uma nação. A princípio, realizada por simples coletores, marinheiros ou empregados da colônia, sem formação em história natural, a obtenção de novas espécies (animais, vegetais e minerais) adquire um novo sentido quando naturalistas eminentes passam a integrar viagens intercontinentais e a examinar tudo o que encontram com olhos treinados pela ciência.

Lorelai Kury chama, porém, a atenção para o fato de essas expedições apresentarem algo mais além de objetivos centrados na história natural. No caso de Saint-Hilaire, pode ser dito que eram os interesses do Estado na descoberta de produtos naturais que pudessem ser aclimatados na França, o que significava, grosso modo, a execução de um programa "civilizatório" da natureza¹⁶⁴ que pressupunha uma visão instrumental dessa mesma natureza, influenciando o modo como ela é vista e narrada.

Como se vê, dois fatores importantes impulsionaram as viagens científicas à América: a emergência da história natural, com a taxonomia de Lineu, e a busca de novos mercados fornecedores de matérias primas, fontes potenciais de riquezas. Os países ditos "exóticos" passariam a se relacionar de

novo modo com a Europa, em sua sede expansionista, por meio de uma renovada missão “civilizatória”. Essa relação é sintetizada por Pratt na seguinte passagem:

*Desde cierto punto de vista lo que se cuenta es una historia de europeos que se urbanizam y industrializam y al mismo tiempo se lanzan por el mundo en busca de relaciones de no explotación con la naturaleza, aun cuando en sus centros de poder estén destruyéndolas*¹⁶⁵.

No que concerne às viagens à América, Torrão Filho elucidava: a literatura de viagem deve ser “entendida como parte da constituição de um campo conceitual sobre o Novo Mundo e as suas possíveis analogias e comparações com o Velho Continente, além de uma disputa política entre as potências europeias em torno de seus espaços coloniais”¹⁶⁶.

O interesse do Estado é justamente um dos pontos que diferenciam o naturalista viajante dos demais. Como representante oficial de seu país, ele se move em torno de valores filantrópicos emanados da sociedade culta em busca do bem-estar da humanidade, por meio do estudo da natureza. Sua ação compreende um ímpeto reformador que caracteriza o discurso do naturalista viajante. Comporta ainda um interesse nos produtos coloniais e uma necessidade de demonstração de poder das nações, desta vez, por meio da Ciência. Países como a França buscavam demonstrar seu poder não apenas através das conquistas de guerras, mas também de seus avanços científicos e da imposição de certos valores civilizatórios que incluem modelos de comportamento.

Na tarefa de interpretar o mundo, o relato de viagem é considerado, em época atual, um gênero híbrido. Em seu interior, subsistem tanto um caráter autobiográfico, no qual convivem o autor, o narrador e o personagem, quanto o caráter científico. Tudo isso implica uma seleção e uma hierarquização das possibilidades presentes em cada acontecimento, assim como determina a gramática usada¹⁶⁷. “Seleção” e “hierarquização” pressupõem representações sociais. Nesse sentido, Ana Paula Seco, ao considerar os livros de viagens como produtores de representações sociais e, *ipso facto*, produtores de uma dada realidade que, a partir da leitura e da divulgação é considerada real, assim os classifica:

Os livros de viagens são vistos, portanto, como um gênero próprio, produtor de representações sociais, condicionadas a um tipo de experiência específica, a viagem, e não como sendo exclusivamente um documento histórico, literário, ficcional ou científico, mas muitas vezes reunindo todos estes estilos ao mesmo tempo¹⁶⁸.

No entanto, as semelhanças encontradas nos inúmeros relatos de viagem de final do século XVIII a início do século XIX parecem indicar a existência de estratégias de afirmação de verdades que conferiam a estes relatos um índice de veracidade e favoreciam a aceitação por parte do leitor. Uma delas decorre do caráter autobiográfico do relato de viagem. O dito e o representado, na afirmação de Depetris, por constituírem a mesma coisa, recebem a chancela de autenticidade devido ao caráter documental do testemunho; essa autenticidade, por sua vez, reforça a verdade do componente científico do gênero¹⁶⁹. Essas estratégias de afirmação de verdade empregadas pelo discurso do viajante, de acordo com Flora Süssekind, se alterariam desde as crônicas escritas à época das descobertas marítimas até os relatos dos visitantes estrangeiros da primeira metade do século XIX, ainda que “mantidas algumas como a de se estar falando de algo visto e vivido”¹⁷⁰.

Nesse sentido, Süssekind afirma, ainda que persistam as afirmações presentes nas viagens marítimas de testemunho pessoal e de verdade, as viagens dos naturalistas-viajantes são regidas pela razão científico-comercial. Nelas, predomina um “modo de olhar armado pela História Natural”¹⁷¹ no qual a natureza e as paisagens adquirem um caráter instrumental mesmo que, em raras vezes, o encantamento com o que é visto extrapole o sentido de paisagem “útil”.

O naturalista viajante é um narrador que organiza suas incursões a partir de um roteiro pré-estabelecido. Seus modos de ver estão condicionados por uma necessidade classificatória, guiada por conhecimentos científicos e por uma pretensa objetividade. Trata-se de uma observação interessada, na qual, para Süssekind, ele testa e amplia seus conhecimentos diante do novo¹⁷².

Outro índice de veracidade empregado pelos naturalistas-viajantes, apontado por Süssekind, está na própria escrita, na presteza de uma escrita ao ritmo da viagem¹⁷³. O deslocamento espacial é um aspecto importante que caracteriza o relato de viagem. O relato de uma viagem, baseado na geografia, é “uma escrita em movimento, sempre em tempo presente, que acompanha o percurso da viagem”¹⁷⁴, no entender de Ana Costa.

A geografia “é o fio temático que conecta aventuras, etapas e acontecimentos. Pode-se dizer que a narrativa de viagem é a transformação do mapa em discurso dos elementos do mundo. Mais precisamente, é um discurso cujos principais acontecimentos são os lugares que aparecem no itinerário [...] É uma geografia no sentido da inscrição”¹⁷⁵.

Trata-se de um discurso formulado por estratégias que visam a descrever o "desconhecido", o "diferente". Pode ser que o observador não esteja preparado para o que verá, estabelecendo fronteiras móveis entre mentira, ficção, omissão e verdade¹⁷⁶. Nesse sentido, Karen Lisboa alerta que

[...] a "alteridade" é concebida como um objeto de percepção intercultural, de modo que a apreensão desses fenômenos pelo visitante pode significar a transformação do "estranho" em "conhecido", ampliando o seu horizonte de percepção fornecendo assim elementos para reflexões inéditas à cultura de origem.

Em suma, o relato de viajantes naturalistas europeus sobre o Novo Mundo, no início do século XIX, norteia-se pela ciência do século XVIII, pela "experiência social" do "grupo de origem" do viajante e pela experiência da própria viagem¹⁷⁷.

O discurso do naturalista viajante é resultado de um meticuloso e articulado trabalho de observação e pesquisa que, através de uma escrita-em-trânsito, adquire a exatidão que se requer para o convencimento e a aceitação do público leitor¹⁷⁸. A análise de Potelet¹⁷⁹ considera que o trabalho do naturalista viajante se ampara na descrição das paisagens, avaliada por meio de parâmetros científicos, e na medição do grau de riqueza das terras e de civilidade dos povos. O que cumpria verificar na natureza eram o clima e as temperaturas em diversos momentos do dia, a altura das montanhas, a constituição dos solos, o tipo de vegetação que os revestia, a existência de rios e cursos d'água, suas larguras, profundidades e grau de pureza da água, a qualidade do ar, o azul do céu. Como as cidades eram vistas primeiramente de longe, a primeira coisa que ali constatava era sua implantação e a conformação com o sítio físico. No interior da urbe, verificava a largura e a retidão das ruas, o tamanho das casas e seu aspecto geral, a cobertura de seus telhados com telhas ou folhas de palmeira, a existência de quintais, a presença de monumentos, igrejas e palácios, a quantidade de lojas, os modos de vida da população, a sociabilidade no espaço público, incluindo escravos, mulheres e gente miúda. Todas essas observações serviam à avaliação não só do potencial econômico das riquezas naturais, como do nível de civilização em que se encontravam seus habitantes.

Sobre o modo de descrever esse Novo Mundo, Torrão Filho salienta que o narrador, para conferir "inteligibilidade à alteridade"¹⁸⁰ utiliza certos "procedimentos retóricos que dão inteligibilidade à diferença, tais como a inversão, a comparação, a analogia, a tradução, e pela ênfase na singularidade do descrito, de suas 'maravilhas' e 'curiosidades'¹⁸¹.

Um trabalho subsidiário às pesquisas científicas que motivaram as viagens de exploração dos naturalistas viajantes, a publicação dos diários de viagem que narra as experiências vividas trazia uma importante contribuição para o conhecimento de um país tão pouco explorado, como o Brasil, revelando lugares desconhecidos. A descrição das características geográficas dos lugares, anotando toponímias, corrigindo informações anteriores, aferindo temperaturas, buscando relações entre os diversos elementos da natureza, tal qual preconizado por Humboldt, o conhecimento etnográfico pela anotação de línguas indígenas, a descrição de seus hábitos e características físicas, a coleção de artefatos e, sobretudo, a coleta de animais, plantas e minerais correspondiam ao universo de interesse do naturalista viajante e eram dados a conhecer em suas publicações científicas e em seus relatos de viagem.

A natureza

Analisar a paisagem cujos contornos estariam delineados nos inúmeros relatos de viagem dos naturalistas do final do século XVIII e início do século XIX, os quais convertem a natureza em objeto científico, requer o reconhecimento dos modos de ver e as categorias de apreciação estética que mediavam essa relação entre sujeito e natureza.

"A natureza não é dada diretamente pela percepção, mas é construída historicamente e discursivamente"¹⁸² em um processo que envolve um inventário da natureza determinado pelo saber enciclopédico e que tem seu amplo desenvolvimento com a sistematização da História Natural¹⁸³, em especial, pelos escritos de Humboldt, que cria uma concepção paisagística da botânica¹⁸⁴. Tal concepção embasa-se em um conjunto de valores e modos de ver que instrumentaram o olhar do naturalista viajante em sua apreciação do meio natural e dos seres humanos no período em questão. Esse modo de apreciação da natureza pode ser verificado na representação de Martius (Figura 10) de uma paisagem do rio São Francisco.

Francisco Falcon assinala a passagem da noção de natureza de uma visão tradicional, finalista ou teleológica, para uma nova concepção, terrena e humana, guiada por pressupostos da imanência, da racionalidade e da relação homem-natureza como realidade essencial¹⁸⁵.

Já Luciana de Lima Martins assinala que a abertura da América do Sul aos europeus coincidiu com o aparecimento de um novo discurso sobre a natureza que consiste na medição, mapeamento e em ciências recentes, como a botânica, a geografia e a geologia. Nesse momento, surgia também o interesse artístico pela paisagem¹⁸⁶, dando lugar a uma cultura ao mesmo tempo científica e artística. Isto posto, considera-se que, à época, a natureza do interior dos territórios exercia um verdadeiro fascínio para os naturalistas viajantes. Seu desconhecimento prenunciava uma fonte de riquezas em potencial que podia mobilizar tanto os sentidos como o interesse intelectual desses pesquisadores. Assim, as representações da natureza surgiam em duas dimensões, uma idílica e romântica e outra como potencial de utilização¹⁸⁷.

É preciso considerar a transformação que se opera na ideia de natureza a partir do Iluminismo. Em conformidade com Argan, a natureza como valor a

priori e absoluto, modelo de perfeição clássica e de toda invenção humana é substituída pela ideologia como imagem formada pela mente e passa a ser objeto de pesquisa cognitiva¹⁸⁸.

Ao abandonar a concepção de natureza como algo imutável, o pensamento iluminista passa a considerá-la como “realidade interiorizada que tem na mente todos os seus possíveis desenvolvimentos, mesmo de ordem moral”¹⁸⁹. Essa nova concepção significa um juízo subjetivo diante da natureza e da arte que, por sua vez, define duas posturas do homem frente à realidade: uma mais racional, correspondente à arte neoclássica e outra mais passional, ligada à arte romântica¹⁹⁰. Delas surgem duas categorias de interpretação da natureza – o sublime e o pitoresco.

A subjetividade das sensações na relação entre o pensamento e a natureza tem como marco, em finais do século XVIII, a teoria das cores de Goethe. Argan afirma que, “ao tomar como objeto de pesquisa não a luz, mas a atividade do olho, Goethe lançou uma ponte entre o cientificismo e o subjetivismo romântico”¹⁹¹.

Esse subjetivismo romântico, definido por meio das categorias estéticas de sublime e de pitoresco, teve como principais teóricos Edmund Burke (1729-1797) e Alexander Cozens (c.1717-1786). Burke definiu o sublime como “a mais forte emoção de que o espírito é capaz”¹⁹² e associou-o às ideias de dor por serem mais fortes do que as provenientes do prazer. Para Burke, o grandioso na natureza produz o assombro, estado de alma no qual os movimentos são tomados pelo horror, o que faz com que o objeto de sua apreciação não deixe espaço para mais nada, inclusive para raciocinar sobre ele¹⁹³. Por fim, Burke avalia que os efeitos secundários desse sentimento são a admiração, a reverência e o respeito¹⁹⁴. Neste sentido, o sublime é visionário e angustiado e as sensações que estariam na base desse contato com a natureza, na compreensão de Argan, se desvanecem e se transformam em “vãs ilusões, que impedem de captar as verdades supremas, expressas por sinais ou símbolos arcanos”¹⁹⁵.

O pitoresco foi teorizado pelo pintor e tratadista Alexander Cozens que desejava formar uma escola de paisagistas dentro da pintura inglesa do século XVIII, até então eminentemente retratista¹⁹⁶. Como forma de apreensão do mundo natural, a poética do pitoresco mostra-se perfeitamente adequada às descrições de cenas e paisagens nos relatos de naturalistas viajantes do final do século XVIII a começo do século XIX, por serem portadores, além da razão e

Figura 10. Lagoa das Aves no Rio São Francisco. Fonte: Johann Baptist von Spix e Carl Friedrich Philipp von Martius. *Atlas zur reise in Brasilien*



do conhecimento, de uma sensibilidade que se atribuía ao homem civilizado¹⁹⁷.
No entendimento de Ana Maria Belluzzo,

[...] a visão pitoresca proporciona entendimento mais adequado de aspectos fundamentais da construção da paisagem, equivocadamente atribuídos ao apelo dos lugares sobre o observador. O "mundo exterior" só passa a estimular o artista quando intuído ou percebido através de códigos culturais, sendo sempre oportuno questionar a falsa suposição de que a paisagem brasileira do século XIX possa brotar de "dados imediatos da percepção"¹⁹⁸.

O subjetivismo romântico de finais do século XVIII determinou os rumos de uma apreciação científica permeada pela sensibilidade. A natureza, anteriormente entendida na ciência como sujeita a leis físicas imutáveis, aparecendo na arte como pano de fundo ou alegoria¹⁹⁹, passa a desempenhar o primeiro papel como protagonista da cena. O pitoresco, como categoria estética, promove a associação entre arte e natureza, que passa a ser vista como um "quadro vivo" exercendo sobre a imaginação o mesmo efeito produzido pelos quadros de um museu²⁰⁰. Desenvolvido principalmente na arte do paisagismo, o modelo para uma arte que simula o "natural" tinha como molde o jardim inglês, concebido de forma que se assemelhe a uma pintura. O pitoresco se delinea "sob o impacto da Antiguidade e da paisagem italiana realizada pela pintura de Claude Lorrain e Poussin"²⁰¹. A contradição encerrada no pitoresco repousa, segundo o entendimento de Carolina Depetris, no fato de que, enquanto se nutre de referências pictóricas, simula uma natureza sem referentes. Para Walpole, um dos defensores do pitoresco, um jardim ou uma paisagem modernos são aqueles que ocultam a arte e revelam uma naturalidade²⁰².

"Poética do absoluto, o 'sublime' se contrapõe ao 'pitoresco, poética do relativo". Para Argan, as duas poéticas se complementam e traduzem o grande problema da época, a dificuldade da relação entre indivíduo e coletividade, que marcou a nascente sociedade industrial²⁰³.

Sobre o conceito de paisagem e suas transformações

Ao longo desta tese, a noção de paisagem será fundamental para a análise dos escritos de Saint-Hilaire. A descrição de lugares, uma constante em seu relato, permite acompanhar sua trajetória e situá-lo na geografia de Goiás. Como se pretende discutir em seguida, essa noção prende-se estreitamente à ideia de representação.

A polissemia do conceito de paisagem permite inúmeras abordagens de pesquisa, seja em distintas disciplinas ou dentro de um mesmo campo disciplinar. A filósofa Anne Cauquelin relaciona o conceito de paisagem ao de natureza. A paisagem seria, então, um fragmento de natureza com valência de totalidade²⁰⁴, sendo o *a priori* da visão a moldura, assim como em um quadro, que a recorta e a evidencia. Desse modo, a paisagem seria dada pelas construções mentais produzidas por uma herança cultural de séculos, as quais organizam a percepção sem que tenhamos consciência de seu funcionamento²⁰⁵. Esses modos de percepção seriam possibilitados pelo instrumento da perspectiva, cujo funcionamento é explicado por Cauquelin nas seguintes palavras: "[...] Então, é essa perspectiva, invenção histórica datada, que ocupa o lugar de fundação da realidade sensível. Ela instaura uma ordem cultural na qual se instala imperativamente a percepção"²⁰⁶.

Edvânia Gomes assinala que, para a geografia, os relatos e cartas dos viajantes constituem as primeiras representações a respeito do então considerado "Novo Mundo". As representações plásticas da natureza teriam

surgido no Renascimento. A partir do século XVII, o interesse por sua formalização levou pintores e geômetras à busca de ressaltar-lhe o aspecto, primeiramente selvagem, depois bucólico e nostálgico, mas sempre associando as formas naturais à harmonia²⁰⁷.

A compreensão clássica da natureza, na perspectiva artística, predominou até meados do século XIX, quando foi incrementada por interpretações de cunho científico, sobretudo em função dos avanços da geografia enquanto ciência²⁰⁸.

Para a geografia, o estudo da paisagem tem nas obras de Humboldt o ponto de partida. Seus pensamentos propiciaram a base para o conhecimento científico do mundo natural e incentivaram as primeiras pesquisas no campo da paisagem. Humboldt preconiza um olhar à natureza que seja a um só tempo científico e sensível²⁰⁹. Essa dupla percepção da paisagem como interpretação artística e científica das relações entre o homem e a natureza, ainda que aparentemente inconciliáveis, encontra nos relatos dos naturalistas do século XIX, para os quais a influência de Humboldt é notória, uma interpretação que procura reunir o espírito científico do "Século das Luzes" ao espírito romântico prevalecente na época.

Ana Costa declara que as narrativas de viagem dos naturalistas viajantes que percorreram o Brasil no século XIX procuravam "harmonizar a descrição científica com a experiência estética para reconstituir as paisagens contempladas em sua totalidade, de maneira viva e exata"²¹⁰.

No plano teórico, a geografia, como ciência que se dedica ao estudo da paisagem, no início do século XX, aponta para uma abordagem na perspectiva cultural por geógrafos alemães. A partir dos anos 1920, geógrafos, como Carl Ortwin Sauer, passaram a vê-la através da dicotomia natureza e cultura²¹¹. A paisagem natural seria aquela como se mostrava anteriormente às intervenções humanas. A segunda seria a paisagem transformada pelo homem.

Por outro lado, para Maria Tereza Luchiari, a geografia cultural repudia a visão de paisagem como análise estrita das formas e a visualiza na relação entre forma e conteúdo, materialidade e representação, paisagem e imaginário coletivo²¹². A paisagem como representação, adverte Edvânia Gomes, depende de como é percebida pelo observador, condicionado por filtros fisiológicos, psicológicos, socioculturais e econômicos, assim

como a rememoração e a lembrança recorrente²¹³. Das combinações entre forma e conteúdo, elementos e processos, prossegue Gomes, resulta a representação que é apreendida segundo determinada perspectiva. "O espaço comporta coexistências que nem sempre são capturadas ou valorizadas no recorte da paisagem efetuado, dependente desses filtros, bem como dos interesses que regem as representações"²¹⁴.

No caso das representações de paisagens de Goiás descritas por Saint-Hilaire, é relevante destacar sua atuação como agente de sensibilização e convencimento na reprodução de determinadas imagens que se incorporaram ao imaginário sobre a região²¹⁵. Nesse processo, os interesses que o motivaram nem sempre estão explicitados ou, então, aparecem escamoteados sob a denominação geral de "civilizar os povos".

Pesquisadores como Denis Cosgrove²¹⁶ e Teresa Barata Salgueiro²¹⁷ assinalam que o processo cultural e social de construção da paisagem significa uma nova maneira de perceber, conhecer e agir sobre o ambiente. Tal conceito é de tal complexidade que envolve

[...] (i) as formas visíveis, a composição entre elas e a estrutura espacial; (ii) concepções racionais correspondentes à unidade, coerência e ordem do meio ambiente; (iii) ideias de intervenção humana e controle de forças que modelam e remodelam o espaço²¹⁸.

Por esse entendimento, a apreciação da paisagem como objeto estético e científico resulta na criação de modelos de seleção, apreciação e valorização que permitem avaliar as camadas de significados subjacentes a esse conceito. Vale observar que pesquisadores, como Maria Teresa Luchiari e Edvânia Gomes, introduzem no âmbito da paisagem, a questão das representações, reportando-se a quem com ela interage, por ser também parte responsável por sua construção.

À parte essas considerações, cabe ressaltar que a paisagem também tem implicações no campo da arquitetura e urbanismo. O arquiteto Euler Sandeville Jr., no artigo *Paisagem*, reflete sobre as implicações do conceito no trabalho do arquiteto-urbanista e situa o termo na confluência do espaço e sua visibilidade como sendo, simultaneamente, "espaço de terreno" e "lance de vista", podendo ser ainda a representação plástica de uma cena²¹⁹. Ao discorrer sobre a etimologia da palavra, Sandeville Jr. situa seu nascimento no francês e no português em torno dos séculos XVI e XVII e estabelece uma conexão entre seu significado e o período histórico de seu

aparecimento, determinado pela afirmação dos estados nacionais e sua expansão colonial. Isso implicaria no reconhecimento de um novo olhar que se forma e uma nova percepção possível, orientada pela sensibilidade²²⁰.

Sandeville Jr. alerta para a necessidade de se distinguir a paisagem de sua representação figurativa: isso levaria a uma percepção estática, desvinculando-a de sua natureza processual complexa. Afirma que "paisagem, mais do que espaço observado, trata-se de espaço vivenciado, da sensibilidade das pessoas com seu entorno"²²¹. Nesse sentido, a paisagem deveria ser vista tanto em sua concretude como em sua representação, estendendo-se como o produto da ação histórica dos homens sobre a natureza. Ao tomar a natureza da paisagem como complexa e processual, Sandeville Jr. pondera que o conceito remeteria a métodos de trabalho que não apontam para a decomposição de um todo, mas "para uma totalidade possível de apreender-se apenas em parte, que demanda abordagens de síntese, situando-se muito além de qualquer possibilidade exclusivamente disciplinar"²²².

Já a historiadora e arquiteta Cláudia Damasceno Fonseca observa que a paisagem foi valorizada como objeto de debate e de apreciação estética a partir do século XVIII, associada à pintura de paisagem e ao desenvolvimento da arte dos jardins²²³. Assim, a paisagem seria "visível para quem sabia reconhecê-la", para quem aprendia "a olhar o mundo com os olhos de artistas, como Claude Lorrain, Poussin e Salvatore Rosa, mestres cujas 'composições pitorescas' foram consideradas exemplares"²²⁴.

Autores como Sandeville Jr. e Cláudia Fonseca associam a paisagem com a vivência que vincula o sensível ao intelecto e assinalam o momento específico em que se desenvolveu uma sensibilidade e um modo de apreciação que, para Ana Caquelin, significaria o "nascimento" da paisagem²²⁵.

No próximo capítulo, apresenta-se dados da vida e obra de Saint-Hilaire que permitem situá-lo no rol dos naturalistas viajantes do século XIX, além de fornecerem subsídios para a compreensão da narrativa do naturalista a partir da discussão dos procedimentos retóricos utilizados como meio de suscitar o interesse de seus leitores.

1. PESAVENTO, Sandra. *História e história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 47.

2. FALCON, Francisco José Calazans. *Iluminismo*. São Paulo: Editora Ática, 2002. p. 33.

3. DIAS, Maria Odila. Aspectos da ilustração no Brasil. *Revista do IHGB*, Tomo 278, 1968, p. 106. Disponível em: <<http://www.ihgb.org.br>>. Acesso em: 2 fev. 2017.

4. *Ibid.*, p. 106.

5. HOBBSAWN, Eric J. *A era das revoluções*. Tradução de Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Pencil. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. p. 36-37.

6. *Ibid.*, p. 36.

7. *Ibid.*, p. 71.

8. PRATT, Mary Louise. *Ojos imperiales: literatura de viajes y transculturación*. Tradução de Ofélia Castilho. México: FCE, 2010. p. 36-37.

9. HOBBSAWN, Eric, op. cit., p. 35.

10. *Ibid.*, p. 35.

11. *Ibid.*, p. 45.

12. *Ibid.*, p. 40.

13. NUNES, Benedito. *A visão romântica*. In: GUINSBURG, J. (org). *O Romantismo*. São Paulo: Ed. Perspectiva: 1978 (2. ed., 1985, p. 52).

14. PRATT, Mary Louise, op. cit., p. 43-44.

15. *Ibid.*, p. 44-46.

16. *Ibid.*, p. 55.

17. LIMA, Valéria Alves Esteves. *A viagem pitoresca e histórica de Debret: por uma nova leitura*. 2003. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 2003. p. 179-180. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000290010&opt=3>>. Acesso em: 12 mar. 2015.

18. Georges Léopold Chrétien Frédéric Dagobert Cuvier, barão Georges Cuvier (1769-1832), foi um naturalista francês que elaborou renovadas teorias sobre a classificação das espécies e influenciou seus contemporâneos que representaram uma transição da ciência biológica do século XVIII para as teorias evolutivas de Darwin. Lançou os fundamentos do que se tornou conhecido como paleontologia. Disponível em: <<http://www.gutenberg.org>>. Acesso em: 14 jul. 2015.

19. OUTRAM, Dorindaapud MARTINS, Luciana de Lima. *O Rio de Janeiro dos viajantes: o olhar britânico (1800-1850)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001. p. 46.

20. GARCIA, Margarita Eva Rodriguez. Longe do gabinete: viagens científicas à América portuguesa e espanhola (1777-1792) e representação da natureza. *Revista Digital de História e Arqueologia desde El Caribe colombiano*. Barranquilla, Colômbia: enero-abril 2015, p. 166. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=85536228007>>. Acesso em: 17 jan. 2016.

21. BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. *O Brasil dos viajantes*. São Paulo: Edição Metalivros / Fundação Odebrecht, 1994, v. 2, p. 9.

22. AGUIAR, José Otávio; SILVA, Víctor Rafael Li-meira da. Entre o gabinete e a viagem de campo: Alfred Russel Wallace e suas concepções científicas. *Igualtária: Revista do Curso de História da Estácio*, n. 2. Belo Horizonte: 2013, p. 5. Disponível em: <<http://revistaadmmade.estacio.br/index.php/historiabh/article/viewArticle/884>>. Acesso em: 20 jan. 2016.

23. *Ibid.*, p. 8.

24. POTELET, Jeanine. *Le Brésil vu par les voyageurs et les marins français 1816-1840*. Paris: L'Harmattan, 1993, p. 224

25. CALDWELL, Roy et al. *História do pensamento evolutivo*. Museu de Paleontologia da Universidade da Califórnia (UCMP) e o National Center for Science Education (Centro Nacional dos EUA para Ensino das Ciências). Disponível em: <<http://www.ib.usp.br/evo-site/history/oldearth.shtml>>. Acesso em: 2 ago. 2016.

26. LINDO, Luiz Antonio. América dividida entre Gabriel Soares de Souza e Cornelius De Pauw. *Cadernos PROLAM/USP*, Ano 11, v. 2, 2012, p. 38. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/prolam/article/view/82503/108507>>. Acesso em: 11 ago. 2016.

27. GERBI, Antonello. *O Novo Mundo: história de uma polêmica 1750-1900*. Tradução de Bernardo Joffily. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 59.

28. *Ibid.*, p. 57.

29. *Ibid.*, p. 39.

30. *Ibid.*, p. 41.

31. *Ibid.*, p. 58.

32. AGUIAR, José Otávio; SILVA, Víctor Rafael Li-

meira da, op. cit., p. 9.

33. GERBI, Antonello, op. cit., p. 138.

34. AGUIAR, José Otávio; SILVA, Víctor Rafael Li-meira da, op. cit., p. 8.

35. LINDO, Luiz Antonio, op. cit., p. 37.

36. GERBI, Antonello, op. cit., p. 67.

37. *Ibid.*, p. 50-51.

38. LISBOA, Karen Macknow. A Nova Atlântida de Spix e Martius: natureza e civilização na viagem pelo Brasil (1817-1820). São Paulo: Ed. Hucitec, 1997. p.113.

39. *Ibid.*, p. 305.

40. *Ibid.*, p. 151.

41. *Ibid.*, p. 254.

42. DUROZOI, Gérard; ROUSSEL, André. *Dicionário de filosofia*. Tradução de Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papirus, 1993. p. 216-217.

43. *Ibid.*, p. 316-317.

44. *Ibid.*, p. 133.

45. *Ibid.*, p. 310-311.

46. *Ibid.*, p. 310-311.

47. HUMBOLDT, Alexander von apud GERBI, Antonello. Op. cit. p. 310.

48. CARTA de Joseph Philippe Deleuze a Sain-

t-Hilaire. Muséum National de Histoire Naturelle (Paris). Localizado na Bibliothèque de Botanique, Ms cry 501/411-413.

49. COSTA, Wilma Peres. Narrativas de viagem no Brasil do século XIX, formação do Estado e trajetória intelectual. In: RIDENTI, Marcelo; BASTOS, Elide Rugai; ROLAND, Denis (orgs). *Intelectuais e Estado*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

50. GERBI, Antonello, op. cit., p. 315.

51. *Ibid.*, p. 316.

52. POTELET, Jeanine, op. cit., p. 280.

53. LISBOA, Karen Macknow, op. cit., p. 17.

54. *Ibid.*, p. 143.

55. POTELET, Jeanine, op. cit., p. 280.

56. SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Voyage dans l'intérieur du Brésil*. Troisième Partie. Voyage aux sources du Rio de S. Francisco et dans la province de Goyaz, op. cit., T. II, p. 84. Disponível em: <www.gallica.bnf.fr>. Acesso em: 4 out. 2014.

57. ELIAS, Norbert. *O Processo civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990. p. 23.

58. *Ibid.*, p. 23.

59. FALCON, Francisco José Calazans. *Iluminismo*. São Paulo: Editora Ática, 2002. p. 60.

60. ELIAS, Norbert, op. cit., p. 57.

61. *Ibid.*, p. 62.

62. KURY, Lorelai. *Histoire naturelle et voyages*

scientifiques (1780-1830). Paris: L'Harmattan, 2001. p.229.

63. ELIAS, Norbert, op. cit., p. 64.

64. *Ibid.*, p. 64.

65. KURY, Lorelai. *Histoire naturelle et voyages scientifiques (1780-1830)*. Paris. Op. cit., p. 193. Ser civilizado é uma condição manifesta pelos modos de um povo, por suas realizações artísticas e literárias, por suas instituições políticas, mas igualmente por sua capacidade de dominar a natureza (tradução nossa).

66. GERBI, op. cit., p. 132.

67. MIRANDA, Luiz Francisco Albuquerque de. *Viajantes do início do século XIX e a representação do sertão brasileiro*. In: X SIMPÓSIO INTERNACIONAL PROCESSO CIVILIZADOR. Campinas, SP, 2007, p. 1-3. Disponível em: <http://www.uel.br/grupoestudo/processosocivilizadores/portugues/siteanais/anais10/artigos_pdf/LUIZ_FRANCISCO_ALBUQUERQUE_-DE_-MIRANDA.pdf>. Acesso em: 15 maio 2014.

68. *Ibid.*, p. 3.

69. PRATT, Mary Louise, op. cit., p. 146-147. 70. KURY, Lorelai. *Histoire naturelle et voyages scientifiques (1780-1830)*. Op. cit., p. 22.

71. *Ibid.*, p. 22.

72. TORRÃO FILHO, Amílcar. Os nomes de Tamará: retratos da cidade luso-brasileira na literatura de viagem de inícios do século XIX. *Cad. Pesq. Cdhis*. Uberlândia, v. 27, n. 2, jul./dez. de 2014 e v. 28, n. 1, jan./jun. de 2015, p. 137-138. Disponível

em: <http://www.academia.edu/19874335/os_os_nomes_de_tamara_retratos_da_cidade_lusobrasileira_na_literatura_de_viagem_sw_in%ADcios_do_s%C3%A9culo_XIX>. Acesso em: 17 jan. 2016.

73. TORRÃO FILHO, Amílcar. *A Arquitetura da alteridade*. Op. cit., p. 113-117.

74. Ibid., p. 198.

75. KURY, Lorelai. *Histoire naturelle et voyages scientifiques (1780-1830)*. Op. cit., p. 102.

76. Idem. Homens de ciência no Brasil: impérios coloniais e circulação de informações (1780-1810). *História, Ciências, Saúde. Manguinhos*, v. 11 (suplement1): 109-29, 2004, p. 111. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702004000400006>. Acesso em: 17 abr. 2016.

77. Ibid., p. 117-118.

78. Ibid., p. 117-118.

79. ABREU, Jean Luiz Neves. *O memorialismo e a produção do conhecimento sobre o território brasileiro: perspectivas para uma historiografia das ciências*. In: MATA, Sérgio Ricardo da; MOLLO, Helena Miranda; VARELLA, Flávia Florentino (orgs.). In: SEMINÁRIO NACIONAL DE HISTÓRIA DA HISTORIOGRAFIA, 2., 2008, Ouro Preto. *Caderno de resumos & Anais do II Seminário Nacional de História da Historiografia - A dinâmica do historicismo: tradições historiográficas modernas*. Ouro Preto: EdUFOP, 2008, p. 1. Disponível em: <<http://www.seminariodehistoria.ufop.br/seminariodehistoria2008/dr/Jean.pdf>>. Acesso em: 17 abr. 2016.

80. MUNTEAL FILHO, Oswaldo. Acadêmicos e letrados na crise do Antigo Regime luso-brasileiro –

Século XVIII. *Revista Intellectus*, Ano 5, v. 1. Rio de Janeiro: 2006, p. 4. Disponível em: <<http://www2.uerj.br/~intellectus>>. Acesso em: 6 set. 2016.

81. Ibid., p. 11-16.

82. DIAS, op. cit., p. 152-153.

83. Ibid., p. 112.

84. Ibid., p. 113.

85. Ibid., p. 114.

86. BRIGOLA, João Carlos. O colecionismo científico em Portugal nos finais do Antigo Regime (1768-1808). In: KURY, Lorelai; GESTEIRA, Heloísa (orgs.). *Ensaio de história das ciências no Brasil: das luzes à nação independente*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012. p. 136-139. Disponível em: <<https://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/8326>>. Acesso em: 15 mai. 2016.

87. Ibid., p. 140-142.

88. Ibid., p. 147.

89. Ibid., p. 146.

90. KURY, Lorelai. *Histoire naturelle et voyages scientifiques (1780-1830)*. Op. cit., p. 37. "A ciência geral que identifica o homem com a natureza, como o conhecimento e a pesquisa de tudo que existe no globo e em suas entranhas" (tradução nossa).

91. BELLUZZO, Ana Maria, op. cit., v. 2, p. 113.

92. Ibid., p. 9.

93. LISBOA, Karen Macknow. *A Nova Atlântida de*

Spix e Martius: natureza e civilização na viagem pelo Brasil (1817-1820). São Paulo: Ed. Hucitec, 1997. p.68.

94. BELLUZZO, Ana Maria, op. cit., v. 2, p. 9.

95. LISBOA, Karen Marcknow, op. cit., p. 67-68.

96. PRATT, Mary Louise, op. cit., p. 62.

97. Ibid., p. 64-65.

98. Ibid., p. 64-65.

99. Ibid., p. 69.

100. Ibid., p. 71.

101. Ibid., p. 84.

102. BELLUZZO, Ana Maria, op. cit., v. 2, p. 21.

103. NICOLSON, Malcon. Alexander Von Humboldt and the geography of vegetation. In: CUNNINGHAM, Andrew; JARDINE, Nicholas (editors). *Romanticism and the sciences*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990. p. 169.

104. Ibid., p. 180.

105. PRATT, Mary Louise, op. cit., p. 229-230.

106. Ibid., p. 238-239.

107. Ibid., p. 241.

108. Friedrich Wilhelm Henrich Alexander von Humboldt, barão de Humboldt (1769-1859).

109. BELLUZZO, Ana Maria, op. cit., v. 2, p. 22.

110. Ibid., v. 2, p. 22.

111. KURY, Lorelai. Viajantes naturalistas no Brasil oitocentista. *História, Ciências, Saúde*, v. VIII (suplemento), p. 870. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010459702001000500004&script=sci_arttext>. Acesso em : 15 maio 2014.

112. PRATT, Mary Louise, op. cit., p. 117.

113. Ibid., p. 76.

114. KURY, Lorelai. *Histoire naturelle et voyages scientifiques (1780-1830)*. Op. cit., p. 109

115. POTELET, op. cit., p. 57.

116. Ibid., p. 58.

117. KURY, op. cit., p. 219.

118. Ibid., p. 24-25.

119. RAMINELLI, Ronald. Ciência e colonização – Viagem de Alexandre Rodrigues Ferreira. *Revista Tempo*, n. 6, Rio de Janeiro: 1997, p. 2. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_livres/artg6-10.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2016.

120. KURY, Lorelai. *Histoire naturelle et voyages scientifiques (1780-1830)*. Op. cit., p. 38.

121. POTELET, Jeanine, op. cit., p. 223.

122. KURY, Lorelai, op. cit., p. 19.

123. PRATT, Mary Louise, op. cit., p. 146-147.

124. KURY, Lorelai. Auguste de Saint-Hilaire, um viajante exemplar. *Intellectus*, v. 2., n. 1. Rio de Janeiro: 2003, p. 2. Disponível em: <<http://www.intellectus.uerj.br/Tex>

tos/ano2n1/Texto%20de%20%20lorelay%20kury.pdf>. Acesso em: 5 dez. 2014.

125. *Ibid.*, p. 111.

126. PEREIRA, Magnus Roberto de Mello; CRUZ, Ana Lúcia Barbalho da. *O viajante instruído: os manuais portugueses do Iluminismo sobre método de recolher, preparar, remeter, e conservar produtos naturais*.p.243. Disponível em: <<http://www.humanas.ufpr.br/portal/cedope/files/2011/12/O-viajante-instru%C3%ADdo-Magnus-R.-de-M.-Pereira-Ana-L%C3%BAcia-R.-B.-da-Cruz.pdf>>. Acesso em: 15 maio 2014.

127. *Ibid.*, p. 243.

128. KURY, Lorelai. *Histoire naturelle et voyages scientifiques (1780-1830)*. Op. cit.,p.133.

129. *Instruction pour les Voyageurs et pour les Employés dans les Colonies sur La maniere de recueillir, de conserver et d'envoyer les objets d'Histoire Naturelle*. Paris: Imprimerie de A. Belin, 1824.

130. KURY, Lorelai. *Histoire naturelle et voyages scientifiques (1780-1830)*. Op. cit., p. 133.

131. TORRÃO FILHO, Amílcar. *A Arquitetura da alteridade: a cidade luso-brasileira na literatura de viagem (1783-1845)*. Op. cit., p. 162.

132. *Ibid.*, p. 136.

133. *Ibid.*, p. 165.

134. TORRÃO FILHO, Amílcar. Imago Mundi: as instruções de viagem como educação do olhar e revelação de mundo, século XVIII e XIX. *História*, Franca, v. 34, n. 2, p. 286-309, dec. 2015, p. 301. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&t&pids010190742015000200286&1ng=en&nrm=iso&t1ng=pt>. Acesso em: 17 jan. 2016.

135. *Ibid.*, p. 7.

136. *Ibid.*, p. 19.

137. *Ibid.*, p. 20-21.

138. *Ibid.*, p. 22.

139. *Ibid.*, p. 25.

140. CRISTOVÃO, Fernando. O mito do "novo mundo" na literatura de viagens. *Revista USP*, São Paulo, n. 41, p. 188-197, março/maio 1999, p. 190. Disponível em: <<http://www.usp.br/revistasusp/41/14-fernando.pdf>>. Acesso em: 15 maio 2014.

141. RUBIÉS, Joan-Pau. Travel writing as a genre: facts, fictions and the invention of a scientific discourse in early modern Europe. *Journeys*, v. 1, Issues ½, Londres: 2009, p. 10. Disponível em: <https://www.academia.edu/838114/Travel_writing_as_a_genre_facts_fictions_and_the_invention_of_a_scientific_discourse_in_early_modern_Europe?auto=download>. Acesso em: 12 mar. 2016.

142. "É em 1503, no NovusOrbis de Américo Vespúcio, que aparece a designação 'Mundo Novo' aplicada à América". Cf. CRISTOVÃO. Op. cit. p. 191.

143. *Ibid.*, p. 6.

144. TORRÃO FILHO, Amílcar. *A Arquitetura da Alteridade: a cidade luso-brasileira na literatura de viagem (1783-1845)*. Op. cit., p. 55.

145. CRISTOVÃO, op. cit., p. 189.

146. BELLUZZO, op. cit., v. 2, p. 82.

147. TODOROV, Tzvetan. A conquista da América: a questão do outro. Tradução de Beatriz Perrone Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 1993, p. 12.

148. *Ibid.*, p. 13.

149. PRATT, Mary Louise, op. cit., p. 49.

150. RUBIÉS, Joan-Pau, op. cit., p. 27.

151. TORRÃO FILHO, Amílcar. *A Arquitetura da alteridade*. Op. cit., p. 58.

152. RUBIÉS, op. cit., p. 10.

153. PEREIRA, Magnus Roberto de Mello; CRUZ, Ana Lúcia Rocha Barbalho da. *O viajante instruído: os manuais portugueses do Iluminismo sobre métodos de recolher, preparar, remeter, e conservar produtos naturais*. Temas setecentistas, p. 242. Disponível em: <<http://www.humanas.ufpr.br/portal/cedope/files/2011/12/O-viajante-instru%C3%ADdo-Magnus-R.-de-M.-Pereira-Ana-L%C3%BAcia-R.-B.-da-Cruz.pdf>>. Acesso em 15 maio 2014.

154. *Ibid.*, p. 242.

155. MUNTEAL, Oswaldo, op. cit. p. 14.

156. RAMINELLI, Ronald, op. cit., p. 3-4.

157. *Ibid.*, p. 5.

158. *Ibid.*, p. 13.

159. *Ibid.*, p. 7.

160. *Ibid.*, p. 8.

161. DOMINGUES, Angela. Para um melhor conhecimento dos domínios coloniais: a constituição de redes de informação no Império português em finais do Setecentos. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. VIII (suplemento), 823-38, 2001, p. 825-829. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010459702001000500002&1ng=en&nrm=iso>. Acesso em: 12 mar. 2017.

162. *Ibid.*, p. 833.

163. *Ibid.*, p. 834.

164. KURY, Lorelai. *Histoire naturelle et voyages scientifiques (1780-1830)*. Op. cit., p. 162.

165. *Ibid.*, p. 64-65.

166. TORRÃO FILHO, Amílcar. *A Arquitetura da alteridade: a cidade luso-brasileira na literatura de viagem (1783-1845)*. Op. cit., p. 117.

167. DEPETRIS, Carolina. *Viajar em 1832: empresa ilustrada o gesta romântica?*México: Península, v. VII, n. 1, primavera de 2012, p. 45-46.

168. SECO, Ana Paula. Um olhar sobre a educação na colônia: os viajantes estrangeiros. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS: HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL, 7., 2006,Campinas: Unicamp, julho de 2006. p. 4-5. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario7/trabalhos/A/Ana20%20paula%20seco.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2014.

169. DEPETRIS, Carolina, op. cit., p. 45-46.

170. SÜSSEKIND, Flora. O Brasil não é longe daqui:

o narrador, a viagem. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 129.

171. *Ibid.*, p. 129

172. *Ibid.*, pp. 110-111.

173. *Ibid.*, p. 144.

174. COSTA, Ana Luiza Martins. O Olhar do viajante. In: LEITE, Sebastião Uchoa (org.). Olhar o Brasil. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n. 29/2001. Rio de Janeiro, p. 46.

175. LITVAK, Lily apud COSTA, Ana Luiza Martins. *El ajedrez de estrellas*: crônica de viajeros españoles del siglo XIX por países exóticos (1800, 1913). Barcelona: Editorial Laia, 1987. p. 225.

176. LISBOA, Karen Macknow. *A Nova Atlântida de Spix e Martius: natureza e civilização na viagem pelo Brasil (1817-1820)*. Op. cit., p. 46.

177. *Ibid.*, p. 47.

178. SÜSSEKIND, Flora, op. cit., p. 143.

179. POTELET, Jeanine, op. cit., p. 58.

180. TORRÃO FILHO, Amílcar. *A Arquitetura da alteridade*: a cidade luso-brasileira na literatura de viagem (1783-1845). Op. cit., p. 57.

181. *Ibid.*, p. 54.

182. STEPAN, Nancy Leys apud TORRÃO FILHO, Amílcar. *A Arquitetura da alteridade*: a cidade luso-brasileira na literatura de viagem (1783-1845). Op. cit. p. 129.

183. BELLUZZO, Ana Maria, op. cit., v. 2, p. 9.

184. *Ibid.*, p. 21.

185. FALCON, Francisco José Calazans. *Iluminismo*. São Paulo: Editora Ática, 2002. p. 33.

186. MARTINS, Luciana de Lima. *O Rio de Janeiro dos Viajantes*: o olhar britânico (1800-1850). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001. p. 16.

187. GARCIA, Ledonias. *Goyaz, uma província do sertão*. Goiânia: Cênone Editorial/Editora PUC Goiás, 2010. p. 65.

188. ARGAN, Giulio Carlo. *Arte moderna*. Tradução de Denise Bottmann e Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 12.

189. *Ibid.*, p. 17.

190. *Ibid.*, p. 17.

191. *Ibid.*, p. 18-19.

192. BURKE, Edmund. *Uma investigação filosófica sobre a origem de nossas ideias do sublime e do belo*. Tradução de Enid Abreu. 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013. p. 59.

193. *Ibid.*, p. 81.

194. *Ibid.*, p. 81.

195. ARGAN, Giulio Carlo, op. cit., p. 20.

196. *Ibid.*, p. 18.

197. NAXARA, Márcia. Natureza e civilização: sensibilidades românticas em representações do Brasil no século XIX. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (orgs). *Memória e (res)sentimento*: indaga-

ções sobre uma questão sensível. 2. ed. Campinas – SP: Editora da Unicamp, 2004. p. 432.

198. BELLUZZO, Ana Maria, op. cit. p. 19.

199. DEPETRIS, Carolina. *Arte y ciencia en el viaje pintoresco de Frédéric de Waldeck*. México: Península, v. IV, n. 2, otoño de 2009, p. 15.

200. DEPETRIS, Carolina. *Arte y ciencia en El viaje pintoresco de Frédéric de Waldeck*. México: Península, v. IV, n. 2, otoño de 2009, p. 15.

201. BELLUZZO, Ana Maria, op. cit., p. 18.

202. DEPETRIS, Carolina. *Arte y ciencia en el viaje pintoresco de Frédéric de Waldeck*. Op. cit. p. 16.

203. *Ibid.*, p. 20

204. CAQUELIN, Anne. *A invenção da paisagem*. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Martins, 2007. p. 138.

205. *Ibid.*, p. 139, 142.

206. *Ibid.*, p. 114.

207. GOMES, Edvânia Torres Aguiar. Natureza e cultura: representações na paisagem. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). *Paisagem, imaginário e espaço*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001. p. 58-59.

208. CHEMIN, Marcelo. *Constituição fisionômica e identidade visual em espaços de paisagens*: um estudo de caso múltiplo em cidades turísticas do litoral do Paraná. Curitiba.2011. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal do Paraná, 2011. p. 24. Disponível em: <<http://dspace.c3sl>

ufpr.br/dspace/handle/1884/284/browse?value=Chemin%2+Marcelo&type=author>. Acesso em: 2 ago. 2013.

209. GOMES, Edvânia, op. cit., p. 65.

210. COSTA, Ana Luiza Martins. O Olhar do viajante. In: LEITE, Sebastião Uchoa (org.). Olhar o Brasil. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n. 29/2001. Rio de Janeiro, p. 58.

211. RIBEIRO, Rafael Winter. *Paisagem cultural e patrimônio*. Rio de Janeiro: IPHAN/COPEDOC, 2007. p. 19.

212. LUCHIARI, Maria Tereza Duarte Paes. A (re)significação da paisagem no período contemporâneo. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). *Paisagem, imaginário e espaço*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001. p. 16.

213. GOMES, Edvânia, op. cit., p. 56.

214. *Ibid.*, p. 56.

215. *Ibid.*, p. 57.

216. COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORREA, Roberto L.; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1998b. p. 92-123.

217. SALGUEIRO, Teresa Barata. *Paisagem e Geografia*. Finisterra, v. XXXVI, n. 72. Lisboa : 2001, p. 37-53.

218. CHEMIN, Marcelo, op. cit., p. 20-21.

219. SANDEVILLE JR., Euler. Paisagem. *Paisagem e ambiente*, n. 20, São Paulo, 2005, p.

50. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/paam/article/download/40228/43094>>. Acesso em: 15 maio 2014.

220. *Ibid.*, p. 52.

225. *Ibid.*, p. 53.

226. *Ibid.*, p. 55.

227. FONSECA, Cláudia Damasceno. *Arraiais e vilas d'el rei: espaço e poder nas Minas setecentistas*. Tradução de Maria Juliana Gambogi Teixeira, Cláudia Damasceno Fonseca. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011. p. 540.

228. *Ibid.*, p. 547.

229. CAQUELIN, Anne, *op. cit.*, p. 78-79.



3

**Saint Hilaire,
viajante
exemplar e
multifacetado**

"Escrevia sempre sem sombra de ênfase nem pedantismo. A propósito das suas Lições de morfologia vegetal, escreveu Payer, citado pelo Sr. Tobias Monteiro: 'Um dos característicos da obra de Saint-Hilaire é ser exposta com tanta clareza e simplicidade que a profundidade do julgamento parece apenas bom senso". Manuel Bandeira, 2006, 203



A obra, a viagem

Augustin François César Provensal de Saint-Hilaire era o seu nome de batismo. Nasceu em 4 de outubro de 1779, em Orléans, França. Estudou em colégio de beneditinos. Quando adolescente, trabalhou no comércio em Hamburgo, Alemanha, mas retornou à França para estudar ciências naturais com os botânicos A. L. de Jussieu, L. Cl. Richard e R. Desfontaines¹. Seu conhecimento da língua alemã o colocou em contato com a obra de viajantes alemães que descreveram o Brasil, tendo se tornado, inclusive, amigo de Charles-Sigismund Kunth, colaborador de Humboldt. A amizade de Kunth, que lhe apresentou a obra de Humboldt, foi fundamental em sua escolha pela botânica². Pertencia à nobreza rural francesa e os valores da ética burguesa e da etiqueta aristocrática foram elementos fundamentais em sua educação moral, o que iria se evidenciar quando do confronto com a ética da sobrevivência dos habitantes pobres de Goiás³.

O ano de 1816 marca a data de chegada de Saint-Hilaire ao país. À época, contava com 37 anos, era instruído, religioso e monarquista, conhecido por seus trabalhos em história natural e fisiologia das plantas. O Brasil, recém-saído da condição de colônia, fazia parte do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves. Suas regiões administrativas eram ainda chamadas de capitânias, o que permaneceu até 1822 quando, com a Independência, passaram a ser

Figura 11. Retrato de Auguste de Saint-Hilaire. Disponível em: [HTTP://www.google.com.br/url?sa+i&rct+j&q+&esrc+&source&cd+&cad+rja&uact+84ved+hUKewjBqJKq94PTahVBF5AKHfhcDIVQJ-rwlBw7url+http%3a%2F%2...](http://www.google.com.br/url?sa=i&rct=j&q=&esrc=&source=cd+&cad+rja&uact+84ved+hUKewjBqJKq94PTahVBF5AKHfhcDIVQJ-rwlBw7url+http%3a%2F%2...)

denominadas províncias. O naturalista viajante Saint Hilaire passou por Goiás quando ainda se denominava capitania, mas, como a publicação da narrativa de viagem sobre Goiás ocorreu somente em 1848, o autor passou a designá-la província, termo adotado, ao longo desta pesquisa, para se referir a Goiás.

Antes de partir para a análise da narrativa de Saint-Hilaire sobre Goiás, é necessário conhecer as questões relacionadas às viagens de pesquisa e exploração em curso na Europa e a situação política do Brasil no momento em que o naturalista aqui aportou.

Das últimas décadas do século XVIII em diante, com o enfraquecimento dos impérios português e espanhol e, devido à nova ordem instalada pelo sistema econômico mundial dominante, as respectivas administrações desses impérios obrigaram-lhes a dar início a um gradativo processo de extinção de suas políticas exclusivistas. Foi autorizado o acesso de estrangeiros a seus territórios coloniais, o que possibilitou, por conseguinte, as primeiras viagens de cunho científico realizadas por estrangeiros.

Quando Saint-Hilaire chegou ao Brasil, achavam-se em curso mudanças introduzidas pelo Reformismo Ilustrado luso-brasileiro. Para André Nicácio Lima, essa disposição, cujo marco temporal é por volta de 1750, foi a primeira manifestação da crise sócio-política da colonização. A partir de 1770, aportes econômicos e técnico-científicos, em detrimento dos sociais e políticos, passam a caracterizá-la.

A presença da corte portuguesa no Brasil a partir de 1808 fortaleceu as medidas que vinham sendo implantadas com o Reformismo Ilustrado. Tratava-se basicamente da formulação de políticas voltadas para o progresso material, assim como para a racionalização político-administrativa e disputa por mercados e territórios⁴. Tais transformações iriam encontrar um campo fértil entre os viajantes estrangeiros, convocados a participar do processo e que não se furtavam a discutir e aconselhar seus interlocutores, desde governadores a párocos do interior, em busca de soluções à crise que então se configurava⁵.

A entrada dos franceses no Brasil ocorre quando a França reata relações diplomáticas com Portugal em 1814, uma vez resolvidas as questões relativas às invasões napoleônicas e à tomada da Guiana Francesa. A partir dessa época, assiste-se ao surgimento de uma série de contatos entre os dois governos, nos quais os franceses manifestam interesse em promover o intercâmbio entre França e Brasil. A propósito dessa aproximação, o argumento

era de que a França avançara industrialmente e se achava em condições de colaborar com a emancipação das colônias e aprimorar o comércio internacional⁶. A embaixada diplomática do Duque de Luxemburgo em 1816 reafirmava que o Brasil poderia ser um grande país. A condição necessária seria o estabelecimento de bases para o comércio e o relacionamento com os países mais desenvolvidos da Europa. Para se efetivar ações de incentivo ao comércio era necessário conhecer os modos e costumes do povo e explorar os produtos naturais brasileiros⁷.

É então que os portos brasileiros são abertos para receber os pesquisadores franceses que finalmente poderiam conhecer o país e suas riquezas naturais. Carmen Palazzo lembra que os primeiros franceses conhecidos que estiveram no Brasil e deixaram escritos sobre suas viagens foram André Thevet e Jean de Léry. Thevet e Léry chegaram ao Rio de Janeiro com Nicolau Durand de Villegagnon para fundar a "França Antártica". Thevet escreveu *Les Singularitez de la France Antarctique, autrement Nommée Amerique & de plusieurs Terres & Isles Decouvertes*, publicada pela primeira vez em 1557 e Léry produziu a *Histoire d'un Voyage Fait en la Terre du Bresil, autrement dite de l'Amerique*, cuja primeira edição data de 1558⁸. Depois de 1808, chegaram cientistas, como Auguste de Saint-Hilaire, cronistas, como Ferdinand Denis e artistas acadêmicos que, posteriormente, ficariam conhecidos pela controversa denominação "Missão Francesa".

Saint-Hilaire viaja ao Brasil na comitiva do Duque de Luxemburgo, mas não o acompanha em sua missão diplomática destinada a resolver a questão da Guiana Francesa. O naturalista viajante realiza solitariamente, pois não fazia parte de nenhuma comitiva científica, uma viagem de pesquisas científicas ao centro-sul do país. A julgar pela correspondência trocada com o amigo Deleuze⁹, essa viagem deveria durar seis meses, mas, ao contrário do que era previsto, estendeu-se por seis anos. Chegou ao país determinado, sonhando em se igualar aos grandes exploradores do século precedente. Era ordeiro, metódico, de uma exatidão minuciosa, qualidades que, por serem adequadas a um pesquisador, posteriormente, vão refletir em seus trabalhos. A seu respeito, a Brasileira¹⁰ relata que

[...] não foi um amador que veio ao Brasil, Saint-Hilaire conhecia profundamente a literatura científica e de viagens da época e os procedimentos práticos do trabalho de um naturalista, tais como noções básicas de agricultura, confecção de herbários, transporte de vegetais e, principalmente, dissecação de plantas, a fim de descobrir seus órgãos, por menores ou mais escondidos que estivessem.

Embora tenha sido recebido no Brasil como viajante “oficial” e recebido uma pensão anual do governo francês, o engajamento de Saint-Hilaire em sua missão se dá por meio de diligências particulares feitas junto ao duque de Luxemburgo, amigo de sua família. Nesse ínterim, o naturalista envia correspondência ao Ministro do Interior do governo francês relatando suas intenções de realizar viagem de pesquisa ao Brasil. As autoridades francesas submetem seu requerimento ao *Muséum National d'Histoire Naturelle* de Paris, cujos professores aprovam a indicação. Também declaram ao governo que Saint-Hilaire possuía capacidade para reconhecer os produtos naturais e prepará-los, sendo que suas publicações em botânica influíram nessa avaliação¹¹.

Enquanto permanece no Brasil, o naturalista mantém comunicação com o *Muséum National d'Histoire Naturelle* de Paris e é nomeado correspondente da Academia de Ciências. O resumo de sua viagem em números revela uma empreitada fabulosa para um cientista que viajava praticamente sozinho: 2500 léguas francesas (cerca de 15000 quilômetros), 30 mil amostras das quais 7000 espécies de plantas, 2000 pássaros, 16000 insetos, 129 quadrúpedes, entre répteis e outros animais. Nos seis anos que permanece no Brasil, Saint-Hilaire percorre o Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo, Goiás, São Paulo, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Província Cisplatina (à época sob dominação portuguesa). Em 1822, após seu retorno à França, Saint-Hilaire passa a organizar suas coleções e anotações de viagem e apresenta à *Académie Royale des Sciences* de Paris um resumo de suas viagens ao Brasil denominado *Aperçu d'un voyage dans l'intérieur du Brésil*¹². Esse trabalho abre-lhe as portas da Academia de Ciências de Paris. A publicação, de 73 páginas, é traduzida e publicada no volume II da Biblioteca Histórica Brasileira, editada em 1940, com o título *Viagem à Província de São Paulo e Resumo das Viagens do Brasil, Província Cisplatina e Missões do Paraguai*¹³.

Sua contribuição para o conhecimento científico e etnográfico resulta em importantes obras de botânica, sempre relacionadas com sua viagem ao Brasil, como *Histoire des plantes plus remarquables du Brésil et du Paraguay*, 4to, Paris, 1824; *Plantes usuelles des Brésiliens*, 4to, Paris, 1824-8, *Flora Brasiliae Meridionalis*, 1825, com 24 fascículos formando 2 volumes. Suas coleções botânicas estão espalhadas pelos herbários do *Muséum National de Histoire Naturelle* em Paris, Museu da Universidade de Montpellier e Museu da Universidade de Clermont-Ferrand, França¹⁴. Saint-Hilaire publica ainda várias obras, a maioria relacionada com a viagem ao Brasil:

Mémoire sur les Plantes auxquelles on Attribue un Placenta Libre, 1816; *Mémoire sur* les Cucurbitacées, les Passiflorées, et le Nouveau Groupe des Nhandirobées*, 1823; *Conspectus Polygalaeorum Brasiliae Meridionalis*, 1828; *Mémoire sur les Myrsinées, las Sapotées et les Embryons Parallèles au plan de L'ombilic*, 1837; *Monographie des Primulacées et des Lentibulariées du Brésil etc.* (com F. Girard) II ed. 1840; *Tableau géographique de la Végétation Primitive dans la Province de Minas Geraes*, 1837 e *Leçons de Botanique*, 1840; *Province de S. Pedro do Rio Grande do Sul au Brésil. Rapport sur le Ouvrage Intitulé: Anais da Província do S. Pedro, por José Feliciano F. Pinheiro, Barão de S Leopoldo*, Paris; *Les Sources du Rio S. Francisco*, 1842; *Observations sur les Diviseurs des Eaux de quelques uns des grands Fleuves de l'Amérique du Sud (Brésil) et la Nomenclature qu'il Parait Convenable de leur Appliquer*, 1837; *Revue de la Flore da Brésil* (com Ch. Naudin); *L'Agriculture et l'Élevage de Bétail dans les campos gerais*, 1849; *Mémoire sur le système d'agriculture adopté par les Brésiliens, et les Résultats qu'il a eus dans la Province de Minas Gerais*, 1838; *Comparaison de la Végétation d'un Pays en Partie Extra-tropical avec celle d'une Ccmtree Limitrophe Entièrement Située entre les Tropiques*, 1850; *Polygalae Nova Species*, 1832; *Cryptogamae Brasiliensis*, 1839.

A narrativa de suas viagens, trazendo o dia a dia de seu itinerário, é publicada, em cinco volumes, em *Voyage dans l'intérieur du Brésil*, a partir de 1830 até a obra póstuma *Voyage à Rio Grande do Sul*, na seguinte sequência¹⁵:

- *Aperçu d'un Voyage dans l'Intérieur du Brésil, la Province Cisplatine et les Missions dites du Paraguay em Mémoire. Du Muséum National d'Histoire Naturelle*, Paris, vol. IX, 1822, págs. 307-380;
- *Voyage dans les Provinces de Rio de Janeiro et Minas Geraes*, 2 vols, Paris, 1830;
- *Voyage dans le District du Diamans et le Litoral du Brésil*, 2 vols., Paris, 1833;
- *Voyage aux Sources du Rio de S. Francisco et dans la Province de Goiás*, 2 vols., Paris, 1847-48;
- *Voyage dans L'intérieur du Brésil*, 2 vols. Bruxelas, 1850;
- *Voyage dans les Provinces de Saint Paul e de Sainte Catharine*, 2 vols, Paris, 1851;
- *Voyage a Rio Grande do Sul* contendo o relato de sua segunda viagem a

Minas e a São Paulo, 1 vol. Orleans, 1887, publicação póstuma devida ao Sr. R. de Dreuzy.

No Brasil, suas narrativas de viagem foram publicadas pela Companhia Editora Nacional, dentro da coleção Brasileira, posteriormente, na década de 1970, pela editora da Universidade de São Paulo e pela editora Itatiaia, na série Reconquista do Brasil.

Saint-Hilaire foi aclamado Cavaleiro da Legião de Honra, Membro da Academia real de Ciências do Instituto de França, das Sociedades Filomática e de História Natural de Paris, da Sociedade Lineana de Londres, da Academia de Lisboa, da Sociedade de Ciências Físicas de Genebra, da Academia Léoponne, da Sociedade de Ciências Físicas de Orléans. Em 1830, sucedeu a Lamarck como Membro da Seção de Botânica do MNHN de Paris e, em 1839, ingressou no Instituto Histórico Geográfico Brasileiro como Sócio Honorário Estrangeiro. Nas décadas seguintes, correspondeu-se com brasileiros, como o ministro José Araújo Ribeiro, a quem escreveu em 1847, propondo um intercâmbio de livros entre Brasil e França, e com o botânico Francisco Freire Alemão, que lhe escreveu em 1851, apresentando seus trabalhos¹⁶. Morreu de um ataque de apoplexia em 1853¹⁷.

Logo no início da viagem ao Brasil, Saint-Hilaire declara seu principal objetivo:

L'examen des productions végétales du Brésil était sans doute le premier but de mon voyage; cependant je n'ai rien négligé pour recueillir les faits qui peuvent, sous d'autres rapports, donner une idée juste d'une contrée aussi intéressante. Je ne me suis point borné à suivre des chemins fréquentés, je me suis enfoncé dans les lieux les plus déserts, et j'ai étudié les tribus indigènes¹⁸.

Ao declarar que as produções vegetais eram o principal motivo de sua viagem, deixa claro que seu interesse não estava centrado apenas na descoberta de espécies botânicas novas, mas naquilo que pudesse ser comercializável. Outro aspecto da narrativa, logo assumido, é a atenção a fatos e coisas que pudessem dar uma idéia do lugar que visitava, o que o leva a captar instantâneos e a formar quadros gerais do universo percorrido. No prefácio da primeira narrativa de viagem, confessa que a determinação em buscar os lugares mais desertos, nas suas palavras, o teria levado à decisão de viajar até Goiás. De modo que, em outra publicação, o naturalista viajante enfatiza que não dará a mesma atenção à flora da capital do país do que à do interior, pois a primeira já havia sido bastante estudada¹⁹.

Como viajava o naturalista pelo interior do Brasil e qual seria sua rotina de viagem? O próprio Saint-Hilaire, em alguma medida, esclarece a questão descrevendo a maneira como viajou pela Província de Minas Gerais. A cada dia, partia às 8 ou 9 horas da manhã e, durante o caminho, quando percebia uma planta desconhecida, apeava do cavalo, recolhia algumas amostras, prensava-as e corria para reencontrar a caravana. A jornada variava de 2 a 4 léguas (13 a 26 km). Assim que parava, esperava que lhe descarregassem as malas e apanhava o material necessário para análise das plantas recolhidas. Nessa viagem a Minas Gerais, estaria acompanhado pelo ajudante francês Laruotte, pelo índio botocudo Firmiano e pelo arriero José Mariano. Enquanto estudava as plantas coletadas, o índio Firmiano saía em busca de lenha, acendia o fogo e punha água a ferver para o chá e para o feijão. A refeição era completada pela farinha de milho ou mandioca e arroz. Se lhe restava um tempo livre, saía a herborizar, enquanto seu serviçal, Prégent (substituído pelo arriero José Mariano quando da morte do primeiro), preparava os pássaros que havia caçado durante a jornada. Mais tarde, trocava os papéis de secar as plantas e escrevia seu diário. Conta que às vezes seu trabalho se prolongava noite adentro, embora acordasse com o nascer do sol e, antes de sair, trocasse novamente o papel das plantas²⁰.

O diário ou caderno de campo do naturalista é um instrumento fundamental em seu trabalho: é ali que anota desde as mais íntimas reflexões até as dificuldades encontradas no percurso. Registra também as impressões sobre a natureza, a nomenclatura das plantas coletadas e o local onde foram encontradas, os nomes dos rios, montanhas e povoados, as línguas indígenas, seu significado, acontecimentos do dia a dia, festas e cerimônias. Enfim, tudo o que pudesse parecer interessante para sua narrativa. Os diários são a base do trabalho posterior do naturalista, seja a narrativa pitoresca ou o livro científico²¹. Em sua caderneta de campo, misturam-se os acontecimentos diários com as anotações sobre as espécies recolhidas que seriam mais tarde objetos de obras de botânica.

HISTOIRE
DES PLANTES
LES PLUS REMARQUABLES
DU BRÉSIL ET DU PARAGUAY;

COMPRENANT LEUR DESCRIPTION,
ET DES DISSERTATIONS SUR LEURS RAPPORTS, LEURS USAGES.

Avec des Planches, ——— colorées.

PAR M. AUGUSTE DE SAINT-HILAIRE,
CORRESPONDANT DE L'ACADÉMIE DES SCIENCES, MEMBRE DE PLUSIEURS SOCIÉTÉS SAVANTES.

Dédiée à Sa Majesté Très-Fidèle.

1^{re} & 2^e Livraisons.



A PARIS,

CHEZ A. BELIN, IMPRIMEUR-LIBRAIRE,
RUE DES MATHURINS SAINT-JACQUES, N. 11.

1824

A escrita de Saint-Hilaire: pesquisa, grafia e recursos retóricos

Aborda-se aqui o método de escrita dos livros de narrativas e os recursos retóricos empregados pelo autor para dar maior completude e exatidão ao texto. Trata-se de um relato no qual, aos acontecimentos de viagem juntam-se informações complementares obtidas de outras fontes. Os recursos retóricos utilizados por Saint-Hilaire podem ser vistos como estratégia para conferir acesso à alteridade e aproximar os leitores europeus de uma realidade para eles desconhecida.

A publicação da narrativa de Saint-Hilaire sobre Goiás não consiste apenas em uma transcrição de seus cadernos de campo. Conta com uma vasta pesquisa que começa a ser elaborada no Brasil e complementada no retorno à França. As fontes para discutir este tema são buscadas dentro do próprio texto, além de informações obtidas através de sua correspondência acessível a pesquisadores no Museu Nacional de História Natural de Paris.

A preocupação em fornecer uma visão geral sobre a história e a geografia dos lugares percorridos e o espírito criterioso do naturalista, que analisa quase à exaustão cada item, se revelam na elaboração de seus livros de narrativas de viagem. Em *Voyage aux sources du Rio de São Francisco et dans la province de Goiás*, assim como nos demais livros, Saint-Hilaire apóia-se em variado

Figura 12. Fotografia do Livro de Saint-Hilaire "Histoire des plantes plus remarquables du Brésil et du Paraguay". Foto da autora

material adquirido em pesquisas sobre relatos de viajantes e memorialistas, como Luiz Antônio da Silva e Sousa, Manuel Aires do Casal, Wilhelm Ludwig von Eschwege, José de Azevedo Pizarro e Araújo, Johann Emanuel Pohl, Raimundo José da Cunha Matos e outros testemunhos sobre Goiás de épocas próximas à sua viagem.

Relatos de viagem dirigidos ao leitor comum e memórias dirigidas a um público especializado eram formas de comunicação correntes no século XIX. O cuidado em cercar-se de material de consulta durante a elaboração de suas obras pode ser comprovado quando, em recuperação de uma doença em Montpellier, Saint-Hilaire escreve a seu assistente Jussieu, que estava em Paris, solicitando-lhe o envio de exemplares de publicações de naturalistas viajantes que estiveram no Brasil no mesmo período que ele. Para redigir a obra aqui analisada, Saint-Hilaire informa que consultou os seguintes autores: Luiz Antonio da Silva e Souza, Manuel Aires do Casal, Robert Southey, José de Azevedo Pizarro e Araújo, Karl Friedrich Phillip von Martius, Luiz d'Alincourt, Johann Emanuel Pohl. Sobre as obras botânicas da flora brasileira, em uma carta ao assistente Jussieu, Saint-Hilaire faz referência aos autores que consultou. Entre eles, constam Eschwege, Raddi, Mikan, Pohl e Martius, todos naturalistas que percorreram o Brasil²².

Dentre os autores mais citados por Saint-Hilaire, destaca-se o padre Luiz Antônio da Silva e Sousa, autor da primeira história oficial de Goiás. Esse padre publicou em 1812, a *Memória sobre o Descobrimento, Governo, População e Cousas mais Notáveis da Capitania de Goyaz*²³. A obra tornou-se a mais importante fonte histórica de Goiás em seu tempo. Nessa Memória, já haviam sido levantadas duas questões que iriam caracterizar a província de Goiás e que teriam vida longa: a decadência da província e a ociosidade da população como causa principal. Está presente na Memória a saga do desbravamento e conquista do território pelos bandeirantes; a dominação e pacificação das tribos indígenas; aspectos da capital Vila Boa de Goyaz e dos arraiais goianos; as finanças da então capitania; os acidentes geográficos; as produções naturais e outras informações. Já o Padre Manuel Aires do Casal (1754-1821) publica em 1817, vasta obra em que consta a descrição geográfica do então império luso-brasileiro, intitulado *Corografia Brasílica*. O brigadeiro e governador de armas Cunha Matos (1776-1839), após uma viagem de reconhecimento pela província de Goiás, redige, em 1824, a *Descrição Chorographica da Província de Goyaz*²⁴. O engenheiro-militar português Luiz d'Alincourt (1787-1841), encarregado de inúmeras comissões, realiza, em 1818, uma viagem de Santos a Cuiabá passando por Goiás, publicada

em 1830²⁵. Robert Southey (1774-1843), poeta e historiador inglês, publica na Inglaterra, entre os anos de 1810 e 1817, uma História do Brasil, editada no Brasil em 1862. Para escrevê-la, Southey consultou documentos do passado colonial brasileiro na Torre do Tombo em Portugal e abrangeu em sua pesquisa um período extenso por meio do acesso a documentos dos séculos anteriores²⁶. O Monsenhor português José de Azevedo Pizarro e Araújo (1753-1830), determinado a escrever uma obra eclesiástica por ordem do bispo de sua diocese, acaba por redigir uma fonte de informações históricas para quem quisesse escrever sobre o continente americano (o Brasil), o que lhe permite perpetuar-se como escritor e, ao mesmo tempo, obter privilégios reais²⁷. O mineralogista alemão Wilhelm Ludwig von Eschwege (1777-1855) serviu à coroa portuguesa em Portugal por quase uma década quando, em 1811, foi enviado ao Brasil para fazer um mapeamento das riquezas de Minas Gerais²⁸, aproveitando sua estada para visitar outras províncias, como Goiás. Não se pode dizer que as obras consultadas por Saint-Hilaire sejam da mesma natureza porque visavam objetivos diferentes: alguns, como Southey, tencionavam escrever uma obra histórica e por isso o autor pesquisou documentos de séculos anteriores. Cunha Matos escreveu sua *Corographia* em cumprimento a seu dever frente à administração da Província de Goiás; von Eschwege redigiu seu relato de viagem como contratado da Coroa Portuguesa para pesquisar minérios na província de Minas Gerais.

Essas publicações, de caráter oficial ou memorialístico, acabam sendo apropriadas por Saint-Hilaire, ainda que seu discurso tenda a invocar o caráter científico e de observação de sua obra. Trata-se de uma característica comum ao gênero literatura de viagem naquele período: parte de pretensões a ser uma escrita ao sabor do momento, mas é baseada em extensa pesquisa.

Saint-Hilaire consulta também livros de botânica de naturalistas que estiveram no Brasil em épocas próximas de suas viagens, como o italiano Giuseppe Raddi (1770-1829), que fez parte da "Missão Austríaca" e acompanhou a princesa Leopoldina de Áustria na viagem ao Brasil para se casar com o príncipe Dom Pedro de Bragança. Em um ano de estada no país, Raddi realizou inúmeras viagens das quais recolheu coleções botânicas, depois distribuídas entre os museus de Florença e Pisa²⁹. Raddi escreveu inúmeros artigos sobre a flora brasileira, publicados em periódicos científicos. Também vieram com a comitiva da princesa Leopoldina, os naturalistas bávaros Karl Friedrich Phillip von Martius (1794-1868) e Johann Baptist Spix (1781-1826) e o mineralogista e médico Johann Emanuel Pohl (1782-1834).

Ao longo de sua narrativa, Saint-Hilaire apresenta notas explicativas destinadas a elucidar o que considera enganos cometidos por um ou outro viajante,

sempre estabelecendo diálogos e comparações entre as diferentes visões, como, por exemplo, quando discute a ortografia do nome Pirineus:

(1) Je suivi ici l'orthographe de trois écrivains dont l'autorité est fort respectable, Cazal, Martius et Mattos ; mais je crois qu'il serait mieux d'écrire Pirineos, comme Pizarro, ou Perineos, comme Luiz Antonio da Silva e Sousa, parce que c'est ainsi qu'on prononce dans le pays, et que le voyageur doit surtout consulter l'usage quand il indique des noms qui, jusqu'à lui, avaient été fort peu écrits ou ne l'avaient point été encore³⁰.

Essas notas explicativas aparecem em geral em rodapé. Saint-Hilaire as utiliza para corrigir a grafia de sítios geográficos, escrita por outros autores, pois acredita que a sua escrita é a correta por registrá-la tal como era falada. Acredita que viajantes de nacionalidades diferentes, como a inglesa ou a alemã, poderiam não entender a pronúncia correta devido à diferença entre os sons da língua materna e os do português.

Assim como agia em relação aos nomes próprios em português, Saint-Hilaire mostra-se criterioso em suas anotações sobre as diversas línguas indígenas, que vai recolhendo ao longo de suas traduzindo-as para a língua geral, seguindo a ortografia portuguesa que, em sua opinião, é mais próxima que o francês na maneira como as palavras são pronunciadas³¹. Sobre a questão da toponímia, Saint-Hilaire recorre a Cunha Matos para uma explicação:

Le général Raimundo José da Cunha Mattos a fait sentir (1) combien il est essentiel de conserver soigneusement les noms de lieux consacrés, dans les divers cantons, par les habitants du Brésil. Si chaque voyageur était en droit d'écrire à son gré ceux des pays par lesquels il passe, il regnerait bientôt dans la géographie une confusion inextricable. J'ai donc fait des efforts pour n'altérer en rien la nomenclature géographique, et j'ai donné le même soin à l'orthographe des noms d'hommes, de plantes ou d'animaux³². (1) Itinerário.

A preocupação com a grafia aparece também na correspondência com seus auxiliares franceses, como os botânicos Jussieu e Cambessedes³³ (*Flora Brasiliae Meridionalis*, 1824-1833), aos quais ele pede para não traduzir nomes próprios. Desse modo, o naturalista integra a seu texto, redigido em francês, palavras em português. Esse recurso promove, na opinião de Günther Augustin sobre a escrita de outro viajante, Wilhelm Ludwig von Eschewege, "elementos de uma espécie de interlinguagem ao longo dos seus relatos, estendendo as fronteiras da sua língua pela incorporação de novos signos de uma outra cultura", o que, no entendimento do linguista, seria "uma fronteira não de separação, mas de aproximação³⁴.

O trabalho de reescrita, encetado por Saint-Hilaire através da consulta às obras de outros autores, remete a seu esforço em assimilar dados e representações existentes sobre o Brasil em meios científicos e literários europeus³⁵. Visava, também, a esboçar uma imagem do Brasil aos olhos dos leitores europeus, assim como estabelecer seu próprio lugar entre outros viajantes.

Já no prefácio de seu livro, o autor explica que vincula seu relato tanto a acontecimentos históricos anteriores, como a eventos ocorridos posteriores à viagem, consultados a partir de escritos de outros viajantes. Considera sua narrativa uma espécie de "monografia", tal o nível de pesquisa envolvida em sua construção.

Cette ouvrage pourra donc être considéré comme une sorte de monographie des contrées que j'ai décrites³⁶.

Com o fim de reiterar a propriedade do que escrevia e conferir-lhe foros de verdade, o naturalista recorria, em seu texto, ao testemunho dos autores que consultou. Por vezes, discordando, como no exemplo seguinte:

(1) Voyez les écrits de Manoel Ayres de Cazal, de Pizarro et de Pohl. – Mattos, dans le peu qu'il dit des Coyapós, n'est point d'accord avec les graves autorités que je cite ici : mais il ne prétendait point écrire l'histoire de Goyaz ; il avait pour but d'en tracer l'itinéraire, et, ce but, il l'a parfaitement rempli³⁷.

Como se pode observar, Saint-Hilaire prefere não tomar partido quando há discordâncias entre os autores consultados. Limita-se a expor as opiniões alheias em um tom conciliatório, acrescentando justificativas a um ou outro escritor.

Como botânico, Saint-Hilaire nutria especial interesse pela flora, mas também se interessava pela fauna, pela mineralogia, pela paisagem urbana. Era, sobretudo, um profundo observador dos modos de vida das populações. O método empregado nas explorações da natureza que, em seu caso, já estava internalizado, era aquele presente nas "instruções de viagem" sobre os procedimentos de seleção, coleta, classificação, embalagem e envio dos materiais. O método de Saint-Hilaire afinava-se com as instruções de viagem, de acordo como que discutimos no capítulo II. Muitas vezes, o naturalista devia improvisar procedimentos, pois não é sempre que encontra o material disponível para o acondicionamento dos espécimes, tais como papel para secar e herborizar as plantas, e caixas para acondicioná-las.

O naturalista procura informar-se antes de opinar sobre vários assuntos que dizem respeito ao lugar que visita, inclusive o que concerne à vida pública, à história política e administrativa e à geografia. Essa atitude, assevera Luiz Francisco de Miranda, parece revelar um dos aspectos que a palavra civilização carrega no contexto da exploração sistemática que os naturalistas europeus levavam a cabo, através de viagens realizadas no final do século XVIII e na primeira metade do século XIX: “[...] tratava-se de instaurar uma ordem política e econômica racional não apenas na Europa, mas em todo o mundo, e, para tal, pareciam legítimos o uso da força e a interferência nos assuntos internos de outros países”³⁸. Saint-Hilaire, observa André Nicácio Lima, discute inúmeras vezes com o governador de Goiás sobre as soluções para superar a crise da mineração, mas também o faz com clérigos, juizes e fazendeiros³⁹. O naturalista busca informações, travando relações com as pessoas consideradas mais importantes dos locais visitados. Observa e investiga o estado moral e a conduta dos povos, recolhe dados populacionais, resultados de safras agrícolas, tabelas de preços de alimentos, estatísticas econômicas. Não é à toa que se torna importante receptáculo e, posteriormente, divulgador de informações e opiniões a respeito da província que busca conhecer.

Um traço marcante na escrita de Saint-Hilaire é o método comparativo: seus julgamentos são baseados na comparação⁴⁰. Apesar das grandes diferenças entre a natureza brasileira e a europeia, Saint-Hilaire faz constantes comparações entre os aspectos de que se revestem determinadas paisagens, cotejando-as com lembranças de paisagens europeias, mormente francesas, como se vê na citação a seguir:

*Cette portion de la Serra, noircie et dépouillée de verdure, avait assez l'aspect de certains terrains volcaniques de nos montagnes d'Auvergne*⁴¹.

As representações das paisagens que o naturalista viajante vivencia não estavam isentas de interferências. Como observa Amílcar Torrão Filho, essas interferências poderiam advir da comparação entre o lugar de onde se conta com o lugar sobre o qual se conta, assim como da comparação entre obras, quando uma serve para “retificar e completar as outras”⁴²:

*c'est toujours la même plaine, mais elle n'est plus aussi découverte, et elle prend quelque chose de cet air riant et animé qu'ont les campagnes d'Europe auprès des grandes villes*⁴³.

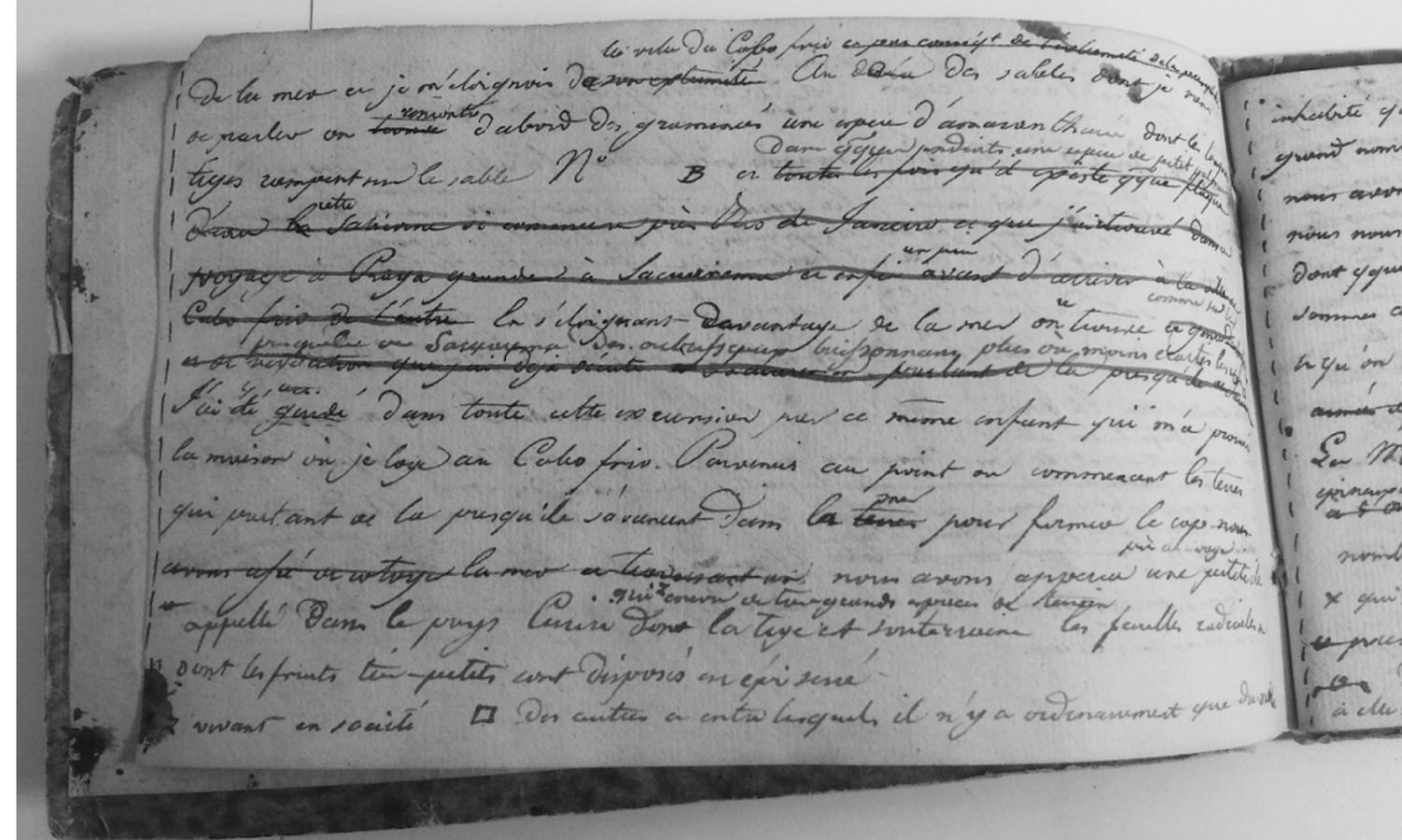


Figura 13. Fotografia da página de caderneta de campo de Auguste de Saint-Hilaire. Foto da autora

Saint-Hilaire explica aos leitores que outros fatores poderiam também interferir na percepção dos objetos. Esses objetos apresentar-se-iam de modo diverso ao viajante, segundo a natureza daquilo com o que é comparado⁴⁴. Outro fator seria o estado de saúde do observador que causaria interferência no modo de se ver e de se descrever um objeto, que pode não ser descrito da mesma maneira por diferentes viajantes⁴⁵.

Em Saint-Hilaire, há também o apego a uma pretensa objetividade permeado por um sentimento de gratidão, conforme declarado no prefácio de sua *Voyage aux Sources du Rio de São Francisco et dans la Province de Goiás*:

*En redoublant, s'il est possible, de soin et d'attention pour être toujours exact jusque dans les moindres détails, j'ai tâché de prouver que je n'étais indigne de l'indulgence que l'on m'a témoignée*⁴⁶.

Todas essas observações, quanto às possíveis interferências na percepção e na escrita do relato de viagem, esbarram na pretensão de cientificidade que, para Saint-Hilaire, deveria permeiar a viagem e faria com que insistisse em demonstrar objetividade. Em nota de rodapé de *Viagem ao Distrito de Diamantes e ao Litoral do Brasil*, ele afirma que suas descrições seriam diferentes de outros autores, pois eram esboçadas de modo fiel às ocorrências que lhe passavam pelos olhos, ao contrário

de outros autores, que criavam expressões de grande efeito para formar quadros românticos⁴⁷. Todavia, o relato das emoções suscitadas pela paisagem é considerado parte de um método que consistia em unir a descrição científica à emoção estética⁴⁸. Não é sem grande efeito a imagem por ele elaborada quando, ao sair da floresta primitiva, se depara com o Sertão:

Il produisit sur moi une vive impression de surprise et d'admiration: ces campos à perte de vue sont une image bien moins imparfaite de l'immen-sité que la mer, lorsqu'on y jette les yeux d'une plage peu élevée, et cette image devenait plus frappante encore au sortir des forêts primitives, ou souvent on toucherait presque de la main les objets qui bornent l'horizon⁴⁹.

O assombro com a imensidão do Sertão é o primeiro sentimento que o invade ao avistar terras a perder de vista. A longa travessia que é obrigado a fazer do oeste de Minas a Goiás e o percurso por esse trajeto substituem sua admiração por uma espécie de tédio em relação à natureza e pouco lhe permite apreciá-la. Assim, sua trajetória pelo sertão vai acentuar-lhe a preocupação com paisagens "úteis" que indiquem o avanço rumo ao progresso da civilização. Tudo leva a crer que era isso o que realmente lhe interessava.

No discurso propositivo e reformista de Saint-Hilaire sobressai a preocupação com a filantropia, tendência comum entre os naturalistas -viajantes de fins do século XVIII a início do século XIX. A filantropia diz respeito a um sentimento que associa as aplicações práticas das ciências naturais ao progresso social e ao bem-estar da humanidade⁵⁰. É característica da maneira como Saint-Hilaire se relaciona com os povos colonizados e exerce sua missão civilizatória. Desse modo, ele lamenta que as grandes associações de caráter filantrópico ou voltadas para algum interesse comum – a exemplo de algumas tentativas fracassadas, tais como aquelas criadas para tornar o Rio Doce navegável, de explorar o ouro e o ferro em Minas Gerais ou as minas de Anicuns – não tenham encontrado condições de se estabelecer em um país "corrompido e semi-civilizado, como o Brasil", onde não se poderia contar nem mesmo com as ordens religiosas, tal o seu estado de degeneração⁵¹.

Ao mesmo tempo, Saint-Hilaire reivindica uma compreensão quanto ao trabalho do naturalista, algo que, aparentemente, parece não existir entre os brasileiros que o observam em ação. Para ele, este povo não consegue entender que o naturalista faça seu trabalho movido por um ideal nobre ou por outros motivos que não sejam simplesmente ganhar dinheiro⁵². Saint-Hilaire, como outros filantropos, não acredita na viagem como uma empreitada particular: é realizada visando ao progresso das ciências, ao bem-estar da humanidade e à glória da nação⁵³.

Outro aspecto a ser ressaltado na narrativa de Saint-Hilaire é a crítica reiterada a certos naturalistas. Para o naturalista viajante, alguns colegas que se dedicam a fazer coleções não o fazem por amor à ciência, mas por pura vaidade, simplesmente para colocarem as letras iniciais de seu nome nas descrições de plantas, pássaros ou insetos, o que considerariam uma glória⁵⁴.

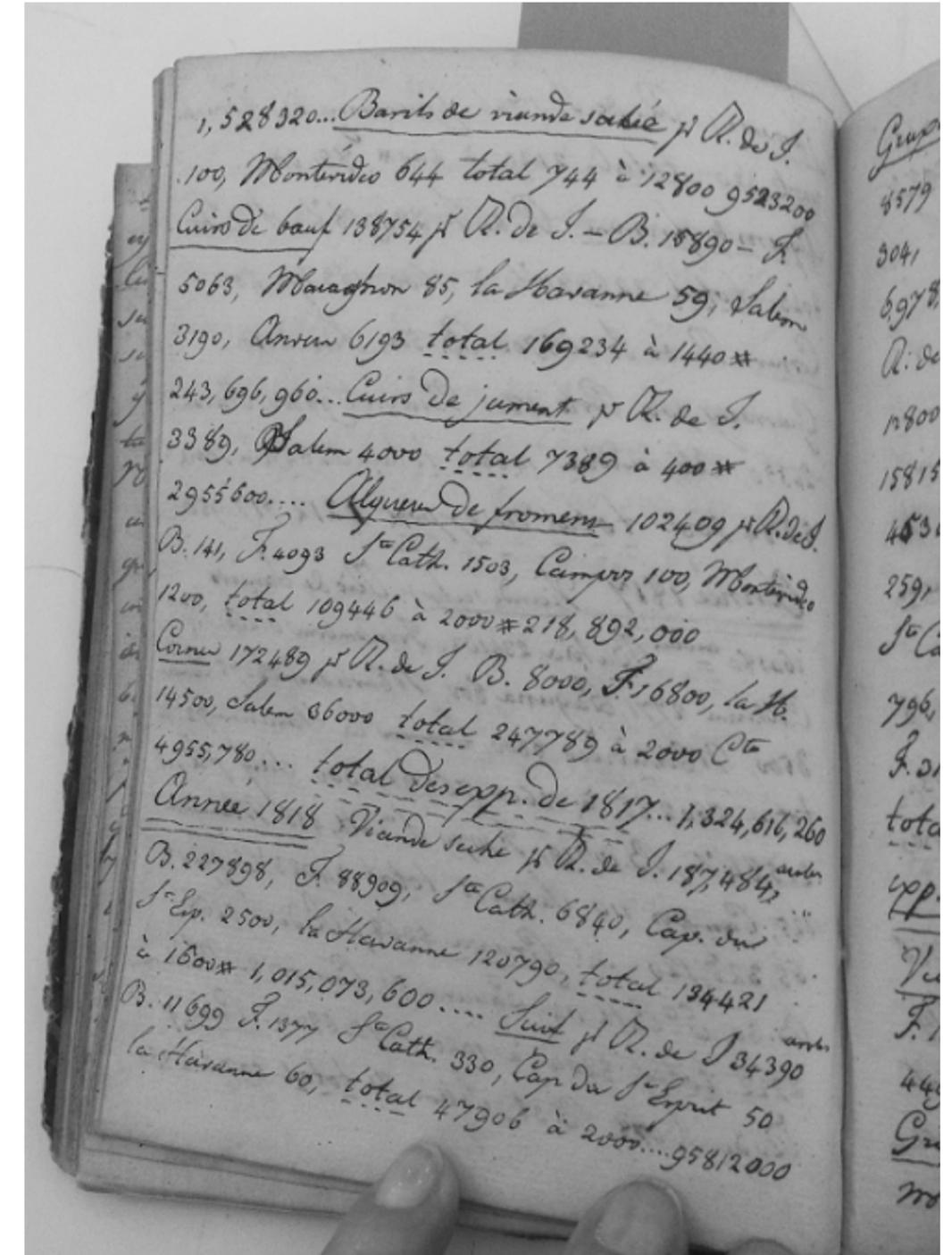


Figura 14. Fotografia da página da caderneta de campo de Saint-Hilaire com anotações referentes a inventário de comércio. Foto da autora

À parte as considerações sobre o trabalho do naturalista, o interesse pela história natural e pela agricultura nos séculos XVIII e XIX, observa Lorelai Kury, atinge um nível que as eleva ao patamar de atividades morais, fazendo com que surjam sonhos de uma vida campestre⁵⁵. A atividade de um naturalista, prossegue a autora, faz com que ele se alheie dos vícios e corrupções da sociedade, elevando o espírito de quem pratica a história natural, cujo papel é contribuir à formação de uma moral pública⁵⁶. Neste sentido, a figura do naturalista surge com uma aura de inocência e benevolência cujo único propósito seria recolher plantas e bichos em uma relação de não exploração com a natureza⁵⁷. O botânico Saint-Hilaire incorpora essa personagem que passa a compor sua autoimagem. Isto se torna mais evidente ao relatar um sonho que acalentara na chegada ao Brasil. O botânico imagina estabelecer-se no Jequitinhonha, por ter lido na juventude, S. John de Crèvecoeur (*Lettres d'un cultivateur américain*), que o teria inspirado. J. Hector St. John de Crèvecoeur foi um francês que emigrou para a América em 1750, tendo viajado por suas colônias atuando como inspetor e comerciante. O franco-americano escreveu uma série de doze cartas publicadas em 1782. Nelas, descreve ao público europeu a paisagem americana e os costumes dos povos do então denominado Novo Mundo⁵⁸. Inspirado nessa obra, o sonho de Saint-Hilaire era, primeiro, arrancar a floresta, criando um sistema de agricultura racional. Teria uma criação de gado e construiria pirogas para transportar produtos até Belmonte, no mar. Melhoraria sua habitação, faria uma horta, um jardim inglês. Atrairia os índios botocudos com presentes, ensinaria a eles o cultivo da terra e os tornaria cristãos. Estes iriam à capela rezar e suas filhas conheceriam, enfim, o pudor⁵⁹. Tal relato demonstra a influência da história natural no quadro de expectativas da vida social da época.

No capítulo seguinte, procede-se à análise da narrativa de Saint-Hilaire, buscando uma interpretação de sua produção, como criadora de representações sociais que influenciaram largamente na imagem, posteriormente formada, de Goiás.

1. SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem ao distrito dos diamantes e litoral do Brasil*. Tradução de Leonam de Azeredo Pena. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1941. Disponível em: <<http://www.brasiliana.com.br/brasiliana/.../Viagem-pelo-distrito-dos-diamantes-e-pelo-litoral>>. Acesso em: 15 maio 2016.

2. POTELET, Jeanine. *Le Brésil vu par les voyageurs et les marins français 1816-1840*. Paris: L'Harmattan, 1993. p. 31.

3. PEREIRA, Marco Aurélio Monteiro; IEGELSKI, Francine. O paraíso terrestre no Brasil: os campos gerais do Paraná no relato de Auguste de Saint-Hilaire. *Revista de História Regional* 7(1): 47-72, Ponta Grossa, Verão 2002, p. 68.

4. LIMA, André Nicácio. *Caminhos da integração, fronteiras da política: a formação das províncias de Goiás e Mato Grosso*. 2010. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2010. p. 187. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-20062011-143559/>>. Acesso em: 8 dez. 2016.

5. *Ibid.*, p. 189.

6. LIMA, Valéria Alves Esteves. *A viagem pitoresca e histórica de Debret: por uma nova leitura*. Tese de doutorado apresentada na Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP. 2003. p. 89. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000290010&opt=3>>. Acesso em: 12 mar. 2016.

7. *Ibid.*, p. 90-91.

8. PALAZZO, Carmen Lícia. Permanências e mudanças no imaginário francês sobre o Brasil (séculos XVI a XVIII). *Imagário [on line]* 2007, vol. 13, n. 14, pp. 105-138, p. 118. Disponível em: <http://pepsic.brsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&prd=s1413=666-2007000100007x&irg=pt&nrm-iso>. Acesso em: 17 abr. 2017.

9. DELEUZE, Joseph Philippe. [Carta de Joseph Philippe para Saint-Hilaire]. MUSEUM NATIONAL DE HISTOIRE NATURELLE (Paris), Bibliothèque de Botanique, 1821 Ms cry 501/411-413.

10. BRASILIANA DA BIBLIOTECA NACIONAL, Rio de Janeiro, 2001. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Auguste_de_Saint-Hilaire>. Acesso em: 8 dez. 2013.

11. KURY, Lorelai. *Histoire naturelle et voyages scientifiques (1780-1830)*. Paris: L'Harmattan, 2001. p. 167- 168.

12. LIMA, Valéria Alves Esteves. *A viagem pitoresca e histórica de Debret: por uma nova leitura*. Op. cit., p. 194.

13. NEVES, Gervásio Rodrigo; MARTINS, Liana Bach; RADTKE, Márcia Piva. Mapa dos itinerários de Saint-Hilaire: viagem ao Rio Grande do Sul. Porto Alegre; Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, 2007, p. 2. Disponível em: <<https://www.ihgrgs.org.br/artigos/membros/Neves,%20Martins,%20Radtke%20%20Mapa%20dos%20itiner%C3%A1rios%20de%20Saint%20Hila20Viagem%20ao%20RS.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2015.

14. *Ibid.*, p. 1.

15. SAINT-HILAIRE, Augsute. *Viagem ao distrito de diamantes e ao litoral do Brasil*. Op. cit. Prefácio.

16. **BIBLIOTECA NACIONAL.** Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/exposicoes/saint-hilaire-e-as-paisagens-brasileiras/?sub=30506-2>>. Acesso em: 13 fev. 2017.

17. **CHRONICA BOTANICA,** An International Collection of Studies in the method and History of Biology and Agriculture. Edited by Frans Verdoorn, Ph.D., v. 10, 1946. Waltham, Massachusetts, U.S.A.

18. **SAINT-HILAIRE, Auguste de.** Voyage dans l'intérieur du Brésil, Première partie: voyage dans la province de Rio de Janeiro et Minas Gerais. Paris: Grimbert et Dorez, Libraires, 1830. T. I, Prefácio. Disponível em: <www.gallica.bnf.fr>. Acesso em: 20 out. 2014. O estudo dos produtos vegetais do Brasil constituía, sem dúvida, o objetivo principal da viagem: "não negligencie, no entanto, de recolher luzes que possam, sob outros aspectos, dar uma ideia perfeita de região tão interessante. Não me limitei a seguir os caminhos frequentados, internei-me pelos lugares mais desertos, e estudei as tribos indígenas".. SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1938, p. 13). Disponível em: <<http://www.brasiliana.com.br/brasiliana/colecao/obras/82/Viagem-pelas-provincias-do-Rio-de-Janeiro-e-Minas-Gerais-t-1>>. Acesso em: 12 mar. 2017.

19. **SAINT-HILAIRE, Auguste de.** Voyage dans l'intérieur du Brésil. Deuxième Partie. Voyage dans le district du diamans e sur le litoral du Brésil. Paris: Librairie Gide, 1833, T. 1. p. 296.

20. **SAINT-HILAIRE, Auguste de.** Voyage dans l'intérieur du Brésil. Deuxième Partie. Voyage dans le district du diamans e sur le litoral du Brésil. Op. cit., T. II. p. 24-25.

21. **CORREA, Margarida.** *Da construção do olhar*

européu sobre o novo mundo ao (re)descobrimento do reino tropical. 1997. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de História, Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 1997, p.136. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/8616099-da-construção-do-olhar-europeu-sobre-o-novo-mundo-ao-re-descobrimento-do-reino-tropical.html>>. Acesso em: 15 maio 2014.

22. **SAINT-HILAIRE, Auguste de.** [Carta de Saint-Hilaire a Jussieu]. MUSEUM NATIONAL DE HISTOIRE NATURELLE (Paris), Bibliothèque de Botanique, 1827, Ms jus 266.

23. **SILVA E SOUSA, Luiz Antonio.** Memória sobre o descobrimento, governo, população e cousas mais notáveis da Capitania de Goyaz. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Tomo V, v.12, n. 16, 4º trimestre de 1849, p. 429-510. Disponível em: <<http://www.ihgb.org.br>>. Acesso em: 6 set. 2014.

24. **MATOS, Raimundo José Cunha.** Descrição chorographica da Província de Goyaz. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Tomo XXXVII, 2º trimestre de 1874. Disponível em: <<http://www.ihgb.org.br>>. Acesso em: 6 set. 2014.

25. **ANAIS DO MUSEU PAULISTA,** Tomo XIV, São Paulo: Biblioteca Octávio Tarquinio de Sousa e Lúcia Miguel Pereira, 1950. Disponível em: <<http://www.octavioelucia.com/anais-do-museu-paulista-tomo-xiv>>. Acesso em: 20 fev. 2016.

26. **BIBLIOTECA DIGITAL DO SENADO FEDERAL** (Brasil). Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/242344>>. Disponível em: <<http://livraria.senado.leg.br/historia-do-brasil-robert-southey-volumes-i-ii-e-iii.html>>. Acesso em: 4 out. 2016.

27. **MULLER, Francisco Javier.** *Entre a cruz e a coroa: a trajetória de Mons. Pizarro (1753-1830)*. 2007. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal Fluminense. Niteroi-RJ, 2007, p. 40-44. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/stricto/teses/Dissert-2007_GALDAMES_Francisco_Javier_Muller-S.pdf>. Acesso em: 17 fev. 2016.

28. **AUGUSTIN, Gunther.** Um novo viajante na literatura de viagem. *Linha D'Água*, São Paulo, n. 19, p. 13-32, dec. 2006, p. 10. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/37290>>. Acesso em: 4 out. 2016.

29. **PETRUCCI, Gino Bargagli.** Giuseppe Raddi, naturalista e viaggiatore fiorentino. *R. Istituto botanico di Firenze*, n. 2, 1922. Disponível em: <[http://www.treccani.it/enciclopedia/giuseppe-raddi_\(Enciclopedia-Italiana\)/](http://www.treccani.it/enciclopedia/giuseppe-raddi_(Enciclopedia-Italiana)/)>. Acesso em: 4 out. 2016.

30. **SAINT-HILAIRE, Auguste de.** Voyage dans l'intérieur du Brésil. Troisième Partie. Voyage aux sources du Rio de São Francisco et dans la province de Goiás 1847-1848. Op. cit., T. II, p. 30 (nota de rodapé). Disponível em: <www.gallica.bnf.fr>. Acesso em: 4 out. 2014. "Sigo aqui a grafia usada por três autores que merecem crédito – Casal, Martius e Matos. Creio, porém, que seria melhor escrever *Pirineus*, como Pizarro ou Perineus, como Luís Antônio da Silva e Souza, pois são essas as pronúncias usadas na região. Acho que o viajante deve, acima de tudo, acompanhar os usos quando registra os nomes que até então ainda não tinham sido escritos por ninguém". (SAINT-HILAIRE, Auguste de. Viagem à província de Goiás. Tradução de Regina Regis Junqueira. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1975. p. 33 (nota de rodapé)).

31. **SAINT-HILAIRE, Auguste de,** op. cit., T. II, p.68.

32. **SAINT-HILAIRE, Auguste de.** Voyage dans

l'intérieur du Brésil. Troisième Partie. Voyage aux sources du Rio de São Francisco et dans la province de Goiás 1847-1848. Op. cit., T. II, p. xj e xij. "O General Raimundo José da Cunha Matos frisou a necessidade de se conservar a nomenclatura já consagrada pelos habitantes do Brasil. Se cada viajante se achasse no direito de escrever como lhe aprouvesse os nomes das localidades e regiões por onde passasse, em breve reinaria na geografia uma confusão inextricável. Fiz, pois, todo o possível para não alterar em nada a nomenclatura geográfica, esforçando-me igualmente por dar a grafia correta de nomes de pessoas, plantas e animais". (SAINT-HILAIRE, op. cit., p. 15).

33. **SAINT-HILAIRE, Auguste de.** [Carta de Saint-Hilaire dirigida a Jussieu e Cambessedes]. MUSEUM NATIONAL DE HISTOIRE NATURELLE (Paris), Bibliothèque de Botanique, 1827 Ms jus 266.

34. **AUGUSTIN, Günther.** Um novo viajante na literatura de viagem. *Linha d'água*, n. 19, USP São Paulo, 2006. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/download/37290/40010>>. Acesso em: 4 out. 2016.

35. **MIRANDA, Luiz Francisco Albuquerque de.** O Deserto dos mestiços: o sertão e seus habitantes nos relatos de viagem do início do século XIX. *Revista História*, n. 28 (2). São Paulo, 2009, p. 623. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/his/v28n2/21.pdf>>. Acesso em: 17 abr. 2015.

36. **SAINT-HILAIRE, Auguste de.** Voyage dans l'intérieur du Brésil. Troisième Partie. Voyage aux sources du Rio de São Francisco et dans la province de Goiás 1847-1848. Op. cit., T. I, p. viij. "Este livro poderá, pois, ser encarado como um esboço de uma monografia das regiões já descritas por mim". (SAINT-HILAIRE, op. cit., p. 14).

37. **Ibid.**, T. II, p. 99 (nota de rodapé). "Ver os trabalhos de Manuel Aires de Casal, Pizarro e Pohl. Matos, que pouco se refere aos Coiapós, não concorda com as ilustres autoridades que cito aqui. Contudo, não era sua intenção escrever a história de Goiás e sim traçar o seu itinerário. E esse objetivo foi inteiramente alcançado". (SAINT-HILAIRE, op. cit., p. 63).

38. **MIRANDA, Luiz Francisco.** *Viajantes do início do século XIX e a representação do sertão brasileiro.* X Simpósio Internacional Processo Civilizador. Campinas, SP, 2007, p. 4. Disponível em:<http://www.uel.br/grupoestudo/processoscivilizadores/portugues/siteanais/anais10/artigos_pdf/LUIZ_FRANCISCO_ALBUQUERQUE-DE-MIRANDA.pdf>. Acesso em: 10 maio 2014.

39. **LIMA, Nicácio,** op. cit., p. 189.

40. **SAINT-HILAIRE, Auguste de.** *Voyage dans l'intérieur du Brésil.* Première Partie. Voyage dans les provinces de Rio de Janeiro et de Minas Geraes. Op. cit., Tome I, p. 126.

41. **SAINT-HILAIRE, Auguste de.** *Voyage aux sources du Rio de São Francisco et dans la province de Goyaz.* Op. cit., T. I, p. 193. "Esse trecho da serra, enegrecido e despojado de toda verdura, lembrava bastante certos terrenos vulcânicos das nossas montanhas de Auvergne". (SAINT-HILAIRE, Auguste de. Viagem às nascentes do rio São Francisco. Tradução de Regina Regis Junqueira. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1975. p. 107).

42. **TORRÃO FILHO,** op. cit., p. 291.

43. **SAINT-HILAIRE, Auguste de.** *Voyage dans l'intérieur du Brésil.* Seconde Partie. Voyage dans

le district du diamans et sur le littoral du Brésil. Paris: Librairie Gide, 1833. T. II, p. 146. Disponível em:<www.gallica.com.fr>. Acesso em: 10 set. 2014. "[...]é sempre a mesma planície, porém não e mais tão descoberta e tem qualquer cousadaquele ar alegre e animado dos campos europeus nas vizinhanças das grandes cidades". (SAINT-HILAIRE, Auguste de. Viagem ao distrito de diamantes e ao litoral do Brasil. Tradução de Leonam Azeredo Pena. São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, 1941, p. 411).

44. **Ibid.**, T. I, p. 126-127.

45. **Ibid.**, T. II, p. 341-342.

46. **Ibid.**, T. I, p. vj. "Com redobrado cuidado e redobrada atenção, a fim de registrar com exatidão até os pormenores mais insignificantes, esforcei-me por mostrar que não fui indigno da indulgência com que me trataram". (SAINT-HILAIRE, Auguste de. Viagem às nascentes do rio S. Francisco. Op. cit., p.13).

47. **SAINT-HILAIRE, Auguste de.** *Viagem ao distrito de diamantes e ao litoral do Brasil.* Tradução de Leonam Azeredo Pena. São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, 1941. p. 67 (nota de rodapé).

48. **NAXARA, Márcia.** Natureza e civilização: sensibilidades românticas em representações do Brasil no século XIX. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (orgs.). *Memória e (re)sentimento:* indagações sobre uma questão sensível. 2. ed. Campinas, SP. Editora da Unicamp, 2004. p. 432.

49. **SAINT-HILAIRE, Auguste de.** *Voyage dans l'intérieur du Brésil.* Troisième Partie. Voyage aux sources du Rio de S. Francisco et dans la provin-

ce de Goyaz. Op. cit., T. I, p. 59. "Aquela extensão de campos a perder de vista davam uma imagem bem menos imperfeita do infinito do que o mar quando olhado de um ponto elevado, e a imagem ainda se tornava mais viva por ter eu acabado de emergir do meio de ma floresta primitiva, onde muitas vezes quase que se podia tocar com a mão as formas que limitavam o horizonte". (SAINT-HILAIRE, op. cit., p. 47).

50. **KURY, Lorelai,** op. cit., p. 2.

51. **SAINT-HILAIRE, Auguste de.** *Voyage dans l'intérieur du Brésil.* Deuxième Partie. Voyage dans le district du diamans e sur le litoral du Brésil. Op. cit., T. II, p. 68-69.

52. **Ibid.**, T. II, p. 95 e 151.

53. **KURY, Lorelai,** op. cit., p. 5.

54. **SAINT-HILAIRE, Auguste de.** *Voyage dans l'intérieur du Brésil.* Deuxième Partie. Voyage dans le district du diamans e sur le litoral du Brésil. Op. cit., T. II, p. 65

55. **KURY, Lorelai.** *Histoire naturelle et voyages scientifiques (1780-1830).* Paris: L'Harmattan, 2001. p. 50-51.

56. **Ibid.**, p. 52.

57. **PRATT, Mary Louise.** *Ojos imperiales:* literatura de viajes y transculturación. Tradução de Ofelia Castilho. México: FCE, 2010.

58. **HARVARD UNIVERSITY PRESS.** Disponível em: <<http://www.hup.harvard.edu/catalog.php?isbn=9780674051812>>. Acesso em: 12 abr. 2017.

59. **SAINT-HILAIRE, Auguste de.** *Voyage dans l'intérieur du Brésil,* Première partie. Voyage dans la province de Rio de Janeiro et Minas Gerais. T. II, p.182.



4

A viagem de Saint-Hilare a Goiás: uma missão civilizatória ao sertão

"Lugar sertão se divulga: é onde os pastos carecem de fechos; onde um pode torar dez, quinze léguas, sem topar com casa de morador ; e onde um criminoso vive seu cristo-jesus, arredado do arrocho de autoridade".
João Guimarães Rosa, 1984, 7

Como categoria cultural, sertão é um tema central na literatura brasileira, desde a poesia romântica do século XIX, na prosa romântica e na literatura realista. Na literatura regionalista, o sertão era o lócus de referência e o autor de maior relevância ao tratar do tema foi João Guimarães Rosa que evocou os sertões situados em espaços internos e externos¹.

O terceiro livro de narrativas de Saint-Hilaire, *Voyage aux sources du Rio de São Francisco et dans la province de Goiás*² (1847-1848), relata a visita do naturalista à parte ocidental da província de Minas Gerais e, em seguida, à província de Goiás. O roteiro traçado indica que ele saiu do Rio de Janeiro, atravessou Minas Gerais, visitou as nascentes do Rio São Francisco e depois se dirigiu à província de Goiás. Este capítulo trata da segunda parte dessa viagem – o centro-sul da província de Goiás.

Duas questões-chave serão desenvolvidas ao longo deste capítulo: em primeiro lugar, discutir o modo como se deu a construção da noção de que Goiás é uma província “decadente”, construção que remonta aos princípios de sua colonização. Em segundo lugar, busca-se destacar o embate travado entre civilização e sertão, a partir das representações criadas por Saint-Hilaire no sentido de que levar a civilização a essa província era seu desígnio.

As narrativas sobre a região das nascentes do Rio São Francisco e sobre a província de Goiás têm algo mais em comum do que a simples proximidade geográfica: ambas tratam do sertão. O sertão, no discurso de Saint-Hilaire, adquire significados que apresentam, como pretende-se mostrar, um denominador comum: a oposição ao conceito de civilização.

Neste capítulo, examina-se também como se deu a apreciação da paisagem do cerrado por Saint-Hilaire em sua viagem por Goiás, tributária do modo como se delineou a paisagem nos moldes do olhar naturalista, com propósitos científicos e referências pitorescas.

Assim como Saint-Hilaire escolheu o naturalista viajante Johan Emanuel Pohl como uma referência para sua narrativa, elegeu-se o mesmo para, durante a análise do relato em pauta, criar um contraponto entre os dois discursos, apontando semelhanças e diferenças de forma e de conteúdo entre os dois viajantes, de modo a evidenciar a especificidade da obra de Saint-Hilaire.

Viagem às nascentes do Rio São Francisco e à província de Goiás Tomo I

A narrativa de Saint-Hilaire sobre Goiás é composta por duas partes: o último capítulo do primeiro tomo da obra *Voyage aux sources du Rio de São Francisco et dans la province de Goiás* é reservado a descrever aspectos gerais da província, de modo a fornecer uma visão geral e respaldada por inúmeros autores sobre a situação geográfica, histórica, política e socio-econômica da então província; a segunda parte que compõe o tomo II da referida obra contém o relato da viagem propriamente dito.

Noções de progresso, felicidade e bem-estar coletivos faziam parte da bagagem cultural de Saint-Hilaire e correspondiam a um ideário iluminista. A partir da observação direta, com o apoio da bibliografia consultada, sua narrativa sobre Goiás apresenta uma perspectiva de missão civilizatória. Como observou Lorelai Kury, ser civilizado significava o desfecho de um processo de desenvolvimento no qual se media a capacidade do homem em controlar o mundo natural³. Em seu relato, atua como conselheiro e propõe mudanças no modo de vida e na forma de produção econômica da população, além de fazer prognósticos sobre um provável futuro da região ao alcançar a civilização, num otimismo característico do pensamento ilustrado.

É a crença na objetividade da ciência e na utilidade que dela deriva, além do espírito desejoso de exatidão, que impele o naturalista a elaborar o “Quadro Geral da Província de Goiás”. Herdeiro de concepções utilitaristas da natureza e do ser humano provindas do Iluminismo, Saint-Hilaire acreditava que

somente através da civilização se poderia tirar proveito dos recursos naturais. Para tanto, julgava que o meio adequado seria a história natural, em sua tarefa de sistematização da natureza e no estudo das organizações humanas. No "Quadro Geral da Província de Goiás", o naturalista viajante sintetiza informações sobre "história", "extensão", "limites", "superfície", "vegetação", "clima", "salubridade", "população", "administração geral", "finanças", "clero", "instrução pública", "resultados do dízimo", "forças militares", "extração do ouro", "cultura das terras", "meios de comunicação" e "costumes". Esse quadro-síntese, provavelmente organizado quando já havia voltado para a França⁴, foi baseado em memorialistas e em outros viajantes e forma cenário sobre o qual ele constrói sua narrativa. Tal organização lhe permite estabelecer a diversidade e a singularidade das paisagens percorridas e os entraves ao progresso, assim como avaliar o estágio de "civilização" em que se encontrava a província, como nos exemplos seguintes:

Il y a si peu de monnaie dans ce pays que, parmi les gens du commun, personne ne sait compter par reis comme on fait em Portugal et dans le reste du Brésil⁵.

Ou

Le dernier Mineiro sait causer, et le fait souvent avec esprit et amabilité: les colons goyanais gardent un silence stupide; ils ont un air d'indolence, une sorte de niaiserie qui les fait reconnaître sans aucune peine⁶.

Identifica-se nessas passagens uma desqualificação da população da província, que surge no curso de suas análises, contribuindo na construção de uma imagem desta. Conforme observou Márcia Naxara, paralelamente ao enaltecimento da natureza, o viajante do século XIX desqualificava o habitante. Tais imagens são frutos de um olhar para o Brasil baseadas no cientificismo e na sensibilidade romântica que fundamentaram o conhecimento do país na época⁷, mas também apontavam para a necessidade, conforme acreditavam os naturalistas viajantes, de um projeto civilizatório.

Por outro lado, Saint-Hilaire credita parte da situação crítica da província às autoridades do país, a quem faz um apelo:

Mais de simples conseils, des exhortations, peut-être même quelques bons exemples ne suffiront probablement jamais pour arracher les cultivateurs goyanais à la profonde apathie ou ils sont

plongés. Il faudrait que l'administration, qui a tant contribué à les amener à ce triste état, les aidât à en sortir, en les stimulant par un puissant intérêt; il faudrait qu'elle sût faire quelques sacrifices momentanés, pour en retirer de grands avantages dans l'avenir⁸.

O naturalista viajante argumenta que, ao documentar os diversos aspectos da cultura goiana e, principalmente, as agruras por que passaria o povo, poderia chamar a atenção da administração central para essa província interiorana. A passagem de Saint-Hilaire por Goiás aconteceu em um momento em que apareciam inúmeros estudos e debates destinados a solucionar a crise porque passava a coroa portuguesa e que caracterizariam o Reformismo Ilustrado luso-brasileiro. Nesse ambiente ilustrado, os naturalistas eram recebidos com satisfação pelos oficiais da administração e clérigos e, por sua vez, procuravam estender ao máximo sua convivência com eles⁹. Desse modo, aproveitando-se do prestígio de que gozava ante as autoridades, Saint-Hilaire busca fazer valer sua voz e indica as soluções que lhe pareciam mais eficazes para sanar a miséria que, segundo ele, dominava a região.

No prefácio de seu livro, Saint-Hilaire assinala a importância que atribui ao seu relato de viagem, no sentido de considerá-lo fonte histórica, enfatizando, assim, a relevância de sua escrita, bem como a de outros viajantes para a história do país. Destarte, ele declara ao leitor brasileiro que, por meio de sua obra, proporcionará um conhecimento da origem dos menores arraiais de Goiás, ao contrário do que acontecia na Europa.

[...] et alors jouiront d'un avantage que l'on a rarement en Europe; ils sauront avec certitude, par l'écrits de quelques voyageurs, quels furent le premier commencement non-seulement de leurs villes, mais de leur moindres bougardes¹⁰.

Essa passagem confirma a crença do viajante que, baseado em Chateaubriand, anuncia: "as viagens são uma das fontes da história". Com isso, assinala um dos papéis da literatura de viagens no contexto da época¹¹.

O naturalista viajante, ainda no prefácio do livro, enfatiza a importância de seu relato por ser o primeiro francês a percorrer o interior do Brasil e a visitar as províncias de Minas Gerais, Goiás e São Paulo. Apesar de considerar Goiás como uma província em que não encontrou sinais de civilização, projeta, para um futuro distante, um quadro no qual reinaria o progresso, traduzido em cidades populosas cortadas por estradas de ferro, em que uma vegetação então exuberante, mas "inútil", seria substituída por plantações de espécies alimentares. No parágrafo anterior do prefácio, o autor expressa um pensa-

mento que será recorrente em toda a sua narrativa sobre Goiás, que é a crença na passagem de um estágio “precário” da situação vigente a um outro, que imagina ser o desejado, uma sociedade civilizada, apta a explorar todos os seus recursos naturais:

[...] qu'avant les nombreuses plantations de maïs, de manioc, des cannes à sucre e des arbres fruitiers, qui couvriront la terre, elle of-frait une végétation brillante mais inutile¹².

Em seu texto, Saint-Hilaire sugere um futuro radiante para Goiás devido à grande extensão de terras da província, aptas à agricultura e à pecuária que, àquela época, possuía, segundo o autor, uma vegetação “inútil” por não ser produtiva. Aqui, novamente, ele afirma a importância do trabalho dos naturalistas viajantes, dizendo que através dele o Brasil, ao contrário da Europa, conheceria sua vegetação primitiva. Ao mesmo tempo, expressa o desejo de ver tal vegetação transformada em campos cultivados.

No “Quadro Geral da Província de Goiás”, o naturalista viajante faz um breve resumo da história da conquista de Goiás pelos paulistas por meio da consulta de autores, como Luiz Antônio da Silva e Souza, Manuel Ayres do Casal, Robert Southey, Karl Friedrich Phillip von Martius, Johan Emanuel Pohl, José de Azevedo Pizarro e Araújo, Raimundo Cunha Mattos, entre outros. Saint-Hilaire não somente reproduz a historiografia consultada, mas lhe dá um colorido próprio, comparando a visão de diversos autores e emitindo sua opinião a respeito do assunto tratado. Assinala a rápida passagem de uma situação de riqueza para uma de decadência, asseverando, porém, que em todas as ocasiões predominaria a desordem, o caos, a impunidade e o relaxamento de costumes na província e, como tal, não teria havido uma “idade de ouro”. Para o autor, esse estado de coisas demonstraria uma total falta de iniciativas, no sentido de se trabalhar de modo “correto”, ou seja, dedicar-se à agricultura, principalmente após a diminuição da produtividade das minas de ouro. E o que ele lamenta, antes de tudo, seriam as consequências desse estado de miséria:

[...] et ils perdaient jusqu'aux éléments de la civilisation; les idées religieuses, l'habitude de former des liens légitimes, la connaissance de la monnaie et l'usage du sel¹³.

Para Saint-Hilaire, a pobreza reinante na província significaria uma decadência moral com a perda de certos valores civilizatórios, como a religião e o casamento, acompanhados de uma decadência material, pois não haveria moeda em circulação e a restrição do uso do sal, produto caro na região, afetaria a saúde dos habitantes.

Como essa parte do livro é pretensamente descritiva e como ele percorreu somente a parte meridional da província, para explicar determinadas características da região, recorre à pesquisa de outros autores, como, por exemplo, para determinar a extensão da província.

Ce qui prouve combien il faut s'en défier, c'est que Casal, qui est à peu près d'accord avec Pohl sur l'étendue en latitude de la province de Goyaz, ne lui donne pourtant (Corog., I, 319) que environ 200 legoas de longueur, tandis que Pizarro dit qu'elle a 331 legoas du nord au midi, et 226 de l'est à l'ouest. Schoeffer lui attribue 12, 932 milles carrés géographiques (Bras., 225); da Cunha Mattos, probablement beaucoup mieux instruit, évalue sa surface de 22 à 25,000 lieues carrés portugaises¹⁴.

O naturalista viajante analisa a vegetação encontrada, separando-a em bosques e campos, ou seja, os tabuleiros descobertos constituídos de plantas herbáceas e os tabuleiros cobertos formados por árvores tortuosas de casca suberosa e folhas duras e quebradiças. Desta maneira, supõe que, mais ao norte da província, a terra seria mais pedregosa e mais desprovida de vegetação¹⁵, muito provavelmente baseado no relato de Pohl que percorreu o norte de Goiás entre 1819 e 1820¹⁶, cuja leitura admite em outro trecho de seu relato.

As comparações são uma constante nos escritos do naturalista viajante: ora ele compara a vegetação de Goiás com a de Minas e Rio de Janeiro, ora ele as compara com a vegetação europeia, mas destaca que, em detrimento da exuberância, existem variedade e beleza na vegetação goiana:

[...] et sans cesse le voyageur est récréé par des accidents de végétations, des différences de forme et de feuillage auxquels l'Européen n'est point accoutumé¹⁷.

Em Saint-Hilaire, o recurso da comparação parece ter dois propósitos principais: primeiramente, montar um quadro das províncias que visitou, formando uma ideia do conjunto através da comparação, mas também surge como um recurso de aproximar realidades distintas, uma vez que não consegue explicar a realidade que experimenta a partir de seus próprios termos.

E como em sua linguagem predomina, quase sempre, um eloquente sentido de utilidade, ele tenta demonstrar o potencial de exploração dos recursos naturais com os quais se defronta. Em outras vezes se sobressai uma observação sensível, decorrente da veia romântica que permeava os naturalistas

do início do século XIX, como quando ele se refere à palmeira buriti:

La, aussi bien que dans les marais du Sertão de Minas, s'élève majestueusement l'élégant bority (Mauritia vinifera, Mart.) dont l'imposante immobilité est si bien en harmonie avec la calme du désert¹⁸.

Para Günther Augustin, conforme uma concepção vigente no século XIX, esses momentos podem ser traduzidos como se o viajante expressasse seu olhar externo dos fenômenos e o poeta revelasse seu olhar interno¹⁹.

A viagem de Saint-Hilaire a Goiás se estendeu de 27 de maio a 5 de setembro de 1819 que corresponde, portanto, ao período de seca. Atentando à diversidade de discursos presentes em seu texto, entre a objetividade e a subjetividade, percebe-se que, ao tratar do clima e da salubridade, ele utiliza dados exatos, como a medição da temperatura em diversos momentos do dia e as estações do ano, mas não se furta em discorrer sobre as cores locais, o azul do céu, a névoa seca, os sinais que antecedem a temporada de chuvas²⁰.

Apesar de considerar o clima de Goiás "salubre", para Saint-Hilaire, haveria a necessidade de intervenção do engenho humano, a fim de se transformar e se viabilizar o meio-ambiente e, assim,

[...] ce pays ne saurait être considéré comme insalubre, et il le deviendra moins encore lorsque par des travaux on aura assaini les lieux marécageux²¹.

Mostra-se impossibilitado de dar números precisos sobre a população da província, seja pela diferença entre os indígenas (catequisados) computados no censo e aqueles não sujeitos ao governo da metrópole, seja pelo número declarado de escravos, inferior à realidade e diminuído pelo temor da volta do imposto da captação que recaía sobre a quantidade de cativos que possuía um proprietário. O naturalista expõe essa dificuldade, comparando os números entre os diversos autores consultados e, para dar uma noção sobre o diminuto povoamento da província, compara-a às províncias de Minas, Espírito Santo e ainda à França.

[...] Il est clair encore que, sur une surface qui n'est certainement pas moindre que celle de la France, il n'y avait pas, en 1819, la quatre cent vingt-cinquième partie de la population de notre pays, ou bien, si l'on aime mieux, dans une étendue ou, terme moyen, il y a, en France, 425 individus, il y en aurait à peine eu un seul à Goyaz²².

Para determinar a população da província, Saint-Hilaire adota a cifra proposta por Cunha Mattos em 1824 (62.518 indivíduos) e, ao refletir sobre a desproporção que havia entre brancos e negros, justifica a presença de somente um sexto de brancos entre a maioria de negros e mestiços na população, em razão da distância da província do litoral, o que reforça o uso constante da expressão *désert* ou *sertão* e enfatiza o quão distante estaria a província da "civilização".

Mas, há outro fator que o autor utiliza para explicar o pequeno número de habitantes brancos – o clima. Assim, atribui a predominância de negros na região à inclemência do clima que, segundo ele, seria mais apropriado à raça etiópica do que aos caucasianos. Em momento algum, o sistema colonial – baseado na escravidão – aparece como justificativa para tal quadro. Tal omissão leva a crer que considerava os negros inferiores, sendo que sua participação no processo civilizatório seria mínima e, desse modo, uma população de maioria negra acentuaria ainda mais a distância que a província de Goiás se encontrava da "civilização". Nesse sentido, pode-se verificar situação semelhante analisada por Valéria Lima²³, ao tratar da viagem de Debret ao Brasil. A autora argumenta que Debret considerava a participação dos escravos na marcha civilizatória, mas que essa seria restrita à questão da resistência física, sendo que os atributos de inteligência e habilidades superiores seriam apanágio dos brancos. Como Saint-Hilaire, Debret acreditava que a "civilização" dependia, sobretudo, das capacidades intelectuais do europeu.

Recebido como visitante oficial e apoiado pelas autoridades da administração pública e pelo clero, Saint-Hilaire não deixa, entretanto, de criticar o governo português, que considera não estar preparado para governar essa parte do império:

[...] ils se trompèrent également sur les personnes et sur les choses: ils crurent le pays riche et il est pauvre; ils crurent ses habitants stupides, et ils sont intelligents et susceptibles de tout apprendre²⁴.

Tal crítica estaria embasada no desconhecimento do país pelos portugueses ou por desconsideração das habilidades de seu povo. Pode ser vista como uma apropriação, por parte do naturalista viajante, da então denominada "legenda negra", espécie de propaganda anti-ibérica que atribuía ao "ciúme dos portugueses (e dos espanhóis), com relação a seu ultramar", a causa do atraso dos países da península e sua ignorância com relação às Luzes²⁵ (ver capítulo II).

E, para reforçar essa crítica, o naturalista viajante apela para a descrição dos impostos que recaem sobre a população, que serviriam para tornar ainda mais penosa a situação da província:

1º Un droit sur les marchandises qui entrent dans la province (entradas); 2º La dîme des productions du sol (dízimos), qui, par un arrangement conclu jadis entre le clergé et le government, avait passé entre les mains de ce dernier; 3º Le passage des rivières affermé par l'administrations (passagens dos rios); 5º Un droit sur la vente de la viande fraîche (carnes verdes); 6º Droit de vente sur les immeubles (décimas, sellos e sizas); 7º Le quint (quinto), c'est-à-dire le cinquième que l'on prélève sur l'or en poudre avant de le mettre en lingot; 8º Un droit destiné au payement des instituteurs (collectas); 9º Un droit mis sur les boutiques au profit de la banque de Rio de Janeiro²⁶.

Nesse "Quadro Geral da Província de Goiás", Saint-Hilaire faz, ainda, uma demonstração dos números da decadência econômica, demonstrando a perda da arrecadação do ouro e a diminuição dos dízimos cobrados sobre a produção agropecuária. O discurso de Saint-Hilaire é centrado na diferença entre aquilo que enxerga e o que considera adequado, e a solução exigiria que se alterasse tal estado de coisas no que concernia à administração luso-brasileira. Por outro lado, para o naturalista, para reforçar esse quadro de dificuldades, existiriam os aspectos sociais, como a pobreza e o isolamento em que vivia o sertanejo, que o impediria de mudar de vida ou mesmo fazer valer seus direitos. Assim é, por exemplo, quando comenta sobre a cobrança do dízimo nas propriedades rurais, realizada pelo dizimeiro acompanhado de um perito e mais de uma pessoa à escolha do colono:

[...]mais celui-ci est presque toujours un homme riche, soutenu par de nombreux amis; il se presente chez le cultivateur qui vit dans l'isolement et la pauvreté, loin de la ville ou des villages, qui n'a aucune connaissance des affaires, aucun protecteur, aucun appui²⁷.

Essa falta de vínculos com a vida "civilizada" não significaria, entretanto, um isolamento total, mas era fruto das atividades agropecuárias que se intensificariam após a queda da produção do ouro. Esse tipo de trabalho manteria os habitantes longe das cidades na maior parte do tempo. De acordo com Amílcar Torrão Filho e Maria Fernanda Derntl, no século XVIII, a administração luso-brasileira empenhava-se em formar vilas e cidades com o intuito de promover a "civilidade, a sujeição das populações dispersas à autoridade da Igreja e ao Estado"²⁸, sendo que a dispersão da população era algo que escapava ao controle do governo. Se o interesse de Saint-Hilaire não é o

mesmo dos portugueses, ao menos, coincide com o fato de que ambos consideram a cidade como o lócus de aprendizado da vida "civilizada":

[...] Ne communiquant point les uns avec les autres, éloignés des chefs-lieux de paroisse ou ils pourraient s'entretenir encore dans quelques idées de morale et de religion, s'abandonnant de plus en plus à cette apathie à laquelle les invite la chaleur du climat, vivant de leur chasse, d'un peu de laitage, à peine vêtus, se livrant à l'in-cestre faute de trouver d'autres femmes[...]²⁹.

Sobre a participação dos clérigos na vida comunitária da província, Saint-Hilaire afirma, a princípio, que esses seriam os únicos homens cultos da região e os únicos capazes de desempenhar a missão civilizatória. Mas, critica-os por acreditar que, a despeito de comungarem com a fé cristã, se entregariam a toda sorte de vícios, a exemplo de outros habitantes. A religião no contexto pós-iluminista do século XIX apresenta um viés civilizatório, no sentido de poder influenciar os modos e os comportamentos da população e, nesse ponto, o naturalista viajante corrobora ideias de outros autores consultados por ele à época da redação de seu livro. Por exemplo, endossa a opinião de Monsenhor Pizarro sobre o clero em Goiás:

[...] Les prêtres de Goyaz sont ignorants, le peuple l'est bien davantage encore; et de là vient que toutes sortes d'abus se sont introduits dans ce pays, qu'on y est imbu d'absurdes préjugés, que l'on s'y livre au sacrilège et à la superstition, enfin que les lois de l'Église et celles de l'État y sont violées sans aucune retenue (Mem. Hist., IX, 258)³⁰.

Mas, a suposta ignorância e o relaxamento dos costumes não seriam os únicos fatores a prejudicar a função do clero diante da sociedade. Amílcar Torrão Filho acrescenta que havia outros aspectos considerados pelos viajantes: o ritual ultrapassado, o luxo exagerado das igrejas e a pompa das procissões, para as quais se empregavam até jóias com pedras preciosas. O autor observa ainda que, para Saint-Hilaire, a venalidade das autoridades e a simonia do clero se equivaliam³¹, de modo que, a partir da enumeração das inúmeras questões que se apresentavam ao longo de seu discurso, Saint-Hilaire tecia as causas da decadência goiana.

Analisar o passado e o presente de uma determinada questão, destacando sua problemática e, em seguida, apontar alternativas que acredita ser a solução para o problema, em um discurso reformista e propositivo – é assim que Saint-Hilaire desenvolve algumas questões apontadas no "Quadro Geral da província de Goiás", como, por exemplo, a extração do ouro e a cultura de

terras. Essas prescrições apontam para o quadro ideológico da época, no qual se observa uma aceleração na formulação e implementação de projetos típicos do Reformismo Ilustrado. O marco, segundo André Nicácio Lima, coincide com a ascensão de D. Rodrigo de Souza Coutinho em 1796³². De modo semelhante agiam Saint Hilaire e outros viajantes europeus, propondo projetos que visavam “melhorias” e “espírito de progresso”. Saint-Hilaire aponta para a necessidade de se aplicar novas tecnologias de produção que os goianos, segundo ele, desconheciam ou não teriam condições de adotar. Pode-se fazer um paralelismo com a afirmação de Mary Louise Pratt: “*En esta literatura los fracasos de la vida economica hispanoamericana no son diagnosticados simplemente como el negarse a trabajar, sino también, más específicamente, como la incapacidad de racionalizar, especializar y maximar la producción*”³³.

Entre as soluções propostas por Saint-Hilaire, observa-se que, no caso da extração do ouro, o naturalista viajante propõe a mecanização da exploração por meio da criação de “companhias”, sociedades formadas por uma inversão de capitais de diversas procedências e dirigidas por pessoa competente, escolhida pelo governo. Entende-se que ele via esse tipo de empreendimento como um meio de possibilitar a interferência de europeus (além dos portugueses) nos negócios brasileiros, mas ele não se mostra claro quanto a essa questão. Entretanto, o naturalista vai mais além e propõe a criação de uma escola de formação de mineradores que poderia, inclusive, se localizar na França ou na Alemanha, ou seja, enfatiza o papel que a Europa teria no quadro de reformas que propunha. E, por fim, alude para uma possível participação futura de estrangeiros nos negócios em detrimento das pessoas locais:

*[...] Cette province ne restera pas toujours inconnue comme elle l'est aujourd'hui, et, si le gouvernement ne prend quelques mesures pour assurer aux nationaux la possession de leurs richesses, des étrangers viendront les exploiter; ils amèneront avec eux des machines et des esclaves, et les Goyanais, tristes témoins des succès d'autrui, verront leur or sortir de chez eux pour aller, à Londres, augmenter la fortune de quelques capitalistes*³⁴.

No âmbito desse processo de diagnosticar problemas e propor medidas que alavancassem a província rumo ao progresso da “civilização”, a agricultura, uma das aplicações da botânica, deveria viabilizar produtos naturais, como alimentos e medicamentos. Essa atividade também põe em relevo o papel dos naturalistas, no que considerariam um processo civilizatório, pois, dentro da história natural, a pesquisa de plantas úteis revela-se uma atividade siste-

mática³⁵. Nesse sentido, ao discorrer sobre a cultura das terras, Saint-Hilaire escreve dentro de sua própria especialização e, desse modo, apresenta recomendações ao povo goiano quanto ao melhor modo de proceder em suas culturas. Primeiramente, sugere que se cultivem produtos que, tendo menor volume e maior mercado, como o chá, o índigo e a amoreira, pudessem ser exportados com grande lucro aos agricultores. Propõe, ainda, a intensificação do plantio, nas terras altas, de vegetais, como o trigo e a uva, que já obtinham bons resultados, quando cultivados adequadamente, e possuíam uma aceitação por toda a província. Quanto à criação de animais, mormente o gado vacum, sugere roteiros para transportar os animais de forma racional, com paradas para evitar viagens excessivas, e o estabelecimento de feiras em pontos estratégicos que viabilizariam a exportação³⁶.

Porém, no que concerne ao uso da terra, a questão que mais incomoda Saint-Hilaire é a maneira de preparar a terra para o cultivo da maioria dos brasileiros, inclusive dos goianos – as queimadas. O botânico considera o sistema adotado como altamente prejudicial à terra, o qual traria inúmeros problemas aos “inconseqüentes” cultivadores:

*Il ne suffirait pas d'encourager les cultures les plus profitables, il serait au moins aussi important d'attaquer le système destructeur qu'on adopté, pour l'exploitation de leurs terres, les colons goyanais, comme ceux de S. Paul, de Minas, etc., triste système qui ne permet pas de planter ailleurs que dans les bois, et qui amène la prompte destruction des plus belles forêts*³⁷.

Nesse trecho, Saint-Hilaire condena o sistema de queimadas que restringiria o cultivo da terra somente onde há florestas e observa que o cultivo extensivo significaria a perda de belas matas.

Ainda debatendo sobre as questões econômicas da província, Saint-Hilaire observa os inconvenientes de a moeda corrente ser ainda o ouro em pó, ao contrário de outras províncias que já utilizavam moedas cunhadas. A facilidade de falsificação, a demora em se fazer a pesagem do ouro em pó, a dificuldade de dividi-lo em quantidades pequenas e outros tipos de perda convencem o naturalista de que esse sistema não seria o mais adequado, mas pondera que ele existiria em Goiás pela pequena quantidade de dinheiro que circularia na província³⁸. Encontra-se aqui mais um argumento do naturalista que, somando-se a outros, explicaria a suposta decadência de Goiás.

Na narrativa de Saint-Hilaire, a descrição de uma província estagnada pas-

sa também por comentários a respeito das vias de comunicação. Apesar de considerar que as existentes são suficientes para as necessidades da província, o naturalista viajante toca em um ponto crucial em sua análise sobre as condições de vida na província de Goiás: o isolamento geográfico e o povoamento rarefeito. Algumas considerações devem ser feitas a esse respeito: Nasr Chaul observa que a falta de estradas (ou a precariedade delas) foi o argumento inicial para justificar a decadência, mas que, na fase aurífera, isso não se constituía um problema³⁹. No discurso do isolamento, de acordo com André Nicácio Lima, a distância permanece como fator de unidade e diferenciação, mas é um dado quantitativo, sendo que o que mais importa é a posição periférica que a província ocupa, em um quadro de relações entre centro e periferia, derivada da distância ou de condições adversas de produção e comércio⁴⁰. É aqui que a oposição entre sertão e civilização se faz mais evidente e encontra-se o argumento mais forte do naturalista para definir a decadência da província – Goiás é o sertão ou *désert* definida pelo povoamento escasso e rarefeito, pela distância dos sítios mais civilizados e pelo lugar que ocupa em uma hierarquia que envolveria centro e periferia. E *désert* (ou sertão), nessa acepção, segundo Luiz Francisco de Miranda, significaria periferia, fronteira que se deveria ultrapassar para a definitiva implantação de um modelo civilizatório no qual a ciência no século XIX teria o papel de compreender e eliminar o caos reinante⁴¹. O naturalista viajante acredita que o aprimoramento e a racionalização das culturas através de técnicas modernas, frutos do avanço científico, aliados ao aumento da população, reduziriam a distância da província aos centros do país, facilitando a criação de mercados internos e aprimorando a comunicação.

Para o naturalista, a maior causa da miséria que percebe em Goiás é sua distância dos portos de mar. Não obstante, acredita que as estradas existentes sirvam bem às necessidades da província apesar de terem sido construídas “sem nenhuma arte”⁴². Ele faz a descrição do que considera as quatro principais: uma na direção leste-sul, que vai a Minas e Rio de Janeiro, outra que vai na direção oeste à província de Mato Grosso, uma terceira que vai na direção sul-sul-leste para São Paulo e a quarta que leva a todas as povoações do norte de Goiás⁴³. Mas, haveria outro meio de se quebrar o isolamento, acredita Saint-Hilaire – desenvolver a navegação tanto pelos rios do sul como pelos do norte. Nesse aspecto, compartilharia um pensamento dominante de presidentes da província, ao longo do século XIX, que acreditavam que a navegação proporcionaria inúmeras possibilidades agrícolas e comerciais⁴⁴.

Reformar – esta é decididamente a palavra que resume as proposições de Saint-Hilaire sobre Goiás. Nada está de acordo com o que acredita ser “civilizado” e, portanto, não poupa palavras para apontar os rumos que a província deveria tomar para alcançar a civilização. Entretanto, Saint-Hilaire não está só nessa empreitada, a virada para o século XIX marca um período, segundo André Nicácio Lima, no qual proliferam projetos e estudos, elaborados por autoridades e baseados na economia política, na engenharia militar ou nas ciências naturais, destinados, entre outras coisas, a superar a crise causada pela decadência da mineração⁴⁵.

As reformas propostas por Saint-Hilaire têm um objetivo a cumprir – a missão civilizatória – que faz com que examine todos os aspectos da vida dos goianos. Assim, o naturalista aponta a falta de polidez e bons modos, como o primeiro aspecto que diagnostica na população, e atribui essa ausência de civilidade à pobreza do povo cuja riqueza fora pródiga e fugaz. As atividades intelectuais ficariam prejudicadas não somente pela pobreza, mas pelo isolamento – aqui novamente o isolamento apontado como fator de decadência – em que vive o povo. Esse pode ser traduzido por uma falta de comunicação com pessoas cultas que pudessem ministrar conhecimentos úteis e arrancar o povo de seu estado quase “selvagem”⁴⁶. Daí, a necessidade de intervenção de ilustrados e governantes, no sentido de levar a felicidade aos povos e “retirá-los das trevas”. Desse modo, no seu entender, a educação de modos significaria não apenas qualidades intrínsecas ou talento natural, mas resultaria da interação entre os agentes sociais. Conforme analisa Luiz Francisco Albuquerque de Miranda, para Saint-Hilaire, quando o modelo de conduta se afasta daquele europeu, esse se mostra incompatível com o aprimoramento moral do indivíduo e com o progresso da humanidade⁴⁷.

Nesse sentido, o naturalista aponta para a falta de uniões legítimas na província de Goiás, o que resultaria, de acordo com seu pensamento, em degradação moral dos goianos. E recorre a uma metáfora que traduz sua visão geral da província:

*Il en est des Goyanais comme de leur sol: presque partout il ne donne naissance aujourd'hui qu'à des plantes stériles; la culture et quelques soins intelligents suffiraient pour lui faire produire abondantes récoltes*⁴⁸.

Pode-se verificar nessa passagem que seu pensamento com relação ao modo de cultivo da terra se estende ao plano moral: somente sob o domínio da “civilização”, a “colheita” seria abundante.

Aqui novamente se insinua a necessidade do suporte europeu, para possível eliminação de um estado de coisas no qual reinariam a desordem e a barbárie, pois, em seguida, recomenda que sejam trazidos missionários franceses a Goiás, pois há pouco a esperar do clero goiano, a fim de se resgatar a dignidade perdida dos homens da terra⁴⁹.

Saint-Hilaire termina essa parte de seu relato professando sua fé na missão civilizatória da qual se considera participante. Faz um resumo dos principais males que, acredita, assolariam a província, propondo soluções destinadas a erradicar a pobreza e a ignorância, e a colocar a província no caminho da civilização. Acredita que a divulgação de seus escritos, através dos livros de viagem, serviria como elemento de esclarecimento a lançar uma luz sobre uma província pouco conhecida, como Goiás. Enxerga-se nessa atitude do cientista, de divulgar uma província tão distante e praticamente desconhecida, um meio de se destacar dos demais viajantes que visitavam o país à época, uma vez que muitos deles ficavam restritos à costa brasileira. Isso fica claro quando afirma ser o primeiro francês a percorrer o interior do Brasil e os sacrifícios e privações aos quais teve de se expor na viagem ao Brasil seriam, reiteradas vezes, lembrados pelo botânico. Isso pode ser constatado, quando ele concorreu a uma vaga na Academia de Ciências de Paris, pois, ao solicitar ao colega, o zoólogo Henri-Marie Ducrotay de Blainville, seu voto, faz menção aos sacrifícios a que teve de se expor na realização de sua viagem ao Brasil⁵⁰.

No final da primeira parte de seu livro, Saint-Hilaire se mostra orgulhoso de seu feito e observa que sua missão civilizatória, apesar de tantos sacrifícios, não teria sido em vão, se os conselhos que oferece pudessem dar frutos. Por fim, declara que seu trabalho, arrematado pela publicação de sua narrativa, é o modo de honrar a dívida de hospitalidade que ele teria com os goianos⁵¹.

[...] Et moi, si j'apprenais que ma faible voix a pu être entendue, que quelques-uns des conseils que je donne ici avec timidité ont porté leur fruit, je ne regretterais plus d'avoir passé dans des déserts, au milieu de privations toujours renaissantes, loin de ma famille et de ma patrie, les plus beaux jours de mon existence; je ne pleurerais plus la perte de ma santé; je pourrais me dire: J'ai payé la dette de l'hospitalité, et mon passage sur la terre n'a pas été inutile⁵².

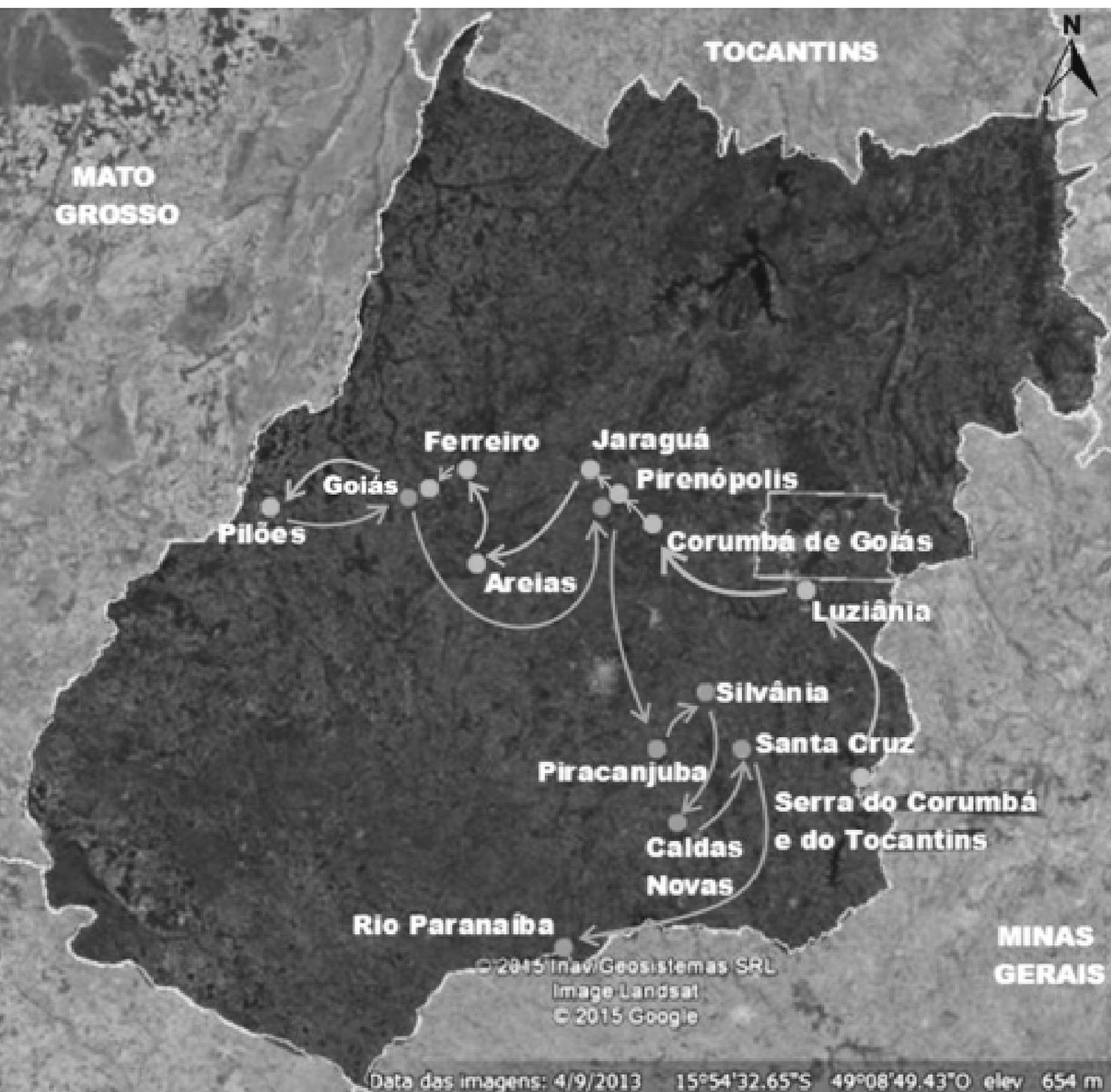
Através dessa citação, pode-se avaliar que o naturalista viajante atribuía a seu trabalho, incluídos aí a viagem e a publicação de seus livros, um papel considerável no âmbito das reformas pensadas como meio de regeneração da província de Goiás. Ao mesmo tempo, com essas palavras, revelava sua faceta de filantropo, no sentido de buscar o progresso e o bem-estar da humanidade.

Viagem às nascentes do Rio São Francisco e à província de Goiás Tomo II

A viagem

Em 1819, partindo do Rio de Janeiro, Saint-Hilaire alcança a estrada principal de Minas Gerais, onde estivera no ano anterior. Entra nessa província pelo povoado de Rio Preto, atravessa a região do Rio Grande chegando a São João del-Rei. Depois de visitar as nascentes do Rio São Francisco na Serra da Canastra e de conhecer a Cachoeira da Casca d'Anta, ele chega até a Comarca de Paracatu, na parte ocidental da província de Minas Gerais e se dirige à fronteira de Goiás. Na narrativa dessa viagem, Saint-Hilaire raramente faz referências a seus acompanhantes, mas é possível constatar que sua equipe era composta, naquele momento, ao menos, pelo assistente francês, Antoine Laruotte, pelo índio botocudo Firmiano, o tocador Marcelino e o arriero José Mariano. Porém, quando partiu do Rio de Janeiro em direção a Goiás, ele contava ainda com o assistente francês, Yves Prégent, que faleceu em Minas Gerais. Para o botânico, que seguia um roteiro pré-determinado, a porta de entrada na província de Goiás é a Serra do Corumbá e do Tocantins, divisor de águas que forma um ângulo com a Serra do São Francisco e do Paranaíba⁵³. A região percorrida por Saint-Hilaire se caracteriza por apresentar verões chuvosos e invernos secos, com chuvas concentradas de outubro a março e altitudes que variam de 300m a 1600m⁵⁴.

Ao partir para a análise da narrativa de Saint-Hilaire em Goiás, espera-se mostrar o



modo como se expressa um discurso sobre a dominação da natureza pelo homem através da ciência e sobre imperativos europeus em se implantar um modelo civilizatório nos trópicos.

Observa-se, na narrativa de Saint-Hilaire, uma dependência com relação às estruturas coloniais, conforme apontado por Mary Louise Pratt, pois o naturalista dependia, para realizar suas viagens, de todo um aparato formado por cartas de referências e favores de administradores, proprietários e clero, para assegurar a equipe de viagem, a hospedagem e a alimentação. No entanto, na análise de sua narrativa, constata-se que o naturalista, a despeito dos obséquios concedidos, não se furtava a criticar a administração portuguesa, culpando-a pelo atraso das coisas e pela sua incapacidade em "civilizar" a sociedade brasileira, ainda que poupasse, quase sempre, aqueles que o recebiam, elogiando-os pela hospitalidade.

O inventário de paisagens

Pretende-se neste item mostrar como o naturalista viajante elabora a noção de paisagens "vazias", por serem carentes de valores produzidos economicamente, resultando em um "sertão" onde predominam o tédio e a monotonia.

Flora Sussekind, em sua obra *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*, considera o *inventário* de paisagens, tipos e quadros locais que devem ser classificados à medida que aparecem sob o olhar de um naturalista viajante como mais importante até que a própria narrativa⁵⁵. Nesse sentido, pode-se acompanhar a sucessão de paisagens percebidas pelo olhar de Saint-Hilaire em sua viagem à província de Goiás e verificar que essa percepção parece estar condicionada por expectativas e conhecimentos determinados *a priori*, ainda que seja baseada em uma experiência concreta.

Ainda na província de Minas, sua entrada no sertão é anunciada pela presença de árvores tortuosas de troncos rugosos e folhas duras e quebradiças:

[...] Ces espaces ou croissent çà et là des arbres rabougris et ceux de même nature ou j'avais passé les jours précédents annonçaient le voisinage du Sertão ou désert⁵⁶.

No início de seu percurso, Saint-Hilaire reduz a paisagem entrevista a dois tipos de formação que se contrapõem às florestas anteriormente percorridas, aquele formado por árvores "mirradas" e os campos nos quais predominam gramíneas e subarbustos, restringindo, assim, as diversas fitofisionomias que apresenta o bioma cerrado⁵⁷. Se a princípio parece fascinado pela paisagem, logo é dominado por uma "fatigante monotonia", pela "imensidão sem fim" do sertão.

[...] Mais, il faut le dire, la répétition des mêmes objets a bientôt épuisé l'admiration, et, au milieu de ces déserts auxquels l'industrie humaine n'a presque rien ôté de leur monotonie primitive, le voyageur succomberait sous le poids de l'ennui, s'il n'était soutenu par de grands intérêts, ou si, livré à l'histoire naturelle, il n'échappait, para l'étude variée des détails, à l'uniformité de l'ensemble⁵⁸.

Essa impressão de repetição e homogeneidade acompanha o viajante durante seu percurso por Goiás e o leva a empregar a expressão *désert* ou "sertão" para definir paisagens que lhe parecem monótonas, não apenas por seu aspecto paisagístico, mas também porque não apresentam sinais de atividade humana, como na passagem seguinte: *"il est seulement à regretter que le paysage ne soit pas animé par des habitations"*⁵⁹. Nesse sentido, o "sertão" surge não apenas como paisagem física, mas como conceito ligado à produtividade e à cultura.

Então, *désert* ou "sertão", para Saint-Hilaire, não se refere somente às grandes extensões abertas do planalto central, mas indica áreas não ocupadas ou que não apresentam sinais de ocupação na vasta província.

Porém, às vezes, a homogeneidade do conjunto é quebrada pelo olhar atento aos detalhes e, ao longo de sua viagem, algumas singularidades são reveladas, como, por exemplo, a monocotiledônea, denominada *Vellozia*, o impressiona-o pelos seus ramos cobertos de escamas e pela "bela flor envolta em um tufo de folhas lineares"⁶⁰. Essa observação remete a um método constante na descrição das paisagens, como já explicitado: a comparação, para Saint-Hilaire, são as diferentes espécies de *Vellozia* que marcam a diferença entre a vegetação de Minas e aquela dessa região de Goiás⁶¹.

Conforme já referido no capítulo III, o modo de escrita de Saint-Hilaire é uma escrita em movimento e, por meio dessa "escrita-em-trânsito", é possível acompanhar cada passo de seu itinerário. Verifica-se que, à medida que percorre o caminho, há que se considerar a ambiguidade de suas impressões e,



Figura 14. Exemplar de *Vellozia* (canela-de-ema) encontrada em Goiás. Foto da autora

paralelas ao tédio constante, novas paisagens o vão surpreendendo. De tanto em tanto, encontra várzeas que lhe parecem um "oásis" no meio do "deserto", onde o buriti (*Mauritia vinifera*) domina o ambiente. Nesses momentos que o sensibilizam, ele vivencia a paisagem e interage positivamente com ela, transformando materialidade e representação em uma realidade indissociável⁶². Como, ao aproximar-se de Meia Ponte (atual Pirenópolis), percebe a mudança no relevo, o olhar é a um só tempo objetivo e sensível:

A l'exception de quelques sommets couverts de rochers anguleux qui semblent brisés artificiellement et sont entassés sans ordre, toute la partie des Montes Pyreneos que je parcourus offre un terrain assez égal⁶³.

Ao descrever o inventário de paisagens, pode-se perceber no relato de Saint-Hilaire tanto a busca da objetividade como traços do Romantismo, a

emoção estética se mistura com a precisão científica que é uma das características do naturalista viajante do século XIX. O sentimento do pitoresco, fruto de um olhar dirigido e condicionado pela cultura europeia deste período, "exerceu uma influência clara e determinante na percepção dos viajantes acerca das paisagens naturais e urbanas do Brasil"⁶⁴. Uma descrição de uma paisagem pitoresca, segundo Saint-Hilaire, mostra-se na seguinte passagem:

Ce fut le jour suivant que je descendis le plateau. Lorsqu'on y a fait près de 5 legoas, le terrain commence à s'incliner; mais, un peu auparavant, il devient caillouteux et d'un rouge obscur: des arbres rabougris, très-différents les uns des autres par leur feuillage, se rapprochent, confondent leurs branches, et le chemin parfaitement uni, qui serpente au milieu d'eux, ressemble à une allée de jardin anglais⁶⁵.

Há também outra matriz importante na percepção e descrição dos naturalistas viajantes de início do século XIX, a poética do sublime. Ela comparece na narrativa de Pohl: "Essa imagem marcou poderosamente meu espírito. Com temeroso respeito atravessei essa abóbada da selva, o escuro dessa floresta, que com suas figuras indefinidas, se me afigurou como um grande segredo da Natureza"⁶⁶. Diferentemente, imagens que evocam as incomensuráveis forças da natureza e assombram o homem não são encontradas na narrativa de Saint-Hilaire sobre Goiás.

De qualquer maneira, afinidades com o pensamento científico da época, em especial com Humboldt, são encontradas em Saint-Hilaire, por exemplo, quando aconselha os botânicos: "[...] que costumam descrever as plantas do Brasil baseados em herbários a tentarem associar às espécies já existentes, os singulares espécimes produzidos pelas queimadas [...]"⁶⁷.

A noção de associação entre os vegetais e suas relações com o ambiente no qual vivem remetem à concepção holística da natureza de Humboldt e de outros cientistas românticos da natureza que, segundo Karen Macknow Lisboa, se contrapunha à "interpretação mecanicista e fixista da natureza, conforme defendiam algumas vertentes do século XVIII"⁶⁸. Estas acreditavam que a natureza era por demais complexa e dinâmica para ser definida em quadros estáticos como os herbários⁶⁹. As descrições de Saint-Hilaire, ainda que não abandonem as prescrições da história natural, mesclam-se sempre com a vivacidade do testemunho proporcionada pelo sentimento do pitoresco.

Acostumado a percorrer, em seus quase quatro anos de Brasil, as densas florestas do Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo, Saint-Hilaire se

mostra entediado com a vista das grandes extensões abertas do sertão, formadas por árvores retorcidas e esparsas, gramíneas e subarbustos. A falta de interesse que demonstra pelo cerrado se traduz em tédio que somente é quebrado quando alguma vegetação lhe desperta a atenção,

Les bois, comme tous ceux que j'avais vus jusqu'alors dans cette province, sont loin d'avoir la majesté des forêts vierges de Rio de Janeiro ou même de Minas ; néanmoins, dans les endroits bas et humides, ils se font aussi remarquer par leur vigueur, et partout ils présentent un épais fourré d'arbrisseaux qui donnent beaucoup d'ombrage et de fraîcheur⁷⁰

E assim, na estrada que vai de Jaraguá à capital da província, Vila Boa, a presença de matas arranca algum entusiasmo do entediado naturalista. Ele vislumbra a vegetação vigorosa, a qual não perde as folhas durante a seca, antes, continua viçosa e que forma o "Mato Grosso"⁷¹ goiano. Daí, pode-se aventar a questão: como um botânico pode se entediar no cerrado – acostumado com a exuberância das florestas da Mata Atlântica –, o "vazio" do cerrado pode provocar tédio em um naturalista, uma vez que tinha uma enorme biodiversidade para descobrir e analisar, levando-se em conta os poucos estudos sobre a região à época? Para ele, a falta de espécies em floração e de outras sem folhas devido à seca era um fator impeditivo ao estudo dessas, justificando seu pouco interesse. Existiria um "modelo" de natureza que podia ser apreciado por Saint-Hilaire? Pois, a mata densa do "Mato Grosso" goiano parece encarnar esse "modelo":

[...] La dernière partie de ce bois offre une végétation beaucoup plus belle que la première ; là des arbres, la plupart vigoureux, assez rapprochés les uns des autres, sont liés entre eux par un épais fourré d'arbrisseaux et de lianes, et, en certains endroits, des bambous fort différents de ceux que j'avais vus au-dessus de Jaraguá, à tiges plus grandes et moins grêles, forment d'épais berceaux⁷².

De modo geral, a partir da observação contida logo no início de sua narrativa sobre a homogeneidade do conjunto da vegetação do cerrado, descrita em paisagens monótonas e desérticas, haveria também aquelas que se intercalam e sobre as quais o cientista discorre com certo deleite, quase podendo desfrutar da beleza do lugar, embora acabe sendo impedido por outras razões. Sobre esses momentos que pontuam a viagem, Ana Luiza Costa reflete que "tal como o *lócus terribillis*, o seu oposto, o *lócus amoenus*, lugar aprazível, prazeroso, que encanta e deleita, é também um topos recorrente nos relatos de viajantes e nas vistas amenas ou paradisíacas dos paisagistas"⁷³. E, à vista dessa paisagem "amena", Saint-Hilaire faz a seguinte descrição:

De grands arbres formaient au-dessus de nos têtes une voûte épaisse : cette solitude semblait séparée du reste de l'univers ; cependant il était impossible de jouir de la beauté de ce lieu, à cause des milliers d'insectes de toute espèce qui nous y dévoraient⁷⁴.

Para Flora Sussekind, esses momentos de entrega na relação com a natureza nunca podiam ser plenos, a natureza não estava ali para ser desfrutada, mas para ser classificada, estudada, julgada em suas possibilidades materiais. Assim, tais momentos geralmente são interrompidos por acontecimentos que interferem na contemplação, rompendo o encanto da situação: "[...] algo parecer interferir de imediato – um ruído, um perigo, um espécime novo qualquer – e remetê-los a sua atividade *princeps*⁷⁵.

Ao longo das descrições do *désert*, pode-se perceber que as paisagens que interessam ao naturalista seriam aquelas em que algum elemento da indústria humana está presente: uma casa, uma plantação, gado pastando, e seria a falta desses elementos que o entediaria. Porém, em uma rara observação, ele faz um elogio à natureza do cerrado quando, apesar de desnuda de marcas humanas, a paisagem lhe sugere algum dinamismo:

[...] Pas la plus chétive cabane, point de bestiaux, pas un chasseur, et cependant on ne peut pas dire que ces déserts aient rien d'affreux: le ciel de ce pays pourrait tout embellir. Puis, d'ailleurs, dans les bois, le voyageur est récréé sans cesse par des accidents singuliers de végétation ou des différences merveilleuses de forme et de feuillage; dans les endroits découverts, le terrain bas et humide est ordinairement parsemé de boritys qui majestueusement s'élèvent à des hauteurs plus ou moins grandes; enfin les montagnes voisines, dont les flancs offrent ou des bois ou des rochers à pic, modifient à chaque moment l'aspect du paysage⁷⁶.

Saint-Hilaire realiza uma viagem em que mais importante do que sua chegada a algum lugar são suas observações e acontecimentos durante o trajeto, bem como a descoberta e a coleta de novas espécies de plantas, pois era botânico e tinha o interesse estudar a flora brasileira. O naturalista fazia essa coleta durante o percurso, parando sempre quando alguma planta lhe chamava atenção, ou então, quando chegava a algum pouso, deixava a arrumação da tralha de viagem a seus empregados e saía, às vezes, sozinho, outras vezes, acompanhado, para herborizar. Mas, seu trabalho não parava aí, coletadas as espécies, ele buscava se informar junto à população local sobre os usos, medicinais ou não, que teria determinada planta:

Partout ou je m'arrêtais, j'avais soin de prendre dès renseignements sur les espèces médicinales le plus généralement en usage⁷⁷.

Desse trabalho, teve origem o livro *Plantes Usuelles des Brésiliens*, em 1824. Este livro apresenta, além da descrição botânica das plantas coletadas, a etimologia de seus nomes, a indicação dos locais onde foram encontradas, seus usos pelos brasileiros e suas propriedades medicinais, de acordo com experiências de cientistas europeus. Pode-se enxergar na obra uma contribuição à produção de conhecimentos para as ciências e também à produção de alimentos e medicamentos voltados à comercialização e à indústria.

Por viajar no período da seca, Saint-Hilaire tem oportunidade de vivenciar as queimadas causadas pelo homem, como processo de preparação do solo para o cultivo. O naturalista faz sérias restrições ao modo como se praticava a agricultura no Brasil, pois acredita que a destruição paulatina das florestas iria causar problemas no futuro dos quais os brasileiros muito se lamentariam. A vista dos campos crestados pelo fogo lhe provoca sentimentos sombrios, conforme se percebe no seguinte excerto: "à medida que avançava a estação, a seca se fazia sentir mais duramente, e a vista dos campos era de uma melancolia mortal"⁷⁸. Ele lamenta ainda a destruição de espécies vegetais úteis às artes e à medicina por meio das queimadas⁷⁹.

Ao condenar a prática das queimadas, o naturalista propunha a adubação, o uso do arado e de outras ferramentas que poderiam facilitar o trabalho dos agricultores e recuperar a terra extenuada, como já acontecia na Europa e no sul do Brasil. Com essas propostas, novamente, Saint-Hilaire compartilha do discurso reformista de governantes ilustrados.

Para o naturalista, conforme observa Jeanine Potelet⁸⁰, a destruição das florestas brasileiras por meio das queimadas revelaria o caráter ignorante e indolente do brasileiro e o condenaria a uma migração contínua, sendo essa itinerância um fator impeditivo à formação de uma sociedade "civilizada". Pode-se observar que Saint-Hilaire procura enxergar o elemento humano, que ele considera indolente e apático, como obstáculo ao avanço da civilização. Trata-se de um processo resultante de ações encadeadas: a indolência conduz ao procedimento de preparação da terra por meio das queimadas, considere-se, ainda, a falta de terras cultiváveis, causada pelo esgotamento do solo, o que leva à itinerância. Com base nisso, ele vai estabelecendo relações que lhe permitem concluir pela condenação de tal estado das coisas. Mas, a respeito do hábito das queimadas (Figura 18), como se pode perceber nessa passagem, o pensamento reformador e propositivo de Saint-Hilaire aponta para uma solução:



Figura 16. Queimada. Fonte: Johann Baptist von Spix e Carl Friedrich von Martius. *Atlas zur reise in Brasilien*

Qu'auraient-ils pu imaginer, en effet, quand ils auraient voulu planter dans un bois vierge, si ce n'est de couper les arbres et de les brûler? Il serait donc injuste de leur faire un reproche d'avoir commencé de cette manière; mais ce dont on pourrait, avec raison, blâmer aujourd'hui leur descendants, c'est de continuer à brûler les forêts, lorsque tant de terrains découverts et faciles à labourer sont à leur disposition; c'est de priver, sans nécessité, ceux qui viendront après eux de ressources si nombreuses que présentent les bois; c'est de courir le risque de dégarnir leurs montagnes de terre végétale et de rendre leurs eaux moins abondantes; c'est, enfin, de retarder les progrès de leur propre civilisation, en se disséminant chaque jour davantage dans leurs vastes déserts pour y trouver des arbres à incendier⁸¹

À prática das queimadas como meio de preparar o solo para plantar, o naturalista propõe o uso do arado e de fertilizantes para, desse modo, cultivar a terra aproveitando os terrenos já limpos sem a necessidade de destruir novas florestas.

Ainda que recolha plantas para compor seu herbário, cumprindo sua tarefa de botânico, embora se entedie com o cerrado pela sua "homogeneidade" e, às vezes, o descreva como pitoresco, a relação de Saint-Hilaire com a natureza se mostra mais determinante quando trata do cultivo da terra e de suas formas de produção.

Como a maioria dos naturalistas da transição do século XVIII para o XIX, Saint-Hi-

laire tem, objetivamente, razões para prezar o aspecto utilitário da natureza e, por isso, vê a agricultura como o caminho que levaria ao progresso e à civilização. Daí, a tarefa que se impõe ao naturalista, em seu desígnio de civilizar a sociedade brasileira, é a busca de meios para aproveitar os recursos naturais abundantes e que até então não foram utilizados. No século XVIII a início do XIX, a agricultura é considerada importante também como fator de imposição de uma rotina de trabalho a grupos considerados vadios e incivilizados.

Mas, a questão não se resume simplesmente em aproveitar os recursos naturais, mas também o modo como isso é processado indicaria o grau de civilidade a que chegou uma nação. E, nesse sentido, o naturalista estabelece uma comparação entre os campos semeados da Europa e os do Brasil:

[...] Non-seulement chez nous l'on contemple avec une douce satisfaction les moissons qui commencent à jaunir, mais un champ nouvellement labouré plait aussi aux yeux par cet aspect de régularité qui, éveillant toutes les esperances, annonce Le travail de l'homme industriel et civilisé. Au Brésil, au contraire, le terrain que l'on vient de ensemercer n'offre que l'image de la destruction et du chaos⁸².

Nessa passagem, percebe-se a alusão à regularidade, como um aspecto do homem industrial e civilizado, uma regularidade que substituiria a apreciação de uma natureza selvagem e indômita, ou mesmo, o resultado de sua destruição por meio do preparo para o cultivo da terra.

Não obstante, o cientista considera importantes os progressos realizados para aproveitamento dos recursos do solo, como, por exemplo, a formação na capital do país de uma academia filosófica voltada para a agricultura. Essa havia sido fundada pelo vice-rei, Marquês de Lavradio, tendo realizado experimentos com a introdução da cochonilha e a cultura do índigo, dois produtos usados como corantes⁸³. Nessa esteira, seu espírito propositivo e reformador o leva a propor a criação de uma sociedade de agricultura que pudesse esclarecer os proprietários sobre seus supostos reais interesses (ele não diz quais), de modo que se veja extirpada sua imprevidência e se abrissem novas fontes de prosperidade⁸⁴. Com tal proposta, o naturalista contava com a leitura de seu livro pelas autoridades administrativas do país, além de outros leitores esclarecidos.

O pensamento voltado para o aproveitamento útil da natureza é revelado por Saint-Hilaire logo no prefácio de sua primeira viagem ao Brasil⁸⁵, quando declara que o principal objetivo de sua viagem era o estudo das produções vegetais do país. Em Goiás, o naturalista ressalta que foram os habitantes de Meia Ponte (Pirenópo-

lis) os primeiros a largarem a mineração e a se dedicarem ao cultivo da terra⁸⁶, o que fez com que elogiasse o arraial. Tal fato, observado por Saint-Hilaire, se justifica, pois, Meia Ponte estava situada em uma confluência de estradas importantes (São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia e Mato Grosso), e, portanto, tinha a quem oferecer os produtos da terra. Entretanto, Meia Ponte não poderia se converter em modelo porque as condições eram diferentes, a combinação entre a fertilidade do solo e as facilidades dos caminhos não ocorreria em outros arraiais.

Pode-se ainda aventar que Saint-Hilaire apreciou favoravelmente Meia Ponte em razão da maior densidade e de um aspecto possivelmente mais urbano do que os demais lugares visitados. A movimentação gerada pelo comércio e a presença de forasteiros lhe conferiam uma dinâmica urbana que, possivelmente, a distinguiria dos demais arraiais da província. Apesar de o caráter instrumental da natureza estar presente no discurso dos naturalistas viajantes do século XIX, dada a primazia que concediam à agricultura, observa-se que, diferentemente de Saint-Hilaire, na narrativa de Pohl, ele comparece, mas em um lugar secundário. Pode-se verificá-lo nessa passagem, em que o viajante se esforça para aprimorar a técnica então empregada pelos brasileiros, introduzindo práticas europeias na exploração de pedras, pois sua especialidade era a mineralogia: “Mostrei-lhes como se realiza o trabalho entre nós e mandei executá-lo pelos meus criados, que, sem auxílio, o fizeram na metade do tempo que eles gastam. Apesar disso, não mostraram nenhum interesse”⁸⁷.

Sertão, *désert*, solidão

Saint-Hilaire entra em Goiás pelo Registro dos Arrependidos⁸⁸, na divisa entre Minas Gerais e Goiás. Após passar o registro, o viajante encontra-se em um planalto no qual vislumbra paisagens que anunciam o aspecto geral de seu percurso pela região: trata-se das diversas fitofisionomias do cerrado a que ele dá o nome de *désert* ou sertão. *Désert* ou sertão, na verdade, são conceitos que vão além dos aspectos físicos e das condicionantes geográficas. Eles podem traduzir uma visão que expressa uma necessidade de mudança das coisas em um determinado lugar e uma crença no potencial da realidade vislumbrada, o que pode ser originário muito mais de uma ideia de transformação do que de uma avaliação da realidade a partir de seus próprios termos. Sua primeira descrição do *désert* em Goiás elucida que ele quer se referir a uma região carente de população e de terra cultivada.

*[...] Le pays que l'on découvre de son sommet est montueux, sans habitants, sans culture, et alors toute la campagne était desséchée par l'ardeur du soleil*⁸⁹.

Na terceira viagem pelo interior do país, seu itinerário pelo sertão não começa em Goiás, mas na parte ocidental da província de Minas Gerais⁹⁰. Nessa viagem pelo interior do Brasil, o destino é o sertão e, portanto, antes de chegar a Goiás, ele vai até às nascentes do Rio São Francisco e a Paracatu, que são, nas suas palavras, o sertão de Minas. Uma das características do sertão denominado por Saint-Hilaire é a vegetação peculiar, os campos. Então, a transição de uma paisagem montanhosa, composta por matas virgens que o acompanham desde a partida do Rio de Janeiro para os campos, lugares abertos expostos à inclemência do sol e dos ventos, o surpreende agradavelmente, para depois se tornar uma “repetição monótona”, como pode ser visto adiante:

*Aussi loin que la vue peut s'étendre, on ne découvre aucune trace de culture, on ne voit point de bestiaux dans les pâturages; partout une profonde solitude, la monotonie la plus fatigante*⁹¹.

É importante observar ao longo do inventário de paisagens como essa reflexão de Saint-Hilaire sobre o sertão e sua falta de atrativos irá se refletir em sua narrativa e, de certo modo, vai condicioná-la, alternando momentos de reflexão, de tédio e de admiração.

Ainda que, em seu texto, Saint-Hilaire empregue a palavra *désert* como equivalente a sertão, ele também se utiliza dessa última para se referir à região a qual ele explora e a insere em sua narrativa na língua francesa. Conforme explica Willi Bolle, da palavra sertão

[...] já era usada na África e até mesmo em Portugal. [...] Nada tinha a ver com a noção de deserto (aridez, secura, esterilidade), mas sim com a de 'interior', de distante da costa: por isso o sertão pode até ser formado por florestas, contanto que sejam afastadas do mar. [...] O vocábulo se escrevia mais frequentemente com c (*certam* e *certão*) [...] do que com s [G. Barroso] vai encontrar a etimologia correta no *Dicionário da Língua Bunda de Angola*, de frei Bernardo Maria de Carnecatim (1804), onde o verbete *mulcetão*, bem como sua corruptela *certão*, é dado como *locus mediterraneus*, isto é, um lugar que fica no centro ou no meio das terras. Ainda mais, na língua original era sinônimo de 'mato', sentido corretamente usado na África Portuguesa, só depois ampliando-se para 'mato longe da costa'. Os portugueses levaram para sua pátria e logo trouxeram para o Brasil, onde teve longa vida, aplicação e destino literário⁹².

Deserto de gente, deserto de cultura (terra inculta) – imagens detratórias que instauram uma problemática fundamental para a compreensão do território de Goiás como lugar do “vazio” e da solidão. São metáforas recorrentes nas narrativas dos viajantes oitocentistas que parecem remeter à incapacidade dos nativos em aproveitar os recursos naturais, em utilizá-los de forma racional. O que fica implícito é que, sob o comando do europeu “culto”, poderiam levar a região rumo ao “progresso”, considerado à época como valor máximo a ser alcançado.

Discutir a palavra sertão e seus equivalentes, como *désert* e solidão, pode fornecer algumas pistas para o entendimento de seu papel fundamental no discurso de Saint-Hilaire. Esse conceito encontrou largo emprego na consolidação de uma tradição no pensamento político-social brasileiro, observa Carlos Eugênio Nogueira, a qual define espaços não ocupados produtivamente como lugares selvagens, de natureza bruta⁹³. Gilberto Mendonça Telles pesquisou a etimologia da palavra sertão e legou as seguintes definições:

[...] Os dicionários comuns repetem, com ligeiras variações, a acepção registrada por Bluteau, em 1720: "Região apartada do mar e por todas as partes metida em terras". Assim está em Antônio de Moraes e Silva, em Fr. Domingos Vieira, em Caldas Aulete, Simões da Fonseca, Cândido de Figueiredo e Aurélio Buarque de Holanda, alguns deles registrando sertão e certão, como Fr. Domingos, por exemplo; outros ampliando a área semântica do vocábulo, como na Enciclopédia Brasileira Mérito e em Aurélio Buarque. O certo é que o termo nos veio de Portugal e ocorre em Portugal, mas só adquiriu a sua grande significação cultural no Brasil, em face da grande extensão do território brasileiro⁹⁴.

O autor, ao contrário de Willi Bolle, considera que foi a obscuridade etimológica da palavra sertão uma das razões que permitiu sua constante transformação – uma palavra que se metamorfoseia à medida que a colonização brasileira avança em direção ao oeste, mas que é sempre pronunciada de um mesmo lugar privilegiado – o do colonizador. Nesse sentido, refletia o ponto de vista do europeu na América que, por sua vez, ia criando sua própria subversão do lado nativo que mais tarde seria apropriada pela literatura⁹⁵.

O sertão é o lugar do "outro", espaço de construção de alteridades, no qual, o europeu colonizador constitui sua própria identidade. Sertão não é um espaço específico, assinala Janaína Amado, era utilizado para designar espaços vastos, desconhecidos e pouco habitados e, por isso, à época da colonização portuguesa, serviu para designar áreas distintas de norte a sul, mormente o centro-oeste brasileiro⁹⁶. Desse modo, as definições de sertão são amplas e dizem respeito a "traços geográficos, demográficos e culturais: região agreste, semiárida, longe do litoral, distante de povoações ou de terras cultivadas, pouco povoadas e onde predominam tradições e costumes antigos"⁹⁷. Saint-Hilaire vai definir o sertão como áreas específicas existentes dentro de cada província: "Todas as províncias têm seu sertão, que é sua parte mais deserta, e algumas tem mais de um. Podem ser terras descobertas ou florestas desertas". Goiás, em especial, seria, para ele, nada mais que um "*immense désert*"⁹⁸.

Para Saint-Hilaire, Goiás não possui sertão, a província é o próprio sertão, onde não

há nada, tudo é a se fazer. Depois de uma observação tão contundente, aparentemente, pouco haveria para dizer. A partir daí, a narrativa de Saint-Hilaire sobre Goiás se converte em desdobramentos de uma realidade denominada sertão.

Gilberto Teles observa que a palavra sertão está presente na literatura de viagens de todos os cronistas e viajantes que visitaram o Brasil desde o século XVI, sendo que os primeiros se restringiram ao litoral até meados do século XVIII, quando se dirigiram ao interior do país⁹⁹. Entretanto, seu significado parece ter nuances ao longo dos séculos. No caso dos naturalistas viajantes, entre eles Saint-Hilaire, pode-se observar que o emprego do termo está geralmente associado à "missão civilizatória" que esses se propunham realizar a partir do contato com a população nativa. Desse modo, sertão e *désert* comparecem como conceitos-chave para classificar espaços que prescindem de uma localização geográfica precisa, não se constituindo, portanto, em um lugar, mas em uma condição atribuída¹⁰⁰. No caso do discurso de Saint-Hilaire, sertão vai implicar em lugar desconhecido, isolado, perigoso, de natureza bruta e habitado por povos que desconheciam as benesses da religião, da civilização e da cultura¹⁰¹.

Goiás é o sertão. Saint-Hilaire tenta definir essa nova paisagem com a qual vai conviver longamente: "um tipo de divisão vaga e convencional determinada pela natureza especial do lugar e pela insignificância de sua população"¹⁰². Com base nesta definição, observa-se que não se trata de uma designação apenas geográfica, mas, conforme avalia Custódia Sena, o sertão é o "outro possível", no sentido de opor-se ao processo de civilização que o conquistador representa, o que o aproxima, por outro lado, da natureza¹⁰³.

Dessa maneira, o sertão ou *désert* não comporta apenas uma paisagem que se repete monotonamente com a alternância de momentos singulares. Ele queria dizer, também, "deserto de gente", apesar de o território ser habitado por inúmeras tribos indígenas, das quais os europeus não ousavam se aproximar. Os viajantes oitocentistas fixaram a imagem de *deserto* para definir Goiás, a qual seria replicada por gerações sucessivas. Logo no início de sua viagem, o naturalista aponta para essa característica:

*A l'exception d'une maisonnette qui me parut désert, je ne vis, dans toute ma journée, aucune habitation, je ne rencontrai aucun voyageur, je n'aperçus aucune trace de culture, ni même une seule bête à cornes*¹⁰⁴.

Devido ao lento percurso feito em lombo de mulas, as distâncias pareciam enormes, o que era agravado pelo fato de que, nessa parte de Goiás, a ocupação humana (em

relação a portugueses e mestiços) ainda era escassa, o que incomodava sobremaneira o naturalista. Isso leva a crer que seu interesse principal não seria a natureza em seu estado bruto, mas o modo como os homens a ocupariam e a explorariam, suas atividades econômicas e os recursos empregados nessa exploração. Ele estava atento às engenhocas e aos maquinários utilizados pelos proprietários das fazendas nas diversas tarefas, como descaroçar o algodão e moer o milho. Nesse sentido, Luiz Francisco Miranda amplia o significado da expressão *désert*, tão recorrente “no” texto de Saint-Hilaire e de outros naturalistas, definindo-a não somente pela escassez da população, mas pela ausência de vida “civilizada”¹⁰⁵, isto é, ausência de povoações devidamente constituídas e possuidoras de um saber técnico. Fixar a imagem de *désert*, no entanto, parece ser uma estratégia para abrir as possibilidades de interferência europeia, no sentido de colonizar a região definida como “terreno nu”. Talvez, aí, se possa encontrar uma explicação para o sentido de *désert* empregado por Saint-Hilaire para descrever aquilo que via, pois, somente na interação com os seres humanos, a natureza se transforma em paisagem e, à vista de um terreno inculto e inabitado, o que falta em sua apreensão é justamente o “câmbio de processos naturais e humanos”¹⁰⁶ ou, para usar uma expressão do próprio Saint-Hilaire, “l’image du mouvement et de la vie”¹⁰⁷.

A utilização do termo sertão ou, como é denominado por Saint-Hilaire, *désert*, não é, portanto, uma designação própria de Goiás, mas pode abranger outras regiões. Como explica René Marc, o conceito serve para individualizar uma realidade natural ou geográfica e quem o emprega acredita estar descrevendo uma natureza de modo fiel e objetivo, sem a interferência de valores ou pontos de vista ideológicos¹⁰⁸. Contudo, o sertão poderia ser pensado, também, como propõe a antropóloga Custódia Sena, como lugar concreto. Nesse caso, abarcaria uma superfície de 2,5 milhões de quilômetros quadrados, que integraria o interior do estado de São Paulo, passando por Minas Gerais, Goiás e Bahia, até Pernambuco, Piauí e Ceará e, no sentido leste-oeste, desde a faixa agreste, atrás da Mata Atlântica, até Mato Grosso adentro¹⁰⁹.

No inventário de paisagens que compõe, à medida que atravessa a província, a noção de *désert* aparece com frequência associada ao tédio e à monotonia dos lugares sem gente, em contraste com sinais de vida e ocupação humanas onde predominam a ordem e a regularidade:

*Avant d’arriver à l’Aldea de S. José, on le découvre de loin, et, fatigué d’une triste monotonie, on jouit avec délices de l’effet charmant que produisent, dans le paysage, des bâtiments réguliers contrastant avec l’aspect sauvage des déserts qui les environnent*¹¹⁰.

Ou ainda:

*Parvenu au sommet de la montagne, je découvris une étendue considérable de pays; je distinguais Villa Boa, qui semble une oasis au milieu d’un désert, et, beaucoup plus loin, je reconnus les deux sommets des Montes Pyreneos*¹¹¹.

O tédio e a monotonia são a companhia mais constante do naturalista viajante. Durante seu percurso, são inúmeras as descrições do *désert*, como se a cada passo daquela expedição ele constatasse sua sensação primeira: a de estar no *désert* ou sertão. As queixas sobre a seca aparecem como a confirmar esse veredicto, mas o que realmente sugere o seu discurso é o fato de estar em uma região “desabitada” e sem “cultura”, suscetível de ser “civilizada”, do que às vezes ele duvida, tal a situação com que se depara:

*Depuis que j’avais quitté Rio de Janeiro, je n’avais pas vu un pays aussi désert; si l’on excepte les ruines de l’Aldea Maria, je ne découvris, pendant ces quatre jours, aucun vestige d’habitation, je n’aperçus aucune créature humaine*¹¹².

Desse modo, pode-se considerar o emprego do termo em questão, como é apontado por Moraes, sertão está sempre associado a um projeto que pode ser povoador, civilizador, modernizador ou outros, mas que implica em espaço a ser submetido de modo que supere sua condição sertaneja, o que inclui também o projeto de uma valorização futura¹¹³. Como pode ser visto no relato de Saint-Hilaire em sua viagem a Goiás, sempre enumerando as possibilidades futuras da terra,

*[...] mais ces beaux déserts contiennent les germs d’une grande prospérité; un temps viendra où des cités florissantes auront pris la place des misérables chaumières dans lesquelles je pouvais à peine trouver un abri; [...]*¹¹⁴.

Esse tipo de discurso que vislumbra um possível futuro promissor, em contraposição a visões negativas do presente, encontra seu equivalente no prefácio de *Viaje a las regiones equinocciales del nuevo continente de Humboldt* e, observa Mary Louise Pratt, remete ao projeto euroexpansionista que os naturalistas viajantes elaboraram a partir de seus próprios textos. Esses viajantes comportariam ideologias de legitimação, como a missão civilizadora, e os paradigmas de base tecnológica do progresso e do desenvolvimento¹¹⁵.

Os sentimentos provocados pelo contato com o *désert*, como a melancolia e a solidão, conforme observa Ledonias Franco Garcia, não estavam presentes somente nas narrativas dos viajantes estrangeiros, mas também eram frequentes em obras de escritores nacionais e até em documentos de caráter oficial¹¹⁶. Neste caso, Garcia cita os presidentes da província de Goiás, Couto de Magalhães e Leite Moraes, os

quais deixavam transparecer em seus escritos sensações de vazio e de solidão, chegando ao ponto de se verem abatidos fisicamente diante da paisagem¹¹⁷. Daí, questiona-se se esse seria um sentimento compartilhado pelos observadores da província devido a características especiais da região ou se, mais provavelmente, seria um eco de um discurso que, à força da repetição de um pensamento dominante à época, tendia a se constituir em uma verdade sobre o estado de coisas que deveriam ser modificadas. De qualquer maneira, o sertão de Goiás configura-se como espaço aberto à conquista, pronto para ser dominado e transformado pelo trabalho dos colonizadores¹¹⁸.

Um termo que Saint-Hilaire emprega para definir o sentido de lugar ermo e *désert* é "solidão", porém, aí, o significado é mais amplo, designa, em geral, paisagens aprazíveis e geralmente relacionadas à natureza, e ele o emprega em situações de puro deleite, em que se esquece do tédio e da melancolia que o acompanham em seu itinerário.

São raros os momentos em que Saint-Hilaire faz concessão a uma paisagem que não apresenta marcas humanas e que, mesmo assim, consegue apreciar, o que pode ser entendido como uma identificação afetiva do visitante com o lugar e encaixa-se na poética do pitoresco.

Durante a viagem de Saint-Hilaire através de Goiás, sentimentos contraditórios se alternam ou convivem em uma mesma expressão: o tédio e a monotonia das paisagens sem fim são quebrados por momentos de pura contemplação os quais, às vezes, ele denomina de "soberba solidão":

*Nous plaçâmes nos effets sur le penchant d'une colline, sous des arbres touffus ; au bas de la colline coulait un ruisseau d'eau limpide, et au delà s'étendait une vaste plaine couverte de bois; près de nous un groupe de boritys s'élevait majestueusement au-dessus d'un pâturage humide, et tout le paysage était dominé par la Serra Dourada que couronne une masse de rochers à pic, dont le sommet présente une espèce de plate-forme : c'était une magnifique solitude*¹¹⁹.

Assim, do mesmo modo que revela deslumbramento diante de uma paisagem classificada por ele como "*magnifique*", demonstra a ambiguidade de suas impressões e considera a região como um *désert*, usando como equivalente a expressão "solidão" que é, ademais, utilizada por outros viajantes, como Pohl¹²⁰, em suas descrições sobre Goiás. O referido naturalista emprega em sua narrativa expressões como "deserto" e "solidão", mas sem a mesma frequência de Saint-Hilaire e com menos ênfase que este. Para Pohl, diferentemente de Saint-Hilaire, as paisagens não têm de apresentar, necessariamente, marcas de atividades humanas para possuírem movimento e vida. Em suas palavras, "se não fossem algumas palmeiras (*Mauritia vinifera*) que cresciam em torno das fontes e dos charcos, e alguns veados (*cervus campestris*) que passavam, teria parecido inteiramente sem vida"¹²¹.

A noção de *désert* se esvanece à medida que Saint-Hilaire se aproxima de Vila Boa e percebe um certo movimento na estrada, além da presença de sítios e ranchos. Desse modo, observa-se que as impressões do naturalista são cambiantes, pois, em seu movimento, as paisagens revelam sua diversidade, ainda que ele não hesite em classificar a província de *désert* como um todo e em considerar a viagem tediosa e, por causa da seca, infrutífera para a história natural¹²². É possível que devido ao pequeno número de espécimes da flora e da fauna que lhe chamam atenção, a viagem tenha se mostrado tão tediosa. Flora Sussekind atenta para as particularidades dos relatos de viagem da primeira metade do século XIX, nos quais o observador "procura olhar apenas para o que se apresenta à vista e o que interessa à "História Natural", para "paisagens singulares e intransferíveis"¹²³, privando-se, assim, de uma experiência que hoje se consideraria mais completa e rica da viagem. É válido observar que Pohl, que viajou por Goiás na temporada de chuvas, declare os inconvenientes para a História Natural de se viajar durante a estação chuvosa¹²⁴: "[...] chegando a Vila Boa inteiramente encharcados pela chuva constante e com a inabalável convicção de que, durante a estação chuvosa, qualquer excursão distante é vã e infrutífera".

Ao sair de Vila Boa em direção ao sul e a caminho de São Paulo, de acordo com seu roteiro, Saint-Hilaire passa pelo trecho mais movimentado da província. Mas, a natureza não lhe provoca interesse, o que ele tributa à seca prolongada, e o tédio continua a ser a companhia mais constante do naturalista:

*Comme ailleurs, la sécheresse était excessive: point de fleurs, point d'oiseaux, point d'insectes, si ce n'est les espèces malfaisantes qui venaient nous assaillir par myriades; aucune trace de culture, point de voyageurs dans le chemin, une monotonie sans égale, une solitude profonde; rien qui pût me distraire un instant de mon ennui*¹²⁵.

Essa recusa em reconhecer que em meio ao vazio do *désert* existem casebres, ranchos, fazendas, pousos; e a insistência em enxergar a paisagem como "vazia" provém do fato de que essas ocupações não são concebidas de acordo com as formas de produção e organização europeias. Identicamente, o olhar em relação às pessoas encontradas, cujos modos e comportamentos provém de uma história e de uma tradição próprias que, portanto, não são levadas em conta, leva o viajante a insistir na imagem de *désert*¹²⁶. Uma representação do habitante de Goiás de um artista viajante que não esteve lá pode ser vista na Figura 19.

Em suma, concorda-se com Fabíula Souza quando diz que a província de Goiás, conforme foi retratada pelos viajantes, incorporava as características que o termo "sertão" apresentava à época: longínqua, de clima árido, precariamente habitada por povos "civilizados", insalubre, infestada de animais ferozes e índios e que esperava a "civilização" para tornar-se cultivável e culta¹²⁷.



*génération : tels sont les tristes résultats de la recherche de l'or et de la prodigalité des mineurs*¹³⁸.

Para o naturalista, a precariedade viria já no início dos núcleos urbanos derivados da mineração, que considerava uma atividade predatória.

Vistas por Saint-Hilaire como “um amontoado de casebres miseráveis e de ruas lamacentas”¹³⁹, as cidades, vilas, arraiais e povoados goianos revelavam-lhe o que julgava ser a precariedade da vida urbana. Esta também é indicada pela conduta dos moradores e constituía mais uma prova da falta de vida “civilizada”. Com a chegada da família real portuguesa em 1808, novos padrões de sociabilidade foram veiculados, substituindo a ordem urbana colonial por outra que implicava em preceitos, como civilidade, cortesia e polícia¹⁴⁰. Mas isso, em raras vezes, o naturalista encontraria em Goiás de 1819.

Esse aspecto, ressaltado no relato do naturalista viajante indica que, conforme observa Torrão Filho, na transição do século XVIII para o XIX, ocorre uma mudança nos modos de se observar que, ao inventário, se sobrepõe à descrição do quadro moral, sendo que os dois olhares permanecem nas narrativas com ênfase no segundo¹⁴¹.

No contato com as realidades locais, quando Saint-Hilaire se defronta com assentamentos humanos, seu tom é de menosprezo, o mesmo que manifestou ao conhecer a maioria das cidades e povoados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo, que havia visitado em viagens precedentes. Assim, ao chegar a Santa Luzia, ele denomina o arraial como “um amontoado (agrupadas irregularmente) de casebres (construções pequenas) miseráveis (precárias)”, definição que acaba por estender à maioria das cidades goianas visitadas. A princípio, o naturalista se justifica, argumentando que o parâmetro para seu julgamento são as cidades europeias, contradizendo a afirmação, contida no prefácio de *Voyage aux sources du Rio de São Francisco et dans la province de Goiás*¹⁴², de que não se deve eleger a Europa como padrão de comparação. Porém, ele não pode se privar de suas experiências anteriores, da leitura de outros viajantes, da memória de outras cidades e tudo isso acaba por entrar em seu julgamento.

No entanto, nenhuma cidade real é parâmetro absoluto para seu juízo, pois, ao se pensar a realidade das cidades francesas no período pós-revolução (1819), em uma França ainda agrária e pouco desenvolvida em seu interior, remete-se para um outro padrão de comparação. O que se compara – pode-

se especular – não são duas realidades concretas: a comparação se efetiva a partir de imagens conceituais que refletem tanto o anseio do narrador por uma realidade desejada para seu próprio país, como a paisagem que vê, refletida e invertida, em um sítio que lhe é de todo estranho. A Figura 21 é uma imagem da cidade de Goiás (Vila Boa), como foi imaginada e descrita por Pohl.



Figura 19. Vista de Vila Boa (Goiás). Fonte: J. E. Pohl. Viagem no interior do Brasil

Na verdade, observa-se que aqui se manifesta, como em várias outras partes do livro, o caráter não monolítico das observações de Saint-Hilaire, pois, apesar das “ruas lamacentas” e dos “casebres miseráveis”, sua descrição de Santa Luzia remete a um lugar aprazível, embora tocado pela decadência:

*[...] Santa Luzia a certainement été l'un des plus agréables: ses rues sont fort larges et assez régulières ; ses maisons, au nombre d'environ trois cents, sont, à la vérité, construites en bois et en terre, et plus petites, plus basses que celles des villages que j'avais traversés jusqu'alors ; mais toutes sont couvertes en tuiles, crépies avec cette terre blanche qu'on nomme tabatinga dans l'intérieur du Brésil [...]*¹⁴³.

A descrição de Santa Luzia por Saint-Hilaire poderia caber em quase todas as cidades e arraiais goianos em que predominavam a regularidade, a escala

reduzida e os mesmos processos construtivos, sugerindo que a questão da decadência estaria no aspecto moral, muito mais do que na arquitetura.

Mas nem todas as cidades apresentam esse ar de decadência que ele descreveu em Santa Luzia. Ao chegar a Meia Ponte (Pirenópolis), suas impressões se modificam e ele qualifica o arraial de “encantador”¹⁴⁴. Em Meia Ponte, admira a salubridade do ar e a fertilidade das terras, o que dá a perceber que sua observação se centrava em determinações estabelecidas por meio de critérios da história natural de finais do século XVIII a início do XIX. Esses critérios de observação dos caracteres físicos das paisagens visitadas foram definidos por Lorelai Kury da seguinte maneira: “terra – a altura das montanhas, a composição do solo, etc.; mare – o litoral, as marés, os rios...; are – os ventos, se o ar é sadio ou insalubre...; calor – as temperaturas, o ciclo de vida dos vegetais, etc”¹⁴⁵. Ao mesmo tempo, pode-se constatar que Saint-Hilaire, conforme assinalou Cláudia Damasceno Fonseca, atribui “grande importância às questões ligadas à morfologia urbana, à estética e à comodidade”¹⁴⁶. Em Meia Ponte, à vista das considerações feitas sobre o lugar, o olhar de Saint-Hilaire se desarma e considera o panorama descortinado pela visão de cima da praça como o mais bonito que apreciou no interior do Brasil. O sítio de onde observa a paisagem é favorável a vários planos de visão e Saint-Hilaire os descreve um a um, por meio de elementos pictóricos, acentuando os contrastes de cor e de forma. Os planos são expostos sucessivamente, descrevendo casas, igrejas e quintais que terminam emoldurados pelas montanhas ao fundo. O autor faz uma descrição, como se pintasse um quadro, e as expressões usadas evocam o sentimento do pitoresco, no qual, segundo Karen Macknow Lisboa, “não se busca o universal do belo, mas o particular do característico”¹⁴⁷. Na poética do pitoresco, afirma a autora, “o ambiente natural é acolhedor, integrador” e “favorece nos indivíduos o desenvolvimento dos sentimentos sociais”¹⁴⁸. O florescimento deste tipo de sentimento, aponta, de acordo com Cláudia Damasceno Fonseca, para:

[...] um período particular na evolução do gosto no século XVIII, um “interregno entre o clássico e o romântico”, no qual ocorreu um salto “entre razão e imaginação” – o que permitiu uma abertura de espírito para o “local”, o “sentimental” e o “subjetivo”, assim como a apreciação das obras humanas que se afastavam dos cânones da arte clássica¹⁴⁹.

Observa-se que a descrição de Saint-Hilaire privilegia os aspectos locais, o sentimental e o subjetivo de uma paisagem que envolve elementos naturais com outros humanos, criando um ambiente integrador.

No entanto, verifica-se que, apesar de ter denominado o arraial “encantador”,

o naturalista vai encontrar em Meia Ponte algo que perturba a imagem positiva que ele construiu do lugar, como a existência de vadios que, segundo ele, embora podendo trabalhar, preferem a ociosidade. Esse é um ponto em que ele vai se debater durante toda a viagem por Goiás e, de modo geral, em seu itinerário pelo Brasil. Imagens de ócio são frequentes na documentação oficial e nos relatos de viajantes, assim como nos escritos de Saint-Hilaire, tal como se pode observar nesse trecho:

*La paresse a beaucoup contribué à faire tomber dans la misère les cultivateurs de cette contrée ; mais la misère qui les abrutit et les décourage doit nécessairement, à son tour, augmenter leur apathie: celle-ci est arrivée, chez plusieurs d'entre eux, à un tel degré, que, pouvant disposer à peu près de toute la terre qui leur convient, ils n'en cultivent pas même assez pour leurs besoins*¹⁵⁰.

Infere-se aí que a preguiça, no entendimento do naturalista, seria o atributo que leva os nativos à miséria. A noção de ócio e preguiça é um tópico recorrente na literatura dos viajantes e acaba por migrar dessa para a historiografia, ainda que se possa situá-la já na “memória” de Souza e Silva em 1812¹⁵¹. Nesse sentido, Mary Louise Pratt adverte para a insistência dos conquistadores em classificar a população nativa como indolente, o que levaria a uma incapacidade de trabalhar por uma recompensa material¹⁵² e pela acumulação de capital. Mas, ainda conforme Pratt, revela a dificuldade dessa população em se ajustar às normas e padrões de comportamento europeu, o que, no caso, levaria o naturalista a caracterizá-la como imprevidente.

Para o historiador Emanuel Araújo, os viajantes encontravam na escravidão uma explicação para uma suposta “índole preguiçosa” do brasileiro. No então Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, o ideal era ter escravos que dispensassem seu proprietário de executar qualquer tipo de trabalho¹⁵³, mas que também, segundo Saint-Hilaire, exerceriam uma influência nefasta sobre ele:

*[...] mais il est une autre influence qui agit sans cesse sur les Brésiliens de la manière la plus fâcheuse, celle de l'esclavage. L'excessive infériorité de l'esclave le conduit naturellement aux vices les plus bas*¹⁵⁴.

Porém, com relação às cidades, o autor acredita que tal argumentação, usada pelos viajantes, seria por demais simplista, e busca no sistema de produção colonial, baseado na agricultura de exportação e na mineração, a justificativa para a situação de marginalidade à que ficava relegada a massa urbana¹⁵⁵. Mas, a cidade também teria seu papel de sede administrativa e eclesiástica, além da existência de comerciantes e artífices que, quando tinham escravos,

relegavam a esses as menores tarefas de que eram incumbidos¹⁵⁶. Em situações de pobreza, acredita Saint-Hilaire, não podendo contar com o trabalho escravo, os lusos-brasileiros simplesmente protelariam ao máximo a tarefa que tinham a fazer. Para ilustrar tal situação, o naturalista conta que, em São Paulo, teve uma experiência nesse sentido, quando encomendou duas malas a um marceneiro e esse simplesmente não as confeccionou. Para finalizar sua história, ao comentar o caso com o governador, informa que este colocou um soldado à porta da marcenaria e obrigou o artífice a executar o serviço¹⁵⁷. Este episódio remete para uma tendência dos naturalistas viajantes a elaborar generalizações a partir de uma ou poucas situações que, segundo André Nicácio Lima, dependeriam sempre do olhar do viajante e de sua inserção social¹⁵⁸, como se pode observar nessa imagem de Debret (Figura 22), que mostra o escravo trabalhando, enquanto o homem branco descansa recostado a um muro.

Em Santa Luzia, como em outras partes da província, o naturalista constata que foi a indolência que teria levado os fazendeiros da região a um estado de pobreza que, por sua vez, não fez mais do que aumentar a apatia desses. No



entendimento de Saint-Hilaire, esse círculo vicioso se perpetuaria, impedindo que cultivassem o mínimo necessário à sua sobrevivência, ainda que dispusessem de toda a terra que precisassem¹⁵⁹. O ócio e a pobreza associados também são frequentes na narrativa de Pohl, “[...] ele muito se queixou da pobreza dos habitantes. Pareceu-me que deveria antes se queixar da preguiça deles, pois aqui o solo, a mata e a serra abundam em riquezas para o homem laborioso¹⁶⁰. Imagens, como a da indolência do homem americano, têm raízes, segundo Luiz Antonio Lindo, em algumas ideias de De Pauw, que a reiterou como principal característica do silvícola.

Um fator que contribuiria para as representações de inferioridade dos nativos seria o clima. Para Montesquieu (1669-1755), o clima influiria nas qualidades e defeitos humanos, o que incluiria a preguiça e a ociosidade¹⁶¹. Essas imagens teriam impregnado a mente de naturalistas e seriam estendidas a todos os habitantes do continente¹⁶², como na passagem seguinte:

En voyant l'indolence et l'ennui qui se peignent sur la figure des campagnards voisins de la route, il est difficile de se défendre d'un sentiment de mépris. Ces homes sont d'une pauvreté extrême et ne font rien pour en sortir¹⁶³.

Tais representações, destinadas a desqualificar qualquer modo de vida organizado segundo princípios diferentes dos mecanismos racionalizadores do modelo mercantilista europeu, pressupunham um julgamento moral e uma condenação daquilo que se presenciava.

Seguindo seu roteiro, Saint-Hilaire deixa Meia Ponte, passa por Jaraguá e se dirige à capital Vila Boa ou Cidade de Goiás. A princípio, condena a localização da capital e outras características referentes a uma escolha pouco favorável do sítio de implantação: o isolamento, a esterilidade do solo, a distância dos rios navegáveis e a insalubridade do ar. Entretanto, não hesita em classificar a aparência da cidade, vista de longe, como pitoresca:

Elle a été bâtie dans une sorte d'entonnoir et est entourée, de tous les cotes, para des mornes de hauteur inégale qui font partie de la Serra do Corumbá e do Tocantins. Sa position n'a cependant rien de triste. Les mornes dont elle est environnée ont peu d'élévation; ils sont couverts de bois qui conservent toujours une belle verdure et qui, ayant peu de vigueur, ne sauraient donner au paysage l'aspect sévère des pays de forêts vierges; enfin, même au mois de juin,

Figura 20. Escravo no trabalho. Fonte: Jean Baptiste Debret

*la couleur du ciel, moins belle ailleurs, avait encore ici le plus brillant éclat. Vers le sud, les collines sont assez basses et laissent voir à l'horizon la Serra Dourada, dont le sommet, pour ainsi dire nivelé, et les flancs nus et grisâtres produisent dans le paysage un effet pittoresque*¹⁶⁴.

Nessa descrição, observa-se que Saint-Hilaire descreve a paisagem com ênfase no sítio geográfico, com suas elevações e vegetação, o azul do céu, com apenas uma referência à cidade. A descrição da cidade imiscuída à natureza revela que o naturalista possuía um olhar educado, dotado de “uma percepção e de uma sensibilidade particular em relação à natureza e aos artefatos humanos¹⁶⁵”, conforme assinalou Cláudia Damasceno Fonseca. Esse olhar lhe permitia “ver o mundo com ‘olhos de pintor’ – ou de poeta”¹⁶⁶, confirmando a influência que o sentimento do pitoresco exercia sobre a percepção do europeu culto do século XIX. Uma imagem “pitoresca” de Vila Boa (Goiás) pode ser observada na Figura 23.

Já no interior do sítio, o olhar de Saint-Hilaire se torna pragmático e a preocupação é com a morfologia urbana, a estética, o conforto, o traçado das ruas, a presença de infraestrutura e de outros artefatos urbanos. Em Vila Boa, elogia as ruas largas e retas, quase todas providas de calçamento, e as casas altas e pequenas, dispostas em blocos contínuos com quintais ao fundo, razoavelmente mobiliadas e bastante limpas¹⁶⁷. Critica a arquitetura dos prédios públicos, seu despojamento, sua dimensão acanhada, a falta de beleza dos edifícios e solicita ao leitor que não os imagine como os “enormes edifícios que se veem na Europa”¹⁶⁸. Provavelmente, ele se referia aos prédios

de Londres e Paris, duas grandes capitais da época que apresentavam certa monumentalidade. Desse modo, conforme já analisou Cláudia Damasceno Fonseca, Saint-Hilaire via a cidade a partir de dois pontos de vista: um olhar mais distante e subjetivo, no qual a cidade funde-se com a natureza circundante e resulta em uma paisagem pitoresca e outro, mais próximo, em que analisa a concretude dos artefatos urbanos, sendo que os objetos não teriam o mesmo estatuto e pareceriam rústicos e irregulares¹⁶⁹, como se pode verificar nessa imagem anônima de 1751 (Figura 24).

Diferentemente de sua relação com a natureza que é de estranhamento, em Vila Boa, o naturalista encontra meios de comparação com a cidade europeia no que diz respeito à sua estrutura urbana. Mas, no que concerne aos habitantes, sua relação é de alteridade, conforme observou Torrão Filho:

[...] Se a natureza tem sua alteridade no espaço, na vegetação e nos animais, na cidade, o europeu a encontra menos no traçado urbano ou nas construções, mas no próprio homem que a habita e no desencontro de temporalidades distintas que separam o Novo do Velho Mundo; paradoxo no qual o Novo representa o atraso e o passado, e o Velho garante o progresso e a marcha em direção ao futuro¹⁷⁰.

É do ponto de vista do quadro moral que a crítica de Saint-Hilaire aos habi-

Figura 21. Vista “pitoresca” da cidade de Goiás. Fonte: REIS FILHO, Nestor Goulart. *Imagens de Vilas e Cidades do Brasil Colonial*

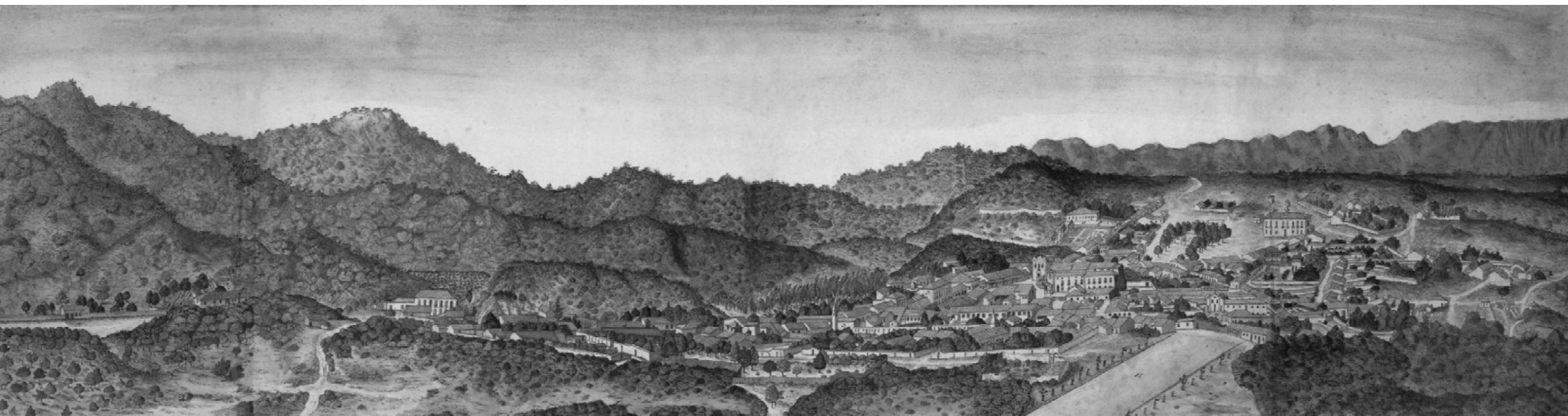




Figura 22. Prospecto de Vila Boa de 1751 (Goiás). Fonte: REIS FILHO, Nestor Goulart. *Imagens de Vilas e Cidades do Brasil Colonial*

tantes de Vila Boa, estendida a toda população goiana, seria mais acirrada. Considera superficial a relação com a religião: não seria algo sério para os goianos, pondera o naturalista viajante, o que os move seria a atração pelas festividades religiosas, que não significam devoção, mas revelariam o interesse pelas festas profanas que se desenrolam a partir dos ofícios religiosos. Nesse sentido, Torrão Filho observa que, além de ser considerada uma religião de aparência, as festividades revelavam mais dois aspectos da religiosidade cristã na América portuguesa: o desvirtuamento da verdadeira tradição e a inadequação da forma de comemoração desta tradição¹⁷¹. Essa relação, tida como superficial e leviana com as coisas sagradas, conforme observada por Saint-Hilaire e que tanto o chocou, já havia sido presenciada pelo viajante quando assistiu a uma procissão em São João del-Rei (MG) e foi advertido pelo vigário sobre o que veria:

Le curé me dit encore que la procession passerait à quatre heures devant sa maison, que nous pourrions la voir de son balcon, et en même temps il me prévint que je serais témoin de choses fort ridicules, dont il était le premier à gémir, mais contre lesquelles il s'élevait en vain¹⁷².

Como se pode notar na passagem acima, a religião, como era encarada pelos luso-brasileiros, fazia com que até mesmo um clérigo se envergonhasse de

suas manifestações.

Em geral, as celebrações religiosas iam além da missa, dos cantos e do sermão, envolvendo foguetes, petardos, torneios e até uma ópera, como acontece nas festividades das cavalhadas, a que assiste em Meia Ponte. Para Saint-Hilaire, as manifestações religiosas significariam confusão entre o profano e o sagrado:

*[...] on la célèbre non-seulement par une messe en musique et un sermon, mais par des fusées, des pétards, un opéra et le simulacre d'un tournoi, divertissements profanes que l'on mêle à la solennité religieuse, comme cela a lieu pour la fête de la Pentecôte. Les acteurs du tournoi et de l'opéra sont ordinairement les gens les plus aisés du voisinage [...]*¹⁷³.

O que escandaliza o viajante é a teatralização das cerimônias, que ele considera como "ridículas palhaçadas", misturadas ao que a igreja teria de mais respeitável. Avalia que uma religião que não vai além dos sentidos se transforma em um jogo de ofensa e perdão. A crítica aos costumes religiosos desvirtuados da colônia é outra tópica dos viajantes. Torrão Filho aponta para a falta de divertimentos à época, o que faria com que tais festas, ainda que marcadas pelo anacronismo, ocupassem esse lugar na vida social, o que não era prontamente assimilado pelos viajantes estrangeiros¹⁷⁴.

Esse estranhamento ocorre também quando ele assiste a uma festa de São João numa fazenda em Goiás e observa que, durante sua realização, se misturam elementos sacros, como a oração, com elementos profanos, como os batuques e a dança. Diante do que vê, emite um juízo sobre a religião em Goiás:

[...] Cet arrangement n'était probablement pas fort régulier; mais, pour ce qui concerne la religion, le Brésil, en général, et la province de Goyaz, en particulier, sont hors de toutes les règles¹⁷⁵.

Na avaliação de Saint-Hilaire, a religião se constituía em um índice do grau de civilidade de um povo e assinala que a responsabilidade das instituições religiosas, cujos membros deveriam ter conduta exemplar, afetaria diretamente as leis da religião e da moral e a manutenção da família e da sociedade. Para o naturalista, o comportamento desregrado do clero em Goiás exerceria uma influência nefasta sobre os habitantes e é um dos fatores que atestariam o atraso da província, como assinala na seguinte passagem:

[...] Des hommes dont la vie devrait être une protestation incessan-

*te contre des dérèglements tout à la fois contraires aux lois de la religion et de la morale, aux progrès de la civilisation, au maintien de la famille et de la société, les prêtres eux-mêmes, par leurs coupables déportements, autorisent les désordres des fidèles qui leur ont été confiés. Leurs concubines demeurent avec eux; des enfants croissent sous les yeux du père et de la mère, et souvent [...]*¹⁷⁶.

Saint-Hilaire considera que os religiosos, pela sua ascendência sobre a população, teriam um papel proeminente no processo de civilização, mas em Goiás, isso não ocorreria. Ao contrário, o naturalista considera que os padres, com os seus maus exemplos, autorizariam a má conduta de seus fiéis.

Mas não é somente a religião, tal como era exercida, que constituiria um obstáculo à "civilização" pretendida por Saint-Hilaire, a composição da população também seria um entrave, pois sua maioria era formada por não brancos: índios, negros e mestiços. A festa de São João a que assiste em Goiás é uma oportunidade para Saint-Hilaire refletir sobre o homem e manifestar sua crença em uma suposta superioridade da raça caucasiana. Seu desprezo pelos demais povos fica evidente, ao classificar as danças a que assiste como "as ridículas e bárbaras contorções" dos africanos, que os brasileiros "não se envergonhavam de imitar". Não obstante, não nega aos primeiros uma possível contribuição:

*Les Brésiliens doivent bien quelque indulgence à leurs esclaves, aux quels ils se sont mêlés si souvent, qui peut-être ont contribué à leur enseigner le système d'agriculture qu'ils suivent, la manière de tirer l'or des ruisseaux, et qui, de plus, furent leurs maîtres à danser*¹⁷⁷.

Cabe observar que o naturalista atribui aos africanos o ensinamento de práticas que ele próprio condena, como a queimada dos campos para a preparação da agricultura, os métodos de extração do ouro, os quais ele considera primitivos, e as danças que lhe parecem "ridículas" e "despudoradas". Isso serviria para enfatizar sua opinião sobre a superioridade dos brancos e a dificuldade de se implantar uma "civilização" nos trópicos. Nesse sentido, Karen Macknow Lisboa alerta para uma insensibilidade dos viajantes europeus com relação "às complexas relações sociais intrínsecas a uma sociedade colonial escravocrata"¹⁷⁸ que, se melhor compreendidas, poderiam esclarecer muito sobre o comportamento e as atitudes dos povos subjugados, no caso, os negros e os índios.

Essa carência de sensibilidade para enxergar o índio (e também o negro) manifesta justamente o etnocentrismo europeu no início do século XIX, uma vez que o critério básico para a investigação é o da perfectibilidade moral e o da conseqüente capacidade de

"civilizar-se", permeado pela dúvida quanto à humanidade ou não dos indígenas¹⁷⁹.

Saint-Hilaire acredita que a capacidade de "civilizar-se" do negro e do índio esteja atrelada à mestiçagem que vê como solução para a devida "civilização" desses elementos. A questão da mestiçagem era assim considerada pelos viajantes que chegam a retratar "tipos" mestiços, como na gravura de Martius (Figura 25). Ainda que veja na mestiçagem uma solução, não deixa de negar a inferioridade dos mestiços, situando-a não na inteligência ou na capacidade de aprender, mas naquilo que considera mais elevado: os sentimentos¹⁸⁰.

É nas cidades, locus da civilização, que Saint-Hilaire encontraria mais argumentos para explicar a aparente decadência da província e sua falta de civilidade. Infringindo as leis da moral e da religião, os habitantes não se casariam, preferiam unir-se a amantes, o que ocorreria frequentemente, inclusive

Figura 23. Mestiças. Fonte: Johann Baptist von Spix e Carl Friedrich von Martius. *Atlas zur reise in Brasillien*



entre os religiosos. Isso encontra explicação no fato de que, devido à falta de mulheres brancas, os homens se relacionariam com as negras e as índias com as quais se recusariam a se casar, dado o preconceito e a crença existente entre os europeus da superioridade da raça caucasiana. Esse costume não seria exclusividade dos homens do povo, pois Saint-Hilaire conta que o governador, à época de sua viagem, Fernando Delgado, tinha uma amante e possuía com ela dois filhos, mas se recusava a se casar por ser ela a filha de um carpinteiro. Mas, ainda conforme Saint-Hilaire, não seria somente a crença na superioridade europeia ou o hábito da libertinagem, ou, ainda, o mau exemplo dos superiores que impediria o goiano de contrair matrimônio, haveria um sério obstáculo econômico – os casamentos deveriam ser autorizados pelo vigário da vara e este cobrava um preço proibitivo à maioria dos cultivadores, o que faz com que o naturalista atribua ao clero mais uma ação contrária à “civilização”. Para o botânico, esse comportamento contrariaria o progresso da civilização e a instituição da família e da sociedade. Como visto anteriormente, para o europeu do século XIX, os dois pilares da civilização são as instituições civis sólidas e o controle da natureza¹⁸¹.

Não obstante, Saint-Hilaire acredita no poder regenerativo exercido pelos padres e propõe que se enviem “missionários estrangeiros” a Goiás, de modo que, por meio de conselhos e exemplos, pudessem contribuir na missão civilizatória que, ele acredita, somente poderia advir de uma matriz europeia.

*Que l'on fasse venir à Goyaz quelques ecclésiastiques étrangers, afin de rappeler ce peuple à lui-même et de le rendre à la dignité d'hommes; qu'on renouvelle de temps em temps ces missionnaires, pour qu'ils ne se laissent point amollir para la chaleur [...]*¹⁸².

É justamente na crítica dos costumes que Saint-Hilaire encontra mais motivos para condenar a província de Goiás, lamentando que a conduta dos habitantes os distanciasse ainda mais da civilização. Mais que um julgamento, a opinião do naturalista expressa sua crença de que, paralelo à paisagem do sertão, haveria outro tipo de “sertão”, expresso na conduta moral dos habitantes. Ao declarar o comportamento e a própria existência da população como precárias e a região como *desert*, Saint-Hilaire deixa em aberto um campo para a ação efetiva do europeu civilizado¹⁸³, em um espaço a ser submetido, o sertão. Desse modo, reafirma sua participação nesse processo, por meio das seguintes palavras:

[...] Si ces abus déplorables n'ont pas entièrement disparu au moment où j'écris, puisse la publicité que je leur donne attirer l'atten-

*tion de ceux qui sont appelés à en connaître, et les exciter à faire rentrer dans les voies du christianisme et d'une véritable civilisation un peuple qui, lors de mon voyage, tendait, chaque jour, à s'en éloigner davantage (1)*¹⁸⁴.

No entanto, às vezes, Saint-Hilaire se mostra benevolente com os habitantes de Goiás, como, por exemplo, em diálogo travado com outros viajantes por meio de seu texto, o que acontece em geral nas notas de rodapé. Assim, ele discorda do austríaco Pohl, que passou pela região pouco tempo antes dele, quando este fala da desonestidade dos goianos, e, ao contrário, louva-lhes a hospitalidade. Mas, quando se trata de ações que poderiam impulsionar a província no caminho do progresso, seu discurso recai no modo de vida do goiano que considera apático e sem perseverança. Nesse ponto, um historiador contemporâneo, Paulo Bertran, oferece uma justificativa para a atitude geral do goiano do século XIX que o absolve da apatia e do ócio. Bertran assinala que seu ritmo de vida era pautado pelo estágio das atividades agro-pastoris, levadas a cabo à época, e, portanto, “era impossível perceber que o goiano do século XIX, antes de ser indolente, era um trabalhador condicionado pelo estágio em que se encontrava e pelo modo como produzia os bens necessários à sua sobrevivência”¹⁸⁵. Para o naturalista, porém, a ausência de formas capitalistas de produção relegava o lugar a um estado caótico, sem a regularidade urbana necessária, e, portanto, primitivo, o que o leva a criar representações que condenam a província de Goiás como decadente e pouco preparada para o progresso da “civilização”.

Recorrendo a seu método de narrar comparando elementos, tendo os valores europeus como lugar de verdade, Saint-Hilaire observa que, na Europa e no litoral do Brasil, a proximidade das cidades é denunciada pela presença de lavouras bem cuidadas em suas proximidades. Já nas cidades do ouro (Vila Rica e Vila Boa), isso não aconteceria, pois a escolha de seus sítios de implantação teria sido determinada pela presença do metal, em cujas terras não se verifica a presença de matas necessárias ao sistema de agricultura do país¹⁸⁶.

Com relação às demais cidades e arraiais percorridos pelo naturalista, as opiniões de Saint-Hilaire concordam em sua maior parte com as de Pohl, com quem dialoga para narrar sua passagem por Goiás. Para Saint-Hilaire, de modo geral, os arraiais seriam decadentes e suas edificações feias e frágeis, como nos exemplos seguintes:

[...] Il ne faut pas juger des villages du Brésil par les nôtres, qui, en général, n'offrent qu'une triste réunion de chaumières et des

*rues fangeuses*¹⁸⁷.

Ou então:

*[...] Lorsque je parle des édifices publics de ce pays, il ne faut pas se représenter des bâtiments immenses comme ceux que l'on voit en Europe : ici tout est petit, tout est mesquin, sans élégance et même, dit-on, sans solidité*¹⁸⁸.

Porém, tanto Saint-Hilaire como Pohl louvam o sítio físico onde estão implantados os arraiais, dando-lhes comumente a designação de "pitoresco", como quando o primeiro descreve o sítio de Jaraguá:

*[...] Ce village, situé dans une vaste plaine couverte de bois, est entouré de montagnes plus ou moins hautes, dont les plus rapprochées s'élèvent presque à pic et produisent un bel effet dans le paysage*¹⁸⁹.

O aspecto físico dos arraiais, principalmente no que diz respeito a seu estado de conservação, é considerado precário e, muitas vezes, quase arruinado, como se pode depreender das citações de Saint-Hilaire abaixo:

*Ouro Fino n'offre plus qu'une triste décadence. Toutes les maisons sont à demi ruinées; plusieurs d'entre elles restent sans habitants, et l'église qui dépend de la paroisse de Villa Boa n'est pas en meilleur état que les maisons elles-mêmes*¹⁹⁰.

E, também,

*Le hameau de Pilões se compose d'une vingtaine de maisons aussi misérables, pour la plupart, que celles des Coyapós*¹⁹¹.

As opiniões de Pohl acerca dos arraiais não diferem muito do colega: "Os habitantes do lugar (Pilões) ocupam umas vinte casinhas de barro, cobertas de palha, que ameaçam ruir"¹⁹². Ou em: [...] "como em toda parte, as casas, em números de 283, são construídas de madeira e barro, caiadas por fora e todas cobertas de telhas. O lugar (Pilar) apresenta também a tão comum característica de que as casas, na maioria, estão abandonadas e parcialmente desmoronadas"¹⁹³.

Ainda que a maioria das descrições de Saint-Hilaire sobre as cidades goianas manifeste uma apreciação pouco louvável e as considere semi-arruinadas, há aquelas que são objeto de consideração:

*[...] Les rues de la cité de Goyaz, larges et en général assez droites, sont presque toutes pavées ; mais elles le sont mal. On compte dans cette ville environ 900 maisons (1) bâties en terre et en bois, assez élevées pour le pays, mais petites, toutes blanchies sur le devant et couvertes en tuiles ; plusieurs d'entre elles ont un étage, outre le rez-de-chaussée, et quelques-unes des fenêtres garnies de carreaux faits avec du talc ; la plupart sont bien entretenues, et je trouvai celles des principaux habitants passablement meublées et d'une propreté extrême*¹⁹⁴.

Ou:

*[...] D'ailleurs le village de Bom Fim est peu considérable. Il se compose de quelques rues assez courtes et d'une place triangulaire à une des extrémités de laquelle est l'église dédiée à Notre Seigneur du bom dessein (Nosso Senhor Bom Jesus de Bom Fim). Cette église est fort petite mais, à l'époque de mon voyage, on en construisait une seconde. Les maisons qui bordent les rues sont également petites, mais assez bien entretenues; elles sont écartées les unes des autres, et toutes ont un quintal (espèce de cour) planté principalement de Bananiers et de Papayers*¹⁹⁵.

Como se pode notar, Saint-Hilaire elogia alguns desses arraiais, nos quais, para ele, a decadência não dá mostras de sua evidência, pois se apresentam dotados de certa ordem e regularidade, como a capital que, em outra ocasião, foi objeto de críticas contundentes.

Cabe observar que, a despeito das considerações pouco louváveis sobre as cidades goianas, a apreciação de paisagens que possuem construções humanas despertaria mais interesse que a vista de lugares só-natureza. São a ordem e a regularidade, tipicamente humanas, que conferem um efeito agradável, em contraponto a uma paisagem "selvagem" em que prevalece o "caos" da natureza, consoante com a seguinte passagem:

*Avant d'arriver à l'Aldea de S. José, on le découvre de loin, et, fatigué d'une triste monotonie, on jouit avec délices de l'effet charmant que produisent, dans le paysage, des bâtiments réguliers contrastant avec l'aspect sauvage des déserts qui les environnent*¹⁹⁶.

A ordem e a regularidade presentes nos estabelecimentos humanos também podem ser constatadas na planta oficial de um aldeamento indígena da província de Goiás (Figura 26).

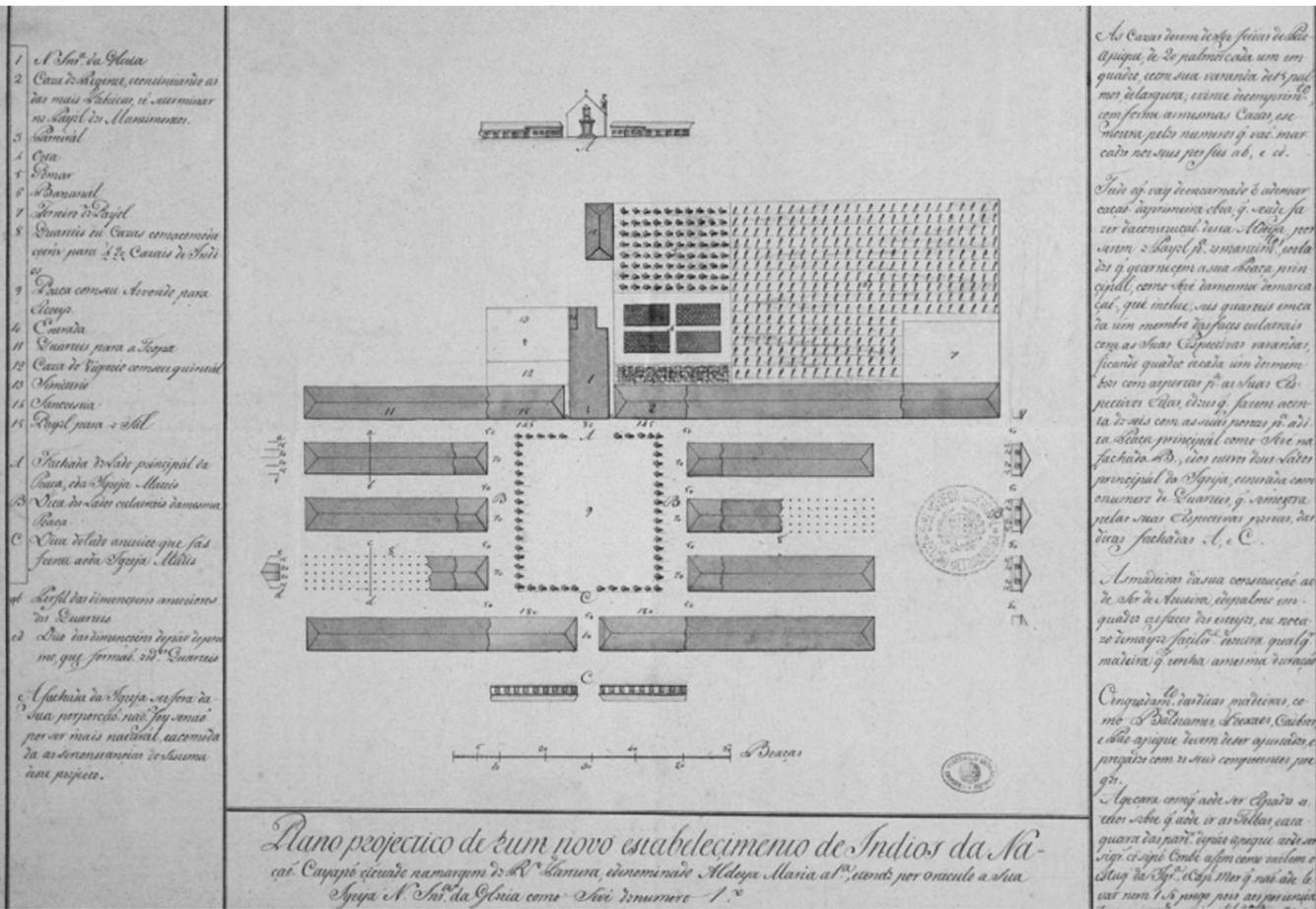


Figura 24. Planta de Aldeia indígena. Fonte: REIS FILHO, Nestor Goulart. *Imagens de Vilas e Cidades do Brasil Colonial*

Pelas descrições dadas por Saint-Hilaire pode-se traçar um panorama de como eram vistos os assentamentos urbanos (cidades, vilas, arraiais e povoados) de Goiás pelo naturalista: a implantação pitoresca geralmente nos cumes ou encostas de morros, as ruas geralmente largas e retilíneas, o que parece ser uma concessão do botânico ou uma provável comparação com as tortuosas ruas da cidade medieval europeia (para Pohl, "não se encontra rua direita ou praça plana"¹⁹⁷), as casas estruturadas em madeira e vedadas com barro (adobe ou taipa de mão), a maioria com aspecto decadente, e quase sempre a menção a quintais murados, plantados com árvores frutíferas.

Cabe observar que a decadência anunciada não é visível nas inúmeras vistas que o naturalista inglês William Burchell traçou da província de Goiás, quando lá esteve em 1825, o que pode ser atribuído ao desejo do pintor em somente retratar formas perfeitas ou, então, ao fato de a decadência não ser algo tão evidente, como pretendem Saint-Hilaire e Pohl. De fato, a decadência descrita por Saint-Hilaire e Pohl estaria mais evidente no julgamento moral e no aspecto social da conduta dos habitantes e, portanto, é pouco visível nas imagens criadas por Burchell, como o desenho de uma vista de Meia Ponte na Figura 27. De qualquer maneira, a noção europeia de cidade, imaginada pelos dois naturalistas, não correspondia àquilo que viam. Para eles, no geral, seriam apenas povoados decadentes, nascidos da mineração, e que apresentariam a decadência já no início de sua constituição,

*Le hameau de Pilões m'offrit ainsi l'image de ce que dut être l'intérieur du Brésil, lorsque l'on commença à y découvrir des mines d'or (1)*¹⁹⁸.

Figura 25. Vista de Meia Ponte (Pirenópolis). Fonte: William Burchell. FERREZ, Gilberto. *O Brasil do Primeiro Reinado visto pelo botânico William John Burchell: 1825/1829*



Saint-Hilaire e a “civilização” dos índios

Após três séculos de acúmulo de imagens distorcidas e de lugares-comuns sobre os indígenas americanos, os viajantes do século XIX puderam finalmente se tornar testemunhos oculares de uma realidade até então encoberta por lendas e mitos¹⁹⁹.

Em Goiás, o primeiro contato com os índios aldeados da etnia Coiapó ou Caiapó provoca em Saint-Hilaire uma agradável impressão, pois os encontra com um “*air de contentement et de gaîté qu'on ne voit jamais chez les tristes Goyanais*”²⁰⁰, além de louvar-lhes a beleza física:

*[...] comme nation, ils se distinguent, particulièrement, par la rondeur de leur tête, par leur figure ouverte et spirituelle, par leur haute stature, par le peu de divergence de leurs yeux et la teinte foncée de leur peau: les Coyapós sont de beaux Indiens*²⁰¹.

Ao discorrer sobre as diversas tribos indígenas que ocupam o país, o naturalista explica que, àquele momento, a base para classificação seria os caracteres exteriores²⁰².

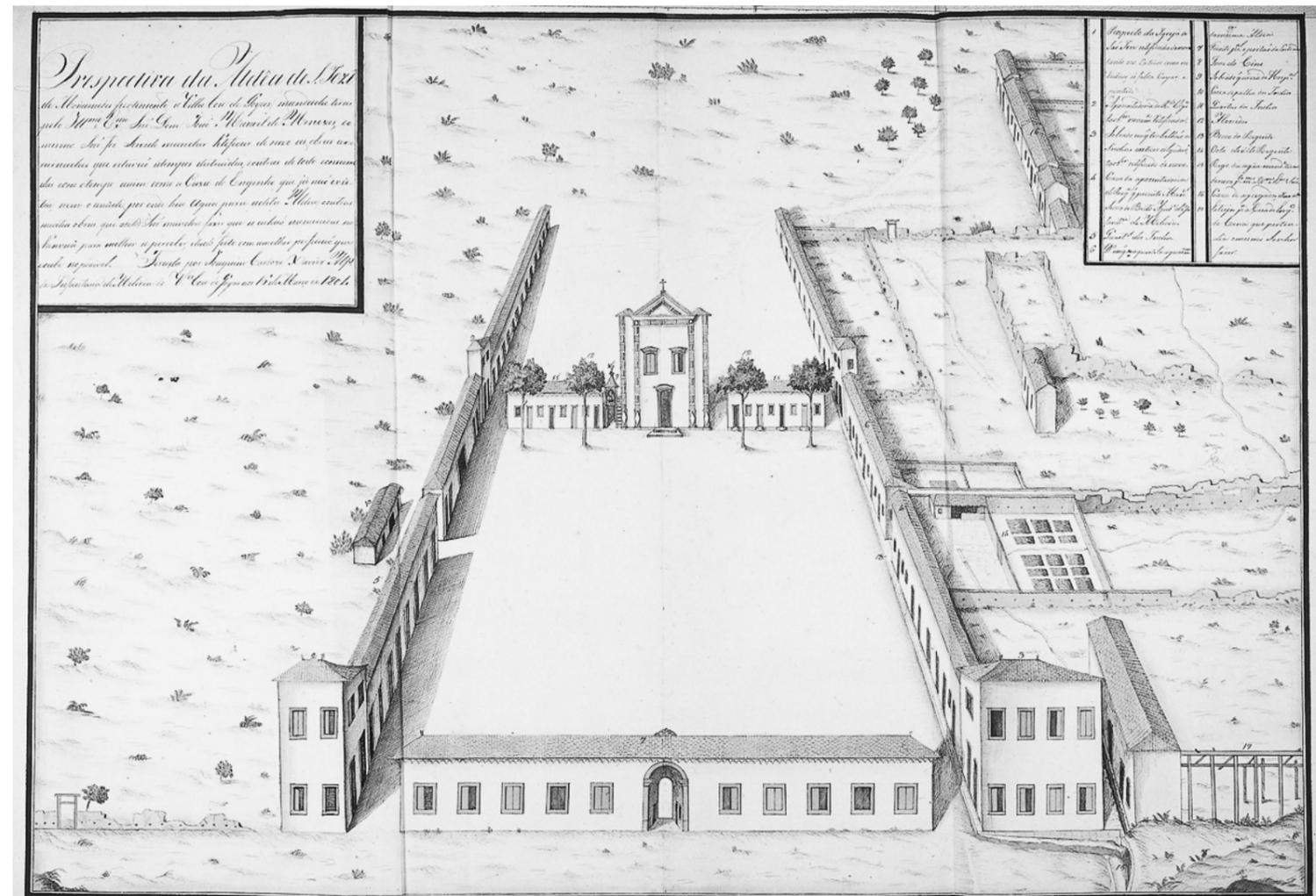
O encontro com os índios Coiapós, como assim os denominava, não suscita em Saint-Hilaire dúvidas quanto à questão de “civilizar” ou não os índios, isso não é colocado em pauta, o que ele discute, de acordo com Jeanine Potelet, é a forma de civilização²⁰³. O pensamento dos naturalistas viajantes comporta o humanismo, a filantropia e o utilitarismo, mas não deixa de se voltar para as vantagens econômicas que poderiam advir da “civilização” dos silvícolas, as quais são enumeradas por Potelet: “a possibilidade de usar os rios, a de abrir novas vias de comunicação do litoral com o interior e o fornecimento de mão-de-obra que são indispensáveis ao progresso material do país”²⁰⁴.

Em sua visita à aldeia dos Coiapós, S. José de Mossâmedes, nas proximidades de Vila Boa, Saint-Hilaire fazia restrições quanto ao regime a que estavam submetidos os índios. O que incomodaria o naturalista seria a forma de governo, pois, ainda que seja a mesma adotada pelos jesuítas, em vez de missionários, em São José, eles seriam dirigidos por homens rudes e mal remunerados, o que provocaria nos índios desejos de fugir para as matas. Outro inconveniente que ressalta são as casas construídas pelos portugueses para abrigá-los – eles se recusariam a

morar nelas e construiriam suas próprias casas, mais baixas que as dos portugueses, mas com um sistema construtivo semelhante – varas fincadas no chão e atadas com cipó a compridos bambus dispostos transversalmente, com a diferença de que tapavam os espaços vazios com folhas de palmeira, enquanto os portugueses o faziam com barro. Maria Fernanda Derntl observa que, provavelmente, os aldeamentos tivessem uma configuração diferente da que apresenta a cartografia oficial (Figura 28). Segundo a autora, as construções principais seguiriam a regularidade dos planos, enquanto que as habitações indígenas se achariam dispersas e obedeceriam a padrões autóctones de ocupação do espaço, com soluções construtivas semelhantes às dos portugueses, sugerindo interações diversas²⁰⁵.

No pensamento de Saint-Hilaire, a “civilização” dos índios encerra uma contradição: ao mesmo tempo em que afirma que a diferença entre brancos e índios estaria somente no estágio civilizatório de cada um, considera que os

Figura 26. Prospecto da Aldeia S. José de Mossâmedes. Fonte: REIS FILHO, Nestor Goulart. *Imagens de Vilas e Cidades do Brasil Colonial*



últimos, devido à sua imprevidência, seriam incapazes de atingir o mesmo grau de civilização dos homens da raça caucásica. Apesar disso, acredita que se deveria inseri-los na sociedade. Seu olhar é paternalista: julga que os índios seriam eternas crianças, sempre necessitando da tutela de um adulto, sob pena de desaparecerem da face da terra²⁰⁶. Acredita que a tutela dos jesuítas por dois séculos foi altamente benéfica, pois teria impedido a comunicação com os portugueses que os corrompiam e os oprimiam, e fez com que eles conhecessem os benefícios da "civilização" minimizando sua "inferioridade inata"²⁰⁷. Desse modo, percebe-se que, no julgamento de Saint-Hilaire, os índios seriam naturalmente inferiores e teriam poucas condições de se integrar a uma sociedade "civilizada", cujos valores desconheceriam.

*Les Coyapós possèdent donc aussi peu que les autres Indiens les qualités nécessaires pour vivre au milieu de notre civilisation toute fondée sur l'idée de l'avenir*²⁰⁸.

Jeanine Potelet observa que, para os viajantes, a "civilização" dos índios apresenta duas fases: uma primeira, que consiste na destruição e escravização dos índios "selvagens" e na exploração dos índios "pacificados"; e uma segunda fase que seria o abandono pela administração portuguesa a que estariam relegados os índios "semi-civilizados" ou "civilizados". No caso da Aldeia de São José, Saint-Hilaire registra que haveria uma exceção, pois a administração pagava a uma mulata para ensinar as mulheres a fiar e a tecer, a aldeia possuía um moinho, uma máquina de descaroçar o algodão e vinte e quatro fusos²⁰⁹.

Saint-Hilaire vê as medidas de proteção ao índio como meio de torná-los, se não felizes, ao menos úteis, e aqui aparece de novo a noção de utilidade tão cara ao século XIX. Para Potelet²¹⁰, os europeus pensam no índio de maneira contraditória – exploração e proteção – e, por momentos, percebem a impossibilidade de conciliar o bem estar dos filhos da terra com uma sociedade que se percebe como civilizada e civilizadora. Essa dificuldade adviria da incapacidade dos índios a serem civilizados ou, como coloca Saint-Hilaire, de civilizá-los "autant du moins qu'ils sont susceptibles de l'être"²¹¹.

As medidas protetoras sugeridas pelo naturalista no tratamento com os índios se assemelham àquelas encontradas no "Diretório dos Índios de 1755". Esse documento, assinado pelo Marquês de Pombal, Sebastião José de Carvalho e Mello, após a expulsão dos jesuítas, foi destinado a estabelecer leis que favorecessem o governo dos nativos na província de Grão-Pará e Mara-

nhão de modo a "civilizá-los"²¹², o que, na prática, pouco efeito obteve. O Diretório foi estendido a toda a colônia em 1758 e retirava da tutela das ordens religiosas todos os aldeamentos que deveriam se converter em vilas e lugares e adotar a toponímia portuguesa²¹³. Com a construção de aldeamentos na década de 1770 na província de Goiás, a aplicação do Diretório implicava na transformação do índio em vassalo português, destinado a povoar um território como meio de garantir a posse e a soberania, além de atuar no sistema de defesa²¹⁴.

Fora da vida nas aldeias, Saint-Hilaire atribui os sofrimentos por que passavam os primitivos donos da terra aos aventureiros que contra eles cometiam "terríveis crueldades"²¹⁵. Mas, como acredita que os índios sejam "incapazes de governar a si próprios"²¹⁶ e necessitariam de um governo dos brancos, pondera que, de modo geral, as medidas adotadas de acordo com as prescrições do "Diretório dos Índios", construindo aldeamentos e isolando os índios da sociedade, não obteriam o mesmo sucesso dos jesuítas. Porém, o clero não ficaria imune às críticas sobre a forma de civilizar os índios: viajantes, como Saint-Hilaire, remarcam a corrupção e os vícios – a luxúria, a simonia, a cupidez e a paixão do lucro, como na passagem seguinte:

*Et cependant, qu'elle était belle la mission du curé de l'aldea ! Il pouvait rendre chrétiens ces hommes-enfants si doux et si dociles, les protéger contre leur propre imprévoyance et contre les vexations de leurs surveillants, prolonger leur existence par de bons conseils, les civiliser autant qu'ils sont susceptibles de l'être, devenir pour eux une seconde providence: il faisait du sucre!*²¹⁷

Nessa passagem, o naturalista viajante reflete sobre a importância do trabalho do clero, se este fosse realizado conforme a missão evangelizadora que lhe era confiada. Em uma nova crítica ao governo dos portugueses, ele percebe que o clero, salvo raras exceções, prefere cuidar dos próprios negócios.

No momento da viagem de Saint-Hilaire a Goiás (1819), a polêmica sobre a inferioridade da natureza americana ainda estava acesa, tendo de um lado Humboldt, tentando absolver os americanos do terrível estigma, e do outro Hegel, a confirmar a tese buffoniana e depauniana de degenerescência do continente americano. Como reflexo de seus pensamentos em relação ao índio, o contato com os habitantes da terra provoca no naturalista viajante uma reação contra as teorias de inferioridade da raça americana, propaladas por Buffon e De Pauw, pois acredita que a inferioridade do índio não seria causada por algum determinismo biológico. No entanto, não deixa de admitir sua

inferioridade, atribuindo-a ao tipo de vida que levava nas selvas¹¹⁸. Para o botânico, o sílvicola aparece em seu aspecto humano, diferente do europeu, mas com características que lhe investem de relações complexas incentivadas pelo conflito do encontro de duas civilizações em estágios diferentes, “a sua própria, que ainda não passou do estágio da colheita e a civilização tecnicista que o Branco quer lhe impor”¹¹⁹.

Em seu esforço para enxergar os indígenas como seres humanos e conferir-lhes dignidade, Saint-Hilaire faz uma crítica aos padrões de julgamento de Pohl, quando comenta que o colega, ao avistar os Coiapós, achou-os feios. No entanto, ele argumenta que, por serem os primeiros índios que ele via, julgou-os pelo padrão da raça caucásica²²⁰, que seria considerado por ele o parâmetro para julgamentos estéticos. Em outra passagem, o cientista dá mostras de sua visão etnocêntrica, pois acredita que os índios vivessem eternamente o tempo presente, o que lhes impediria de se entrosar na civilização branca, “totalmente voltada para o futuro”²²¹, e prevê seu futuro extermínio pela “nossa raça previdente e usurpadora”²²². Isso demonstra que não se furta de também criticar os brancos. Desse modo, a imagem que ele faz dos índios é que, no estado selvagem, sua existência seria puramente animal e, em contato com os brancos e sua religião, eles poderiam desfrutar de “algumas das amenidades da civilização”²²³.

*Les notions de christianisme que les Coyapós reçoivent chez les Portugais, toutes faibles qu'elles sont, les élèvent réellement beaucoup au-dessus de leurs compatriotes encore sauvages dont l'existence est purement animale; ces derniers sont plus libres peut-être, mais les autres goûtent quelques-unes des douceurs de la civilisation, leur nourriture est assurée et ils ne sont point exposés à toutes les intempéries des saisons. Avec des hommes tels que ceux qui civilisèrent les Indiens de la côte, les Coyapós de S. José eussent été parfaitement heureux.*²²⁴

Na passagem acima, pode se perceber que ele compara a existência dos índios pacificados com aqueles ainda em estado selvagem. A vida dos primeiros seria mais amena em detrimento da perda da liberdade que representava o viver em aldeia. Pondera que o governo de homens (jesuítas) que civilizaram os índios da costa faria com que os Coiapós fossem felizes. Porém, essa felicidade não indicaria um estágio de civilização semelhante ao branco, que julga impossível.

Outro obstáculo que Saint-Hilaire observa nos indígenas como impeditivo para civilizá-los é a indolência que, junto à imprevidência, os impediria de

trabalhar na agricultura nos moldes preconizados pela ciência europeia.

*On a, me disait le commandant, beaucoup de peine à les faire travailler, et souvent leur apathie les réduit à souffrir de la faim. La culture des terres est un travail de prévoyance, et les Indiens n'en ont point ; leurs dispositions naturelles, qui les portent à vivre au jour le jour, presque comme les animaux, en font nécessairement des chasseurs ou des pêcheurs*²²⁵.

As características apontadas acima, a imprevidência e a indolência, conforme acredita o naturalista, impediriam que os índios obtivessem o mesmo progresso que os brancos e, desse modo, sua civilização seria sempre imperfeita²²⁶.

Jeanine Potelet observa que, sendo incapaz de ações mais concretas e estando de acordo com a proteção e “civilização” dos índios, Saint-Hilaire, assim como outros viajantes, propõe paliativos para reparar o mal que o contato com o europeu civilizado lhes impôs. E, como última medida, paradoxal, de salvar a raça indígena, propõe a mestiçagem, que se configura, para ele, como garantia de prosperidade e união para a nação.

*Ce que je viens de raconter des divers métis voisins du Rio das Velhas prouve que, si j'ai engagé, il y a déjà longtemps, l'administration brésilienne à encourager de tout son pouvoir les alliances légitimes des Indiennes avec des Africains, je ne me suis point permis de le faire sans de valables motifs*²²⁷.

Em seu texto, o naturalista se refere aos conselhos que teria dado ao governo brasileiro para estimular a miscigenação, o que reforça seu discurso propositivo e reformador.

A miscigenação também é recomendada no “Diretório dos Índios”, pois o matrimônio interétnico seria um meio de acabar com a distinção entre brancos e índios. Mas, diferentemente do “Diretório”, Saint-Hilaire propõe a miscigenação entre as “raças” negra e indígena, acreditando que o resultante dessa fusão, os mestiços, poderia resistir “à la supériorité des blancs, qui serait moins en désaccord avec notre état de civilisation”²²⁸. Desse modo, sua atitude parece indicar que os índios seriam um obstáculo ao avanço do processo civilizador²²⁹.

Por fim, o naturalista aponta o que consideraria uma vitória da conquista europeia, ao constatar a perda gradativa das terras dos nativos para o colono branco e o paulatino desaparecimento da cultura indígena, seja pela misce-

genação com brancos ou negros, seja pelo extermínio, como já vinha acontecendo desde os primórdios da colonização no século XVI:

*[...] mais on a le coeur serré quand on songe qu'on ne veut pas même laisser quelques lieues à ces hommes qui furent, il y a si peu de temps encore, les maîtres de l'Amérique entière*²³⁰.

Goiás, uma província “decadente”

A disseminação das ideias de um suposto atraso e pobreza de Goiás foi veiculada por meio dos livros de narrativas dos viajantes oitocentistas, como Auguste de Saint-Hilaire (*Voyage aux sources do Rio de S. Francisco et dans la province de Goyaz*) e Emanuel Pohl (*Viagem no interior do Brasil*). Outro veículo importante na divulgação da decadência de Goiás foram os documentos oficiais e memórias deixados por militares e funcionários públicos, que percorreram a província na primeira metade do século XIX, tais como Cunha Matos, Joaquim Teotônio Segurado, Francisco Barata e José Martins Pereira Alencastre, publicados na revista do IHGB.

Imagens que expressariam sinais de uma suposta decadência em Goiás tiveram como principal referência o declínio da produção aurífera em finais do século XVIII e pelo século XIX afora. Nesse sentido, pelo papel social exercido como viajante autorizado pela coroa portuguesa, Saint-Hilaire poderia ser considerado um dos agentes principais na construção e divulgação de tais representações sobre a província de Goiás. Tal processo consistiria em associar a decadência da exploração do ouro àquela geral da província, esse foi o recurso adotado pelos governadores e cronistas para explicar os sérios problemas que atravessava a administração. Tal situação começaria a se alterar, conforme Adriana Oliveira, a partir de 1804, quando as atividades agropecuárias passariam a fazer parte do discurso oficial e a receber incentivos do governo provincial²³¹. Não obstante, segundo Nasr Chaul, não houve florescimento agrícola na primeira metade do século XIX e a agricultura ficou restrita ao plano da subsistência. A dificuldade dos meios de transporte e a falta de excedentes exportáveis condicionavam a agricultura a um lugar secundário, enquanto a pecuária passaria a representar um meio de a economia goiana sair da situação de uma suposta decadência²³².

A partir de meados da década de 1990, o estigma da decadência de Goiás tem encontrado relativizações emanadas do pensamento de historiadores contemporâneos, tais como Paulo Bertran²³³, Nasr Chaul²³⁴ e Ledonias Franco Garcia²³⁵. Segundo Chaul, essas representações teriam tido origem no “isolamento da província, na visão europeizante dos estrangeiros que vieram a Goiás e na ilusão daquilo que pensavam ter existido na sociedade mineradora (o fausto e a riqueza)”²³⁶. E é justamente a partir da constatação de que tal luxo e esplendor não teriam de fato existido, que Chaul se vale para constatar que havia muito pouca diferença entre a sociedade mineradora e a fase agropecuária posterior, haja vista a primeira não haver deixado como herança marcos concretos que correspondessem aos momentos de fausto e esplendor²³⁷.

Do ciclo do ouro goiano não restaram cidades opulentas, palácios, monumentos, construções requintadas ou grandes melhorias urbanas, apenas uma arquitetura singela e despojada, cuja configuração urbana de traçados regulares apresentava um casario homogêneo dominado por alguns edifícios principais. Essa arquitetura continuou a ser erguida após o suposto momento de riquezas, sendo que grande parte das melhorias urbanas de Vila Boa, como a construção do Chafariz de Cauda e de algumas igrejas, foi executada quando a produção de ouro já declinava, mas que se justificava pelo fato de a cidade ser a capital da província. Outra constatação importante veiculada pelo historiador é a questão de a decadência existir apenas na visão dos outros enquanto que, para os trabalhadores goianos do século XIX, sua realidade seria satisfatória, pois bastava para lhes suprir as necessidades básicas. Isso foi interpretado por Paulo Bertran como economia da abastância, que ficaria entre a economia de subsistência e a de exportação, e caracterizaria a passagem da mineração para a agropecuária²³⁸, enquanto que, para Saint-Hilaire, representava a apatia e a indolência do goiano, que seriam a causa de todos os males da província.

Trata-se de um olhar que não foi construído apenas a partir da especificidade da cultura goiana, dos seus próprios valores, mas de uma série de fatores externos que condicionaram e alimentaram a interpretação da decadência. Desse modo, representar a província como decadente e sua gente como indolente significaria, em um paralelo com Mary Louise Pratt, que essa necessitaria de uma exploração racional e, desse modo, abria-se caminho para a intervenção europeia²³⁹.

Dentre as representações criadas sobre Goiás e veiculadas por viajantes estrangeiros e brasileiros no século XIX, Ledonias Garcia enfatiza que a mais

comum era a de “deserto”, a qual era usada para designar lugares vastos e pouco habitados²⁴⁰, mas que também podia se referir ao lugar das gentes bárbaras ou a morada do “outro”, o que demonstrava, portanto, o estranhamento e a falta de parâmetros para a percepção da alteridade de quem enxergava as coisas de fora. Para expressar a decadência de algumas localidades de Goiás, continua a autora, o vocabulário se desdobrava em termos como “miserio arraial”, “miserável lugarejo”, “deplorável igreja”, “lastimável lugar”, “lugar ermo”, “lugar desabitado e inculto” e “lugar de penúria dos habitantes”²⁴¹, constantes nos relatos de viagem a Goiás no século XIX.

Expressões como as enumeradas acima estão presentes nos relatos de Saint-Hilaire. Embora em grande parte de sua narrativa sobre Goiás recorra aos termos “decadência” e correlatos para expressar o estado em que encontra a província, justifica que tal estado de penúria seria devido, principalmente, a um erro inicial: uma exploração aurífera mal orientada, que não soube aproveitar a riqueza proporcionada pela descoberta do metal²⁴², colocando a questão da decadência já no princípio da ocupação de Goiás pelos paulistas. A ideia de uma pobreza que seria anterior à queda da produção aurífera também é compartilhada por Pohl: “Queixam-se aqui, de todos os lados, da pobreza, mas ao observador é custoso crer que ela fosse menor no auge da produção de ouro. De certo, então não era maior o luxo dos vestuários”²⁴³.

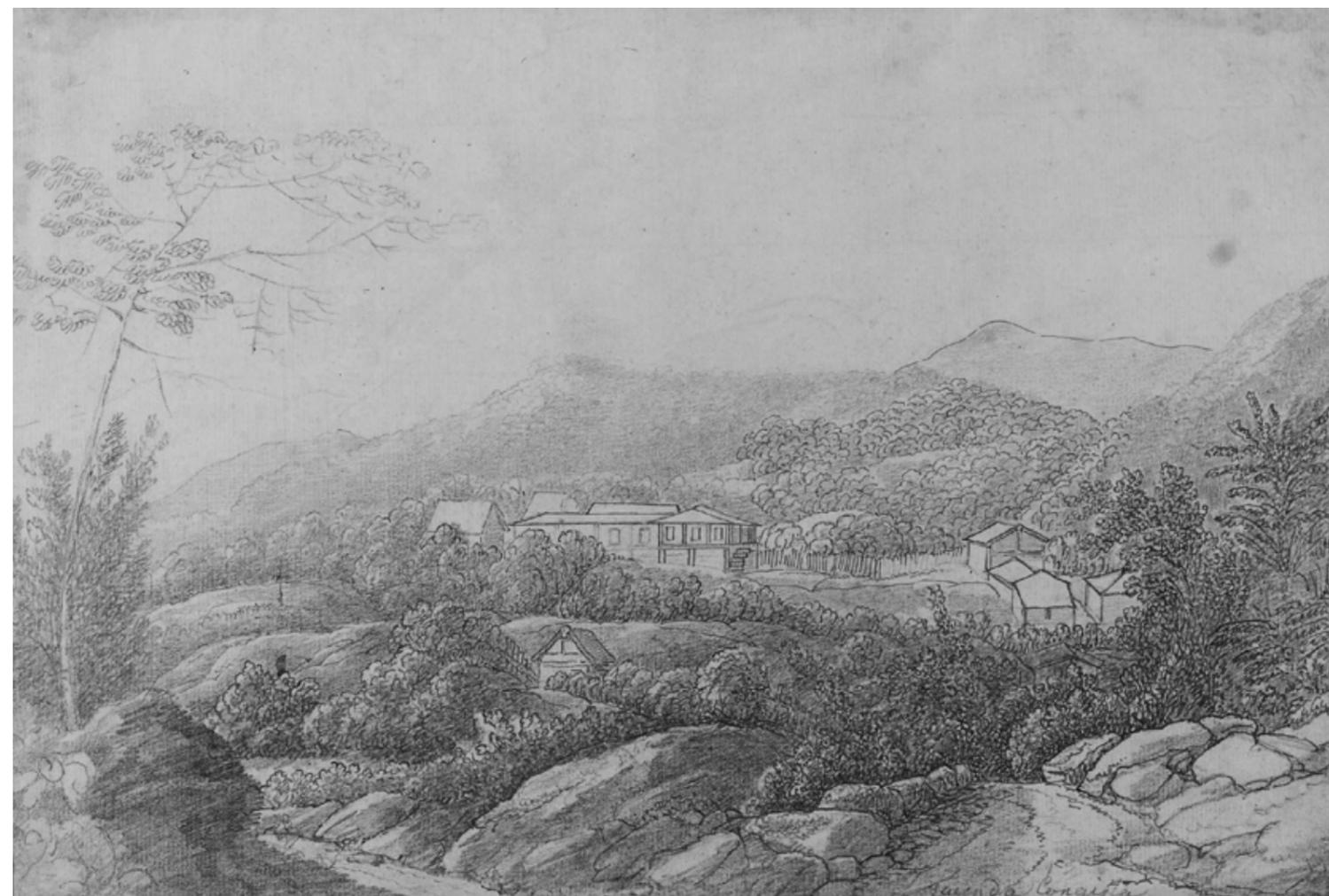
Apesar disso, em Meia Ponte, Saint-Hilaire encontra um modelo civilizador entre os goianos quando conhece o comandante Joaquim Alves de Oliveira, morador dessa cidade. O naturalista acredita que o comandante poderia incentivar os demais habitantes a seguir novos rumos, a exemplo dele próprio que cultivava algodão para exportar, no que já seria seguido por inúmeros agricultores. Porém, essa condição privilegiada não seria comum a toda a província, estava restrita ao eixo Goiás–Meia Ponte e representava o esforço de agricultores, capitaneados por Joaquim Alves de Oliveira, em uma diversificação de culturas, de relações com praças mercantis dinâmicas, por uma diminuição no custo dos transportes e pela capacidade de mobilizar capital, o que tornou possível uma aceleração da integração do Centro-Sul²⁴⁴.

A decadência da província de Goiás, segundo Saint-Hilaire, manifestaria-se tanto no aspecto moral dos habitantes, como na sua cultura material. Para o naturalista, a “precariedade” das casas, inclusive as dos proprietários mais abastados, seria resultado simplesmente da pobreza do lugar. Tal homogeneidade das construções pode ser observada na gravura de Martius (Figura 29).

*Je n'ai pas besoin de dire que celle du principal propriétaire diffère à peine des autres; elle diffère même fort peu des cases des nègres esclaves: ce genre d'égalité, général dans cette partie de la province, ne prouve autre chose qu'une égale grossièreté de moeurs*²⁴⁵.

Saint-Hilaire não leva em conta o fato de que o padrão das casas obedecia a uma tradição vernacular de construir, baseada no despojamento e na utilização de meios disponíveis, na qual diferenças construtivas não seriam significativas, o que mudava eram as dimensões. Quanto ao fato de considerar quase todas semi-arruinadas, pode ser tributado ao padrão de exigência do naturalista quanto à habitabilidade das casas, como a falta de pintura ou a necessidade de manutenção dos telhados²⁴⁶. O naturalista tributa o ar de decadência que apresentava as povoações a suas construções em terra, facilmente degradáveis, principalmente no exterior, sendo que a facilidade de se construir seria proporcional à facilidade com que se destruiriam essas habitações²⁴⁷. Para o botânico, esses aspectos revelariam que os modos grosseiros da população se refletiriam em suas habitações e

Figura 27. Casas de fazenda. Fonte: Johann Baptist von Spix e Carl Friedrich von Martius. *Atlas zur reise in Brasilien*



deveriam ser substituídos pela ordem civilizada. Desse modo, ao descrever os valores dos "outros", Saint-Hilaire representa e espelha os valores da própria cultura²⁴⁸.

Uma das exceções que encontra na desaprovação do aspecto material da vida dos goianos é justamente a fazenda de Joaquim Alves de Oliveira, atual Fazenda Babilônia, cuja casa revelaria a prosperidade de seu proprietário. A fazenda São Joaquim, observa Nicácio Lima, destacava-se das demais pelas dimensões e qualidade das construções, pela escala e diversidade da produção agrícola, pela quantidade e disciplina dos escravos²⁴⁹. Além da ordem e da limpeza, aspectos sempre observados pelo botânico, a propriedade utilizava meios racionais para tratar a terra, como na Europa, usando o arado e adubando-a com bagaço de cana²⁵⁰.

A carência de uma vida urbana, nos moldes pretendidos por Saint Hilaire, apontaria para uma suposta falta de elementos da vida tida como civilizada, traduzida pelo conforto, pela educação e pelos padrões de urbanidade. Tais condições não dependeriam apenas do talento natural de seus habitantes, mas estariam intimamente relacionadas com a falta de comunicação entre eles²⁵¹.

*Goyaz n'offre absolument aucune ressource pour la société; chacun y vit dans son intérieur et ne communique, pour ainsi dire, avec personne*²⁵².

Saint-Hilaire se mostra ambíguo quanto a essa questão: ao mesmo tempo que declara o isolamento do sertanejo, afirma que, no tempo da seca, ele se comunica com os chefes de caravana, seus empregados e escravos. A ressalva fica por conta de que esses não poderiam despertar sua inteligência ou elevar o sentimento moral, ou seja, não ofereceriam algo que os pudesse ligar à "sociedade humana". O que fica claro nesse ponto é que o naturalista tem uma ideia de isolamento, como a ausência de uma sociedade que correspondesse aos ideais civilizatórios europeus e que fora disso não haveria vida social possível²⁵³.

De qualquer maneira, para confirmar a decadência da província, atribui ao habitante a responsabilidade pelo estado deplorável em que se encontra e acrescenta, com desprezo, que esse não faria nada para sair dessa situação.

Relativizando a decadência

Ao considerar toda a província de Goiás como um imenso *désert*, Saint-Hilaire reforça essa impressão nas regiões a oeste da capital, como o povoado de Pilões, na estrada para Mato Grosso. Porém, quando inicia sua partida de Goiás rumo a São Paulo, entra na estrada principal a partir de Meia Ponte e visita Santa Cruz, Piracanjuba e Bom Fim (Silvânia). Nesses arraiais, mais ao sul da província de Goiás, verifica que a fertilidade do solo e a proximidade da estrada que segue para São Paulo proporcionariam a existência de boas fazendas. Com relação ao meio urbano, ao contrário de outros arraiais goianos que lhe pareceriam semi-arruinados e abandonados, Saint-Hilaire se surpreende com a vitalidade desses arraiais, como Bom Fim (Silvânia), que, para ele, seria agradável e exibiria sinais de civilidade por meio de suas casas bem conservadas, com telhados em telhas de cerâmicas e paredes caiadas e quintais ordenados, plantados de bananeiras, mamoeiros e cafeeiros. Eram a ordem, a limpeza e a regularidade que o fariam condescender em seu julgamento dessa província, cujos arraiais não passariam, segundo suas palavras, de um "amontoado de casebres esparsos"²⁵⁴. Essas representações que opõem realidades distintas, mas, ao mesmo tempo, muito próximas, colocam frente a frente o homem político e o cientista. Saint-Hilaire acredita que, conforme atesta Luiz Francisco Miranda, somente a imposição de um domínio racional sobre o interior do Brasil iria conduzir sua história para o rumo projetado pela ciência²⁵⁵.

E assim, depois de uma primeira impressão de *désert*, sertão, imensidão sem fim e sem gente, ele constata que, ao sul da província, pontos de prosperidade e dinamismo coexistem, em meio à estagnação econômica e ao vazio populacional que julgava generalizado. As palavras de Elianda Tiballi contestam o pensamento de Saint-Hilaire com relação ao suposto "vazio" do território:

Saint-Hilaire, retornando a São Paulo, levou três meses de viagem, somando 70 dias de marcha e 23 de descanso. Percorreu ao todo 242 léguas, fazendo a média de pouco mais de 3 léguas e meia por dia, em marcha normal e com burros carregados. Neste percurso, afirma ter encontrado um abrigo ao fim de cada jornada, o que significa que a cada quatro léguas havia uma propriedade. Havia portanto uma zona rural, efetivamente ocupada, intercalando os núcleos urbanos existentes em Goiás no início do século XIX²⁵⁶.

A existência de uma zona rural ocupada também é cogitada pelo historiador Paulo Bertran. De acordo com o historiador, a capital Vila Boa possuía, em

1783, cerca de oito mil habitantes divididos em 554 casas urbanas e 630 sítios e fazendas, o que indica que, mesmo no período mineratório, havia uma efetiva ocupação da zona rural²⁵⁷, o que leva a supor que o “vazio” a que se refere Saint-Hilaire estaria relacionado com a inexistência ou precariedade do meio urbano.

Outro argumento utilizado pela historiografia revisionista, para refutar a suposta decadência de Goiás, seria a atuação da pecuária após a crise da mineração. O comércio de exportação de gado teria conseguido manter um fluxo de crescimento econômico moroso, porém ininterrupto, capaz de atender às demandas dos centros econômicos mais desenvolvidos²⁵⁸. Desse modo, o desenvolvimento da pecuária, a partir de 1830, marcaria o fim da estagnação demográfica de meio século e o avanço espontâneo das fronteiras da colonização²⁵⁹.

Os sintomas de recuperação econômica explicitados acima parecem ter sido percebidos pelo naturalista no trecho da província próximo a estrada que vai a São Paulo. Nesse percurso, as representações criadas por Saint-Hilaire sobre Goiás adquirem contornos menos severos, pois, nesse ponto, as coisas se aproximariam mais do que considera progresso e civilização e o sentido de utilidade da terra se tornaria mais evidente.

*Les habitations, sans annoncer l'opulence, sont en meilleur état que du côté d'Arrepellidos et de Santa Luzia; entre Meiaponte et Bom Fim, je comptai quatre sucreries, et on m'assura qu'il y en avait trente dans tout le julgado de Meiaponte, ce qui suppose des esclaves et, par conséquent, quelque aisance. Indépendamment des avantages que leur procure la position de leur village, les colons de Bom Fim en trouvent encore un très-grand dans la nature de leurs terres; [...]*²⁶⁰.

Ou, ainda:

*Les Casados sont situés à 1 lieue seulement du Riacho et jusqu'au Parahyba, c'est-à-dire dans un espace de 3 legoas, j'ai trouvé encore une habitation de lieue en lieue. La fertilité du sol et le voisinage de la rivière, sur le bord de laquelle s'arrêtent souvent les caravanes, auront engagé un certain nombre de cultivateurs à se fixer dans ce canton*²⁶¹.

A julgar pela sua narrativa, a viagem de Saint-Hilaire a Goiás não foi das mais felizes, assim como não o foram também suas excursões a outros rincões do país. Uma explicação para tal impressão seria o fato de que o Brasil do século XIX não poderia oferecer as condições de conforto e comodidade de

que podiam gozar os europeus em seus países. De sua rápida passagem por Goiás, ele registra uma viagem difícil, repleta de coisas desagradáveis, como o calor no decorrer do dia e o frio das madrugadas, os insetos impertinentes, a precariedade das acomodações, os atritos com a equipe de viagem, na qual faltava o mais elementar: papel para herborizar, caixas para acondicionar o material coletado, milho para alimentar os animais. As lamentações de Saint-Hilaire sobre as dificuldades de sua viagem podem ser vistas, entretanto, como uma estratégia de agregar valor ao seu empenho, enquanto “mártir” da ciência, e podem ser observadas em várias passagens de seu relato.

Carolina Depetris observa que, para o viajante romântico, “*cuanta más desventura encuentre en su aventura y esta ética del viajar desventurado es lo que distingue al viajero superior de todos los demás*”²⁶². E o papel de viajante desafortunado que ele desempenha, segundo Depetris, reforça a verdade de seu testemunho e, dessa forma, seu empenho em pesquisar e conhecer a fundo as questões físicas e morais da província que escolheu visitar²⁶³, quando considera que:

*[...] Des voyages aussi gigantesques étonnent l'imagination, quand on songe que les marches sont tout au plus de 3 à 4 lieues, que l'on est souvent obligé de séjourner en plein air ou sous un triste rancho, qu'il faut se condamner aux plus rudes privations et presque toujours traverser des déserts*²⁶⁴.

Às dificuldades da viagem, Saint-Hilaire acrescenta mais uma razão para se mostrar desafortunado: a coleta reduzida de plantas devido à seca que faria com que poucas espécies estivessem em floração. Trata-se, em suma, de uma viagem marcada por expressões de tédio que ocorriam geralmente quando ele permanecia muito tempo sem ver habitações, pessoas, terras cultivadas ou mesmo pastagens com animais, ou seja, tudo aquilo que, segundo ele, daria “movimento e vida” às paisagens. Mas, a viagem seria pontuada também por momentos de contemplação, nos quais encontraria belezas em paisagens singulares ou em coisas aparentemente desprovidas de interesse.

Entretanto, quando se aproxima o final dessa etapa de sua longa viagem pelo Brasil, uma mudança parece ocorrer no espírito do viajante. Com a proximidade das chuvas, sugestionado pela mudança da paisagem que agora exibiria árvores em plena floração, o botânico sente-se subitamente feliz e, contraditoriamente, começa a sentir a falta antecipada daqueles momentos de solidão. Nesse estado de espírito, pensa, com receio, em sua volta à civilização.

J'étais presque fâché de songer que ce genre de vie devait bientôt

*avoir un terme. La paix et la liberté dont je jouis dans ces déserts, me disais-je, feront certainement un jour l'objet de mes regrets ; si je vois des hommes, ce n'est que pour peu d'instant, ils me montrent seulement leur beau côté[...]*²⁶⁵.

Em tal momento, a vida em sociedade lhe pareceria estranha: acostumado com suas longas marchas, solitário, e comprazendo-se da liberdade que essas lhe proporcionariam, o naturalista gozaria de momentos de felicidade, tão raros em sua viagem. Porém, especula-se se tais expressões de satisfação não seriam também um recurso retórico para valorizar sua viagem, afinal, se tudo tivesse sido mesmo apenas desventura e tédio, quem iria se interessar por seu livro?

Trata-se de breves momentos que não lhe alteram a marcha e a crença em um ideal civilizatório, sendo que logo retoma sua postura de europeu empenhado em trazer a terras longínquas as noções de civilidade e progresso. Quando chega à região denominada Caldas e, ao saber que o dono das terras, junto às águas termais de Caldas, nada cobrava dos enfermos que iam à procura das propriedades curativas dessas águas, pensa que na Europa tudo seria diferente e "o terreno seria medido em milímetros, e cada milímetro teria o seu preço"²⁶⁶. Associando a civilização com a vida em sociedade, conclui que um lugar deserto de gente e, portanto, de convívio humano, poderia evoluir muito pouco: "Nada há para despertar a sua inteligência, para reavivar os seus conceitos morais, e nada, por assim dizer os liga à sociedade humana"²⁶⁷. Possivelmente, o naturalista não se refere à falta de convivência do sertanejo, pois essa certamente existiria uma vez que o comum é haver assentamentos humanos, formando pequenos conjuntos e não habitações solitárias, mas à inexistência de relações sociais com pessoas ditas "civilizadas", as quais pudessem arrancá-lo de sua inércia²⁶⁸.

Valéria Lima considera que o viajante de início do século XIX, marcado pela influência do século anterior no campo do pensamento, é dotado de um olhar filosófico que o leva a questionar as diferenças entre a sua realidade e aquela que encontra em terras distantes²⁶⁹. Nesse sentido, ao deixar Goiás e após a vivência de longos meses nessas "solidões", vivendo situações insólitas, Saint-Hilaire passa a refletir sobre a atitude dos europeus perante os nativos da terra (índios e mestiços).

Para o naturalista, a conduta opressora com relação aos índios, por parte dos europeus, quando a força substitui o direito, não faria outra coisa se não repetir a história da espécie humana. Esses últimos, submetidos ao ardor

dos trópicos, perderiam a alegria e se tornariam apáticos. Por outro lado, ele acredita que os índios da Estiva, já em Minas, adquiriram as vantagens da civilização sem conhecer seus males, eles desconhecem o luxo, a cupidez, a ambição, mas também desconheciam aquilo que, para ele, é considerado um valor, a preocupação com o futuro. Nessa passagem, ainda que enumere as vantagens da civilização e a considere um bem supremo, reflete que o comportamento de alguns homens de sua raça envenenaria o presente em nome de um futuro incerto²⁷⁰.

Continuando nessa linha de raciocínio, no que pode ser uma nuance de seu pensamento, o naturalista avalia o sentido de sua missão civilizatória, pois, apesar de considerar precária a existência dos habitantes da terra, lhe parece que esses vivem sem as angústias e incertezas do mundo "civilizado", de modo que, nesse ponto, ele se mostra ambíguo com relação às benesses da civilização:

*Cet homme, il faut le dire, avait sous les yeux bien peu d'objets d'envie; car il y a une foule de maisons, dans tout ce pays, qui ne sont pas plus riches que la sienne. Il était accoutumé à la solitude, et peut-être attendons-nous notre journal, don't une fête nous a privés pendant un jour, avec plus d'impatience qu'il n'en éprouvait lorsque, après une interruption de six mois, il attendait les premières caravanes*²⁷¹.

A experiência de Saint-Hilaire revela um embate entre dois mundos: um criado pelos homens da terra, os quais "construíram histórias, cultivaram tradições, linguagens, vocabulários, dando corpo e vida aos lugares"²⁷²; outro visto pelo olhar estrangeiro, instrumentado pela história natural e pelo projeto civilizatório que apresenta a paisagem como algo "vazio", cuja importância estaria nas possibilidades de se produzirem valores econômicos no futuro. Inúmeras passagens podem fundamentar essa avaliação:

*Pendant bien longtemps encore, monte sur le sommet des Pyrénées, on ne découvrira, dans un espace immense, aucune trace de culture; pendant bien longtemps, le S. Francisco sera tout au plus effleuré par quelques légères pirogues; mais ces beaux déserts contiennent les germes d'une grande prospérité [...]*²⁷³.

1. **VIEIRA, Antonio Roberto Alves.** *Família escrava e pecuária*, historiografia e perspectivas de pesquisas. Dissertação de mestrado. Departamento de História. FFLCH. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011.

2. **SAINT-HILAIRE, Auguste de.** *Voyage dans l'intérieur du Brésil*. Troisième Partie. Voyage aux sources du Rio de São Francisco et dans la province de Goiás 1847-1848. Paris: Arthus Bertrand, 1847-1848. Disponível em www.gallica.bnf.fr. Acesso em 4 de outubro de 2014.

3. **KURY, Lorelai.** *Histoire naturelle et voyages scientifiques* (1780-1830). Paris: L'Harmattan, 2001, p. 53.

4. Na edição brasileira da EdUSP e Itatiaia (1975), esse "quadro" corresponde ao último capítulo de "Viagem às nascentes do Rio São Francisco".

5. **SAINT-HILAIRE, Auguste de.** *Voyage dans l'intérieur du Brésil*. Troisième Partie. Voyage aux sources du Rio de S. Francisco et dans la province de Goyaz. Op. cit., T I p. 366. "Há tão pouca moeda corrente no país que, entre as pessoas de poucas posses, ninguém sabe contar o dinheiro em réis como se faz em Portugal e no resto do Brasil". SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem às nascentes do Rio São Francisco*, op. cit., p. 184.

6. **Ibid.**, T. I, p. 373. "O mineiro de hoje sabe conversar, e o faz muitas vezes com espírito e cordialidade. Já os colonos goianos mantêm o silêncio da ignorância. Têm um ar de indolência e uma tendência à futilidade que os tornam facilmente reconhecíveis". **Ibid.**, p. 187.

7. **NAXARA, Márcia.** Natureza e civilização: sensibilidades românticas em representações do Brasil

no século XIX. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (orgs). *Memória e (res)sentimento*: indagações sobre uma questão sensível. 2ª Ed, Campinas – SP. Editora da Unicamp, 2004, p. 430.

8. **SAINT-HILAIRE, Auguste de.** *Voyage dans l'intérieur du Brésil*. Troisième Partie. Voyage aux sources du Rio de S. Francisco et dans la province de Goyaz. Op. cit., T. I, pp. 363/364. "Mas simples conselhos, exortações e até mesmo alguns bons exemplos jamais serão suficientes para arrancar os criadores goianos da apatia em que se acham mergulhados. Seria preciso que a administração, que tanto contribuiu para levá-los a esse triste estado, se dispusesse a ajudá-los, estimulando-os e oferecendo-lhes boas vantagens. Seria preciso que o governo concordasse alguns pequenos sacrifícios imediatos, que no futuro reverteriam em grandes proveitos". SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem às nascentes do Rio São Francisco*. Op. cit., p. 183.

9. **LIMA, André Nicácio.** *Caminhos da integração, fronteiras da política: a formação das províncias de Goiás e Mato Grosso*. Dissertação de mestrado. Departamento de História Social da FFLCH, Universidade de São Paulo, 2010, p. 190. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-20062011-143559/>>. Acesso em: 8 dez. 2016.

10. **Voyage dans l'intérieur du Brésil**. Troisième Partie. Voyage aux sources du Rio de S. Francisco et dans la province de Goyaz. Op. cit., T I, p. ix. "[...] pois saberão com certeza pelos relatos de alguns viajantes, quais foram as origens não apenas de suas cidades mas também dos seus mais insignificantes povoados". SAINT-HILAIRE, Auguste de *Viagem às nascentes do rio S. Francisco*. Op. cit., p. 14.

11. **SAINT-HILAIRE, Auguste de.** *Viagem à provín-*

cia de Goiás. Tradução de Regina Regis Junqueira. São Paulo, Belo Horizonte: Editora da Universidade de São Paulo e Editora Itatiaia, 1975, p. 14.

12. **Ibid.**, T I, p. ix. "[...] que, em lugar das extensas plantações de milho, de mandioca, de cana-de-açúcar, e das árvores frutíferas, o que havia eram terras cobertas por uma vegetação exuberante mas inútil". SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem à província de Goiás*. Op. cit., p. 14.

13. **Ibid.**, T I, p. 316. "[...] onde ficavam privados das mais elementares vantagens da civilização: as noções de religião, o hábito de formar ligações legítimas, o trato com o dinheiro e o uso do sal". SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem à província de Goiás*. Op. cit., p. 162.

14. **Ibid.**, T I, p. 317. "Para mostrar como devemos duvidar desses dados basta dizer que Casal, praticamente de acordo com Pohl quanto à extensão em latitude da Província de Goiás, não lhe dá, entretanto mais que 200 léguas de comprimento (Corog.I, 319), ao passo que Pizarro diz que essa província tem 331 léguas de norte a sul e 226 de leste a oeste. Schoeffer atribui-lhe 12.932 milhas quadradas geográficas (Bras., 225) e Cunha Mattos, provavelmente muito mais bem informado, calcula a superfície entre 22 a 25.000 léguas quadradas". SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem à província de Goiás*. Op. cit., p. 163 (nota de rodapé).

15. **Ibid.**, T I, p. 319.

16. **POHL, Emanuel.** *Viagem no interior do Brasil*.

17. *Voyage dans l'intérieur du Brésil*. Troisième Partie. Voyage aux sources du Rio de S. Francisco et dans la province de Goyaz. Op. cit., T I, p. 322. "[...] e o viajante se compraz em observar as diferentes

formas das plantas e folhagens, às quais o europeu não está habituado". SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem às nascentes do Rio São Francisco*. Op. cit., p. 165.

18. **Ibid.**, T I, p. 323. "Ali, da mesma forma que nos brejos do sertão de Minas, ergue-se altivamente o elegante buriti, cuja imponente imobilidade tão bem se harmoniza com a calma daquelas solidões". **Ibidem**, p. 165.

19. **AUGUSTIN, Günther**, op. cit., p. 11.

20. **SAINT-HILAIRE, Auguste de.** *Voyage dans l'intérieur du Brésil*. Troisième Partie. Voyage aux sources du Rio de S. Francisco et dans la province de Goyaz. Op. cit., T I, p. 323.

21. **Ibid.**, T. I, p. 324 "[...] a região não pode ser considerada insalubre, e o seria menos se fossem cuidadosamente drenados os brejos". SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem às nascentes do Rio São Francisco*. Op. cit. p. 166.

22. **Ibid.**, T I, p. 331. "É igualmente verdade que, num território cuja extensão não é certamente menor do que o da França, a proporção de seus habitantes é de 1 para cada 425 deste país". SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem às nascentes do Rio São Francisco*. Op. cit., p. 169 (falta um pedaço na tradução).

23. **LIMA, Valéria Alves Esteves.** *A viagem pitoresca e histórica de Debret*: por uma nova leitura. Tese de doutorado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP. 2003, pp. 276/277. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000290010&opt=3>>. Acesso em 12 de março de 2015.

24. SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Voyage dans l'intérieur du Brésil*. Troisième Partie.Voyage aux sources du Rio de S. Francisco et dans la province de Goyaz,Op. cit., T I, p. 336. "Enganaram-se igualmente a respeito das pessoas e das coisas. Imaginaram que o país fosse rico, e ele é pobre; acreditaram que seus habitantes fossem estúpidos, e eles são inteligentes e têm grande facilidade de aprender as coisas". SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem às nascentes do Rio São Francisco*. Op. cit., p. 171.

25. TORRÃO FILHO, Amílcar. *A Arquitetura da Alteridade*. Op, cit., pp. 113/117.

26. SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Voyage a l'intérieur du Brésil*. Troisième Partie. Voayge aux sources du rio de S. Francisco et dans la province de Goiás.. Op. cit., T I, pp. 338/339. "1º Direito sobre as mercadorias que entram na província (entradas); 2º Dízimos dos produtos do solo, os quais, conforme acordo feito outrora entre o clero e o governo, tinham passado às mãos deste último; 3º Passagem dos rios arrendada pela adinistração; 4º Arrematação dos ofícios; 5º Direito sobre a venda da carne fresca; 6º Direitos de venda sobre os imóveis (décimas, selos e sisas); 7º O quinto, isto é, a quinta parte do ouro em pó, retirada antes de transformá-lo em lingote; 8º Imposto destinado ao pagamento dos mestres-escolas (coletas); 9º Imposto cobrado às lojas em proveito do Banco do Rio de Janeiro". SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem às nascentes do rio São Francisco*. Op. cit., p. 172.

27. *Ibid.*, T I, p. 343. "Acontece, porém, que este é sempre um homem rico, cercado de amigos influentes, ao passo que o agricultor vive no isolamento e na pobreza, longe das cidades e arraiais, sem a meor noção do assunto, sem protetores,

sem apoio". SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem às nascentes do rio São Francisco*. Op. cit., p. 174.

28. TORRÃO FILHO, Amílcar; DERNTL, Maria Fernanda. *Cidade e civilidade: um governo ilustrado na capitania de São Paulo, 1765-1775*, p. 11. Disponível em:<http://www.academia.edu/6818875/Cidade_e_civilidade_um_governo_ilustrado_na_capitania_de_S%C3%A3o_Paulo_1765-1775>. Acesso em: 2 fev. 2016.

29. SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Voyage dans l'intérieur du Brésil*. Troisième Partie.Voyage aux sources du Rio de S. Francisco et dans la province de Goyaz. Op. cit., T I, p. 344. "[...] sem meios de comunicação, afastados das sedes das paróquias onde poderiam adquirir algumas noções de moral e religião, entregando-se cada vez mais à apatia a que os leva o clima tropical, praticando o incesto à falta de outras mulheres..." SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem às nascentes do rio São Francisco*. Op. cit., p. 175.

30. *Ibid.*, T I, p. 348. Não consta na tradução.

31. TORRÃO FILHO, Amílcar. *A Arquitetura da alteridade*. Op. cit. p. 262.

32. LIMA, André Nicácio. Op. cit., p. 187.

33. PRATT, Mary Louise. *Ojos Imperiales: literatura de viajes y transculturación*. Tradução de Ofélia Castilho. México: FCE, 201,pp. 280.

34. SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Voyage dans l'intérieur du Brésil*. Troisième Partie.Voyage aux sources du Rio de S. Francisco et dans la province de Goyaz. Op. cit., T I, p. 356. "Essa provincia não continuaria a ser ignorada como é hoje, e se o governo não tomar medidas que assegurem ao país a pos-

se de suas riquezas, os estrangeiros virão explorá-las. Trarão com eles maquinaria e escravos, e os goianos, tristes testemunhas dos sucessos de outrora, verão o ouro de suas terras ser levado embora, para ir aumentar em Londres a riqueza de alguns capitalistas". SAINT-HILAIRE, Auguste de *Viagem às nascentes do Rio São Francisco*. Op. cit., p. 180.

35. KURY, Lorelai. *Histoire naturelle et voyages scientifiques* (1780-1830). Op. cit., pp. 26/28.

36. SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Voyage dans l'intérieur du Brésil*. Troisième Partie.Voyage aux sources du Rio de S. Francisco et dans la province de Goyaz, T I, p. 363.

37. *Ibid.*, T. I, p. 364. "Não basta incentivar as culturas mais lucrativas. Seria igualmente necessário combater o sistema destruidor adotado na exploração das terras pelos agricultores goianos, bem como pelos de S. Paulo, Minas, etc., um desastroso sistema que só permite a plantação nas matas, o que leva à sistemática destruição de magníficas florestas". SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem às nascentes do rio São Francisco*. Op. cit., pp. 183/184.

38. *Ibid.*, p. 366-369.

39. CHAUL, Nasr. *Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade*. Goiânia: Editora UFG, 2010, pp. 44/45

40. LIMA, André Nicácio. Op. cit. pp. 154/155.

41. MIRANDA, Luiz Francisco Albuquerque de. O deserto dos mestiços: o sertão e seus habitantes nos relatos de viagem do início do século XIX. *Revista de História*, SP 28 (2): 2009, p. 628. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/his/v28n2/21.pdf>>. Acesso em 17 de abril de 2015.

42. SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Voyage dans l'intérieur du Brésil*. Troisième Partie.Voyage aux sources du Rio de S. Francisco et dans la province de Goyaz. Op. cit., T. I, p. 369.

43. *Ibid.*, p. 369.

44. GARCIA, Ledonias. Op. cit. pp. 127/131.

45. LIMA, André Nicácio. Op. cit., p. 188.

46. SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Voyage dans l'intérieur du Brésil*. Troisième Partie.Voyage aux sources du Rio de S. Francisco et dans la province de Goyaz. Op. cit., T. I, p. 373.

47. MIRANDA, Luiz Francisco Albuquerque de. *O deserto dos mestiços: o sertão e seus habitantes nos relatos de viagem do início do século XIX*. Op. cit., p. 641.

48. SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Voyage dans l'intérieur du Brésil*. Troisième Partie.Voyage aux sources du Rio de S. Francisco et dans la province de Goyaz. Op. cit., T. I,p. 375. "Acontece com o povo goiano o mesmo que ocorre com o seu solo; atualmente só nascem plantas estéreis. Um pouco de cultura e algumas medidas inteligentes bastariam para fazê-lo produzir colheitas abundantes". SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem às nascentes do Rio São Francisco*. Op. cit., p. 188.

49. *Ibid.*, T I, p. 377.

50. *Muséum National de Histoire Naturelle* (Paris), *Bibliothèque Central*, Ms. 507. Carta de Auguste de Saint-Hilaire a Mr. Blainville.

51. SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Voyage dans*

l'interieur du Brésil. Troisième Partie. Voyage aux sources du Rio de S. Francisco et dans la province de Goyaz. Op. cit., T I, p. 378.

52. **Ibid.** T. I, p. 378. "Quanto a mim, se vier a saber que meus fracos apelos foram ouvidos, que alguns dos conselhos que dou aqui timidamente produziram frutos, jamais lamentarei ter passado perdido nos sertões, em meio a privações sempre renovadas, longe de minha família e de minha pátria, os mais belos dias da minha existência. Não lastimarei a perda de minha saúde, pois poderei dizer: paguei a dívida da hospitalidade, e minha passagem pela terra não foi inútil". SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem às nascentes do Rio São Francisco*. Op. cit., pp. 189/190.

53. **SAINT-HILAIRE, Auguste de.** *Voyage dans l'interieur du Brésil*. Troisième Partie. Voyage aux sources du Rio de S. Francisco et dans la province de Goyaz. Op. cit., T. II, p. 165.

54. **OLIVEIRA, Adriana Mara Vaz.** *A casa como universo de fronteira*. 2004. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas: 2004. p. 44. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000336347&opt=3>>. Acesso em: 6 set. 2016.

55. **SUSSEKIND, Flora.** *O Brasil não é longe daqui*: o narrador, a viagem. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 43.

56. **SAINT-HILAIRE, Auguste de.** *Voyage dans l'interieur du Brésil*. Troisième Partie. Voyage aux sources du Rio de S. Francisco et dans la province de Goyaz. Op. cit., T. I, p. 162. "Esses trechos onde crescem esparsas e raquíticas árvores anunciam a

aproximação do sertão ou região desértica". SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem às nascentes do Rio São Francisco*. Op. cit., p. 92.

57. O bioma Cerrado apresenta três tipos de formações: campestres (campo limpo, campo sujo e campo de murundu), savânicas (vereda, cerrado rupestre, cerrado ralo, cerrado típico, cerrado denso, cerradão) e florestais (florestas estacionais decíduas / semi-decíduas, mata de galeria, mata ciliar). Fonte: Ecodata, 2012. Disponível em: <www.ecodata.org.br>. Acesso em: 15 maio 2014.

58. **SAINT-HILAIRE, Auguste.** *Voyage dans l'interieur du Brésil*. Troisième Partie. Voyage aux sources du Rio de S. Francisco et dans la province de Goyaz. Op. cit., T. I. p. 60. "Convém admitir, porém, que a repetição das mesmas características da paisagem embreeve esgota a admiração do viajante, e no meio daqueles desertos de uma monotonia primitiva, que o engenho humano quase nada fez ainda para melhorar, ele sucumbiria sob o peso do tédio se não tivesse a sustentá-lo uma forte motivação, como, por exemplo, o interesse pela história natural, que lhe permitia escapar da uniformidade do conjunto pelo estudo variado dos detalhes". (SAINT-HILAIRE, op. cit., p. 48).

59. **Ibid.**, T. I, p. 137. "A única coisa a lamentar nessa bela paisagem é a ausência quase total de propriedades". (SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem às nascentes do Rio São Francisco*. op. cit., p. 82).

60. **Ibid.**, T. II, p. 30.

61. **Ibid.**, T. II, p. 27.

62. **SANDEVILLE JR, Euler.** Paisagem. *Paisagem e ambiente*, n. 20, São Paulo, 2005, p. 50-54. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/paam/>

article/download/40228/43094>. Acesso em: 15 maio 2014..

63. **SAINT-HILAIRE, Auguste de.** *Voyage dans l'interieur du Brésil*. Troisième Partie. Voyage aux sources du Rio de S. Francisco et dans la province de Goyaz. Op. cit., T. II, p. 33. "À exceção de alguns picos formados por rochas angulosas, que pareciam talhadas pela mão do homem e amontoadas desordenadamente, a parte dos Montes Pireneus que percorri apresenta um terreno bastante regular". (SAINT-HILAIRE, Auguste de, op. cit., p. 34).

64. **FONSECA, Cláudia Damasceno.** *Arraiais e vilas d'el rei*: espaço e poder nas Minas setecentistas. Tradução de Maria Juliana Gambogi Teixeira, Cláudia Damasceno Fonseca. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011. p. 546.

65. **SAINT-HILAIRE, Auguste de.** *Voyage dans l'interieur du Brésil*. Troisième Partie. Voyage aux sources du Rio de S. Francisco et dans la province de Goyaz. Op. cit. T. II, p. 5. "Desci a serra no dia seguinte. Depois de percorridas cerca de cinco léguas, o terreno começa a mostrar um certo declive, mas um pouco antes já se torna cascalhento e de um tom vermelho-escuro. Árvores raquíticas e de folhagem variada, com seus ramos entrelaçando-se no alto, estreitam o caminho que vai serpeando entre elas, lembrando as aléias de um jardim inglês". (SAINT-HILAIRE, Auguste de, op. cit., p. 23).

66. **POHL, Johann Emanuel (1782-1834).** *Viagem no interior do Brasil*. Tradução de Milton Amado e Eugênio Amado. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1976. p. 93.

67. **Op. cit.**, p. 30.

68. **LISBOA, Karen Macknow.** *A Nova Atlântida de*

Spix e Martius: natureza e civilização na viagem pelo Brasil (1817-1820). São Paulo: Ed. Hucitec, 1997. p. 72.

69. **NICOLSON, Malcon.** Alexander Von Humboldt and the geography of vegetation. In: CUNNINGHAM, A.; JARDINE, N. (orgs.). *Romanticism and the sciences*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990. p. 169.

70. **SAINT-HILAIRE, Auguste de.** *Voyage dans l'interieur du Brésil*. Troisième Partie. Voyage aux sources du Rio de S. Francisco et dans la province de Goyaz. Op. cit., T. II, p. 128. "As matas, como todas as que eu víra até então na província, estão longe de ter a imponência das florestas virgens do Rio de Janeiro e mesmo de Minas. Não obstante, nos trechos baixos e úmidos as árvores ressaltam pelo seu vigor, em toda a sua extensão a mata apresenta uma espessa cobertura de arbustos que oferece boa sombra e frescor". (SAINT-HILAIRE, Auguste de, op. cit., p. 76).

71. Floresta de vegetação densa que "começa na Capitania de Mato Grosso e atravessa a Capitania de Goiás, de oeste para leste, numa largura de nove léguas, até os Montes Pirineus". (Cf. POHL, Johann Emanuel. *Viagem no interior do Brasil*. Tradução de Milton Amado e Eugênio Amado. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1976. p. 118).

72. **SAINT-HILAIRE, Auguste de.** *Voyage dans l'interieur du Brésil*. Troisième Partie. Voyage aux sources du Rio de S. Francisco et dans la province de Goyaz. Op. cit., p. 54. "A parte final da mata apresenta uma vegetação muito mais bela que o resto. Ali as árvores, quase todas vigorosas e muito próximas umas das outras, se entrelaçam com arbustos e lianas formando um denso emara-

nhado de ramos, e em certos trechos os bambus, muito diferentes dos que vi antes de Jaraguá, de hastes mais altas e mais grossas, forma no alto uma espessa cobertura". (SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem à província de Goiás*. Op. cit., p. 44-45).

73. COSTA, Ana Luiza. O Olhar do viajante. In: LEITE, Sebastião Uchoa (org.). Olhar o Brasil. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n. 29/2001. Rio de Janeiro, p. 57.

74. SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Voyage dans l'interieur du Brésil*. Troisième Partie. Voyage aux sources du Rio de S. Francisco et dans la province de Goyaz. Op. cit., T. II, p. 128. "Grandes árvores formavam acima de nossas cabeças uma abóbada espessa, e aquela solidão parecia isolada do resto do universo. Entretanto, era-nos impossível desfrutar da beleza do lugar devido à infinidade de insetos de toda espécie que nos atormentava". (SAINT-HILAIRE, op. cit., p. 76).

75. SUSSEKIND, Flora, op. cit., p. 120.

76. SAINT-HILAIRE, Augsute de. *Voyage dans l'interieur du Brésil*. Troisième Partie. Voyage aux sources du Rio de S. Francisco et dans la province de Goyaz. Op. cit., T. II, p. 155. "Nada havia para ver, nem a mais humilde choupana, nem gado, nem caçadores, e no entanto não se podia dizer que aquelas solidões inspirassem melancolia, pois a luminosidade do céu bastava para embelezar tudo. Além do mais, o viajante encontra permanente distração nas singulares variações da vegetação, com suas maravilhosas diferenças de forma e de folhagem. Os trechos descampados, de terras baixas e úmidas, mostram-se pontilhados de buritis, que se elevam majestosamente a alturas consideráveis. Finalmente, os morros vizinhos, com suas encostas cobertas de matas ou cumes rochosos

talhados a pique, contribuem para modificar a cada momento a paisagem". (SAINT-HILAIRE, Auguste de, op. cit., p. 87-88).

77. Ibid., T. I, p. 164. "Em toda parte em que eu parava, tinha sempre o cuidado de perguntar quais eram as plantas mais usadas na região". (SAINT-HILAIRE, Augsute de *Viagem às nascentes do Rio São Francisco*. Op. cit., p. 93).

78. SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Voyage dans l'interieur du Brésil*. Troisième Partie. Voyage aux sources du Rio de S. Francisco et dans la province de Goyaz. Op. cit. T. II, p. 100.

79. SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Voyage dans l'interieur du Brésil*. Première Partie. Voyage dans les provinces de Rio de Janeiro et de Minas Geraes. Paris: Grimbart et Dorez Libraires, 1830. Tome I, p. 197. Disponível em: <www.gallica.bnf.fr>. Acesso em: 17 nov. 2016.

80. POTELET, Jeanine, op. cit., p. 129.

81. SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Voyage dans l'interieur du Brésil*. Troisième Partie. Voyage aux sources du Rio de S. Francisco et dans la province de Goyaz. Op. cit., T. I, p. 17. "De fato, que alternativa restava a eles, ao se verem diante de uma mata virgem e necessitando de terra para cultivo, a não ser derrubar a mata e atear-lhe fogo? Seria, pois, injusto reprová-los por terem começado dessa maneira. Todavia, pode-se culpar os seus descendentes, e com razão, por continuarem a queimar as florestas quando há agora à sua disposição tanta terra limpa e pronta para o cultivo; por privarem sem necessidade as gerações futuras dos grandes recursos que oferecem as matas; por correrem o risco de despojar as montanhas da necessária terra vegetal e tornar seus cursos de água

menos abundantes; finalmente, por retardarem o progresso de sua própria civilização disseminando o deserto à sua passagem, à medida que buscavam novas terras para queimar". (SAINT-HILAIRE, Auguste de, op. cit., T. I, p. 27).

82. SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Voyage dans l'interieur du Brésil*. Première Partie. Voyage dans les provinces de Rio de Janeiro et de Minas Geraes. Op. cit., Tome I, p. 193. "Não somente entre nós se contempla com doce satisfação as messes que começam a amarelecer, como um campo recentemente lavrado que, despertando as esperanças, atesta o trabalho do homem industrioso e civilizado. No Brasil, pelo contrário, o terreno que se acaba de semear só apresenta a imagem da destruição e do caos [...]". (SAINT-HILAIRE, Augsute de. *Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Geraes*. Tradução de Clado Ribeiro de Lessa. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1938, p. 173).

83. SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Voyage dans l'interieur du Brésil*. Seconde Partie. Voyage dans le district du diamans e sur le litoral du Brésil. Op. cit., T. II, p. 89.

84. SAINT-HILAIRE, loc. cit.

85. SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Voyage dans l'interieur du Brésil*. Première Partie. Voyage dans les provinces de Rio de Janeiro et de Minas Geraes. Op. cit., Prefácio, p. i.

86. SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Voyage dans l'interieur du Brésil*. Troisième Partie. Voyage aux sources du Rio de São Francisco et dans la province de Goyaz. Op. cit., T. II, p. 37.

87. POHL, op. cit., p. 149.

88. Posto fiscal entre Minas Gerais e Goiás.

89. SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Voyage dans l'interieur du Brésil*. Troisième Partie. Voyage aux sources du Rio de São Francisco et dans la province de Goyaz. Op. cit., Tomo II, p. 7. "As terras que se avistam do seu cume são montanhosas, despovoadas e sem sinal de cultura, e os campos se achavam, na ocasião, ressequidos pelo ardor do sol". (SAINT-HILAIRE, op. cit., p. 23).

90. Em sua primeira viagem, ele conheceu o sertão da parte oriental de Minas Gerais. *Voyage dans l'interieur du Brésil*. Première Partie. Voyage dans les provinces de Rio de Janeiro et de Minas Geraes. Op. cit. Tomo I, p. 233.

91. SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Voyage aux sources du Rio de São Francisco et dans la province de Goyaz*. Op. cit., T. II, p. 231. "Até onde a vista pode alcançar não há o menor traço de cultura, o menor sinal de gado nos pastos, apenas uma profunda solidão, uma tediosa monotonia". (SAINT-HILAIRE, op. cit., p. 120).

92 BOLLE, Willi. *Grandesertão.br*. São Paulo: Ed. 34, 2004. p. 48.

93. NOGUEIRA, Carlos Eugênio. *O Lugar da fronteira na geografia de Pierre Monbeig*. 2013. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013. p. 32. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-11042014-120515/>>. Acesso em: 2 ago. 2016.

94. TELES, Gilberto Mendonça. *O lu(g)ar dos sertões*. Revista Verbo de Minas: Letras. Juiz de Fora, v. 8, n. 16, jul./dez. 2009, p. 104. Disponível em: <http://www.cesjf/revistas/verbo_de_minas/edicoes/Numero%2016/06_GILBERTO_VM_1_2010>.

pdf>. Acesso em: 12 mar. 2016.

95. *Ibid.*, p. 72-73.

96. AMADO, Janaína apud NOGUEIRA, Carlos Eugênio. *O lugar da fronteira na geografia de Pierre Monbeig*. Op. cit., p. 39.

97. OLIVEIRA Lúcia Lippi apud NOGUEIRA, Carlos Eugênio, op. cit., p. 41.

98. SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Voyage dans l'intérieur du Brésil*. Première Partie. Voyage dans les provinces de Rio de Janeiro et de Minas Geraes. Op. cit. Tomo II, p. 300-301.

99. TELES, Gilberto, op. cit., p. 73.

100. MORAES Antonio Carlos apud NOGUEIRA, Carlos Eugênio, op. cit., p. 38.

101. AMADO Janaína apud NOGUEIRA, Carlos Eugênio, op. cit., p. 38-39.

102. SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Voyage dans l'intérieur du Brésil*. Première Partie. Voyage dans les provinces de Rio de Janeiro et de Minas Geraes. Paris: Grimbart et Dorez Libraires, 1830. Tomo II, p. 299-300.

103. SENA, Custódia Selma. Apresentação. In: SENA, Custódia Selma; SUÁREZ, Mireya (orgs.). *Sentidos do sertão*. Goiânia: Cãnone Editorial, 2011. p. 13.

104. SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Voyage dans l'intérieur du Brésil*. Troisième Partie. Voyage aux sources du Rio de S. Francisco et dans la province de Goyaz. Op. cit. Tomo II. p. 21. "A exceção de uma casinha que me pareceu abandonada, não encon-

trei durante todo o dia nenhuma propriedade, nenhum viajante, não vi o menor trato de terra cultivada, nem mesmo um único boi". (SAINT-HILAIRE, op. cit., p. 29).

105. MIRANDA, Luiz Francisco, op. cit., p. 6.

106. SANDEVILLE JR., Euler, op. cit., p. 53.

107. SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Voyage dans l'intérieur du Brésil*. Seconde Partie. Voyage dans le district du diamans e sur le litoral du Brésil. Op. cit., Tomo I, p. 306.

108. MARC, René. Por onde o povo anda: caminhos da invisibilidade negra do sertão. In: SENA, Custódia Selma; SUÁREZ, Mireya (orgs.). *Sentidos do sertão*. Op. cit., p. 71.

109. SENA, Custódia Selma. Uma narrativa mítica do sertão. In: SENA, Custódia Selma; SUÁREZ, Mireya (orgs.). *Sentidos do sertão*. Op. cit., p. 110.

110. SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Voyage dans l'intérieur du Brésil*. Troisième Partie. Voyage aux sources du Rio de S. Francisco et dans la province de Goyaz. Op. cit. Tomo II, p. 94. "Antes de se chegar à Aldeia de S. José, avista-se de longe o povoado. Entediado pela triste monotonia da região, é com prazer que o viajante vê o encantador efeito produzido na paisagem pela série de construções regulares que contrastam com o aspecto selvagem e desértico das terras circunvizinhas". (SAINT-HILAIRE, Auguste de, op. cit., p. 62).

111. *Ibid.*, T. II, p. 92-93. "Chegando ao alto da serra tive uma ampla visão de todas as terras ao redor e distingui nitidamente Vila Boa, ao longe, parecendo um oásis no meio de um deserto. Mais longe ainda, avistei os dois cumes dos Montes Pirineus".

(SAINT-HILAIRE, Auguste de, op. cit., p. 61).

112. *Ibid.*, T. II, p. 124. "Depois que deixara o Rio de Janeiro eu ainda não havia visto uma região tão deserta. Exceção feita das ruínas da Aldeia Maria, não vi nesses quatro dias nenhum sinal de casa e não encontrei uma única criatura humana". (SAINT-HILAIRE, Auguste de, op. cit., p. 74).

113. MORAES, Antonio Carlos apud NOGUEIRA, Carlos Eugênio, op. cit., p. 38.

114. SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Voyage dans l'intérieur du Brésil*. Troisième Partie. Voyage aux sources du Rio de S. Francisco et dans la province de Goyaz. Op. cit. Tomo I, p. viij. "Mas aquelas belas regiões desérticas contêm os germes de uma grande prosperidade. Tempo virá em que cidades florescentes substituirão as miseráveis choupanas que mal me serviam de abrigo; [...]". (SAINT-HILAIRE, op. cit., p. 14).

115. PRATT, Mary Louise, op. cit., p. 147 e 246.

116. GARCIA, Ledonias. *Goyaz, uma província do sertão*. Goiânia: Cãnone Editorial, Editora PUC Goiás, 2010, p. 84.

117. *Ibid.*, p. 85.

118. MIRANDA, Luiz Francisco Albuquerque. *O deserto dos mestiços: o sertão e seus habitantes nos relatos de viagem do início do século XIX*. Op. cit., p. 627.

119. SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Voyage dans l'intérieur du Brésil*. Troisième Partie. Voyage aux sources du Rio de S. Francisco et dans la province de Goyaz. Op. cit. Tomo II, p. 157-158. "Colocamos nossas coisas num barranco, à sombra de algumas árvores. Logo abaixo passava um riacho

de águas claras, e do outro lado se estendia uma vasta planície coberta de matas. Perto de nós, um grupo de butitis se projetava, imponente, acima de uma baixada pantanosa, e toda a paisagem era dominada pela Serra Dourada, encimada por rochas abuptas, que formam no topo uma espécie de plataforma. Era uma soberba solidão". (SAINT-HILAIRE, Auguste de, op. cit., p. 88).

120. POHL, Johan Emanuel. *Viagem no interior do Brasil*. Tradução de Milton Amado e Eugênio Amado. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1976.

121. *Ibid.*, p. 107.

122. SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Voyage dans l'intérieur du Brésil*. Troisième Partie. Voyage aux sources du Rio de S. Francisco et dans la province de Goyaz. Op. cit., Tomo II, p. 46.

123. SUSSEKIND, Flora, op. cit., p. 105.

124. POHL, Johan Emanuel, op. cit., p. 157.

125. SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Voyage dans l'intérieur du Brésil*. Troisième Partie. Voyage aux sources do Rio de S. Francisco et dans la province de Goyaz. Op. cit., Tomo II, p. 201. "Como em todas as outras partes, a seca ali fora muito prolongada. Não se viam flores, nem pássaros, nem insetos, a não ser a danosa espécie dos mosquitos hematofagos, que nos atacavam aos milhares. Não havia o menor vestígio de lavoura, nenhum viajante pelo caminho, apenas uma monotonia sem igual, uma solidão imensa, sem nada que pudesse suavizar por um instante o meu tédio". (SAINT-HILAIRE, Auguste de, op. cit., p. 107).

126. MIRANDA, Luiz Francisco, op. cit., p. 630.

127. **SOUZA, Fabíula Sevilha de.** Na imensidão do Cerrado, a [in]domável natureza: sertão, fronteira e viajantes em Goiás na primeira metade do século XIX. In: SILVA, Sandro Dutra e; SÁ, Dominichi Miranda de; SÁ, Magali Romero (orgs.). *Vastos sertões: história e natureza na ciência e na literatura*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2015. p. 131.

128. **BOAVENTURA, Deusa Maria Rodrigues.** *Urbanização em Goiás no século XVIII*. 2007. Tese (Doutorado em Arquitetura) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. São Paulo: 2007. p.252. Disponível em: <www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-13052010-090028/pt-br.php>. Acesso em: 15 maio 2014.

129. *Ibid.*, p. 252.

130. **BOAVENTURA, Deusa**, op. cit., p. 218.

131. *Ibid.*, p. 253.

132. **DERNTL, Maria Fernanda.** No coração da América portuguesa: aldeamentos indígenas e formação de territórios na capitania de Goiás. In: PEIXOTO, Elane Ribeiro; DERNTL, Maria Fernanda; PALAZZO, Pedro Paulo; TREVISAN, Ricardo (orgs.). *Tempos e escalas da cidade e do urbanismo*. In: SEMINÁRIO DE HISTÓRIA DA CIDADE E DO URBANISMO, 13., 2014, Brasília. *Anais do XIII Seminário de História da Cidade e do Urbanismo*. Brasília, DF: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, 2014.s/p.Disponível em: <http://www.shcu2014.com.br/content/no-coracao-da-america-portuguesa-aldeamentos-indigenas-e-formacao-territorios-na-capitania>. Acesso em: 2 fev. 2016.

133. *Ibid.*, p. 246.

134. **DERNTL, Maria Fernanda.** *Método e arte:*

criação urbana e organização territorial na capitania de São Paulo (1765-1811). 2010. Tese (Doutorado em Arquitetura) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. São Paulo, SP. 2010, p. 165. Disponível em: <www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-09062010-143444>. Acesso em: 4 dez. 2016.

135. **CHAUL, Nasr Nagib Fayad.** *Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade*. Goiânia: Editora UFG, 2010. p. 108.

136. *Ibid.*, p. 100.

137. *Ibid.*, p. 96.

138. **SAINT-HILAIRE, Auguste de.** *Voyage dans l'interieur du Brésil*. Troisième Partie. Voyage aux sources du Rio de S. Francisco et dans la province de Goyaz.Op. cit., Tomo II, p. 46. "Foi a duras penas que a propriedade conseguiu subsistir até uma terceira geração. São esses os tristes resultados da busca do ouro e da prodigalidade dos mineradores". (SAINT-HILAIRE, Auguste de, op. cit., p. 41).

139. *Ibid.*, T. II, p. 25.

140. **OLIVEIRA, Adriana**, op. cit., p. 111.

141. **TORRÃO FILHO, Amílcar.** Os nomes de Tamará: retratos da cidade luso-brasileira na literatura de viagem de inícios do século XIX. *Cad. Pesq. Cdhis*, Uberlândia, v. 27, n. 2, jul./dez., de 2014; v. 28, n. 1, jan./jun. 2015, p. 137. Disponível em: <http://www.academia.edu/19874335/os_os_nomes_de_tamara_retratos_da_cidade_lusobrasileira_na_literatura_de_viagem_sw_in%ADcios_do_s%C3%A9culo_XIX>. Acesso em: 17 jan. 2016.

142. Na edição brasileira de 1975, esse volume foi

desdobrado em dois: "Viagem às nascentes do rio São Francisco" e "Viagem à província de Goiás".

143. **SAINT-HILAIRE, Auguste de.** *Voyage dans l'interieur du Brésil*. Troisième Partie. Voyage aux sources du Rio de S. Francisco et dans la province de Goyaz.Op. cit., p. 12. "[...] Santa Luzia foi um dos mais aprazíveis. Suas ruas são largas e bastante regulares. Quanto às casas – cerca de trezentas – é bem verdade que são feitas de madeira e barro, sendo menores e mais baixas do que as de todos os outros arraiais por que eu tinha passado até então, mas todas elas são cobertas de telhas e rebocadas com um barro brnco que no interior do Brasil é chamado de tabatinga". (SAINT-HILAIRE, op. cit., p. 25-26).

144. *Ibid.*, p. 37.

145. **KURY, Lorelai.** *Histoire naturelle et voyages scientifiques* (1780-1830). Paris: L'Harmattan, 2001. p. 109.

146. **FONSECA, Cláudia Damasceno**, op. cit., p. 412.

147. **LISBOA, Karen Macknow**, op. cit., p. 98.

148. *Ibid.*, p. 98.

149. **FONSECA, Cláudia Damasceno**, op. cit., p. 545.

150. **SAINT-HILAIRE, Auguste de.** *Voyage dans l'interieur du Brésil*. Troisième Partie. Voyage aux sources du Rio de S. Francisco et dans la province de Goyaz.Op. cit., Tomo II, p. 16-17. "A indolência contribuiu bastante para levar os fazendeiros da região a essa situação de penúria. Mas a miséria, que os embrutece e desanima, deve necessariamente, por sua vez, aumentar a sua apatia. E esta chegou a tal ponto, em muitos deles, que, dispondo

praticamente de toda a terra que lhes convém, eles não chegam a cultivar o suficiente nem mesmo para o seu próprio sustento". (SAINT-HILAIRE, Auguste de, op. cit., p. 27).

151. **SILVA E SOUSA, Luiz Antonio.** Memória sobre o descobrimento, governo, população e cousas mais notáveis da Capitania de Goyaz. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Tomo V, v. 12, n. 16, 4º trimestre de 1849. Disponível em: <http://www.ihgb.org.br>. Acesso em: 6 set. 2014.

152. **PRATT, Mary Louise**, op. cit., p. 95.

153. **ARAÚJO, Emanuel.** *O Teatro dos vícios: transgressão e transigência na sociedade urbana colonial*. 2. ed. Brasília: Ed. UnB; Rio de Janeiro: José Olympo Editora, 1997. p. 87 e p. 90.

154. **SAINT-HILAIRE, Auguste de.** *Voyage dans l'interieur du Brésil*. Troisième Partie. Voyage aux sources du Rio de S. Francisco et dans la province de Goyaz.Op. cit., Tomo I, p. 108. "Há, porém, uma outra influência, que age constantemente sobre os brasileiros de uma maneira bastante perniciosa – a da escravatura. O excessivo grau de inferioridade do escravo leva-o, naturalmente, aos mais torpes vícios. (SAINT-HILAIRE, Auguste de, op. cit., p.69).

155. **ARAÚJO, Emanuel**, op. cit., p. 89.

156. *Ibid.*, p. 86.

157. **SAINT-HILAIRE, Auguste de.** *Viagem à província de São Paulo*. Tradução de Afonso de E. Taunay. 1932. p. 180-182.

158. **LIMA, André Nicácio**, op. cit., p. 133.

159. **SAINT-HILAIRE, Auguste de.** *Voyage dans*

l'interieur du Brésil. Troisième Partie. Voyage aux sources du Rio de S. Francisco et dans la province de Goyaz. Tomo II, p. 16-17.

160. POHL, Johan Emanuel. Op. cit., p. 116.

161. SOUZA, Fabiula Sevilha de. Na imensidão do Cerrado, a [in]domável natureza: sertão, fronteira e viajantes em Goiás na primeira metade do século XIX. In: SILVA, Sandro Dutra e; SÁ, Dominichi Miranda de; SÀ, Magali Romero (orgs.). *Vastos sertões: história e natureza na ciência e na literatura*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2015. p. 131-132.

162. LINDO, Luiz Antonio. América dividida entre Gabriel Soares de Souza e Cornelius De Pauw. *Cadernos PROLAM/USP*, ano 11, v. 2, 2012, p. 38. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/pro-lam/article/view/82503/108507>>. Acesso em: 2 ago. 2016.

163. SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Voyage dans l'interieur du Brésil*. Troisième Partie. Voyage aux sources du Rio de S. Francisco et dans la province de Goyaz. Tomo II, p. 232. "Quando vemos a indolência e o tédio estampados no rosto dos agricultores estabelecidos ao longo da estrada, é difícil deixarmos de sentir um certo desprezo por eles. Esses homens são de uma pobreza extrema, e nada fazem para sair dela". (SAINT-HILAIRE, Auguste de, op. cit., p. 120).

164. SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Voyage dans l'interieur du Brésil*. Troisième Partie. Voyage aux sources du Rio de S. Francisco et dans la province de Goyaz. Op. cit., p. 67-68. "A vila foi construída no fundo de uma espécie de funil, sendo inteiramente rodeada de morros de altura desigual, que fazem parte da Serra do Corumbá e do Tocantins. No entanto, a paisagem que a cerca nada tem de

melancólica. Os morros não são altos, e as matas que os cobrem mantêm-se permanentemente verdes. Não sendo muito fechadas, elas não dão ao lugar a aparência tristonha e severa das regiões das florestas virgens. Além do mais, a cor do céu, mesmo no mês de junho, quando geralmente não é tão bonita em outros lugares, mostrava-se ali de um azul luminoso. Para os lados do sul os morros são mais baixos, deixando ver no horizonte a Serra Dourada. Seu cume, por assim dizer nivelado, e suas encostas nuas e acizentadas dão uma pitoresca aparência à paisagem". (SAINT-HILAIRE, Auguste de, op. cit., p. 50).

165. FONSECA, Cláudia, op. cit., p. 555.

166. FONSECA, Cláudia, loc. cit.

167. SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Voyage dans l'interieur du Brésil*. Troisième Partie. Voyage aux sources du Rio de S. Francisco et dans la province de Goyaz. Op. cit., T. II, p. 50.

168. Ibid., T. II, p. 51.

169. FONSECA, Cândia, op. cit., p. 556.

170. TORRÃO FILHO, Amílcar. Os nomes de Tamara: retratos da cidade luso-brasileira na literatura de viagem de inícios do século XIX. *Cad. Pesq. Cdhis*, Uberlândia, v. 27, n. 2, jul./dez. de 2014; v. 28, n. 1, jan./jun. 2015, p. 134. Disponível em: <http://www.academia.edu/19874335/os_os_nomes_de_tamara_retratos_da_cidade_lusobrasileira_na_literatura_de_viagem_sw_in%ADcios_do_s%C3%A9culo_XIX>. Acesso em: 17 jan. 2016.

171. TORRÃO FILHO, Amílcar. Cidade aberta, sem muralhas. A religião luso-brasileira na literatura de viagem (séculos XVIII-XIX). *História*, Franca, v. 29,

n. 1, p. 71-90, 2010, p. 80. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-90742010000100006&lng=en&nrm=i-so>. Acesso em: 15 maio 2016.

172. SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Voyage dans l'interieur du Brésil*. Troisième Partie. Voyage aux sources du Rio de S. Francisco et dans la province de Goyaz. Op. cit., T. I, p. 99.

173. SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Voyage dans l'interieur du Brésil*. Troisième Partie. Voyage aux sources du Rio de S. Francisco et dans la province de Goyaz. Op. cit., T. II, p. 198-199. "Com efeito, as comemorações não se limitam apenas a uma missa cantada e a um sermão. Soltam-se também bombas e foguetes, encena-se uma ópera e se realiza um simulacro de torneio – divertimentos profanos que se misturam às solenidades religiosas, como ocorre na festa de Pentecostes. Os que figuram na ópera e no torneio pertencem geralmente às famílias mais abastadas das vizinhanças". (SAINT-HILAIRE, Auguste de, op. cit., p. 105).

174. TORRÃO FILHO, Amílcar. *A Arquitetura da alteridade: a cidade luso-brasileira na literatura de viagem (1783-1845)*. São Paulo: Hucitec; Fapesp, 2010, p. 266.

175. SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Voyage dans l'interieur du Brésil*. Troisième Partie. Voyage aux sources du Rio de S. Francisco et dans la province de Goyaz. Op. cit., T. II, p. 44. "Esse arranjo não era provavelmente muito legal, mas no que se refere à religião o Brasil, em geral, e a Província de Goiás, em particular, estão fora de todas as regras". (SAINT-HILAIRE, Auguste de, op. cit., p. 39).

176. SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Voyage dans l'interieur du Brésil*. Troisième Partie. Voyage aux

sources du Rio de S. Francisco et dans la province de Goyaz. Op. cit., T. II, p. 76. "Os próprios padres, cuja vida deveria constituir um permanente protesto contra desregramentos que contrariam não só as leis da religião e da moral, mas também o progresso da civilização e a instituição da família e da sociedade, autorizam por seu mau comportamento a devassidão dos fieis que lhes estão confiados. Suas amantes moram com eles, seus filhos são criados ao seu redor, e muitas vezes [...]". (SAINT-HILAIRE, Auguste de, op. cit., p. 53).

177. SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Voyage dans l'interieur du Brésil*. Troisième Partie. Voyage aux sources du Rio de S. Francisco et dans la province de Goyaz. Op. cit., T. II, p. 60. "Os brasileiros devem, sem dúvida, alguma coisa aos seus escravos, aos quais se misturam tão frequentemente, e que talvez lhes tenham ensinado o sistema de agricultura que adotam e a maneira de extrair o ouro dos córregos. Além do mais, foram os seus mestres de dança". (SAINT-HILAIRE, Auguste de, op. cit., p. 47).

178. LISBOA, Karen Macknow, op. cit., p. 143.

179. Ibid., p. 147.

180. SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Voyage dans l'interieur du Brésil*. Troisième Partie. Voyage aux sources du Rio de S. Francisco et dans la province de Goyaz. Op. cit., T. II, p. 52. "Essa inferioridade não existe realmente, se se comparar a inteligência de uns e de outros. Poderíamos mesmo afirmar que os mulatos têm mais vivacidade de espírito e mais facilidade para aprender as coisas que as pessoas da raça caucásica pura. Contudo, mostram a inata inconstância da raça africana e todos eles, filhos ou netos de escravos, têm sentimentos menos elevados que os brancos, sobre os quais, entretanto, não deixam de se refletir fortemente os vícios da

escravidão". (SAINT-HILAIRE, Auguste de, op. cit., p. 44).

181. KURY, Lorelai. *Histoire naturelle et voyages scientifiques* (1780-1830). Paris: L'Harmattan, 2001. p. 22.

182. SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Voyage dans l'intérieur du Brésil.* Troisième Partie. Voyage aux sources du Rio de S. Francisco et dans la province de Goyaz.Op. cit., T. I, p. 377. "[...] que se enviem a Goiás alguns sacerdotes estrangeiros a fim de que o seu povo seja recuperado e retorne à sua digna condição de seres humanos; que se renovem de tempos em tempos esses missionários, para que eles não se deixem entorpecer pelo calor do clima [...]".(SAINT-HILAIRE, Auguste de, op. cit., p. 189).

183. MIRANDA, Luiz Francisco. *O deserto dos mestiços: o sertão e seus habitantes nos relatos de viagem do início do século XIX.* Op. cit., p. 7.

184. SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Voyage dans l'intérieur du Brésil.* Troisième Partie. Voyage aux sources du Rio de S. Francisco et dans la province de Goyaz.Op. cit., Tomo II, p. 76. "Se esses lamentáveis abusos ainda não tiverem sido sanados no momento em que escrevo, espero que minhas palavras possam contribuir para chamar a atenção daqueles que disso precisam ter conhecimento, incitando-os a se esforçarem para que retorne ao caminho do cristianismo e da verdadeira civilização um povo que, à época de minha viagem, tendia cada vez mais a se afastar dele". (SAINT-HILAIRE, Auguste de, op. cit., p. 53).

185. BERTRAN, Paulo. *Uma introdução à história econômica do Centro-Oeste do Brasil.* Brasília: Codeplan; Goiânia: Ed. UCG, 1988. p. 43.

186. Ibid., p. 90.

187. SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Voyage dans l'intérieur du Brésil.* Troisième Partie. Voyage aux sources du Rio de S. Francisco et dans la province de Goyaz.Op. cit. Tomo II, p. 12. "Não devemos julgar os povoados do Brasil pelos nossos, pois em geral não passam de um amontoado de casebres miseráveis e de ruas lamacentas". (SAINT-HILAIRE, Auguste de, op. cit., p. 25).

188. Ibid., T. II, p. 70. "Quando falo de prédios públicos não se deve imaginar que se trata dos enormes edifícios que se veem na Europa. Ali tudo é pequeno, tudo é mesquinho, sem beleza e até mesmo, segundo dizem, sem solidez". (SAINT-HILAIRE, Auguste de, op. cit., p. 51).

189. Ibid., T. II, p. 49. "O arraial, situado numa vasta planície coberta de matas, é cercado de montanhas mais ou menos altas, sendo que as mais próximas se erguem quase a pique acima dele, produzindo um belo efeito na paisagem". (SAINT-HILAIRE, Auguste de, op. cit., p. 42-43).

190. Ibid., T. II, p. 62. "Ouro Fino apresenta agora um aspecto de triste decadência. Todas as casas estão semi-arruinadas, e várias delas se acham desabitadas. Sua igreja, filiada à paróquia de Vila Boa, não tem melhor aparência que as casas". (SAINT-HILAIRE, Auguste de, op. cit., p. 48).

191. Ibid., T. II, p. 136. "O lugarejo de Pilões compõe-se de uma vintena de casebres tão miseráveis, em sua maioria, como os dos Coiapós". (SAINT-HILAIRE, Auguste de, op. cit., p. 79).

192. POHL, op. cit., p. 161.

193 Ibid., T. II, p. 188-189.

194. SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Voyage dans*

l'intérieur du Brésil. Troisième Partie. Voyage aux sources du Rio de S. Francisco et dans la province de Goyaz.Op. cit., Tomo II, p. 69. "As ruas da cidade são largas e bastante retas, sendo quase todas calçadas mas sua pavimentação não é bem feita.

A cidade conta com cerca de 900 casas, feitas de barro e madeira, sendo pequenas mas bastante altas para a região. Várias delas são sobrados, e algumas janelas têm vidraças feitas de lâminas de talco. A maiorira é bem cuidada, tendo eu notado que as principais são razoavelmente bem mobiliadas e imaculadamente limpas". (SAINT-HILAIRE, Auguste de, op. cit., p. 50).

195. Ibid., T. II, p. 195. "O Arraial de Bom Fim é, aliás, de pequenas dimensões. Compõe-se de algumas ruas pouco extensas e de uma praça triangular, onde está situada a Igreja de N. S. do Bom Fim. A igreja é muito pequena, mas à época de minha viagem estava sendo construída uma outra. As casas são igualmente pequenas, mas bem conservadas. Ficam afastadas umas das outras, e todas têm um quintal onde se veem bananeiras e mamoeiros". (SAINT-HILAIRE, Auguste de, op. cit., p. 103-104).

196. Ibid. T. II, p. 94. "Antes de chegar à Aldeia de S. José avista-se de longe o povoado. Entediado pela triste monotonia da região, é com prazer que o viajante vê o encantador efeito produzido na paisagem pela série de construções regulares, que contrastam com o aspecto selvagem e desértico das terras circunvizinhas". (SAINT-HILAIRE, Auguste de, op. cit., p. 62).

197. POHL, Johan Emanuel, op. cit., p. 140.

198. SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Voyage dans l'intérieur du Brésil.* Troisième Partie. Voyage aux sources du Rio de S. Francisco et dans la province de Goyaz.Op. cit., T. II, p. 142. "Dessa forma o lu-

garejo de Pilões me mostrou uma imagem do que devia ser o interior do Brasil quando começaram a ser descobertas as minas de ouro". (SAINT-HILAIRE, Auguste de, op. cit., p. 82).

199. POTELET, Jeanine. *Le Brésil vu par les voyageurs et les marins français* 1816-1840. Paris: L'Harmattan, 1993. p. 223.

200. SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Voyage dans l'intérieur du Brésil.* Troisième Partie. Voyage aux sources du Rio de S. Francisco et dans la province de Goyaz.Op. cit., Tomo II, p. 106. "[...] um contentamento e uma alegria que jamais são vistos entre os melancólicos goianos". (SAINT-HILAIRE, Auguste de, op. cit., p. 66).

201. Ibid., T. II, p. 107. "As características de sua tribo são a cabeça arredondada, a fisionomia aberta e inteligente, a elevada estatura, os olhos pouco separados e a cor escura da pele. Os Coiapós são uma bela raça". (SAINT-HILAIRE, Auguste de, op. cit., p. 67).

202. Ibid., T. I, p. 122-124.

203. POTELET, Jeanine, op. cit., p. 281 e 299.

204. Ibid., p. 299.

205. DERNTL, Maria Fernanda, op. cit., s/p.

206. SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Voyage dans l'intérieur du Brésil.* Deuxième Partie. Voyage dans le district du diamans e sur le littoral du Brésil. Op. cit., T. II, p. 22.

207. Ibid., T. II, p. 171.

208. SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Voyage dans*

l'interieur du Brésil.Troisième Partie. Voyage aux sources du rio de S. Francisco e dans la province de Goiás. Op. cit., T. II, p. 112. "Os Coiapós possuem, pois, como todos os outros indígenas, poucas das qualidades necessárias para que possam se entrosar em nossa civilização, totalmente voltada para o futuro". (SAINT-HILAIRE, Auguste de, op. cit., p. 69).

209. POTELET, Jeanine, op. cit., p. 292.

210. POTELET, Jeanine, loc. cit.

211. SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Voyage dans l'interieur du Brésil*. Seconde Partie. Voyage dans le district du diamans et sur le littoral du Brésil.Op. cit., T. II, p. 4.

212. ALMEIDA, Rita Heloísa de. *O diretório dos índios: um projeto de "civilização" no Brasil do século XVIII*. Brasília: Ed. da UnB, 1997. Disponível em: <http://www.nacaomestica.org/diretorio_dos_indios_htm>. Acesso em: 2 dez. 2015.

213. DERNTL, Maria Fernanda. *No coração da América portuguesa: aldeamentos indígenas e formação de territórios na capitania de Goiás*. Op. cit., s/p.

214. MARCONDES, Javã Isvi Pinheiro. *O problema da defesa do território na Capitania de Goiás no século XVIII*. 2011. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2011, p. 75. Disponível em: <http://pos.historia.ufg.br/uploads/113/original_JAV%C3%83_ISVI_PINHEIRO_MARCONDES.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2016.

215. SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Voyage dans l'interieur du Brésil*. Troisième Partie. Voyage aux

sources du Rio de S. Francisco et dans la province de Goyaz.Op. cit., T. II, p. 94.

216. Ibid., T. II, p. 102.

217. Ibid., T. II, p. 114. "[...] No entanto, quantas possibilidades oferecem a missão de um vigário de aldeia! Ele poderia tornar cristãos aqueles homens infantis, tão dóceis e cordatos, protegê-los contra sua própria imprevidência, livrá-los das arbitrariedades dos seus guardas, prolongar sua existência por meio de bons conselhos, civilizá-los na medida do possível, tornar-se para eles uma espécie de segunda Providência. E ele preferia fabricar açúcar!". (SAINT-HILAIRE, Auguste de, op. cit., p. 70).

218. POTELET, Jeanine, op. cit., p. 308.

219. Ibid., p. 224.

220. SAINT-HILAIRE, Auguste de.Voyage dans l'interieur du Brésil. Troisième Partie. Voyage aux sources du Rio de S. Francisco et dans la province de Goyaz.Op. cit., T. II, p. 107 (nota de rodapé).

221. Ibid., T. II, p. 112.

222. Ibid., T. II, p. 124.

223. Ibid., T. II, p. 119.

224. Ibid.,T. II, p. 119. "As noções de cristianismo que os Coiapós recebem dos portugueses, por falhas que sejam, colocam-nos realmente bastante acima dos outros, ainda selvagens, cuja existência é puramente animal. É possível que estes sejam mais livres, mas os primeiros usufruem de algumas das amenidades da civilização, sua alimentação é garantida e eles não ficam expostos permanentemente às intempéries. Se contassem com

os mesmos mentores que civilizaram os índios do litoral, os Coiapós de São José teriam sido perfeitamente felizes". (SAINT-HILAIRE, Auguste de, op. cit., p. 72).

225. Ibid., T. II, p. 286. "Segundo me disse o comandante, é com grande dificuldade que se consegue fazê-los trabalhar chegando eles muitas vezes a passar fome, por sua apatia. O cultivo da terra é um trabalho que exige previsão, qualidade que os índios não possuem. Sua inclinação natural, que os leva a viver o dia-a-dia, quase como os animais, faz deles necessariamente caçadores e pescadores". (SAINT-HILAIRE, Auguste de, op. cit., p. 143).

226. SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Voyage dans l'interieur du Brésil*. Seconde Partie. Voyage dans le district du diamans e sur le littoral du Brésil.Op. cit., T. II, p. 22.

227. SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Voyage dans l'interieur du Brésil*. Troisième Partie. Voyage aux sources du Rio de S. Francisco et dans la province de Goyaz.Op. cit., T. II, p. 271. "O que venho de contar a respeito dos diversos grupos indígenas vizinhos do Rio das Velhas demonstra que eu tinha sólidas razões em que me apoiar quando, há muito tempo, tentei inculcir no governo brasileiro a ideia de estimular de todas as maneiras as uniões legítimas de índios com africanos". (SAINT-HILAIRE, Auguste de, op. cit., p. 136).

228. Ibid., Tomo II, p. 271. "[...] à superioridade dos brancos e mais de acordo com o nosso estado de civilização". (SAINT-HILAIRE, Auguste de, op. cit., p. 136).

229. SOUZA, Fabíula Sevilha de. *Na imensidão do cerrado, a [in]domável natureza: sertão, fronteira e*

viajantes em Goiás na primeira metade do século XIX. Op. cit., p. 131.

230. SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Voyage dans l'interieur du Brésil*. Troisième Partie. Voyage aux sources du Rio de S. Francisco et dans la province de Goyaz.Op. cit., T. II, p. 293-294. "Sentimos um aperto no coração ao pensar que não se pretende deixar nem ao menos umas poucas léguas de terra a esses homens que foram, faz ainda bem pouco tempo, os donos absolutos da América inteira". (SAINT-HILAIRE, Auguste de, op. cit., p. 147).

231. OLIVEIRA, Adriana, op. cit., p. 127.

232. CHAUL, Nasr. *Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade*. 3. ed. Goiânia: Editora UFG, 2010. p. 108-110.

233. BERTRAN, Paulo, *Uma introdução à história econômica do Centro-Oeste do Brasil*. Brasília: Codeplan; Goiânia: Ed. UCG, 1988.

234. CHAUL, Nasr, op. cit.

235. GARCIA, Ledonias Franco. *Goyaz, uma província do sertão*. Goiânia: Cãnone Editorial; Editora PUC Goiás, 2010.

236. CHAUL, Nasr, op. cit., p. 93.

237. Ibid., p. 91.

238. BERTRAN, Paulo. A memória consútil e a goianidade. *Ciências Humanas em Revista*. Goiânia, v. 5, n. 1, p. 6-7, jan./jun.1994.

239. PRATT, Mary Louise, op. cit., p. 283.

240. GARCIA, Ledonia, op. cit., p. 82.

241. *Ibid.*, p. 92.

242. SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Voyage dans l'intérieur du Brésil*. Troisième Partie. Voyage aux sources du Rio de S. Francisco et dans la province de Goyaz. Op. cit., T. II, p. 100.

243. POHL, Johan Emanuel, op. cit., p. 145.

244. LIMA, André Nicácio, op. cit., p. 171.

245. SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Voyage dans l'intérieur du Brésil*. Troisième Partie. Voyage aux sources du Rio de S. Francisco et dans la province de Goyaz. Op. cit., T. II, p. 240. "Desnecessário é dizer que a casa do proprietário diferia pouco das outras, e mesmo da senzala. Essa forma de igualdade, generalizada nessa parte da província, nada provava senão uma rusticidade de hábitos." (SAINT-HILAIRE, Auguste de, op. cit., p. 123).

246. OLIVEIRA, Adriana, op. cit., p. 214.

247. SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Voyage dans l'intérieur du Brésil*. Première Partie. Voyage dans les provinces de Rio de Janeiro et de Minas Geraes. Op. cit., T. I, p. 205.

248. PEREIRA; IEGELSKI, op. cit., p. 51.

249. LIMA, André Nicácio, op. cit., p. 172.

250. SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Voyage dans l'intérieur du Brésil*. Troisième Partie. Voyage aux sources du Rio de S. Francisco et dans la province de Goyaz. Op. cit., Tomo II, p. 99.

251. MIRANDA, Luiz Francisco. O deserto dos mestiços: o sertão e seus habitantes nos relatos de viagem do início do século XIX. Op. cit., p. 634.

252. SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Voyage dans l'intérieur du Brésil*. Troisième Partie. Voyage aux sources du Rio de S. Francisco et dans la province de Goyaz. Op. cit., Tomo II, p. 74. "A cidade (Goiás) não tem absolutamente vida social. Cada um vive em sua casa e não se comunica, por assim dizer, com ninguém". (SAINT-HILAIRE, Auguste de, op. cit., p. 52).

253. SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Voyage dans l'intérieur du Brésil*. Troisième Partie. Voyage aux sources du Rio de S. Francisco et dans la province de Goyaz. Op. cit., Tomo II, p. 239.

254. *Ibid.*, T. II, p. 103.

255. MIRANDA, Luiz Francisco, op. cit., p. 9.

256. TIBALLI, Elianda Figueiredo Arantes. A Expansão do povoamento em Goiás: século XIX. 1991. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Goiás. Goiânia: 1991. p. 71.

257. BERTRAN Paulo apud OLIVEIRA, Adriana, op. cit., p. 192.

258. CHAUL, Nasr, op. cit., p. 108.

259. LIMA, André Nicácio, op. cit., p. 182.

260. SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Voyage dans l'intérieur du Brésil*. Troisième Partie. Voyage aux sources du Rio de S. Francisco et dans la province de Goyaz. Op. cit., T. II, p. 196-197. "As fazendas, embora não indiquem opulência, têm melhor aspecto do que as situadas nas adjacências de Arrendidos e Santa Luzia. Entre Meia-Ponte e Bom Fim contei quatro engenhos-de-açúcar, e me afirmaram que Independentemente das vantagens que lhes oferece a localização de seu arraial, os

colonos de Bom Fim contam ainda com a boa qualidade de suas terras [...]". (SAINT-HILAIRE, Auguste de, op. cit., p. 104).

261. *Ibid.*, T. II, p. 240. "A fazenda dos Casados fica situada a apenas 1 légua do Sítio do Riacho, e até as margens do Paranaíba, isto é, num percurso de 3 léguas, encontrei de longe em longe uma propriedade pelo caminho. A fertilidade do solo e a proximidade do rio, à beira do qual as tropas às vezes acampam, hão de ter certamente induzido os agricultores a se estabelecerem na região". (SAINT-HILAIRE, Auguste de, op. cit., p. 124).

262. DEPETRIS, Carolina. *Viajar em 1832: ¿empresa ilustrada o gesta romántica? México*: Península, v. VII, n. 1, primavera de 2012, p. 47.

263. *Ibid.*, p. 48.

264. SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Voyage dans l'intérieur du Brésil*. Troisième Partie. Voyage aux sources du Rio de S. Francisco et dans la province de Goyaz. Op. cit., Tomo II, p. 56. "Viagens como essas, de tamanha extensão, nos deixam assombrados quando sabemos que por dia são percorridas no máximo 4 léguas, que muitas vezes o viajante é forçado a dormir ao relento ou num rancho iserável e sofre as mais duras privações, atravessando quase sempre regiões desérticas". (SAINT-HILAIRE, Auguste de op. cit., p. 45).

265. *Ibid.*, T. II, p. 207. "Chegava quase a lamentar que esse tipo de vida em breve fosse acabar. A paz e a liberdade que eu desfrutava naquelas solidões seriam certamente um dia motivo de nostálgicas lembranças". (SAINT-HILAIRE, Auguste de op. cit., p. 110).

266. *Ibid.*, T. II, p. 115 (nota de rodapé).

267. *Ibid.*, T. II, p. 123.

268. MIRANDA, Luiz Francisco, op. cit., p. 10.

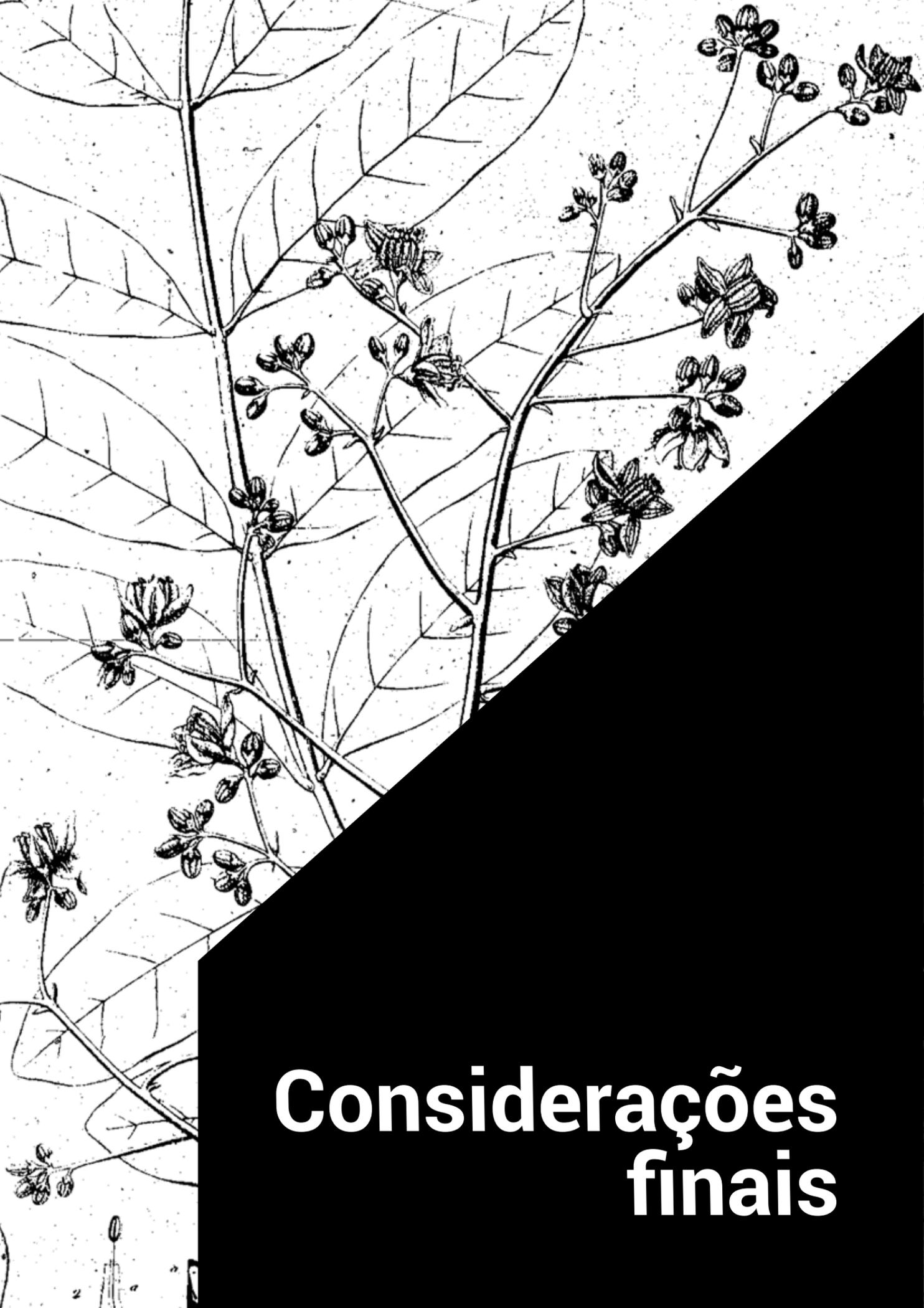
269. LIMA, André Nicácio, op. cit., p. 180.

270. SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Voyage dans l'intérieur du Brésil*. Troisième Partie. Voyage aux sources du Rio de S. Francisco et dans la province de Goyaz. Op. cit., T. II, p. 269-270.

271. *Ibid.*, T. II, p. 298. "Esse homem, é preciso dizer, tinha diante dos olhos bem poucas coisas que lhe pudessem despertar a inveja, pois havia na região uma infinidade de casas tão pobres quanto a sua. Tinha-se habituado à solidão, e é bem possível que aguardasse com menos impaciência a chegada da primeira tropa, após seis meses de interrupção, do que teríamos nós esperando o jornal diário, que tivesse faltado no dia anterior devido a um feriado." (SAINT-HILAIRE, Auguste de, op. cit., p. 149).

272. GARCIA, Ledonias, op. cit., p. 81.

273. SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Voyage dans l'intérieur du Brésil*. Troisième Partie. Voyage aux sources du Rio de São Francisco et dans la province de Goyaz. Op. cit., T. I, p. viij. "Muitos anos ainda irão passar antes que se veja, do alto dos Pirineus, algum traço de cultura, e muito tempo irá decorrer até que o S. Francisco seja navegado por embarcações de maior porte do que as frágeis canoas que deslizam sobre suas águas. Mas aquelas belas regiões desérticas contêm os germes de uma grande prosperidade." (SAINT-HILAIRE, Auguste de, op. cit., p. 14).



Considerações finais

"Mas pode o sonho possuir a mesma substância da realidade? Não terá então a realidade outra maneira de incrementar-se e tornar-se mais conhecida, exceto mergulhar repetidamente no mito, na lenda, nas alternativas violentas e excogitações arbitrárias da diatribe?" Antonello Gerbi, 1996, 425

Ao final desta pesquisa, destacam-se alguns tópicos fundamentais para a análise da visão de Saint-Hilaire, tais como as noções interligadas de civilização e sertão. Com o apoio de estudos a respeito do pensamento científico europeu de fins do século XVIII a começo do século XIX, foi possível situar algumas dessas noções em um universo mais amplo de referências. Essa análise levou a enfatizar o caráter utilitário e pragmático da visão do cientista, no sentido de que suas apreciações estavam pautadas, principalmente, nas possibilidades de exploração econômica dos territórios.

Como visto, foi no século XIX que a conversão de relatos de viagem em documentos históricos se tornou prática comum¹ e isso se deve à atividade dos viajantes, principalmente dos naturalistas viajantes. Providos de um amplo conhecimento científico em história natural, além de conhecimentos em etnografia e linguística, os naturalistas, de acordo com o desejo de expansão e domínio cultural de seus países de origem, preconizavam o avanço da ciência, o progresso e o bem estar da humanidade. Em suas viagens de exploração, buscavam compreender não somente as riquezas naturais que encerravam determinada região, mas o estágio de civilização entre os povos que a habitavam.

Em termos de influência, a literatura de viagem extrapolaria seu papel além da constituição da história do país, indo alojar-se em aspectos sociológicos no que diz respeito à constituição do povo brasileiro e contribuiria para exacerbar alguns dos estigmas da identidade brasileira, como, por exemplo, a indolência e, no caso de Goiás, a decadência.

Como visto anteriormente, este trabalho beneficia-se de um momento da possibilidade de lidar com pressupostos teórico-metodológicos ligados à renovação da história cultural e de seu conceito-chave – as representações sociais, por volta dos anos 1980.

Grande parte dos trabalhos recentes que adotam os relatos de viagem como fonte e como interpretação de um passado passa a tratá-los como representações, construções de realidade e, desse modo, começam a ser questionados e arrancados de seu posto de portadores de verdades incontestáveis.

As noções presentes nos textos dos viajantes não mais representam uma visão objetiva do real, mas passam a ser vistas com desconfiança porque determinadas pela visão imperialista e eivada de preconceitos dos visitantes estrangeiros. Portanto, as representações dos viajantes oitocentistas sobre Goiás são questionadas e substituídas por outras interpretações que visam a

resgatar o passado levando em conta as especificidades da região, passando a enxergar um dinamismo naquilo que parecia condenado à estagnação em todos os sentidos.

Entretanto, essa postura crítica leva, por vezes, a interpretação dos textos dos viajantes a outro extremo, no qual é abolida qualquer contribuição como fontes de informação do passado. Ou então se verifica que a historiografia, no caso de Goiás, apropriou-se do que era mais recorrente nos relatos, ou seja, a questão da decadência do período pós-mineratório acrescida do isolamento geográfico da região, a questão indígena de múltiplos e controversos contornos, a pobreza dos arraiais, enfim, toda uma série de problemas que, de modo geral, era compartilhada pelos viajantes e observadores da província de Goiás.

Desse modo, a questão centrou-se na “decadência” da província, exacerbada por todos que tinham autoridade para tal veredicto e creditando aos viajantes a sua parcela na constituição dessa imagem geral de isolamento e pobreza.

Saint-Hilaire se coloca como cientista e como homem político de seu tempo: mostrando confiança no poder da ciência em resolver os dilemas da humanidade, busca por meio de seu trabalho descobrir plantas úteis para a alimentação e a medicina, incrementando, assim, o comércio e a indústria. Ao mesmo tempo, pela sua própria condição, pode ser visto como agente da dominação cultural da nação francesa, no sentido de que se propunha a uma missão civilizatória. Tal missão implicaria em uma necessidade de transformação radical da longínqua e “atrasada” província de Goiás e, sob o manto da filantropia, haveria intenções, por parte do naturalista viajante, em adquirir prestígio nos meios científicos europeus por meio desse empreendimento. O que fica claro é que sua viagem ao Brasil teve uma importância capital em sua vida e se tornou o eixo sobre o qual giraram todas as suas atividades posteriores a essa. A província de Goiás aparece nesse contexto em contraponto à província de Minas Gerais que ele toma como padrão. Goiás seria o reverso da moeda, onde tudo há por se fazer, o que não impede uma reflexão sobre suas potencialidades.

O desejo de projeção social parece estar alojado em seu desígnio de realizar algo de notável, cujo feito teria a dificuldade comprovada, como a determinação de pesquisar a flora e os povos do interior mais recôndito do Brasil. Nesse sentido, ele afirma que não daria à flora dos arredores da capital do Brasil, estudada por um grande número de pessoas, a mesma atenção que dedicaria à vegetação do interior do país².

Em sua avaliação da província de Goiás, o que está diante de seus olhos lhe provoca estranhamento: o isolamento, a baixa densidade demográfica, a paisagem que lhe parece desértica, a utilização pouco racional da terra, a suposta decadência dos arraiais e povoados, as instituições civis e eclesiásticas supostamente corrompidas e degeneradas, a suposta falta de moralidade, de modos e de boas maneiras. Todos esses fatores são apontados por Saint-Hilaire, ao longo de sua narrativa, como: está-se diante de um "outro" e cumpre, segundo sua missão, conduzir essa sociedade ao caminho do "verdadeiro progresso".

O que se observa, ao longo da narrativa do naturalista viajante, é que suas opiniões sobre a província de Goiás apresentam nuances, assim como seu humor que varia a depender do que encontra pelo caminho. Em suas análises, percebe-se que o cientista se entedia pela pequena quantidade de espécies em floração, mas essa monotonia também é devida à paisagem do "sertão" à qual falta "movimento e vida", deixando claro que lhe incomoda a ausência de sinais de atividades humanas na terra.

O olhar de Saint-Hilaire é crítico: para ele, nada está de acordo com o que deveria ser. No entanto, acredita que, através da orientação de homens "civilizados", a província de Goiás poderia desenvolver todas as suas potencialidades. O que se percebe é que ele espera que suas opiniões e críticas sobre a província de Goiás sejam ouvidas pelo governo, uma vez que no curso de sua viagem discutiu suas propostas com autoridades locais, envolvidas nos debates do reformismo, e as divulgou em artigos e livros.

Conforme foi possível constatar, as observações de Saint-Hilaire orientam-se por noções de civilidade (dos habitantes) e de utilidade (da terra): são, para ele, as bases que poderiam conduzir uma sociedade ao progresso e ao bem-estar. Seus argumentos se baseiam nesses dois conceitos, permitindo compreender o modo como vê a paisagem natural ("exuberante, mas inútil"³), sua visão das cidades ("Quando falo de prédios públicos, não se deve imaginar que se trata dos enormes edifícios que se vêem na Europa. Ali tudo é pequeno, tudo é mesquinho, sem beleza e até mesmo, segundo dizem, sem solidez"⁴), sobre os habitantes do lugar e sobre os indígenas (As noções de cristianismo que os Coiapós recebem dos portugueses, por falhas que sejam, colocam-nos realmente bastante acima dos outros, ainda selvagens, cuja existência é puramente animal"⁵).

As críticas de Saint-Hilaire a Goiás, embora se assemelhem a de outros visitantes estrangeiros, revelam seu comprometimento com o reformismo, mas

também correspondem "às coordenadas ditadas pelos interesses políticos, econômicos, científicos e estratégicos das nações"⁶. Mesmo que tenha se mostrado otimista em muitas avaliações, se esforçado em entender as políticas coloniais postas em prática e apontado possíveis soluções para o que considerava despropositado, não deixou de criticar, no modelo português de administração, o que considerava incompatível com o projeto civilizatório europeu.

Ao finalizar a leitura da narrativa de Saint-Hilaire, permanece a impressão de que suas ideias sobre a natureza e o meio urbano em Goiás apresentam-se, por vezes, ambíguas. Aqui, assiste-se a um embate entre sertão e "civilização". O autor, ao mesmo tempo em que enfatiza o quão distante está a província de alcançar um ideal civilizatório, dada a natureza de seus habitantes, sobre os quais pesam questões de ordem racial e climática, profetiza um futuro promissor no qual se realizariam suas potencialidades. Porém, isso parece fazer parte de uma estratégia do naturalista viajante em justificar a importância de uma intervenção estrangeira no projeto civilizatório que, acredita, deve ser implantado.

A missão civilizatória é o estímulo que leva Saint-Hilaire a percorrer regiões inóspitas do interior do Brasil. Em Goiás, o naturalista examina as paisagens como desérticas, mas, ao mesmo tempo, potencialidades a serem desenvolvidas e que, para tanto, requeriam a intervenção europeia, no sentido de colocar a província no rumo da "civilização". É no embate entre o que percebe (o sertão ou *désert*) e aquilo que acredita que deveria ser (a civilização) que se desenvolve a narrativa de Saint-Hilaire. Os sentidos da natureza e o modo de vida do sertanejo são dois aspectos que se articulam e formam representações que conferem a Goiás um estigma de lugar "vazio" e "decadente", o sertão, presente nas "memórias" e "reflexões" de caráter reformista o qual, junto a essas, formou um imaginário sobre Goiás que perdurou por tanto tempo na história e na literatura.

Assim, encerra-se a viagem de Saint-Hilaire a Goiás. Parafraseando Fernando Pessoa, "as viagens são os viajantes", mas não se deve esquecer de que elas são também os espaços viajados, os leitores e os intérpretes dos viajantes.

1. GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. *Historiografia e nação no Brasil 1838-1857*. Rio de Janeiro: Ed. da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2011. p. 8.

2. *Ibid.*, T. I, p. 296.

3. SAINT-HILAIRE, Auguste. *Viagem à província de Goiás*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1978. p. 14.

4. *Ibid.*, p. 51.

Fig 28. Paisagem de campos. Fonte: Johann Baptist von Spix e Carl Friedrich von Martius. *Atlas zur reise in Brasilien*



Lista de figuras

Fig 1. Paisagem do cerrado com buritis. Acervo pessoal

Fig 2. Itinerário de Saint-Hilaire por Goiás em mapa atualizado. Fonte do mapa base: www.googlemaps.com. Acesso em 17 de dezembro de 2014

Fig 3. Paisagem do cerrado com árvores. Foto da autora

Fig 4. *Los embajadores* de Hans Holbein. Disponível em: <[HTTP://www.geografiainfinita.com/2017/01/cartografia-y-arte-la-historia-de-un-amor-correspondido](http://www.geografiainfinita.com/2017/01/cartografia-y-arte-la-historia-de-un-amor-correspondido)>. Acesso em 12 de março de 2017

Fig 5. Livro de De Pauw. Disponível em: [HTTP://www.livre-rare-book.com/display/Image/BTR/16698_3.jpg](http://www.livre-rare-book.com/display/Image/BTR/16698_3.jpg). Acesso em 12 de março de 2017

Fig 6. Utensílios indígenas. Fonte: Johann Baptist von Spix e Carl Friedrich von Martius. *Atlas zur reise in Brasilien*. Disponível em: <<http://www.ims.com.br/ims/artista/colecao/von-martius/obra/4397>>. Acesso em 12 de março de 2017

Fig 7. Ilustração do livro de Saint-Hilaire "*Plantes plus remarquables du Brésil*". Foto da autora

Fig 8. Museu Nacional de História Natural de Paris. Foto da autora

Fig 9. *First map of the american continents* de

Sebastian Münster. Fonte: *Library of Congress*. Disponível em: [HTTPS://www.google.com.br/url?sa=i&esrc+s&source=images&cd+&cad+rja&uact+8&ued+0ahUKEwjlpcka2-PSAhXLipakhqngaraqjRwiBw7url=ht-tps%3A%2F%2](https://www.google.com.br/url?sa=i&esrc+s&source=images&cd+&cad+rja&uact+8&ued+0ahUKEwjlpcka2-PSAhXLipakhqngaraqjRwiBw7url=ht-tps%3A%2F%2). Acesso em 12 de março de 2017

Fig 10. Lagoa das Aves no Rio São Francisco. Fonte: Johann Baptist von Spix e Carl Friedrich Philipp von Martius. *Atlas zur reise in Brasilien*. Disponível em: [HTTP://sergiozeiger.tumblr.com/post/116660311983/carl-friedrich-philipp-von-martius-earlangen-17](http://sergiozeiger.tumblr.com/post/116660311983/carl-friedrich-philipp-von-martius-earlangen-17). Acesso em março de 2017

Fig 11. Retrato de Auguste de Saint-Hilaire. Disponível em: [HTTP://www.google.com.br/url?sa+i&rct+j&q+&esrc+&source&cd+&cad+rja&uact+84ved+hUKEwjBqJKq94PTahVBF5AKH-fhcDIVQJrwlBw7url+http%3a%2F%2](http://www.google.com.br/url?sa+i&rct+j&q+&esrc+&source&cd+&cad+rja&uact+84ved+hUKEwjBqJKq94PTahVBF5AKH-fhcDIVQJrwlBw7url+http%3a%2F%2).... Acesso em 12 de março de 2017

Fig 12. Livro de Saint-Hilaire "*Histoire des plantes plus remarquables du Brési et du Paraguay*". Foto da autora

Fig 13. Fotografia da página de caderneta de campo de Auguste de Saint-Hilaire. Foto da autora. Fonte: *Bibliothèque de Botanique MNHN, Paris*. Foto da autora

Fig 14. Fotografia da página da caderneta de campo de Saint-Hilaire com anotações referentes a inventário de comércio. Foto da autora. Fonte: *Bibliothèque de Botanique, MNHN, Paris*. Foto da autora

Fig 15. Exemplar de *Vellozia* (canela-de-ema) encontrada em Goiás. Foto: Renata Fortes

Fig 16. Queimada. Fonte: Johann Baptist von

Spix e Carl Friedrich von Martius. *Atlas zur reise in Brasilien*. Disponível em: <http://www.ims.com.br/ims/artista/colecao/von-martius/obra/4264>. Acesso em 12 de março de 2017

Fig 17. Habitante de Goiás. Fonte: Johann Moritz Rugendas. Disponível em: [HTTP://www.opapel-daarte.com.br/up-content/uploads/2010/06/habitantedegoias.jpg](http://www.opapel-daarte.com.br/up-content/uploads/2010/06/habitantedegoias.jpg). Acesso em 17 de abril de 2017

Fig 18. Planta de Vila Boa (Goiás). Fonte: REIS FILHO, Nestor Goulart (org.). *Imagens de Vilas e Cidades do Brasil Colonial*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000

Fig 19. Vista de Vila Boa (Goiás). Fonte: J. E. Pohl. Viagem no interior do Brasil. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1952, p. 329. Disponível em: <[HTTP://www.pinacoteca.org.br/pinacoteca-pt/upload/acervoimagem/704jpg](http://www.pinacoteca.org.br/pinacoteca-pt/upload/acervoimagem/704jpg)>. Acesso em 15 de maio de 2016

Fig 20. Escravo no trabalho. Fonte: Jean Baptiste Debret. Disponível em: [HTTP://www.google.com.br/imgres?imgurl+https%3A%2Ffabrilvejas.files.wordpress.com%2F2016%2F11%2Fjean-baptiste-debret-02.jpeg%3Fquality%3D70%26strip%26Dall%26](http://www.google.com.br/imgres?imgurl+https%3A%2Ffabrilvejas.files.wordpress.com%2F2016%2F11%2Fjean-baptiste-debret-02.jpeg%3Fquality%3D70%26strip%26Dall%26)... Acesso em 12 de março de 2017

Fig 21. Vista "pitoresca" da cidade de Goiás. Fonte: REIS FILHO, Nestor Goulart. *Imagens de Vilas e Cidades do Brasil Colonial*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000

Fig 22. Prospecto de Vila Boa de 1751 (Goiás). Fonte: REIS FILHO, Nestor Goulart. *Imagens de Vilas e Cidades do Brasil Colonial*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000

Fig 23. Mestiças. Fonte: Johann Baptist von Spix e Carl Friedrich von Martius. *Atlas zur reise in Brasillien*. Disponível em: <<http://www.ims.com.br/ims/artista/colecao/von-martius?obra/4349>>. Acesso em 12 de março de 2017

Fig 24. Planta de Aldeia indígena. Fonte: REIS FILHO, Nestor Goulart. *Imagens de Vilas e Cidades do Brasil Colonial*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000

Fig 25. Vista de Meia Ponte (Pirenópolis). Fonte: William Burchell. FERREZ, Gilberto. *O Brasil do Primeiro Reinado visto pelo botânico William John Burchell: 1825/1829*. Função João Moreira Salles. Rio de Janeiro, 1981

Fig 26. Prospecto da Aldeia S. José de Mossamedes. Fonte: REIS FILHO, Nestor Goulart. *Imagens de Vilas e Cidades do Brasil Colonial*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000

Fig 27. Casas de fazenda. Fonte: Johann Baptist von Spix e Carl Friedrich von Martius. *Atlas zur reise in Brasilien*. Disponível em: <<http://www.ims.com.br/ims/artista/colecao/von-martius/obra/4316>>. Acesso em 12 de março de 2017

Fig 28. Paisagem de campos. Fonte: Johann Baptist von Spix e Carl Friedrich von Martius. *Atlas zur reise in Brasilien*. Disponível em: <http://www.ims.com.br/ims/artista/colecao/von-martius/obra/4264>. Acesso em 12 março de 2017



Fontes e referências bibliográficas

ABREU, Jean Luiz Neves. O memorialismo e a produção do conhecimento sobre o território brasileiro: perspectivas para uma historiografia das ciências. MATA, Sérgio Ricardo, MOLLO, Helena Miranda e VARELLA, Flávia Florentino (orgs.). In: SEMINÁRIO NACIONAL DE HISTÓRIA DA HISTORIOGRAFIA, 2., 2008, Ouro Preto. *Caderno de resumos e Anais do II Seminário Nacional de História da Historiografia: A dinâmica do historicismo- tradições historiográficas modernas*. Ouro Preto: EdUFOP, 2008. Disponível em: <<http://www.seminariodehistoria.ufop.br/seminariodehistoria2008/dr/jean.pdf>>. Acesso em: 17 abr. 2016.

AGUIAR, José Otávio; SILVA, Victor Rafael Limeira da. Entre o gabinete e a viagem de campo: Alfred Russel Wallace e suas concepções científicas. *Igualitária: Revista do Curso de História da Estácio*, n. 2. Belo Horizonte: 2013, p.5. Disponível em: <<http://revistaadmmade.estacio.br/index.php/historiab/article/viewArticle/884>>. Acesso em: 17 jan. 2016.

ALDÉ, L. *Os inventores do Brasil*. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos/os-inventores-do-brasil>>. Acesso em: 6 set. 2014.

ALMEIDA, Rita Heloísa de. *O diretório dos índios: um projeto de "civilização" no Brasil do século XVIII*. Brasília: Ed. da UnB, 1997. Disponível em: <http://www.nacaomestica.org/diretorio_dos_indios_htm>. Acesso em: 2 dez. 2015.

ALENCASTRE, José Martins Pereira. *Annaes da Província de Goyaz. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Tomo XXVII, parte segunda, 3º e 4º trimestre de 1864, p. 11. Disponível em: <<http://www.ihgb.org.br>>. Acesso em: 6 set. 2014.

ANAIS DO MUSEU PAULISTA. Tomo XIV, São Paulo: 1950. Biblioteca Octávio Tarquínio de Sousa e Lúcia Miguel Pereira. Disponível em: <<http://www.octavioelucia.com/anais-do-museu-paulista-tomo-xiv/>>. Acesso em: 17 fev. 2016.

ARGAN, Giulio Carlo. *Arte moderna*. Tradução de Denise Bottmann e Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

AUGUSTIN, Günther. Um novo viajante na literatura de viagem. *Linha d'água*, n. 19, USP. São Paulo, 2006. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/download/37290/40010>>. Acesso em: 4 out. 2016.

BANDEIRA, Manuel. *Crônicas da província do Brasil*. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

BARATA, F. J. R. Memória em que se mostram algumas providências tendentes ao melhoramento da agricultura e commercio da capitania de Goyaz. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Tomo XI, 1848. Disponível em: <<http://www.ihgb.org.br>>. Acesso em: 6 set. 2014.

BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. *O Brasil dos viajantes*. São Paulo: Edição Metalivros/Fundação Odebrecht, 1999.

BERTRAN, Paulo. *Uma introdução à história econômica do Centro-Oeste do Brasil*. Brasília: Codeplan; Goiânia: Editora UCG, 1988.

_____. A memória consútil e a goianidade. *Ciências Humanas em Revista*. Goiânia, v.5, n.1, p. 6, jan./jun.1994.

BIBLIOTECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO. *Exposição comemorativa do segundo centenário de nascimento de Saint-Hilaire (1779-1979)* promovida pela Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/AcervoDigital/livros_eletronicos/icon610631.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2016.

BIBLIOTECA DIGITAL DO SENADO FEDERAL. Brasil. Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/242344>>. Acesso em: 4 out. 2016. Disponível em: <<http://livraria.senado.leg.br/historia-do-brasil-robert-southery-volumes-i-ii-e-iii.html>>. Acesso em: 4 out. 2016.

BOAVENTURA, Deusa Maria Rodrigues. *Urbanização em Goiás no século XVIII*. São Paulo. Tese (Doutorado em Arquitetura) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2007. Disponível em: <www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-13052010-090028/pt-br.php>. Acesso em: 15 maio 2014.

BRASILIANA DA BIBLIOTECA NACIONAL, Rio de Janeiro, 2001. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Auguste_de_Saint-Hilaire>. Acesso em: 20 dez. 2013.

BRIGOLA, João Carlos. O colecionismo científico em Portugal nos finais do Antigo Regime (1768-1808). In: KURY, Lorelai; GESTEIRA, Heloísa (orgs.). *Ensaio de história das ciências no Brasil: das Luzes à nação independente*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012. p. 136-139. Disponível em: <<https://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/8326>>. Acesso em: 15 mai. 2016.

BURKE, Edmund. *Uma investigação filosófica sobre a origem de nossas ideias do sublime e do belo*. Tradução de Enid Abreu. 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

CAUQUELIN, Anne. *A invenção da paisagem*. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Martins, 2007.

CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL/FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS (CPDOC/FGV). Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/Anos30.../IntelectuaisEstado>>. Acesso em: 15 ago. 2015.

CALDWELL, Roy et al. *História do pensamento evolutivo*. In: MUSEU DE PALEONTOLOGIA DA UNIVERSIDADE DA CALIFÓRNIA (UCMP) NATIONAL CENTER FOR SCIENCE EDUCATION (Centro Nacional dos EUA para Ensino das Ciências). Disponível em: <<http://www.ib.usp.br/eosite/history/oldearth.shtml>>. Acesso em: 2 ago. 2016.

CHARTIER, Roger. *A História cultural: entre práticas e representações*. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Alges, Portugal: Difel, 2002.

CHAUL, Nasr Nagib Fayad. *Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade*. 3. ed. Goiânia: Editora UFG, 2010.

CHEMIN, Marcelo. *Constituição fisionômica e identidade visual em espaços de paisagens: um estudo de caso múltiplo em cidades do litoral do Paraná*. Curitiba. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Geografia, Universidade Federal do Paraná, 2011. Disponível em: <<http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/handle/1884/284/browse?value=Chemin%2+Marcelo&type=author>>. Acesso em: 2 ago. 2013.

CORREA, Margarida. *Da construção do olhar europeu sobre o novo mundo ao (re)descobrimto do reino tropical*. 1997. Dissertação (Mestrado em História das Sociedades Agrárias) - Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 1997. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/8616099-da-construção-do-olhar-europeu-sobre-o-novo-mundo-ao-re-descobrimto-do-reino-tropical.html>>. Acesso em: 15 maio 2014.

COSGROVE, D. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORREA, Roberto L.; ROSENDHAL, Zeny (orgs.). *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: Ed.UERJ, 1998b.

COSTA, Ana Luiza Martins. O Olhar do viajante. In: LEITE, Sebastião Uchoa (org.). *Olhar o Brasil. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n. 29/2001, Rio de Janeiro.

COSTA, Christina Rostworowski. *O príncipe Maximiliano de Wied-Newied e sua viagem ao Brasil (1815-1817)*. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/.../8/8138/.../CHRISTINA_ROSTWOROWSKI_DA_COSTA.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2017.

COSTA, Maria de Fátima G. *O Brasil de hoje no espelho do século XIX*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

COSTA, Wilma Peres. Narrativas de viagem no Brasil do século XIX: formação do estado e trajetória intelectual. In: RIDENTI, Marcelo; BASTOS, Elide Rugai; ROLLAND, Denis (orgs.). *Intelectuais e estado*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

CHRONICA BOTANICA. *An International Collection of Studies in the method and History of Biology and Agriculture*. Edited by FransVerdoorn, PH. D., v. 10, 1946. Waltham, Mass., U.S.A.

CRISTOVÃO, Fernando. O mito do "novo mundo" na literatura de viagens. *Revista USP*, São Paulo, n. 41, p. 188-197, março/maio 1999. Disponível em: <<http://www.usp.br/revistasusp/41/14-fernando.pdf>>. Acesso em: 15 maio 2014.

CRUZ, Ana Lúcia Rocha Barbalho. As viagens são os viajantes, dimensões identitárias dos viajantes naturalistas brasileiros do século XVIII. *História: Questões & Debates*, 36, Curitiba: Ed. da UFPR, 2002, p. 61-98. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/historia/article/view/2689/2226>>. Acesso em: 12 mar. 2014.

DEPETRIS, Carolina. *Arte y ciência en el viaje pintoresco de Frédéric de Waldeck*. México: Península, v. IV, n. 2, otoño de 2009, p. 40.

DERNTL, Maria Fernanda. *Método e arte: criação urbana e organização territorial na capitania de São Paulo (1765-1811)*. 2010. Tese (Doutorado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo (FAUUSP). São Paulo, SP. 2010. Disponível em: <www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-09062010-143444>. Acesso em: 4 dez. 2016.

_____. No coração da América portuguesa: aldeamentos indígenas e formação de territórios na capitania de Goiás. In: PEIXOTO, Elane Ribeiro; DERNTL, Maria Fernanda; PALAZZO, Pedro Paulo; TREVISAN, Ricardo (orgs.). *Tempos e escalas da cidade e do urbanismo*. In: SEMINÁRIO DE HISTÓRIA DA CIDADE E DO URBANISMO, 8., Brasília, 2014. *Anais do XIII Seminário de História da Cidade e do Urbanismo*. Brasília, DF: Universidade Brasília- Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2014. Disponível em: <<http://www.shcu2014.com.br/content/no-coracao-da-america-portuguesa-aldeamentos-indigenas-e-formacao-territorios-na-capitania>>. Acesso em: 2 fev. 2016.

DIAS, Maria Odila. Aspectos da ilustração no Brasil. *Revista do IHGB*, Tomo 278, 1968, p. 106. Disponível em: <<http://www.ihgb.org.br>>. Acesso em: 2 fev. 2017.

DOLES, Dalísia E. M; NUNES, Heliane P. Memória da ocupação e colonização de Goiás na primeira metade do século XIX: a visão dos viajantes. *Ciências Humanas em Revista*, Goiânia, v. 3, n. 1/2, jan/dez. 1992,

DOMINGUES, Ângela. Para um melhor conhecimento dos domínios coloniais: a constituição de redes de informação no império português em finais do Setecentos. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, v. VIII (suplemento), 823-38, 2001, p. 825-829. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010459702001000500002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 12 mar. 2017.

DUROZOI, Gérard; ROUSSEL, André. *Dicionário de filosofia*. Tradução de Marina Appenzeller. Campinas-SP: Papirus, 1993.

DUTRA, Eliana de Freitas. Companhia Editora Nacional: tradição editorial e cultura nacional no Brasil dos anos 30. In: *SEMINÁRIO BRASILEIRO SOBRE LIVRO E HISTÓRIA EDITORIAL*, 1., Rio de Janeiro. I Seminário Brasileiro Sobre Livro e História Editorial. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2004. Disponível em: <<http://www.livroehistoriaeditorial.pro.br/pdf/elianadutra/pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2015.

ELIAS, Norbert. *O Processo civilizador*. Tradução de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

FALCON, Francisco José Calazans. *Iluminismo*. São Paulo: Editora Ática, 2002.

FETZ, Marcelo de Almeida. *Entre razão e fruição: formação e presença da Segunda Revolução Científica no Brasil (XVIII e XIX)*. 2012. Tese (Doutorado em) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP. 2012. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/280511>>. Acesso em: 12 mar. 2017.

FONSECA, Cláudia Damasceno. *Arraiais e vilas d'el rei: espaço e poder nas Minas setecentistas*. Tradução de Maria Juliana Gambogi Teixeira, Cláudia Damasceno Fonseca. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011

GALVÃO, Cristina Carrijo. *A escravidão compartilhada: os relatos de viajantes e os intérpretes da sociedade brasileira*. 2001. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP. 2001. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/282062>>. Acesso em: 12 mar. 2017.

GARCIA, Ledonias Franco. *Goyaz, uma província do sertão*. Goiânia: Cãnone Editorial/Editora PUC Goiás, 2010.

GARCIA, Margarita Eva Rodriguez. Longe do gabinete: viagens científicas à América portuguesa e espanhola (1777-1792) e representação da natureza. *Revista Digital de História e Arqueologia desde El Caribe colombiano*. Barranquilla, Colômbia: enero-abril 2015, p. 166. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=85536228007>>. Acesso em: 17 jan. 2016.

GERBI, Antonello. *O Novo mundo: história de uma polémica 1750-1900*. Tradução de Bernardo Joffily. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

GOMES, Edvânia Torres Aguiar. Natureza e cultura: representações na paisagem. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). *Paisagem, Imaginário e espaço*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. *Historiografia e nação no Brasil 1838-1857*. Rio de Janeiro: Ed. da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2011.

HOBSBAWN, Eric J. *A Era das revoluções*. Tradução de Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

HOLANDA, S. B. A herança colonial, sua desagregação. In: HOLANDA, S. B. (org.) *História geral da civilização brasileira*, Tomo II, v. I, p. 12. São Paulo: Difel, 1975.

MUSÉUM NATIONAL D'HISTOIRE NATURALE. *Instruction pour les Voyageurs et pour les Employés dans les Colonies sur La maniere de recueillir, de conserver et d'envoyer les objets d'Histoire Naturelle*. Paris: Imprimerie de A. Belin, 1824.

KURY, Lorelai. *Histoire naturelle et voyages scientifiques (1780-1830)*. Paris: L'Harmattan, 2001.

_____. Auguste de Saint-Hilaire, um viajante exemplar. *Intellèctus*, v. 2, n. 1. Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: <<http://www.intellectus.uerj.br/textos/ano2001/texto%20de%20%20lorelai%20kury.pdf>>. Acesso em : 5 dez. 2014.

_____. Viajantes naturalistas no Brasil oitocentista. *História, Ciências, Saúde*, v. VIII (suplemento), p. 870. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0104-59702001000500004&script=sci_arttext>. Acesso em: 15 maio 2014.

_____. Homens de ciência no Brasil: impérios coloniais e circulação de informações (1780-1810). *História, Ciências, Saúde- Manguinhos*, v. 11 (suplemento1):109-29, 2004, p.111. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702004000400006>. Acesso em: 17 abr. 2016.

LAHUERTA, Flora M. Viajantes e a construção de uma idéia de Brasil no ocaso da colonização (1808-1822). *Scripta Nova: revista eletrônica de geografia y ciencias sociales*, v. X, n. 218 (64), Ago. 2006. Disponível em: <<http://revistas.ub.edu/index.php/scritanova/article/view/127/>>. Acesso em: 12 mar. 2014.

LEMCKE, Maria. *Trabalho, família e mobilidade social: notas do que os viajantes não viram em Goiás. c. 1770 – c. 1847*. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012. Disponível em: <http://pos.historia.ufg.br/up/113/0/maria_lemke.pdf>. Acesso em: 6 set. 2014.

LIMA, André Nicácio. *Caminhos da integração, fronteiras da política: a formação das províncias de Goiás e Mato Grosso*. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-20062011-143559/>>. Acesso em: 8 dez. 2016.

LIMA, Valéria Alves Esteves. *A viagem pitoresca e histórica de Debret: por uma nova leitura*. 2003. Tese(Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 2003. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000290010&opt=3>>. Acesso em: 12 mar. 2015.

LINDO, Luiz Antonio. América dividida entre Gabriel Soares de Souza e Cornelius De Pauw. *Cadernos PROLAM/USP*, Ano 11, v. 2, 2012, p. 38. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/prolam/article/view/82503/108507>>. Acesso em: 2 ago. 2016.

LISBOA, Karen Macknow. *A Nova Atlântida de Spix e Martius: natureza e civilização na viagem pelo Brasil (1817-1820)*. São Paulo: Ed. Hucitec, 1997.

_____. Viagem pelo Brasil de Spix e Martius: quadros da natureza e esboço de uma civilização. *Revista Brasileira de História*, v. 15, n. 29. São Paulo: 1995, p. 75-76. Disponível em: <http://www.anpuh.org/arquivo/download?ID_ARQUIVO=3774>. Acesso em: 12 mar. 2017.

LUCHIARI, Maria Tereza Duarte Paes. A (re)significação da paisagem no período contemporâneo. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). *Paisagem, imaginário e espaço*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001.

LUVIZOTTO, Rodrigo. *O diário de Langsdorff: o éthos do cientista viajante*. 2007. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/.../TESE_RODRIGO_LUVIZOTTO.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2015.

MARCONDES, Javã Isvi Pinheiro. *O problema da defesa do território na Capitania de Goiás no século XVIII*. 2011. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2011, p. 75. Disponível em: <http://pos.historia.ufg.br/uploads/113/original_JAV%C3%83_ISVI_PINHEIRO_MARCONDES.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2016.

MARTINS, Luciana de Lima. *O Rio de Janeiro dos viajantes: o olhar britânico (1800-1850)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

MARTIUS, Carl Friedrich Philipp; SPIX, Johann Baptist. *Viagem pelo Brasil: 1817-1820*. Tradução de Lúcia Furquim Lahmeyer. São Paulo: Melhoramentos; Brasília: INL, 1976.

MATOS, Raimundo José Cunha. Descrição chorographica da Província de Goyaz. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Tomo XXXVII, 2º trimestre de 1874. Disponível em: <<http://www.ihgb.org.br>>. Acesso em: 6 set. 2014.

MESGRAVIS, Laima. A sociedade brasileira e a historiografia colonial. In: FREITAS, Marcos Cezar de (org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

MIRANDA, Luiz Francisco Albuquerque de. Viajantes do início do século XIX e a representação do sertão brasileiro. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL PROCESSO CIVILIZADOR, 10, Campinas, SP, 2007. Disponível em: <http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/siteanais/anais10/artigos_pdf/LUIZ_FRANCISCO_ALBUQUERQUE-DE-MIRANDA.pdf>. Acesso em: 15 maio 2014.

_____. O deserto dos mestiços: o sertão e seus habitantes nos relatos de viagem do início do século XIX. *Revista de História*, São Paulo, 28 (2), 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/his/v28n2/21.pdf>>. Acesso em: 17 abr. 2015.

MOTT, Luiz. Cotidiano e vivência religiosa: entre a capela e o calundu. In: SOUZA, Laura de Mello e (org.). *História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MULLER, Francisco Javier. *Entre a cruz e a coroa: a trajetória de Mons. Pizarro (1753-1830)*. 2007. Dissertação (Mestrado em História) - Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007, p. 40-44. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/stricto/teses/Dissert-2007_GAL-DAMES_Francisco_Javier_Muller-S.pdf>. Acesso em: 17 fev. 2016.

MUNTEAL FILHO, Oswaldo. Acadêmicos e letrados na crise do antigo regime luso-brasileiro – Século XVIII. *Revista Intellectus*, Ano 5, v. I. Rio de Janeiro: 2006, p. 4. Disponível em: <<http://www2.uerj.br/~intellectus>>. Acesso em: 6 set. 2016.

NAXARA, Márcia. Natureza e civilização: sensibilidades românticas em representações do Brasil no século XIX. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (orgs.). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. 2. Ed. Campinas – SP: Editora da Unicamp, 2004.

NEVES, Gervásio Rodrigo; MARTINS, Liana Bach; RADTKE, Márcia Piva. *Mapa dos itinerários de Saint-Hilaire: viagem ao Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, 2007, p. 2. Disponível em: <<https://www.ihgrgs.org.br/artigos/membros/Neves,%20Martins,%20Radtke%20%20Mapa%20dos%20itiner%C3%A1rios%20de%20Saintire%20Hila20Viagem%20ao%20RS.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2015.

NICOLSON, Malcon. Alexander Von Humboldt and the geography of vegetation. In: CUNNINGHAM, Andrew; JARDINE, Nicholas (editors). *Romanticism and the sciences*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

NOGUEIRA, Carlos Eugênio. *O Lugar da fronteira na geografia de Pierre Monbeig*. 2013. Tese (Douto-

rado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-11042014-120515/>>. Acesso em: 2 ago. 2016.

NUNES, Benedito. A visão romântica. In: GUINSBURG, J. (org.). *O Romantismo*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1978. (2.ed.- 1985).

OLIVEIRA, Adriana Mara Vaz de. *A casa como universo de fronteira*. 2004. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 2004. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000336347&opt=>>>. Acesso em: 6 set. 2015.

_____. *Representações do lugar: o espaço construído goiano*. In: SEMINÁRIO DE HISTÓRIA DA CIDADE E DO URBANISMO, 9., São Paulo, 2006. Disponível em: <<http://unuhoopedagem.com.br/revista/rbeur/index.php/schu/article/download/1146/1121>>. Acesso em: 4 dez. 2015.

PALACÍN, Luís. *O Século do ouro em Goiás, 1722-1822: estrutura e conjuntura numa Capitania de Minas*. 4. ed. Goiânia: Editora UCG, 1994.

PALAZZO, Carmen Licia. Permanências e mudanças no imaginário francês sobre o Brasil (séculos XVI a XVIII). *Imaginário [online]*, 2007, vol. 13, n. 14, p. 105-138. Disponível em: <http://pepsic.brsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&prd=s1413-666x2007000100007&irg=pt&nrm=iso>. Acesso em: 17 abr. 2017.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PEREIRA, Magnus Roberto de Mello e CRUZ, Ana Lúcia Rocha Barbalho da. O viajante instruído: os manuais portugueses do iluminismo sobre métodos de recolher, preparar, remeter e conservar productos naturais. Fundación Carolina, CAPES, CNPq e Fundação Araucária. Disponível em: <<http://www.humanas.ufpr.br/portal/cedope/files/2011/12/O-viajante-instru%C3%ADdo-Magnus-R.-de-M.-Pereira-Ana-L%C3%BAcia-R.-B.-da-Cruz.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2014.

PEREIRA, Marco Aurélio, IEGELSKI, Francine. O paraíso terrestre no Brasil: os Campos Gerais do Paraná no relato de Augsute de Saint-Hilaire. *Revista de História Regional* 7(1), Ponta Grossa, p. 47-72, 2002. Disponível em: <<https://www.amazon.com/Revista-Hist%C3%B3ria-Regional-para%C3%ADso-terrestre.../B00AH2QNP2>>. Acesso em: 12 mar. 2015.

PETRUCCI, Gino Bargagli. Giuseppe Raddi, naturalista e viaggiatore fiorentino. *R. Istituto Botânico di Firenze*, n. 2, 1922. Disponível em: <[http://www.treccani.it/enciclopedia/giuseppe-raddi_\(Enciclopedia-Italiana\)/>](http://www.treccani.it/enciclopedia/giuseppe-raddi_(Enciclopedia-Italiana)/>)>. Acesso em: 4 out. 2016.

POHL, Emanuel. *Viagem no interior do Brasil*. Tradução de Milton Amado e Eugênio Amado. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1976.

POLONIAL, Juscelino M. *Terra do Anhanguera: história de Goiás*. 3. ed. Goiânia: Kelps, 2006.

POTELET, Jeanine. *Le Brésil vu par les voyageurs et les marins français 1816-1840*. Paris: L'Harmattan, 1993.

PRADO JÚNIOR, Caio. *Formação do Brasil contemporâneo: colônia*. São Paulo: Brasiliense, 2008.

PRATT, Mary Louise. *Ojos imperiales: literatura de viajes y transculturación*. Tradução de Ofélia Castilho. México: FCE, 2010.

RAMINELLI, Ronald. Ciência e colonização: viagem de Alexandre Rodrigues Ferreira. *Revista Tempo*, Rio de Janeiro, n. 6, p. 2, 1997. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_livres/artg6-10.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2016.

RIBEIRO, Rafael Winter. *Paisagem cultural e patrimônio*. Rio de Janeiro: IPHAN/COPEDOC, 2007.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro; Nova Fronteira, 1985.

ROSTWOEOWSKI, Christina. *O príncipe Maximiliano Wied-Neuwied e sua viagem ao Brasil (1815-1817)*. 2008. Tese (Doutorado em História) - Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2008. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/.../8/8138/.../CHRISTINA_ROSTWOROWSKI_DA_COSTA.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2015.

RUBIÉS, Joan-Pau. *Travel writing as a genre: facts, fictions and the invention of a scientific discourse in early modern Europe*. Journeys, v.1, Issues ½, Londres: 2009, p. 10. Disponível em: <https://www.academia.edu/838114/Travel_writing_as_a_genre_facts_fictions_and_the_invention_of_a_scientific_discourse_in_early_modern_Europe?auto=download>. Acesso em: 12 mar. 2016.

SALGUEIRO, Teresa Barata. Paisagem e geografia. *Finisterra*, Lisboa, v. XXXVI, n. 72, 2001.

SANDEVILLE JR., Euler. Paisagem. *Paisagem e ambiente*, n. 20, São Paulo, 2005, p. 50. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/paam/article/download/40228/43094>>. Acesso em: 15 maio 2014.

SECO, Ana Paula. Um olhar sobre a educação na colônia: os viajantes estrangeiros. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS, 7., Campinas: Unicamp, julho de 2006, p. 4-5. *Anais do VII Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas: história, sociedade e educação no Brasil*. Disponível em:

<http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario7/trabalhos/A/Ana20%paula%20seco.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2014.

SENA, Custódia Selma. Apresentação. In: SENA, Custódia Selma; SUÁREZ, Mireya (orgs.). *Sentidos do sertão*. Goiânia: Cânone Editorial, 2011.

SILVA E SOUSA, Luiz Antonio. Memória sobre o descobrimento, governo, população e cousas mais notáveis da Capitania de Goyaz. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Tomo V, v. 12, n. 16, 4º trimestre de 1849. Disponível em: <<http://www.ihgb.org.br>>. Acesso em: 6 set. 2014.

SOUZA, Fabíula Sevilha de. Na imensidão do cerrado, a [in]domável natureza: sertão, fronteira e viajantes em Goiás na primeira metade do século XIX. In: SILVA, Sandro Dutra e; SÁ, Dominichi Miranda de; SÁ, Magali Romero (orgs.). *Vastos sertões: história e natureza na ciência e na literatura*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2015.

SOUZA, Laura Melo. Aspectos da historiografia da cultura sobre o Brasil colonial. In: FREITAS, Marcos Cezar de (org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

SUSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

TELES, Gilberto Mendonça. O lu(g)ar dos sertões. *Revista Verbo de Minas: letras, Juiz de Fora*, v. 8, n. 16, p. 104, jul./dez. 2009. Disponível em: <http://www.cesjf/revistas/verbo_de_minas/edicoes/Numero%2016/06_GILBERTO_VM_1_2010.pdf>, Acesso em: 12 mar. 2016.

TIBALLI, Elianda Figueiredo Arantes. *A Expansão do povoamento em Goiás: século XIX*. 1991. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 1991.

TORRÃO FILHO, Amílcar. *A Arquitetura da alteridade: a cidade luso-brasileira na literatura de viagem (1783-1845)*. São Paulo: Hucitec, Fapesp, 2010.

_____. Bibliotheca Mundi: livros de viagem e historiografia brasileira como espelhos da nação. *Projeto História*, São Paulo, n. 42. Junho de 2011. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/reuph/article/view/7976>>. Acesso em: 14 jul. 2014.

_____. Os nomes de Tamara. Retratos da cidade luso-brasileira na literatura de viagem de inícios do século XIX. *Cad. Pesq. Cdhis*, Uberlândia, v. 27, n. 2, jul./dez. de 2014 e v. 28, n. 1, p. 143, jan./jun. 2015. Disponível em: <http://www.academia.edu/19874335/os_os_nomes_de_tamara_retratos_da_cidade_lusobrasileira_na_literatura_de_viagem_sw_in%ADcios_do_s%C3%A9culo_XIX>. Acesso em: 17 jan. 2016.

_____. Imago Mundi: as instruções de viagem como educação do olhar e revelação de mundo, século XVIII e XIX. *História*, Franca, v. 34, n. 2, p. 286-309, dec. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pids010190742015000200286&lng=en&nrm=iso&t1ng=pt>. Acesso em: 17 jan. 2016.

_____. DERNTL, Maria Fernanda. *Cidade e civilidade: um governo ilustrado na capitania de São Paulo, 1765-1775*, p. 11. Disponível em: <http://www.academia.edu/6818875/Cidade_e_civilidade_um_governo_ilustrado_na_capitania_de_S%C3%A3o_Paulo_1765-1775>. Acesso em: 2 fev. 2016.

TUNA, Gustavo Henrique. *Viagens e viajantes em Gilberto Freyre*. 2003. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP. 2003, p. 13. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/279730>>. Acesso em: 12 mar. 2017.

VAINFAS, Ronaldo. História das mentalidades e história cultural. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. Disponível em: <<http://www.univas.edu.br/menu/BIBLIOTECA/servicosOferecidos/livrosDigitalizados/historia/DominiosdaHistoriaCiroFlamarionCardosoeRonaldoVainfas.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2016.

_____. Saint-Hilaire. In: VAINFAS, Ronaldo, NEVES, Lúcia Bastos Pereira das (orgs.). *Dicionário do Brasil joanino*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

VIEIRA, Antonio Roberto Alves. *Família escrava e pecuária: historiografia e perspectivas de pesquisas*. 2011. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011.

Sites consultados

<<http://www.gutenberg.org>>. Acesso em: 14 jul. 2015.

BIBLIOTECA DIGITAL DO SENADO FEDERAL. Brasil. Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/242344>>. Disponível em <<http://livraria.senado.leg.br/historia-do-brasil-robert-southey-volumes-i-ii-e-iii.html>>. Acesso em: 4 out. 2016.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/francebr/missao_artistica.htm>. Acesso em: 12 mar. 2017.

HARVARD UNIVERSITY PRESS. Disponível em: <<http://www.hup.harvard.edu/catalog.php?is->

bn=9780674051812>. Acesso em: 17 abr. 2017.

Fontes Manuscritas

Muséum National de Histoire Naturelle (Paris), Bibliothèque de Botanique, Ms cry 501/411-413. Carta de Joseph Philippe Deleuze a Saint-Hilaire

Muséum National de Histoire Naturelle (Paris), Bibliothèque de Botanique, Ms jus 266. Carta de Saint-Hilaire a Jussieu e Cambessedes

Muséum National de Histoire Naturelle (Paris), Bibliothèque Central, Ms. 507. Carta de Auguste de Saint-Hilaire a Mr. Blainville

Fontes impressas

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem à província de Goiás*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1975

_____. *Viagem às nascentes do Rio São Francisco*. Belo Horizonte: Livraria Itatiaia Editora Ltda; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1975

_____. *Viagem ao distrito de diamantes e ao litoral do Brasil*. Tradução de Leonam Azeredo Pena. São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, 1941, prefácio. Disponível em: [HTTP://www.brasiliana.com.br/brasiliana/.../Viagem-pelo-distrito-dos-diamantes-e-pelo-litoral...](http://www.brasiliana.com.br/brasiliana/.../Viagem-pelo-distrito-dos-diamantes-e-pelo-litoral...) Acesso em 15 de maio de 2016

_____. *Voyage dans l'interieur du Brésil*, Première partie. Voyage dans la province de Rio de Janeiro et Minas Gerais. Paris: Grimbert et Dorez, Libraires, 1830. T. I, prefácio. Disponível em www.gallica.bnf.fr. Acesso em 17 de novembro de 2014

_____. *Voyage dans l'interieur du Brésil*. Deuxième Partie. Voyage dans le district du diamans e sur le litoral du Brésil. Paris: Librairie Gide, 1833, T.1, p.296. Disponível em www.gallica.bnf.fr. Acesso em 4 de outubro de 2014

_____. *Voyage dans l'interieur du Brésil*. Troisième Partie. Voyage aux sources du Rio de São Francisco et dans la province de Goiás 1847-1848. Disponível em www.gallica.bnf.fr. Acesso em 4 de outubro de 2014



